

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré-Escolar e

Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Estágio Profissional I, II e III

Relatório de Estágio Profissional

Rita Amado Santos Barreto

Lisboa, julho de 2012



Escola Superior de Educação João de Deus

Parecer do(a) Orientador(a)

Nome do(a) orientador(a)..... Teósa da Silveira Botelho.....
tendo presente o Relatório da Prática de Ensino Supervisionada (Estágio Profissional) desenvolvido pelo(a)
licenciado(a) Rita Amado Santos Bannato.....
.....
realizado no âmbito do Mestrado – 2º Ciclo de Estudos (Formação de Docentes) ... Ensino Pré-Escolar.....
..... e Ensino 1º Ciclo do Ensino Básico..... considero que se trata
de um trabalho que reúne as condições necessárias para ser defendido e apresentado.

Nestes termos, solicito ao Conselho Científico desta Escola a nomeação de um Júri para apreciação do respectivo
Relatório apresentado pelo(a) candidato(a).

Lisboa, 26 de julho de 20 12

O(A) Orientador(a)



Teósa da Silveira Botelho

Escola Superior de Educação João de Deus

Mestrado em Educação Pré-Escolar e

Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico

Estágio Profissional I, II e III

Relatório de Estágio Profissional

Rita Amado Santos Barreto

Relatório apresentado para a obtenção do grau de Mestre em
Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.ºCiclo, sob a orientação da
Professora Doutora Teresa da Silveira-Botelho

Lisboa, julho de 2012

Agradecimentos

Não posso deixar de agradecer a algumas pessoas que me ajudaram ao longo deste percurso.

Agradeço a todos os professores de ESE João de Deus, em particular à minha orientadora, Professora Doutora Teresa da Silveira-Botelho, que esteve sempre disponível para me ajudar.

Um agradecimento à minha colega e amiga Eliana Duarte, que sempre me acompanhou e ajudou ao longo deste percurso que nem sempre foi fácil.

Às minhas amigas de longa data que estiveram sempre ao meu lado e que me fizeram acreditar que eu era capaz de atingir o meu objetivo.

Quero também agradecer à minha família, especialmente à minha irmã pelo apoio e conselhos que me deu.

E, por último, quero agradecer ao meu namorado, Diogo Barreto, por me ter incentivado, pela paciência, dedicação e o apoio que me deu ao longo todo o percurso. Sem ele dificilmente teria conseguido chegar até onde cheguei.

Índice

Índice de Figuras	XII
Índice de Quadros.....	XIV
Introdução	1
1. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio Profissional.....	2
2. Importância de elaboração do Relatório de Estágio Profissional.....	3
3. Pertinência do Estágio Profissional.....	3
4. Metodologia utilizada	4
5. Identificação do local de Estágio.....	5
6. Identificação do Grupo de Estágio	6
7. Cronologia/Duração.....	6
CAPÍTULO 1 – Relatos Diários.....	9
1.1. Introdução.....	10
1.2. Primeira Secção: Bibe Azul.....	11
1.2.1. Caracterização da Turma.....	11
1.2.2. Caracterização do Espaço	11
1.2.3. Rotina	11
1.2.4. Relatos Diários.....	15
1.3. Segunda Secção: Bibe Amarelo	31
1.3.1. Caracterização da Turma.....	31
1.3.2. Caracterização do Espaço	32
1.3.3. Rotina	32
1.3.4. Relatos Diários.....	35
1.4. Terceira Secção: Bibe Encarnado.....	54
1.4.1. Caracterização da Turma.....	54
1.4.2. Caracterização do Espaço	54
1.4.3. Rotina	55

1.4.4. Relatos Diários.....	58
1.5. Quarta Secção: Semana Intensiva.....	76
1.6. Quinta Secção: 1.ºAno.....	81
2.5.1. Caracterização da Turma.....	81
2.5.2. Caracterização do Espaço	81
2.5.3. Rotina	82
2.5.4. Relatos Diários.....	83
1.7. Sexta Secção: 2.ºAno	102
2.6.1. Caracterização da Turma.....	102
2.6.2. Caracterização do Espaço	102
2.6.3. Rotina	102
2.6.4. Relatos Diários.....	103
1.8. Sétima Secção: 3.ºAno	123
2.7.1. Caracterização da Turma.....	123
2.7.2. Caracterização do Espaço	123
2.7.3. Rotina	123
2.7.4. Relatos Diários.....	124
1.9. Oitava Secção: 4.ºAno.....	143
2.8.1. Caracterização da Turma.....	143
2.8.2. Caracterização do Espaço	144
2.8.3. Rotina	144
2.8.4. Relatos Diários.....	145
CAPÍTULO 2 – Planificações	165
2.1. Descrição do Capítulo.....	166
2.2. Introdução.....	166
2.3. Planificação do Bibe Amarelo	169
2.4. Planificação do Bibe Encarnado	172
2.5. Planificação do Bibe Encarnado	176

2.6. Planificação do 2.º Ano	179
2.7. Planificação do 3.º Ano	182
CAPÍTULO 3 – Dispositivos de Avaliação	185
3.1. Descrição do Capítulo	186
3.2. Introdução	186
3.3. Primeiro Dispositivos de Avaliação: Domínio da Matemática	191
3.3.1. Descrição dos Parâmetros e Critérios de Avaliação	190
3.3.2. Apresentação dos resultados em gráfico	199
3.3.3. Descrição e análise dos resultados	199
3.4. Segundo Dispositivo de Avaliação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	200
3.4.1. Descrição dos Parâmetros e Critérios de Avaliação	201
3.4.2. Apresentação dos resultados em gráfico	208
3.4.3. Descrição e análise dos resultados	208
3.5. Terceiro Dispositivo de Avaliação: Estudo do Meio	209
3.5.1. Descrição dos Parâmetros e Critérios de Avaliação	211
3.5.2. Apresentação dos resultados em gráfico	218
3.5.3. Descrição e análise dos resultados	218
3.6. Quarto Dispositivo de Avaliação: Língua Portuguesa	219
3.6.1. Descrição dos Parâmetros e Critérios de Avaliação	221
3.6.2. Apresentação dos resultados em gráfico	230
3.6.3. Descrição e análise dos resultados	230
Reflexão Final	231
Referências Bibliográficas	235
Anexos	243

Índice de Figuras

Figura 1 – <i>Recreio do Jardim-Escola João de Deus dos Olivais</i>	5
Figura 2 – <i>Cartilha Maternal</i>	15
Figura 3 – <i>Calculadores Multibásicos</i>	17
Figura 4 – <i>Educadora a manipular o Geoplano</i>	18
Figura 5 – <i>Material Cuisenaire</i>	19
Figura 6 – <i>3.º e 4.º Dons de Froebel</i>	21
Figura 7 – <i>Lengalenga</i>	28
Figura 8 – <i>Trabalho de Expressão Plástica</i>	36
Figura 9 – <i>1.º Dom de Froebel</i>	41
Figura 10 – <i>Proposta de trabalho com a dobragem da árvore de Natal</i>	42
Figura 11 – <i>Proposta de trabalho com a árvore de Natal decorada</i>	45
Figura 12 – <i>Material alternativo: frutos</i>	46
Figura 13 – <i>Jogo</i>	46
Figura 14 – <i>Boneca sem roupa</i>	48
Figura 15 – <i>Boneca com roupa</i>	48
Figura 16 – <i>Material alternativo</i>	49
Figura 17 – <i>Coroas do dia dos “reis”</i>	52
Figura 18 – <i>Musical infantil</i>	59
Figura 19 – <i>Escritor António Torrado</i>	62
Figura 20 – <i>Ponte com o 4.º Dom de Froebel</i>	66
Figura 21 – <i>Tangram</i>	67
Figura 22 – <i>Representação do gato</i>	67
Figura 23 – <i>Uma caixa cheia de emoções</i>	68
Figura 24 – <i>Meio aquático</i>	71
Figura 25 – <i>Meio aéreo</i>	71
Figura 26 – <i>Os dois meios</i>	71

Figura 27 – <i>Aula sobre a constituição da planta</i>	75
Figura 28 - <i>Algarismos móveis e peixes</i>	78
Figura 29 – <i>Muro com o 4.º Dom de Froebel</i>	78
Figura 30 – <i>Dia de Carnaval</i>	80
Figura 31 – <i>Escritora Maria Carolina Pereira Rosa</i>	85
Figura 32 – <i>Aula sobre a constituição da planta</i>	89
Figura 33 - <i>Aula com os Calculadores Multibásicos</i>	92
Figura 34 – <i>5.º Dom de Froebel</i>	93
Figura 35 – <i>Atividade</i>	94
Figura 36 – <i>Letras móveis</i>	96
Figura 37 – <i>Powerpoint, perguntas sobre os animais</i>	113
Figura 38 – <i>Powerpoint, imagem que surgiu após responderem corretamente</i> <i>as perguntas</i>	113
Figura 39 – <i>Ensaio do sarau</i>	121
Figura 40 – <i>Peixe com o 5.º Dom de Froebel</i>	137
Figura 41 – <i>“Aranha Castanha”</i>	140
Figura 42 – <i>Super Sorrisos</i>	158
Figura 43 – <i>Primeiro Dispositivo de Avaliação</i>	192
Figura 44 – <i>Gráfico com os resultados obtidos do primeiro Dispositivo</i> <i>de Avaliação – Domínio da Matemática</i>	199
Figura 45 – <i>Segundo Dispositivo de Avaliação</i>	201
Figura 46 – <i>Gráfico com os resultados obtidos do segundo Dispositivo de</i> <i>Avaliação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita</i>	208
Figura 47 – <i>Terceiro Dispositivo de Avaliação</i>	210
Figura 48 – <i>Gráfico com os resultados obtidos do segundo Dispositivo de</i> <i>Avaliação – Estudo do Meio</i>	218
Figura 49 – <i>Gráfico com os resultados obtidos do segundo Dispositivo</i> <i>de Avaliação – Língua Portuguesa</i>	230

Índice de Quadros

Quadro 1 – Cronograma da 1. ^a à 4. ^a Secção	6
Quadro 2 – Cronograma da 5. ^a à 7. ^a Secção	6
Quadro 3 – Cronograma relativo ao 1. ^o Semestre.....	7
Quadro 4 – Cronograma relativo ao 2. ^o Semestre.....	7
Quadro 5 – Cronograma relativo ao 3. ^o Semestre.....	8
Quadro 6 – Horário do Bibe Azul B	14
Quadro 7 – Horário do Bibe Amarelo	35
Quadro 8 – Horário do Bibe Encarnado	57
Quadro 9 – Horário do 1. ^o Ano	83
Quadro 10 – Horário do 2. ^o Ano	103
Quadro 11 – Horário do 3. ^o Ano	123
Quadro 12 – Horário do 4. ^o Ano	143
Quadro 13 – Exemplo de uma planificação baseada no Modelo T de aprendizagem.....	167
Quadro 14 – Plano de aula da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	169
Quadro 15 – Plano de aula da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática.....	172
Quadro 16 – Plano de aula da Área de Conhecimento do Mundo	176
Quadro 17 – Plano de aula da Área de Estudo do Meio.....	179
Quadro 18 – Plano de aula da Área da Matemática	182
Quadro 19 – Escala de avaliação.....	191
Quadro 20 – Grelha de cotação do primeiro Dispositivo de Avaliação – Domínio da Matemática	194

Quadro 21 – Grelha de avaliação do 1.º e 2.º parâmetros do primeiro	
Dispositivo de Avaliação – Domínio da Matemática	195
Quadro 22 – Grelha de avaliação do 3.º parâmetro do primeiro Dispositivo	
de Avaliação – Domínio da Matemática.....	196
Quadro 23 – Grelha de avaliação do 4.º parâmetro do primeiro Dispositivo	
de Avaliação – Domínio da Matemática.....	197
Quadro 24 – Grelha de avaliação final do primeiro Dispositivo de	
Avaliação – Domínio da Matemática	198
Quadro 25 – Grelha de cotação do segundo Dispositivo de Avaliação –	
– Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	203
Quadro 26 – Grelha de avaliação do 1.º parâmetro do segundo Dispositivo de	
Avaliação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita....	204
Quadro 27 – Grelha de avaliação do 2.º parâmetro do segundo Dispositivo de	
Avaliação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita....	205
Quadro 28 – Grelha de avaliação do 3.º parâmetro do segundo Dispositivo de	
Avaliação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita....	206
Quadro 29 – Grelha de avaliação final do segundo Dispositivo de Avaliação –	
– Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	207
Quadro 30 – Grelha de cotação do terceiro Dispositivo de	
Avaliação – Estudo do Meio	212
Quadro 31 - Grelha de avaliação do 1.º parâmetro do terceiro Dispositivo	
de Avaliação – Estudo do Meio	214
Quadro 32 – Grelha de avaliação do 2.º parâmetro do terceiro Dispositivo	
de Avaliação – Estudo do Meio	215
Quadro 33 – Grelha de avaliação do 3.º parâmetro do terceiro Dispositivo	
de Avaliação – Estudo do Meio	216
Quadro 34 - Grelha de avaliação final do terceiro Dispositivo de	
Avaliação – Estudo do Meio	217

Quadro 35 – Quarto Dispositivo de Avaliação	220
Quadro 36 – Grelha de cotação do quarto Dispositivo de Avaliação – – Língua Portuguesa	223
Quadro 37 – Grelha de avaliação do 1.º parâmetro do quarto Dispositivo de Avaliação – Língua Portuguesa	225
Quadro 38 – Grelha de avaliação do 2.º parâmetro do quarto Dispositivo de Avaliação – Língua Portuguesa	226
Quadro 39 – Grelha de avaliação do 3.º parâmetro do quarto Dispositivo de Avaliação – Língua Portuguesa	227
Quadro 40 – Grelha de avaliação do 4.º parâmetro do quarto Dispositivo de Avaliação – Língua Portuguesa	228
Quadro 41 - Grelha de avaliação final do quarto Dispositivo de Avaliação – Língua Portuguesa	229

Introdução

Para completar e no âmbito da Unidade Curricular de Estágio Profissional I, II e III foi-nos pedida a elaboração de um Relatório de Estágio Profissional.

A prática pedagógica teve a duração de um ano e meio, tendo iniciado a 11 de outubro de 2010 e terminado a 27 de janeiro de 2012.

Este Relatório de Estágio Profissional completa o 2.º Ciclo de Estudos do Mestrado em Educação Pré-Escolar e 1.º Ciclo, realizado na Escola Superior de Educação João de Deus.

1. Descrição da estrutura do Relatório de Estágio Profissional

Este trabalho está organizado em três capítulos.

No capítulo 1, relativo aos relatos diários, encontra-se a descrição da caracterização da turma, do espaço, da rotina e os relatos diários com as devidas inferências e fundamentações. No capítulo 2, são apresentadas as planificações, onde após uma breve descrição do capítulo, se inclui a fundamentação teórica e as planificações realizadas em cada ano de escolaridade (três para o Pré-Escolar e duas para o 1.º Ciclo). No capítulo 3, apresento os dispositivos de avaliação, com uma análise e fundamentação teórica dos instrumentos de avaliação. Por fim, é feita uma reflexão sobre o percurso efetuado e as aprendizagens.

De referir ainda que os Jardins-Escola João de Deus têm uma nomenclatura especial para designar cada um dos anos de escolaridade, tendo no Pré-Escolar referindo-os da seguinte forma: Bibe Amarelo – 3 anos de idade, Bibe Encarnado – 4 anos de idade e Bibe Azul – 5 anos de idade. Relativamente ao 1.º Ciclo de Escolaridade, estes também têm bibes de cores diferentes, mas referimo-nos como 1.º, 2.º, 3.º e 4.º Ano.

No capítulo dos relatos diários, encontram-se descritas as várias atividades observadas e vivenciadas ao longo do estágio. Estas atividades diferenciam-se em: aulas lecionadas pelas Professoras Cooperantes, aulas lecionadas por mim e pelas minhas colegas de estágio e mestrado. Estas podem ter a duração de uma manhã e eram preparadas para as Professoras Cooperantes e para as Professoras da Equipa de Supervisão e ainda as aulas surpresa, em que as Orientadoras de Estágio nos solicitavam a lecionar um conteúdo com cerca de vinte a trinta minutos de duração.

2. Importância da elaboração do Relatório de Estágio Profissional

A elaboração deste relatório de estágio tem grande importância pois é um requisito fundamental para a conclusão do Mestrado e consequentemente para poder exercer a profissão em causa.

É importante também porque, para este relatório, tivemos de proceder a uma pesquisa mais aprofundada em diversas fontes bibliográficas, como livros, artigos entre outro material de suporte, teve também de haver diariamente um registo, de forma organizada, do que foi observado em sala de aula.

Para uma melhor compreensão dos conteúdos, houve ainda a necessidade de investigar e estudar determinados conceitos e ideias essenciais, aplicáveis aos nossos interesses e necessidades, quer numa conjuntura atual, quer no futuro.

Assim, com a elaboração deste relatório de estágio, permitir-me-á no fundo obter, de uma forma estruturada, organizada e pormenorizada cada dia de estágio, para que possa analisar e refletir sobre o que foi observado.

3. Pertinência do Estágio Profissional

O Estágio Profissional tem grande importância para o aumento da qualidade da formação de professores, não só pela experiência adquirida, como por toda a aquisição de conhecimentos que advêm do mesmo. Não é contudo suficiente apenas a vertente teórica, sendo também indispensável uma vertente experimental, na qual surgem as principais dúvidas e adversidades a ultrapassar.

Segundo Alarcão, Freitas, Ponte e Alarcão e Tavares (1997, citados por Galveias, 2008):

a experiência de várias décadas de formação de professores em Portugal e a investigação educacional (tanto no nosso país como no estrangeiro) mostram que a formação inicial não se pode reduzir à sua dimensão académica (aprendizagem de conteúdos organizados por disciplinas), mas também tem que integrar uma componente prática e reflexiva. (p.7)

Assim, o nosso êxito no futuro como docentes não depende apenas da teoria transmitida durante os nossos anos de vida académica, havendo a necessidade de viver uma experiência prática supervisionada, para que possamos melhorar as nossas ações, tornando-nos cada vez mais profissionais na nossa tarefa de educar.

Alarcão e Tavares, (1987), entendem a supervisão da seguinte maneira:

(...) o processo em que um professor, em princípio mais experiente e mais informado, orienta um outro professor ou candidato a professor no seu desenvolvimento humano e profissional. Depreende-se desta noção que a supervisão tem lugar num tempo continuado, pois só assim se justifica a sua definição como processo. Tem um objectivo: o desenvolvimento profissional do professor. E situa-se no âmbito da orientação de uma acção profissional; daí chamar-se-lhe também orientação da prática pedagógica. (p.18)

Assim, ao longo da prática pedagógica pude adquirir competências que me irão ajudar a tornar mais autónoma enquanto Educadora e Professora.

4. Metodologia utilizada

O relatório foi feito, utilizando os dados recolhidos ao longo do período de estágio, através das técnicas de observação participante e análise documental.

Cozby (1989, citado por Afonso, 2005), refere que a técnica de observação:

é conduzida quando o investigador quer descrever e compreender o modo como as pessoas vivem, trabalham e se relacionam num determinado contexto social, [implicando] que o investigador se insira na situação (...) e observe o próprio contexto, os padrões das relações entre as pessoas, o modo como reagem aos eventos que ocorrem... (p.92)

Como já referi, para a elaboração deste relatório foi utilizada a observação participante. Segundo Bell (1997) esta observação é uma dos dois tipos existentes. Para esta autora existe a observação participante e não participante.

A observação participante, segundo a mesma autora, afirma que os observadores observam “os acontecimentos, situações, comportamentos, e apontamentos de seguida”. (p.141)

Outro tipo de observação utilizada foi a observação direta, pois Deshaies (1997) refere que a “observação é directa quando se toma nota dos factos, dos gestos, dos acontecimentos, dos comportamentos, das opiniões, das acções, das realidades físicas, em suma, do que se passa, ou existe, num dado momento, numa dada situação”. (p.296)

Este tipo de observação tem vantagens e limitações. Como vantagem, de acordo Carmo e Ferreira (1998), “a possibilidade de entender profundamente o estilo de vida de uma população e de adquirir um conhecimento integrado da sua cultura. Como limitações, os mesmos autores salientam “morosidade que tal técnica exige e as

dificuldades que levanta a uma posterior quantificação dos dados” (p.108) e Bell (1997) refere que “cada observador terá o seu foco particular de atenção e interpretará os acontecimentos significativos à sua maneira”. (p.141)

A observação participante consiste em observar e registar da forma mais objetiva possível e, depois, interpretar os dados recolhidos.

De acordo com Bell (1997), “há imensas formas de registar o que se passa na sala de aula” (p.143). Assim sendo, optei por, diariamente e após a observação, registar as notas de campo num caderno.

Afonso (2005) refere que “as notas de campo devem ser concretas e não vagas” e que Pelto e Pelto (1987, citado por Afonso, 2005) sublinham ainda que “em qualquer caso, o investigador deve descrever as próprias observações e não as inferências elementares derivadas dessas observações”. (p.94)

Em relação à análise documental, segundo Bell (1997) pode ser usada “para complementar a informação obtida por outros métodos” e como “método de pesquisa central ou mesmo exclusivo”. (p.90)

Os documentos foram-nos fornecidos, pelas Educadoras e Professoras cooperantes, constituindo-se como suporte documental tais como: horários, caracterização das turmas, fichas de trabalho que foram realizadas com as crianças, assim como outro material que utilizei na elaboração deste presente relatório.

Este Relatório de Estágio Profissional foi elaborado com base nas normas da American Psychological Association (APA), e Azevedo (2000).

5. Identificação do local de Estágio

O estágio teve lugar no Jardim-Escola João de Deus dos Olivais (Figura 1). Este Jardim-Escola possui duas valências – Pré-Escolar e 1.º Ciclo do Ensino Básico – apresentando duas turmas por cada faixa etária diferente. As crianças que o frequentam têm idades compreendidas entre os três e os dez anos, sendo cada turma constituída por cerca de vinte e oito alunos.

Este Jardim-Escola é constituído por salas de aula, cantina, biblioteca, ginásio, cozinha, sala de informática, salão, atelier de cerâmica e barro, casas de banho para adultos e crianças, secretaria, sala para os professores e uma sala para estagiários.



Figura 1 – Recreio do Jardim-Escola João de Deus dos Olivais

6. Identificação do Grupo de Estágio

O meu grupo de estágio, ao longo da prática pedagógica não foi sempre o mesmo, tendo sido formado inicialmente por mim e por outra colega. Ao mudarmos para o 1.º Ciclo de Escolaridade, juntou-se ao nosso grupo um outro elemento, passando então a ser constituído por mim e por mais duas colegas. O nosso horário de prática pedagógica foi das nove da manhã até à uma da tarde.

Ao longo da prática pedagógica ajudámo-nos mutuamente em todos os momentos e fomos sempre críticas, em relação umas às outras, de modo a podermos melhorar o nosso desempenho.

7. Cronologia/Duração

O estágio profissional teve a duração de quinze meses: durante os primeiros cinco meses realizei o estágio no Pré-Escolar e nos restantes meses no 1.º Ciclo.

No quadro 1 e 2 apresento os diferentes períodos de estágio, pelos quais passei, em que no quadro 1 refere-se ao Pré-Escolar e o quadro 2 ao 1.º Ciclo.

Quadro 1 – Cronograma da 1.ª à 4.ª Secção (Pré-Escolar)

1.ª Secção	2.ª Secção	3.ª Secção	4.ª Secção
Bibe Azul	Bibe Amarelo	Bibe Encarnado	Bibe Encarnado
11/10/10 a 12/11/10	15/11/10 a 7/1/11	10/1/11 a 18/2/11	Semana intensiva de 28/2/11 a 4/3/11

Quadro 2 – Cronograma da 5.ª à 7.ª Secção (1.º Ciclo)

5.ª Secção	6.ª Secção	7.ª Secção	8.ª Secção
1.º Ano (Bibe Castanho)	2.º Ano (Bibe Verde)	3.º Ano (Bibe Azul)	4.º Ano (Bibe Azul Escuro)
14/3/11 a 13/5/11	16/5/11 a 1/7/11	27/9/11 a 18/11/11	21/11/11 a 27/1/12

De seguida, nos quadros 3, 4 e 5, que estão divididos por semestres, apresento os cronogramas onde está presente a distribuição das seguintes atividades: aulas, dadas por mim e pelas colegas, aulas surpresa, reuniões de prática pedagógica e a própria elaboração do relatório de estágio.

Quadro 3 – Cronograma relativo ao 1.º Semestre

Meses	outubro					novembro					dezembro					Janeiro					fevereiro				
Semanas	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Atividades																									
Aulas					X	X	X		X	X		X	X				X			X		X	X		
Aulas surpresa									X			X						X		X					
Reuniões de prática pedagógica			X					X	X			X						X		X					
Elaboração do relatório de estágio				X				X				X	X			X		X			X	X	X		

Quadro 4 – Cronograma relativo ao 2.º Semestre

Meses	março					abril					maio					Junho					julho				
Semanas	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Atividades																									
Aulas					X	X	X				X	X	X				X	X	X						
Aulas surpresa						X	X								X	X									
Reuniões de prática pedagógica				X		X	X							X	X	X	X								
Elaboração do relatório de estágio		X	X	X		X	X		X	X				X	X		X	X	X	X		X		X	X

Quadro 5 – Cronograma relativo ao 3.º Semestre

Meses	setembro					outubro					novembro					dezembro					janeiro				
Semanas	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
Atividades																									
Aulas									X		X	X	X											X	
Aula surpresa									X			X										X	X		
Reuniões de prática pedagógica									X			X										X	X		
Elaboração do relatório de estágio	X	X	X	X	X	X		X			X	X	X			X	X		X	X		X	X	X	X

CAPÍTULO 1

Relatos Diários

1.1. Introdução

De seguida irei apresentar os relatos diários que tiveram início no Bibe Azul, o Bibe Amarelo, o Bibe Encarnado, o estágio intensivo realizado no Bibe Encarnado, o 1.º Ano, o 2.º Ano, o 3.º Ano e por fim o 4.º Ano.

Considero importante, antes de dar início aos relatos diários, uma breve descrição das diversas fases e estádios em que as crianças do Pré-Escolar e 1.º Ciclo se encontram consoante três perspetivas, pois quer o educador, quer o professor têm de ter conhecimento do que a criança é capaz de fazer, por cada faixa etária, tanto a nível comportamental, da personalidade como a nível cognitivo.

Desde que a criança nasce até à idade adulta, esta passa por várias fases e estádios de desenvolvimento. De acordo com a teoria psicosssexual de Freud, referido por Papalia, Olds e Feldman (2001), a criança dos 3 aos 6 anos (idade pré-escolar) – fase fálica – “liga-se ao pai do sexo oposto e mais tarde identifica-se com o pai do mesmo sexo. A zona de gratificação muda para a região genital”. A partir dos 6 anos até à puberdade (abrange o 1.º Ciclo), as crianças encontram-se na fase de latência, “tempo de relativa acalmia das pulsões entre fases mais turbulentas”. (p.24)

De acordo com a teoria psicossocial de Erikson, referido por Papalia, Olds e Feldman (2001), a criança dos 3 aos 6 anos atravessa a fase de iniciativa versus culpa sendo que “a criança desenvolve a iniciativa quando tenta coisas novas e não está preocupada com a culpa. Virtude: Finalidade”. Dos 6 anos até à puberdade, “a criança deve aprender competências da cultura ou enfrenta sentimentos de incompetência. Virtude: competência”. (p.24)

Por fim, segundo a teoria cognitiva de Piaget, referido por Papalia, Olds e Feldman (2001), as crianças dos 2 aos 7 anos encontram-se no estádio pré-operatório, em que “a criança desenvolve um sistema de representações e usa símbolos para representar pessoas, lugares e acontecimentos. A linguagem e o jogo simbólico são manifestações importantes deste estádio”. Entre os 7 e os 12 anos – estádio das operações concretas – “a criança pode resolver, logicamente, problemas se estiverem focalizadas no aqui e agora. Não pode pensar de um modo abstracto”. (p.24)

1.2. Primeira Secção: Bibe Azul

Período de estágio de 11 de outubro de 2010 a 12 de novembro de 2010

1.2.1. Caracterização da Turma

Esta turma era constituída por vinte e nove crianças, sendo que doze eram rapazes e dezassete eram raparigas. A maior parte das crianças tinham cinco anos, sendo que algumas já tinham completado os seis anos.

Nesta turma existiam duas crianças que entraram para o Jardim-Escola João de Deus apenas naquele ano letivo.

Era uma turma constituída por crianças trabalhadoras e com um comportamento correto e pertenciam ao nível económico médio/médio alto e os seus pais possuíam, na sua maioria, formação superior.

1.2.2. Caracterização do Espaço

A sala do Bibe Azul era uma sala ampla, iluminada, com as mesas dispostas em filas de frente para os dois quadros.

Para Zabalza (1998), “a organização do espaço na Educação Infantil possui características muito particulares. Estes devem ser amplos, bem diferenciados, de fácil acesso e especializados (bem identificados pelas crianças tanto no ponto de vista da sua função como das actividades que se realizam nos mesmos)”. (p.50)

A Cartilha encontrava-se ao canto da sala, em cima da secretária da Educadora. Ao lado direito da porta encontrava-se um móvel com vários materiais da Educadora e gavetas, para as crianças arrumarem alguns materiais.

1.2.3. Rotina

A existência de rotinas é essencial para o desenvolvimento das crianças pois constituem momentos estruturantes das atividades e dos comportamentos dos alunos.

De acordo com Cordeiro (2009), “é essencial criar rotinas, porque o próprio elemento repetitivo é inerente à securização. Saber o que se vai passar a seguir ajuda a prever o futuro e tranquilizar (...)”. (p.286)

As rotinas exercem um papel importante de segurança e conforto na criança. Esta, ao integrar-se na rotina, sente-se mais dona do seu tempo e segura porque consegue prever acontecimentos e vivenciar cada momento.

Zabalza (1998) afirma também que:

atuam como as organizadoras estruturais das experiências quotidianas, pois esclarecem a estrutura e possibilitam o domínio do processo a ser seguido e, ainda, substituem a incerteza do futuro por um esquema fácil de assumir. O quotidiano passa, então, a ser algo previsível, o que tem importantes efeitos sobre a segurança e a autonomia. (p.52)

A rotina diária oferece às crianças uma estrutura de acontecimentos do dia. Esta deve ser consistente, permitindo que as crianças antecipem os acontecimentos que se vão seguir, sendo uma estrutura de segurança para elas. A rotina apoia a iniciativa da criança e promove a sua autonomia.

As rotinas observadas neste bibe foram as seguintes:

- **Acolhimento**

O acolhimento realizava-se entre as 8h até às 9h30. Segundo Cordeiro (2009), o acolhimento é o primeiro contacto do dia entre as crianças e o educador, como tal “é fundamental que o ambiente seja calmo, seguro e alegre, para que a criança se sinta sempre desejada pelas suas educadoras e pela sua escola”. (p.371)

Às nove horas era realizada a roda no salão, onde as crianças cantavam com os meninos do Bibe Amarelo, Encarnado e com as Educadoras. Mas, ao contrário do Bibe Amarelo e encarnado, o Bibe Azul ficava apenas cinco/dez minutos na roda e, de seguida, cuidavam da sua higiene pessoal e, finalmente, para a sala com as respetivas Educadoras.

- **Higiene**

Após o acolhimento, e ao longo do dia, as crianças realizavam a sua higiene, sendo importante o reconhecimento deste hábito.

Para Cordeiro (2009), devemos mostrar às crianças que a higiene “não se trata de um «frete» a fazer aos pais, ou a um bilhete para ir para a mesa, mas sim uma rotina diária que deverá perdurar ao longo da sua vida”. (p.106)

Estes momentos são sempre supervisionados por um adulto.

- **Recreio**

Ao longo do dia, as crianças vão recreio duas vezes. Um, a meio da manhã e outro, após o almoço.

Como refere Zabalza (1998) o tempo de recreio é um momento “realizado no recinto externo onde estão colocadas as estruturas que permitem que a criança realize experiências de atividade física, tais como balanços, tobogãs”. (p.193)

Nestes dois momentos é necessária sempre a presença de adultos. Os adultos, de acordo com o mesmo autor, têm a função de “animar, apoiar, ajudar, sugerir alternativas, participar ativamente nos jogos e atividades lúdicas das crianças”. (p.192)

O recreio é um momento livre, onde as crianças podem revelar as suas emoções e descontraírem-se.

- **Refeições**

A hora das refeições, o almoço e o lanche, fazem parte das rotinas diárias das crianças. Segundo Cordeiro (2009), este momento:

o almoço (e mais tarde o lanche) serve para alimentar, mas, do ponto de vista de socialização, também para criar uma maior autonomia (estimulada pelos outros e por um sentido correcto da competição, o que faz comerem tudo pelo seu punho no jardim-de-infância e em casa terem de ser os pais a dar). (p.373)

O almoço, para o Pré-Escolar, é servido a partir do meio-dia na cantina, o lanche da manhã é servido a meio da manhã nas salas e o lanche da tarde é servido na cantina.

- **Atividades não curriculares**

Computadores – Apesar de não ter presenciado nenhuma, de acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, Ministério da Educação, ME (1997), “a utilização dos meios informáticos pode ser desencadeadora de variadas situações de aprendizagem, permitindo a sensibilização a um outro código, o código informático, cada vez mais necessário”. (p.72)

Esta atividade tem a duração de cinquenta minutos.

Cerâmica – Na cerâmica, as crianças aprendem a trabalhar com o barro e esta atividade ajuda a desenvolver o sentido de estética, a sensibilidade e a motricidade fina.

Música – É lecionada por um professor especializado nesta área. Segundo Hohmann e Weikart (1997), a música:

torna-se mesmo uma outra linguagem, através da qual os jovens fazedores de música aprendem coisas sobre si mesmas e sobre os outros. A música insere as crianças na sua própria cultura e ritos comunitários – celebrações ou aniversários, acontecimentos religiosos, (...). Igualmente importante é o facto de a música transmitir emoções, sublinhar experiências e marcar ocasiões pessoais e históricas. (p.658)

Educação pelo Movimento – Esta atividade era realizada ou no ginásio ou no exterior. Nestas aulas, as crianças melhoram a sua saúde corporal e mental.

Em seguida apresento o horário da turma (Quadro 6).

Quadro 6 – Horário do Bibe Azul

Bibe Azul					
Horas	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª
9h – 10h15	Iniciação à leitura e escrita	Iniciação à Matemática (material e escrita)	Iniciação à leitura e escrita	Iniciação à Matemática (material e escrita)	Iniciação à leitura e escrita
10h15 – 10h45 Recreio e Higiene					
10h45 – 11h50	Iniciação à Matemática (material e escrita)	Iniciação à leitura e escrita	Iniciação à Matemática (material e escrita)	Iniciação à leitura e escrita	Iniciação à Matemática (material e escrita)
11h50 – 13h Higiene e Almoço					
13h – 14h Recreio					
14h – 15h	Computador (14h30 – 15h20)	Escrita e Letras	Jogos de Matemática, Cidadania, Área projeto	Escrita e Letras	Experiências História - jogos
15h – 16h30	Ditado Gráfico, Desenho Série, Dobragens, Entrelaçamentos Inglês (15h30 – 16h30)	Conhecimento do Mundo (Dinamização do tema)		Conhecimento do Mundo (Dinamização do tema)	Ed. Movimento (15h – 15h30)
16h30 Lanche					

1.2.4. Relatos Diários

Dia 11 de outubro de 2010

Este foi o primeiro dia de estágio. Começou com uma reunião de Prática Pedagógica, que sucedeu no Museu João de Deus.

Nesta reunião, estiveram presentes os alunos do mestrado e a Equipa de Supervisão.

Inferências

Neste dia, e na reunião, foi-nos entregue o regulamento da prática de ensino supervisionado relativo ao ano letivo 2010/2011. Todos os alunos foram informados dos locais de estágio nos quais iam passar ao longo do mestrado e ainda houve tempo para esclarecer dúvidas.

Dia 12 de outubro de 2010

Quando chegámos ao Jardim-Escola, reunimo-nos todos com a Diretora, no ginásio, e estivemos a falar sobre alguns assuntos da prática pedagógica e da distribuição pelas salas.

Mais tarde, eu e a minha colega de estágio fomos para a sala do Bibe Azul.

Desde do momento em que chegámos à sala e até ao recreio da manhã, as crianças estiveram a trabalhar no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, realizando propostas de trabalho relativas à lição em que se encontravam na Cartilha (Figura 2), com a ajuda das Educadoras.

Depois do recreio algumas crianças estiveram a acabar os trabalhos de Matemática que tinham em atraso, outras estiveram no quadro a fazer operações, enquanto que eu, a minha colega e as Educadoras estivemos a circular pela sala de modo a ajudá-las.

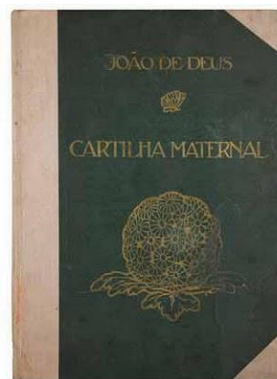


Figura 2 – *Cartilha Maternal*

Inferências / Fundamentação Teórica

Quando entrámos na sala, as duas Educadoras estavam a trabalhar em simultâneo. Uma Educadora estava com um grupo de três crianças, a trabalhar as lições da Cartilha, e a outra Educadora estava a trabalhar com a restante turma.

É no Bibe Azul que se introduz o método de leitura do João de Deus, que tem como suporte físico a Cartilha Maternal. Segundo Deus (1876, citado por Ruivo, 2009), “este método fundamenta-se na língua viva. Apresenta um abecedário, por partes, que combina «elementos conhecidos em palavras que se digam, que se ouçam, que se entendam, que se expliquem...”. (p.114)

O método João de Deus é dinâmico, interativo e promove a relação entre as palavras lidas e a vivência da criança, dando a noção de que a palavra é o elemento principal do discurso.

Cruz (2007) afirma que a Cartilha Maternal é:

um bom método de leitura é aquele que permite às crianças praticarem as correspondências entre as letras e os sons (...) os bons métodos promovem nas crianças o desenvolvimento de estratégias eficientes de reconhecimento das palavras, estratégias essas que permitem que a atenção e memória fiquem disponíveis para a compreensão. (p.30)

Assim o método da Cartilha Maternal pretende ser um método facilitador da aprendizagem da leitura e da escrita nas crianças.

Dia 15 de outubro de 2010

Na primeira parte da manhã, foram-lhes distribuídos os cadernos do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Estiveram a acabar os trabalhos que tinham em atraso, foram à Cartilha e, enquanto isso, eu e as minhas colegas fomos chamando crianças ao quadro e estivemos com elas a treinar o desenho das letras que tinham maior dificuldade em escrever.

Durante esta parte da manhã, a turma foi dividida ao meio e uma metade foi para a aula de cerâmica, enquanto que a outra metade ficou na sala a trabalhar e, meia hora depois, trocaram.

Na segunda metade da manhã, uma das Educadoras esteve a trabalhar com as crianças o material Calculadores Multibásicos (Figura 3) e com este realizou o “Jogo das torres”.



Figura 3 – *Calculadores Multibásicos*

Inferências / Fundamentação Teórica

Uma característica fundamental do Método João de Deus é o tipo de caligrafia. Aos cinco anos, as crianças aprendem a escrever através da letra bicuda. A letra bicuda é uma fase de transição. Como diz Deus (1896, citado por Ruivo, 2009), a letra bicuda facilita:

a maneira de compor, ou decompor, cada letra em traços distintos. O aspecto geral da escrita adoptada resulta da sua forma angulosa. Assim, cada traço – recto ou levemente curvo – permite que o aluno veja a letra por partes, proporcionando-lhe uma caligrafia consciente e equilibrada. (p.129)

Durante este período de estágio tivemos a oportunidade de assistir a várias aulas de materiais. Os materiais manipuláveis são materiais importantes que desenvolvem a coordenação, lateralidade e a percepção espacial em que as crianças participam de uma forma ativa e segundo a orientação de um adulto.

Com os materiais, a aprendizagem é feita de uma forma gradativa. Mansutti (1993, citado por Caldeira, 2009) define material didático como um “recurso a ser utilizado num processo que combina a aprendizagem e formação”. (p.15)

Neste dia, com os Calculadores Multibásicos, pude observar, pela primeira vez em sala de aula, a realização do “Jogo das torres”. Este jogo é realizado para que se desenvolva o cálculo na criança. Começando por torres mais baixas, do 2, do 3, do 4 que não exigem cálculos tão grandes, aumentando, posteriormente, o grau de dificuldade.

Pude observar que as crianças não revelaram grandes dificuldades no manuseamento do material.

Dia 18 de outubro de 2010

Depois de terem sido distribuídos a cada criança os cadernos do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, durante hora e meia estiveram a acabar os trabalhos que tinham em atraso. Algumas crianças iam ter com a colega ao quadro para treinar certas palavras ou letras; no entanto, todas elas foram, em grupos de três, ter com a Educadora para aprenderem ou fazerem a revisão de uma lição da Cartilha.

Durante este tempo da manhã, estive ao pé de duas crianças a ajudá-las, pois tinham mais dificuldade e estavam ainda na primeira lição (vogais).

Depois do recreio, foi-lhes distribuído um material: o Geoplano (Figura 4). Com este material, a Educadora esteve a trabalhar a lateralidade, as figuras geométricas e realizaram ainda um exercício de simetria, que depois tiveram de passar para uma folha.

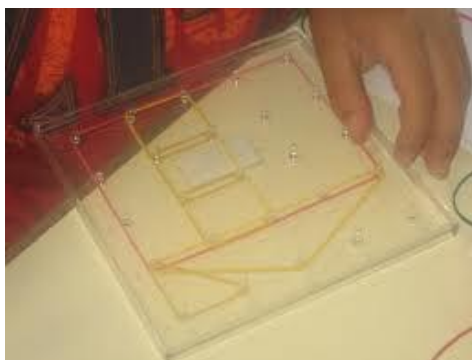


Figura 4 – Educadora a manipular o Geoplano

Inferências / Fundamentação Teórica

Como as crianças se encontram numa fase inicial em que estão a aprender a escrever e a ler, demonstram ainda algumas dificuldades na escrita e na identificação das letras. Assim sendo, a Educadora pediu à minha colega que fosse ao quadro, com algumas das crianças, treinar a grafia de algumas letras ou apenas ditar algumas palavras, consoante as dificuldades das mesmas. A Educadora fez-lhe este pedido porque, antes das crianças escreverem nos cadernos a letra nova ensinada, estas iam ao quadro para que a colega as pudesse ajudar na grafia da letra. Assim era também possível que esta conseguisse ajudar mais do que uma criança de cada vez, ao mesmo tempo que a Educadora ia constatando os erros que pudessem cometer.

A mim, foi-me pedido que ajudasse duas crianças a acabar trabalhos em atraso. Estas duas crianças tinham grandes dificuldades a distinguir as vogais, estando atrasadas, relativamente aos colegas, nas lições da Cartilha.

O Geoplano é um material que desenvolve muito a concentração das crianças. Segundo Moreira e Oliveira (2004) este material permite “desenvolver capacidades de visualização espacial, nomeadamente a coordenação visual-motora, a memória visual, a constância peceptual e a percepção da posição no espaço”. (p.109)

Através do Geoplano, a Educadora foi pedindo que representassem figuras consoante as suas indicações (exemplo: coloca o triângulo por cima do retângulo), de modo a trabalharem a laterização. Segundo o Ministério da Educação nas suas Metas de Aprendizagem para o Pré-Escolar, (ME, 2010), as crianças devem ser capazes de descrever “as posições relativas de objetos usando termos como acima de, abaixo de, ao lado de, em frente de, atrás de, e a seguir a”.

Durante o almoço das crianças, eu e a minha colega estivemos a fazer material para a Educadora.

Dia 19 de outubro de 2010

Quando as crianças regressaram da casa de banho, a sala tinha sido modificada e havia cinco grupos de seis elementos, sendo que cada grupo tinha uma caixa do material Cuisenaire (Figura 5), com a qual estiveram a trabalhar.

De seguida, a Educadora esteve a trabalhar com a turma as letras e as palavras.

Após o recreio, a Educadora passou para a área do Conhecimento do Mundo e o conteúdo apresentado foi o Sistema Circulatório e o Sistema Respiratório. A Educadora começou por conversar com eles sobre os temas e depois explicou-os recorrendo simultaneamente a imagens. Em seguida, entregou-lhes uma folha com o desenho dos pulmões e do coração, para que estes fossem pintados consoante a circulação do sangue.



Figura 5 – *Material Cuisenaire*

Inferências / Fundamentação Teórica

Com o material Cuisenaire, a Educadora esteve a trabalhar os números pares e ímpares e as operações. Demonstrou ainda, pela primeira vez, que mesmo alterando as parcelas na adição, o resultado mantinha-se igual.

Como o material Cuisenaire é constituído por prismas quadrangulares com dez cores e dez comprimentos diferentes (desde 1cm a 10cm), torna-se um material bastante adequado para trabalhar os números pares e ímpares, pois as crianças conseguem visualizar através da construção de uma escada.

De seguida, com as letras móveis a Educadora esteve a fazer uma revisão das letras, perguntando às crianças como se chamavam e o que se deve fazer para as ler. Depois de feita a revisão, a Educadora fez vários desenhos no quadro e, à frente de cada desenho, escreveu a palavra mas de forma incompleta, deixando algumas lacunas, de modo a que as crianças conseguissem preencher os espaços com as letras que faltavam. Feito este exercício, realizou um outro, igualmente no quadro, que consistia no seguinte: foram escritas, separadamente, várias sílabas e o objetivo era que as crianças conseguissem, com aquelas sílabas, formar várias palavras.

Pude constatar que algumas crianças tiveram dificuldades em realizar as atividades acima referidas.

Existem várias razões a favor de uma educação em ciências desde os primeiros anos. De acordo com Martins, Veiga, Teixeira, Tenreiro-Vieira, Vieira, Rodrigues, Couceiro e Pereira, (2009) as razões são:

as crianças gostam naturalmente de observar e tentar interpretar a natureza e os fenómenos que observam no seu dia-a-dia; a educação em ciências contribui para uma imagem positiva e reflectida acerca da ciência; uma exposição precoce a fenómenos científicos favorece uma melhor compreensão dos conceitos apresentados mais tarde, no ensino básico; a utilização de uma linguagem cientificamente adequada com crianças pequenas pode influenciar o desenvolvimento de conceitos científicos (...).
(p.12-13)

O tema é um tema complexo, mas que a Educadora lecionou de um modo simples e adequado à idade.

Dia 22 de outubro de 2010

Na primeira parte da manhã, a Educadora distribuiu os cadernos de Matemática e, de seguida, trabalharam o 3.º e 4.º Dons de Froebel (Figura 6).

Realizaram duas construções, tendo sido utilizadas para fazer algumas situações problemáticas. Finda a utilização deste material, arrumaram-no e continuaram a trabalhar nos cadernos de Matemática.

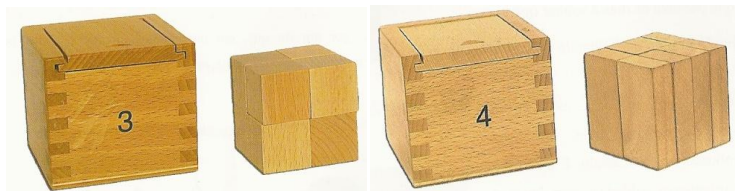


Figura 6 – 3.º e 4.º Dons de Froebel

Na segunda parte da manhã, a Educadora propôs, no quadro, uma atividade para fazerem, onde o primeiro exercício consistia em identificar de entre três frases, qual a que estava correta. O segundo exercício apresentava a mesma finalidade, no entanto neste, as crianças tinham de identificar não uma, mas duas frases corretas.

De seguida foram-lhes entregues os cadernos do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, sobre os quais estiveram a trabalhar. Foram também à Cartilha e a minha colega de estágio esteve ao pé de duas crianças que têm mais dificuldade, de modo a esclarecer qualquer tipo de dúvidas.

Inferências / Fundamentação Teórica

Durante a primeira meia hora da manhã (tempo de acolhimento), visto que nem todas as crianças chegaram ao mesmo tempo, a Educadora distribuiu os cadernos de Matemática e solicitou a minha ajuda e da minha colega, com o intuito de trabalharmos algumas operações com as crianças no quadro e ainda que lhes pedíssemos que colocassem os números até dez, por ordem crescente e decrescente.

Terminado o tempo de acolhimento, a Educadora trabalhou com o material: 3.º e 4.º Dons de Froebel. Os Dons de Froebel, de acordo com Caldeira (2009), “são fantásticos veículos para enaltecer o desenvolvimento total da criança, dando-lhe a possibilidade de representar e expressar os seus mais íntimos pensamentos e ideias”. (p.241) A Educadora, com este material, realizou uma construção da camioneta sem lhes dizer qual era e, só posteriormente, é que lhes perguntou se sabiam dizer o que representava. Realizou também a construção da sala, onde colocou algumas situações problemáticas.

Ao colocarmos às crianças situações problemáticas, é importante que estas consigam resolver o problema, pois é um processo crucial para a aprendizagem da

Matemática. Segundo Boavida, Paiva, Cebola, Vale e Pimentel (2008), a resolução de problemas:

é o processo de aplicar o conhecimento previamente adquirido a situações novas e que pode envolver exploração de questões, aplicação de estratégias e formulação, teste e prova de conjecturas. Trata-se de uma actividade muito absorvente, pois quem resolve um problema é desafiado a pensar para além do ponto de partida, a pensar de modo diferente, a ampliar o seu pensamento e, por estas vias, a racionar matematicamente. (p.15)

Na segunda parte da manhã a Educadora fez um exercício deveras importante para crianças nesta fase de aprendizagem, que consistia em identificar frases e não frases. Pudemos observar que todas as crianças questionadas responderam corretamente aos exemplos.

Dia 25 de outubro de 2010

Esta foi a primeira manhã que dei aula.

No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, fiz a exploração do texto: “O aquário” e trabalhei as palavras.

Depois do recreio, passei para o Domínio da Matemática. Para trabalhar esta área distribuí algarismos móveis e material não estruturado a cada criança. Com este material trabalhei a adição, subtração, o número par e ímpar e introduzi uma matéria nova, mais precisamente o sinal de maior e menor.

Para finalizar a manhã, entreguei uma proposta de trabalho sobre o novo tema, a par do que aconteceu com o tema anterior.

Inferências / Fundamentação Teórica

Dei início à manhã com a leitura de uma história, onde, ao longo da mesma, as crianças tinham como princípio ajudar-me a completar o texto, pois em determinadas alturas, no texto, surgiam apenas imagens em vez de palavras.

Depois de termos descoberto todas as palavras, voltei a ler o texto na íntegra, tendo seguidamente questionado as crianças sobre certos aspetos do texto.

Para o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, escolhi este texto pois falava sobre peixes e, como para o Domínio da Matemática, o material não estruturado eram de facto peixes, era um modo de interligar os dois temas, dando sentido a ambas as áreas.

Acho que a leitura de uma história é importante antes de começar a trabalhar outros conteúdos. Como afirmam Spodek e Saracho (1998) “as crianças devem aprender não apenas a ler, mas também a querer ler”. (p.259)

Relativamente às imagens utilizadas no decorrer da história, foram muito pequenas para um grupo tão grande de crianças. Tinham de ter um tamanho bastante maior, de modo a serem visíveis.

Acabada esta primeira tarefa, expliquei as regras da tarefa seguinte pois eles não as conheciam. Construí no quadro uma sopa de letras e descobrimos as palavras que lá se encontravam em conjunto. Este tipo de jogo é um momento lúdico para as crianças. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (1997), “as interpretações destas formas de comunicação (...) decorrentes da observação de gravuras constituem outro meio de aprofundar a linguagem”. (p.68)

Na construção da sopa de letras houve alguma dificuldade, pois nem todas as crianças compreenderam a minha explicação relativa ao que se fazia numa sopa de letras.

No Domínio da Matemática, como já foi referido, utilizei como material: peixes. Estes materiais concretos facilitam os cálculos pois, através dos exercícios, as crianças vão corrigindo os seus erros mais frequentes. Com este material, trabalhei vários conceitos e, sempre que necessário, pedi que as crianças fossem ao quadro fazer a representação das operações.

Em relação à manhã, eu senti-me bastante nervosa, mas as crianças gostaram, tendo sido bastante participativas. Aquando da existência de dúvidas por parte das crianças, estive sempre disponível para as esclarecer de forma pronta.

Apesar da ansiedade, ficou para sempre marcada esta aula como a primeira em que pude, de certa forma, transmitir por um período mais alargado de tempo o meu saber às crianças, tendo ainda servido esta para analisar lacunas ou erros, que tentei não repetir nas seguintes.

Dia 26 de outubro de 2010

Este foi o dia em que a minha colega deu a sua primeira manhã de aulas.

Iniciou a aula no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita com a realização de um jogo.

Acabada esta atividade, a colega escreveu algumas sílabas no quadro para que, com elas, as crianças construíssem palavras.

De seguida contou uma história sobre as vogais, tendo seguidamente cantado uma música sobre este tema.

Para terminar este tema, a colega entregou uma proposta de trabalho (para eles fazerem) e, entretanto, a Educadora foi chamando algumas crianças para irem à Cartilha.

Depois do recreio, a colega distribuiu algum material, imagens de animais e algarismos móveis e, com estes, trabalhou a quantidade e realizou adições e subtrações. Para finalizar a aula, entregou-lhes uma proposta de trabalho.

Inferências / Fundamentação Teórica

Mais uma vez, muitas crianças chegaram atrasadas. Desta forma, a pedido da Educadora, a minha colega fez o “Jogo do silêncio”, durante alguns minutos.

A primeira atividade que realizou, de início, foi um pouco confusa para as crianças, pois estas não tinham entendido o que era pretendido; mas assim que compreenderam o que era para fazer, tornou-se numa atividade divertida em que todos tiveram gosto em participar. Esta atividade consistia no seguinte: distribuiu a cada criança colares com as letras que eles já tinham aprendido. Com estes colares, a colega solicitou a ajuda de alguns meninos para que construíssem as palavras que ela pedisse. Por exemplo, se a colega pedisse a palavra “viu”, a criança tinha de chamar os colegas que tivessem essas letras e organizá-las de modo a que a palavra ficasse correta.

Houve apenas um aspeto menos bom nesta atividade, que se prendeu com o facto de a colega não ter entregue, por esquecimento, os colares às crianças que iam chegando e, assim, estas não participaram na atividade.

Na atividade da divisão silábica das palavras, tenho apenas a referir que a colega não dividiu corretamente a palavra joia.

Sempre que necessário, a colega orientou adequadamente as crianças na leitura das palavras, recorrendo às regras da Cartilha, recordando-lhes a leitura de cada letra. Sim-Sim (2007) afirma que:

o reconhecimento rápido e automático da palavra escrita é nó fulcral da leitura. Esse reconhecimento é o resultado não só do conhecimento consciente dos sons da língua de escolarização, (...), a consciência fonológica, e da sua relação com os grafemas que lhe correspondem, mas também da capacidade para identificar globalmente as palavras como unidades gráficas com significado. (p.12)

Em relação ao Domínio da Matemática a colega devia ter circulado pela sala de modo a verificar se todas as crianças estavam a fazer o que lhes era pedido, ao não

fazer esta verificação algumas crianças cometeram alguns erros e não foram corrigidas.

Dia 29 de outubro de 2010

Na primeira parte da manhã, a Educadora esteve a trabalhar com as crianças o “Jogo das torres” nos Calculadores Multibásicos. Depois de trabalhar com este material, entregou-lhes os cadernos de Matemática para finalizarem os trabalhos que tinham em atraso.

Depois do recreio foram-lhes entregues os cadernos do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, estiveram também a finalizar as propostas de trabalho que tinham em atraso e foram ainda à Cartilha.

Na última meia hora da manhã, foi solicitado à colega do 4.º Ano que esta lesse um livro e trabalhasse o mesmo da forma que considerasse mais adequada.

Inferências / Fundamentação Teórica

Nos Calculadores Multibásicos, assim que as crianças assimilam que a cada furo corresponde uma cor de peças, estas aprendem o “Jogo das torres”. Esta turma já tinha realizado algumas vezes este jogo e, a nosso pedido, a Educadora disponibilizou- -se a mostrar-nos como se jogava.

Segundo Caldeira (2009) o “Jogo das torres” “tem como finalidade os alunos adquirirem determinadas noções, nomeadamente a de saber o furo a que corresponde cada cor e quantos elementos tem cada torre”. (p.190)

Enquanto lhes foram entregues os cadernos de Matemática para terminarem trabalhos em atraso, eu e a minha colega estivemos a ajudar as crianças que tinham ainda propostas das nossas aulas em atraso.

A pedido da Educadora, a colega leu uma história à turma. Durante a leitura da história, esta foi interrompendo-a para definir palavras como: frase e palavra, através dos conhecimentos que tinham da Cartilha. Ainda durante a leitura, fez alguns exercícios, como dividir as palavras em sílabas, em que algumas dessas palavras não foram divididas corretamente pela colega.

Com o tempo que perdeu a fazer os exercícios, a colega não conseguiu terminar de contar a história.

A meu ver não é correto interromper uma história para realizar exercícios. A colega deveria ter contado primeiro a história, criando algum suspense e de forma

expressiva e só depois fazer a devida exploração, de modo a que as crianças compreendessem a história.

Dia 2 de novembro de 2010

Para este dia estava marcada a minha segunda manhã de aulas. Iniciei a manhã com um tema ligado à área do Conhecimento do Mundo, Higiene do Sistema Respiratório.

Na segunda parte da manhã, comecei por distribuir o material: algarismos móveis, palhinhas e lã. Com este material trabalhei a soma, a subtração, o número par e ímpar e a noção de conjuntos, dizendo-lhes a quantidade que tinham de colocar em cada conjunto, através do livro 1.2.3. de Luísa Ducla Soares.

Depois do recreio, passei para a última parte da minha aula, Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Iniciei com a distribuição de letras e de seguida li o poema *Abecedário sem juízo* do livro *Poemas da Mentira e da Verdade* de Luísa Ducla Soares e pedi que me mostrassem as letras ao longo da leitura do poema. Concluído este exercício, coloquei uma roleta com algumas letras no quadro e fui pedindo a algumas crianças que a fossem rodar, tendo depois de formar uma palavra com as letras móveis que distribuí no início da aula.

De seguida, escrevi algumas sílabas no quadro e, com elas, tiveram de construir palavras.

Para terminar a minha manhã, dei a revisão a três crianças, da letra “b” e, às restantes, entreguei uma proposta de trabalho para realizarem.

Inferências / Fundamentação Teórica

Na primeira parte da manhã comecei por fazer uma pequena revisão do Sistema Respiratório, que a Educadora já tinha abordado, e só depois é que introduzi o meu tema: Higiene do Sistema Respiratório. Ao longo da aula fui falando sobre os conteúdos em causa, demonstrei a inspiração e expiração através de um balão, mostrei imagens e terminei com a entrega de uma proposta de trabalho de consolidação.

Para o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, pedi que me mostrassem as letras solicitadas na leitura. As crianças gostaram desta atividade, pois estavam concentradas no que estavam a fazer e participativas. Com esta atividade pude observar que havia crianças que trocavam letras (o “b” pelo “d”, o “f” pelo “v”).

De acordo com Costa, Marques e Rebelo (2000):

a aquisição das formas gráficas é lenta e não é idêntica em todas as crianças; depende das experiências vividas, do contacto maior ou menor com o material escrito. É preciso um certo esforço da parte do jovem aprendiz para memorizar formas visuais que se assemelham e lhe podem causar confusão, tais como: m, n, u, v ou p, q, b, d. (p.163)

Na última parte da manhã, enquanto a turma realizava uma proposta de trabalho, estive com três crianças com mais dificuldades a fazer a revisão da letra “b”, relembrando as características desta letra e, de seguida, a leitura por sílabas de palavras, tal como está representado na Cartilha Maternal.

Ruivo (2009) afirma que:

João de Deus valorizou os aspectos visuais apresentando as palavras segmentadas por sílabas recorrendo aos tons preto/cinza. O recurso a estruturas gráficas artificiais, indicando a divisão da palavra em sílabas gráficas, permite obter a decomposição das palavras sem quebrar a unidade gráfica (e sonora) das mesmas. (p.115)

Na revisão da letra, houve algumas questões mal formuladas e demonstrei algum nervosismo.

Dia 5 de novembro de 2010

Na primeira parte da manhã, a Educadora esteve com vários grupos de crianças na Cartilha, enquanto que eu e a minha colega estivemos a ajudar as crianças que estavam nas mesas a terminar os trabalhos que tinham em atraso e também estivemos a treinar com algumas crianças letras no quadro.

Depois do recreio, a Educadora utilizou o material Cuisenaire com o qual trabalhou os números por ordem crescente e decrescente, associou a cor ao número e introduziu um novo conteúdo, nomeadamente o dobro dos números até vinte.

Inferências / Fundamentação Teórica

Todos os dias, vários grupos de crianças iam à Cartilha aprender uma nova lição.

Sim-Sim (2001, citado por Ruivo, 2009) refere que “o professor deve ter uma sólida compreensão dos conceitos que subjazem ao desenvolvimento de competências como são a leitura e a expressão escrita”. (p.118)

Nestes dias pude observar a prática e a facilidade com que as Educadoras sabem as questões que colocam e como devem ajudar as crianças, caso estas encontrem alguma dificuldade.

Dia 8 de novembro de 2010

Para este dia estava marcada a aula da minha colega.

Durante os primeiros quinze minutos, as crianças estiveram a fazer o “Jogo do Silêncio”, para que desse tempo para que mais crianças fossem chegando.

A colega de estágio iniciou a sua manhã pelo Domínio da Matemática. Começou por distribuir o material (molinhas de várias cores) e, com este material, trabalhou a adição e as sequências.

Na área Conhecimento do Mundo tinha como tema o Sistema Respiratório e no Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita tinha como conteúdo ensinar uma lengalenga, como se pode observar na figura 7.

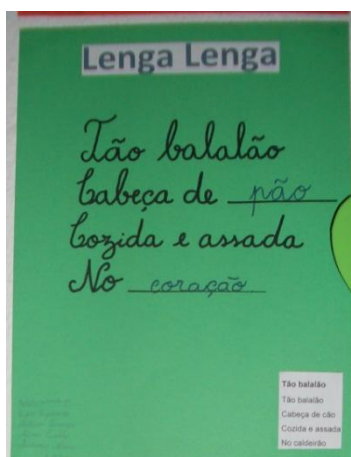


Figura 7 - Lengalenga

Inferências / Fundamentação Teórica

Primeiramente tenho a referir que a colega planeou muito bem esta aula.

O tema para a aula de Conhecimento do Mundo era o coração e deu início, pedindo a uma das crianças que falasse sobre este. Depois completou a informação da criança, falando sobre o tamanho do coração, a sua importância, a circulação do sangue, pediu que às crianças que exemplificassem através de imagens quais as coisas boas e más para o coração e, por fim, entregou-lhes uma proposta de trabalho.

No Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita a colega começou por fazer o “Jogo da Barquinha”, em que as crianças tinham de dizer palavras que comessem por exemplo pela letra “m”.

Em seguida cantou com eles a canção o “Balão do João” e ao longo da canção chamou-lhes a atenção de que havia sons que eram iguais, como por exemplo, balão e João.

Para terminar, ensinou-lhes uma lengalenga. Colocou-os por grupos e a cada grupo distribuiu uma cartolina com a lengalenga que ensinou, mas com alguns espaços em branco, onde cada grupo tinha de arranjar palavras para preencher aqueles espaços vazios.

Costa (1992, citado por Subtil, 2000) considera a lengalenga como um texto repetitivo, em verso, em geral longo – motivos pelos quais os considera úteis para o desenvolvimento da memória”. (p.59)

Parafita (1999, citado por Subtil, 2000) acrescenta que as lengalengas “são jogos de palavras com rimas e ritmos intensos, usadas entre crianças ou entre adultos e crianças”. (p.59)

As lengalengas, para além de serem um excelente exercício para desenvolver a memória e a linguagem, são também um momento de divertimento para as crianças. Tal como é referido por Custódio (2002), as lengalengas são de carácter lúdico:

no jardim de infância, as lengalengas são sinónimo de divertimento para as crianças, permitindo-lhes desenvolver o seu imaginário. Brincar com as palavras, articular sons, imprimindo-lhes determinada cadência, é sensibilizar a criança para a língua materna, despertando-lhe o gosto pela leitura e escrita. (p.1)

De seguida entregou uma proposta de trabalho à turma e foi à Cartilha com um grupo de três crianças, tendo colocado a estas, individualmente algumas questões. Segundo Ruivo (2009), “as crianças são sempre questionadas individualmente, respeitando-se o seu ritmo e capacidade de resposta”. (p.145)

Terminada a Cartilha, a colega ajudou o resto da turma a realizar a proposta de trabalho.

Dia 9 de novembro de 2010

Logo de manhã, quando chegámos à sala, a Educadora começou a chamar grupos de crianças para irem à Cartilha. Eu e a minha colega íamos ajudando as

crianças a terminarem os trabalhos e íamos pedindo a algumas que fossem ao quadro treinar algumas letras ou palavras que tivessem mais dificuldade.

Depois do recreio, como combinado, iniciei a minha aula com as palhinhas. Com este material alternativo trabalhei a adição, a subtração, os números pares e ímpares, a dezena, a dúzia e as metades destas.

Quando terminei a minha aula, como apenas restavam dez minutos, fizemos um jogo com eles e estivemos a ajudar os que ainda não tinham terminado a minha proposta de trabalho de Conhecimento do Mundo.

Inferências / Fundamentação Teórica

A Educadora chama sempre um pequeno grupo de crianças à Cartilha de modo a conseguir organizá-los conforme a lição em que se encontram, respeitando o ritmo de cada aluno. Tal como afirma Ferreira (1992, citado por Mata, 2006), “é necessário (...) aceitar que todos os alunos conseguem aprender a ler e a escrever, cada um ao seu ritmo”. (p.50)

Relativamente à minha aula, utilizei um material alternativo, as palhinhas. É um material que pode ser trabalhado individualmente e que tinha como objetivo ajudar as crianças a contarem de forma concreta. De acordo com Caldeira (2009) é um material “de fácil acesso e manuseamento (...) funciona como suporte à contagem”. (p.317)

Um caso que me chamou à atenção, durante a minha aula, aconteceu com uma menina que, depois de eu e os colegas termos referido quanto era uma dezena, não soube responder à mesma questão. Com ela, tive de voltar a relembrar as quantidades, pois não sabia também quanto era meia dezena, dúzia, meia dúzia e representar com as palhinhas para a ajudar.

Ao meio dia acompanhámos as crianças até o refeitório e ficámos de as ajudar. Uma das crianças recusou-se a colocar a colher na boca e começar a comer, afirmando que não recebia ordens minhas. Não tendo sido a primeira vez que ela se ria e fazia estes comentários, falei com a Educadora Isabel que era quem estava no refeitório e contei o sucedido. A menina foi repreendida e pediu-me desculpa.

Dia 12 de novembro de 2010

Assim que entrámos na sala a Educadora informou-nos que íamos começar pelas nossas aulas, aulas essas que havíamos agendado dias antes. Começou a minha colega dando a 15.^a Lição e eu dei a 17.^a Lição.

Enquanto dávamos as lições, a Educadora ia ajudando as crianças com trabalhos em atraso.

Quando terminámos, a Educadora continuou a dar as lições e eu e a minha colega estivemos a ajudar as crianças. Mais tarde, estive apenas a ajudar duas crianças que têm grandes dificuldades.

Depois do recreio foi pedido pela Educadora à colega de estágio do 4.º Ano que desse uma aula surpresa com o material Cuisenaire. No final da aula da mesma, nós e a Educadora fomos para o pátio falar sobre as nossas aulas de Cartilha e sobre a nossa prestação no geral e, enquanto isto, a outra Educadora ficou com a turma a trabalhar.

Inferências / Fundamentação Teórica

O treino da escrita e da leitura é algo que tem de ser trabalhado constantemente. A familiarização com o código escrito estimula as crianças para situações de comunicação que, com o tempo, tornaram-se mais complexas. Costa *et al.* (2000), consideram a aprendizagem da escrita “uma via privilegiada para construir um sistema linguístico diferenciado”. (p.86)

Na aula pedida à colega de 4.º Ano, esta trabalhou os números pares, ímpares e a representação de números. Sobre esta aula foi referido que a Susana não circulou pela sala de modo a verificar se todos estavam a fazer as representações corretamente, pois houve crianças que não estavam. Não foi clara nas perguntas que fez, nem tendo ainda feito perguntas dirigidas.

1.3. Segunda Secção: Bibe Amarelo

Período de estágio de 15 de novembro de 2010 a 7 de janeiro de 2011

1.3.1. Caracterização da Turma

A turma do Bibe Amarelo era composta por vinte e oito crianças, treze eram rapazes e quinze eram raparigas, tendo todas as crianças três anos de idade até 31 de dezembro.

Este grupo de crianças estava bem integrado na dinâmica do Jardim-Escola e demonstrava motivação e interesse pelas suas diversas aprendizagens.

Foi-nos informado que existia uma criança vegetariana que, na hora do almoço, recusava-se a comer.

1.3.2. Caracterização do Espaço

O espaço do Bibe Amarelo encontrava-se dividido em duas partes, sendo utilizado em simultâneo pelo Bibe Amarelo A e B. O espaço utilizado pelo Bibe Amarelo, era um espaço iluminado, colorido e acolhedor.

Para Zabalza (1998) a sala deve ser: “muito colorida, visto que as cores vivas são atraentes para as crianças e chamam a sua atenção. Ser original e criativa: procurar a originalidade nos elementos decorativos chamará a atenção das crianças e será um estímulo para a sua criatividade”. (p.260)

Nesta parte da sala, encontravam-se dois armários, um tapete, que se destinava à realização de atividades em grande grupo, como atividades de conversação, canções, leitura de histórias, apresentação de temas, entre outros; cinco mesas para as crianças trabalharem, por exemplo, a Expressão Plástica, representação gráfica, realizavam jogos de mesa, trabalhar com os materiais, entre outros; ao lado das mesas havia um local com brinquedos, que estavam ao dispor das crianças. Os cabides estavam devidamente identificados com o nome e fotografia das crianças, encontrando-se juntamente com os cabides da outra turma.

1.3.3. Rotina

A rotina escolar é uma sequência de atividades que visam a organização do tempo que a criança permanece na escola.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (1997):

a sucessão de cada dia ou a sessão tem um determinado ritmo existindo, deste modo, uma rotina que é educativa porque é intencionalmente planeada pelo educador e porque é conhecida pelas crianças que sabem o que podem fazer nos vários momentos e prever a sua sucessão, tendo a liberdade de propor modificações. (p.40)

As rotinas observadas neste bibe foram as seguintes:

- **Acolhimento**

Todas as manhãs, por volta das nove horas da manhã, o acolhimento era feito no salão. No salão juntavam-se o Bibe Amarelo, o Bibe Encarnado, as Educadoras e os alunos estagiários. Era feita uma roda, onde, no centro, se encontrava o Bibe Amarelo, atrás deste, também em roda, encontrava-se o Bibe Encarnado e, por fim, o Bibe Azul.

O tempo de roda, segundo Zabalza (1998), é o local em que “crianças e adultos reúnem-se em grande grupo para cantar canções, conversar, contar histórias, dançar ao som da música ou fazer diferentes ritmos, dramatizar histórias, planejar um passeio ou visita, etc.” e são “excelentes momentos para proporcionar à criança oportunidades de realizar experiências-chave de desenvolvimento sócio-emocional, representação, música, movimento, etc.”. (p.194)

Neste momento de convívio, que durava cerca de vinte e cinco minutos, as crianças cantavam várias músicas e realizavam alguns jogos.

Em relação à aprendizagem de novas canções, Cordeiro (2009) afirma que, “permite às crianças estimular a memorização, adquirir mais vocabulário (...), interiorizar regras, expressar o sentido rítmico, explorar o corpo e complementar a noção de espaço e tempo”. (p.373)

Todas as segundas e sextas, o Bibe Amarelo não participava no acolhimento pois tinha Educação pelo Movimento, ficando apenas o Bibe Encarnado no salão.

- **Higiene**

Depois do acolhimento e, antes de irem realizar alguma atividade, estes cuidavam da sua higiene pessoal com a ajuda das Educadoras e estagiárias. Esta rotina repetia-se antes da hora da refeição.

- **Recreio**

O Bibe Amarelo frequentava o recreio todos os dias após o lanche da manhã e depois do almoço. Isto acontecia sempre, exceto se as condições atmosféricas não o permitissem.

Cordeiro (2009) afirma que:

o recreio é um espaço da maior importância. O recreio representa uma oportunidade diária para as crianças se envolverem em actividades lúdicas vigorosas e barulhentas, num contexto mais expansivo, no qual desenvolvem a sua motricidade larga ao correrem, saltarem e fazerem vários jogos. (p.377)

A permanência das crianças no recreio encontrava-se sempre sob a vigilância da Educadora.

- **Refeições**

O período de almoço decorria na cantina. As Educadoras sentavam as crianças nos lugares da mesa, intercalando rapariga com rapaz.

Como nesta fase as crianças necessitam de ajuda para comer, o almoço era sempre acompanhado por Educadoras e estagiárias.

- **Atividades curriculares não disciplinares**

As atividades curriculares não disciplinares foram as mesmas da secção anterior.

Em seguida apresento o horário da turma (Quadro 7).

Quadro 7 – Horário do Bibe Amarelo

Bibe Amarelo					
Horas	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª
9h – 9h30	Partilha de saberes	Acolhimento na roda	Acolhimento na roda	Música	Acolhimento na roda
9h30 – 10h	Área de projeto: Estimulação à Leitura				
10h – 10h30	Partilha de saberes	Conhecimento do Mundo	Iniciação à Matemática	Conhecimento do Mundo	Educação pelo Movimento
10h30 – 11h	Educação pelo Movimento	Proposta de trabalho			Iniciação à Matemática
11h – 11h30Recreio					
11h30 – 12hHigiene e preparação para o almoço					
12h – 12h30Almoço					
12h30 – 14h30Sesta e recreio					
14h30 – 15h	Higiene				
15h – 15h30	Atividades várias de Expressão Plástica				
15h30 – 16h	Higiene				
16h – 17hLanche e saída					

1.3.4. Relatos Diários

Dia 15 de novembro de 2010

Neste dia, mais uma vez estivemos na reunião de Prática Pedagógica que decorreu no museu João de Deus.

Inferências / Fundamentação Teórica

Neste dia foram-nos entregues pelas Orientadoras de Estágio as Grelhas de Avaliação do Estágio Profissional referentes à 1.^a Secção e houve o esclarecimento de dúvidas.

Segundo Mintzberg (1995, citado por Alarcão e Tavares, 1987), a supervisão é um conceito que está ligado à orientação da prática pedagógica por alguém mais experiente e mais informado sendo fortemente determinada pela postura e visão do supervisor, que de forma:

inteligente, responsável, experiencial, acolhedora, empática, serena e envolvente de quem vê o que se passou antes, o que se passa durante e o que se passará depois, ou seja, de quem entra no processo para o compreender por fora e por dentro, para o atravessar com o seu olhar e ver para além dele numa visão prospectiva baseada num pensamento estratégico. (p.45)

Em suma, o supervisor ao nível do ensino é sem dúvida indispensável pela sua atuação junto do corpo docente, definindo e coordenando algumas das suas práticas pedagógicas, bem como acompanhando o desenvolvimento de muitos conteúdos e programas.

Dia 16 de novembro de 2010

Quando chegámos à sala, a Educadora pediu à turma para se sentarem no tapete e esta pediu-me que lesse uma história às crianças.

Terminada a minha história, a Educadora esteve a falar com as crianças sobre a roupa que utilizavam naquela altura do ano e explicou-lhes o trabalho que iam realizar, pedindo que se fossem sentar nas suas mesas. O trabalho consistia em ligar os pares, por exemplo: meia com meia, recorrendo à tinta que tinham nos dedos, como se pode observar na figura 8.

Depois do recreio as colegas do segundo ano estiveram a fazer jogos com as crianças, enquanto a Educadora acabava de preencher as grelhas de avaliação.



Figura 8 – Trabalho de Expressão Plástica

Inferências / Fundamentação Teórica

O espaço do tapete é um local polivalente. Segundo Zabalza (1998) está destinado “tanto à realização de atividades livres (jogos com diversos materiais) como dirigidas (conversação, observação de lâminas, contos, canções, etc.)”. (p.275)

Quando a Educadora me pediu para ler uma história, foi sem dúvida um momento deveras importante para mim como estagiária e para as crianças, pois este tipo de momentos de contacto com os livros possibilitam, de acordo com Sequeira (2000):

relacionar o que é dito com o que está escrito e a familiarizar-se com o registo de escrita da língua, tão diverso do oral familiar, mesmo com as suas manifestações mais elevadas (a prosa literária, a poesia), adquirindo dele uma certa compreensão antes de entrar para o Ensino Primário. (p.62)

A Expressão Plástica pretende ser um dos meios através do qual a criança se possa exprimir. A atividade realizada, segundo Neto, Morais e Brito (1999) pretende essencialmente “aperfeiçoar a capacidade de ver, desenvolver a destreza manual e dominar a coordenação visuo-motora”. (p.23)

Nesta atividade a Educadora interligou a Expressão Plástica a uma atividade educativa.

Dia 19 de novembro de 2010

Neste dia as crianças não ficaram no acolhimento. Foram para a sala e estiveram a preparar-se para a aula de Educação pelo Movimento. Até à hora da aula, na sala, sentaram-se no tapete e a Educadora colocou uma manta no chão, acendeu uma vela, tocou um instrumento de sopro e começou a contar um conto.

Acabada a aula, voltaram para a sala, ajudámo-los a vestirem-se e a Educadora sentou-os no tapete e pediu-me que fizesse uma atividade com eles.

Inferências / Fundamentação Teórica

Antes da Educadora iniciar a leitura, esta criou um ambiente calmo e acolhedor de modo a levar as crianças a interagir com o espaço.

Segundo Hohmann e Weikart (1997):

as crianças pequenas aprendem sobre o espaço ao mover-se livremente e ao levar a cabo as suas intenções usando objectos que as interessam. Seguem-se formas através das quais os adultos podem apoiar as crianças mais novas no seu processo de desenvolvimento do pensamento lógico sobre relações de coisas no espaço. (p.740)

Com base nos considerandos anteriores, a Educadora colocou objetos conhecidos das crianças e fez com que estas interagissem com eles.

Para Bettelheim (1984, citado por Subtil, 2000), a mensagem primordial do conto é “a inevitabilidade de lutar com as dificuldades da vida”, entende que as personagens:

são claramente definidas e o bem e o mal estão presentes de modo a que a criança possa escolher aquilo que quer ser. Têm como função orientar a criança na descoberta da sua vocação e identidade e dão-lhes pistas para experimentar o que melhor será para o desenvolvimento do seu carácter. As crianças só se compreendem a si e ao mundo através do conto. Aquilo que a angustia e reprime só pode ser resolvido com a ajuda do conto, após ouvi-lo repetidamente. (p.67)

A leitura de histórias é um excelente método para iniciar a leitura. De acordo com Mata (2006), “o desenvolvimento da literacia começa antes da criança iniciar uma instrução formal. A criança começa desde cedo a desenvolver comportamentos associados à leitura e escrita, em contextos informais, tais como a sua casa e a comunidade (...)”. (p.18)

Mais uma vez foi-me solicitada ajuda, realizei algumas atividades, alguns gestos e algumas canções, com as crianças. É sempre uma mais-valia, pois assim posso melhorar o meu desempenho como futura educadora/professora.

Dia 22 de novembro de 2010

Mais uma vez as crianças não estiveram no acolhimento no início da manhã. Como tinham Educação pelo Movimento, foram para a sala vestir-se. Quando regresssei à sala, estava uma estagiária a contar uma história às crianças e havia alguns meninos a fazer a representação do corpo humano numa folha.

Após a aula de Educação pelo Movimento, estiveram a fazer um desenho sobre a história e, quando terminaram, a minha colega levou-os para o salão e a Educadora esteve a legendar os desenhos.

Inferências / Fundamentação Teórica

Como algumas crianças tinham faltado no dia em que a turma fez a representação humana, neste dia essas crianças estiveram a fazer a representação. Pude observar que uma das crianças em questão não desenhou nada, apenas fez traços na folha. As restantes conseguiram identificar, quase totalmente, as partes constituintes. Assim como refere Cordeiro (2009) só “aos 4 anos a figura humana é bem desenhada, com alguns pormenores e adereços (roupa, brincos) e procurando jogar com as cores para definir o que quer expressar”. (p.36)

Mais tarde a Educadora foi ter com as crianças que estavam no salão e com a minha colega mas, antes, pediu-me para recortar árvores de Natal em cartolina, tendo estado a fazê-lo até sair.

Dia 23 de novembro de 2010

Neste dia, como estava marcada a aula da colega do segundo ano, esta deu início à sua aula sobre a Roda dos Alimentos.

A colega terminou e a Educadora esteve a trabalhar com a turma os Blocos Lógicos, perguntando-lhes as cores, o tamanho, a espessura e pedindo-lhes que colocassem as peças em sítios específicos de modo a trabalhar a orientação espaço temporal.

De seguida, a Educadora fez as presenças e foram com a minha colega para o salão cantar.

Inferências / Fundamentação Teórica

Esta foi a primeira aula que a colega deu, desde que iniciou o seu estágio profissional. Como tal, esta demonstrou estar muito nervosa, tendo cometido alguns erros, alguns deles abaixo descritos. Esta começou por falar nas características da roda dos alimentos, em quantas partes está dividida e quais os alimentos que constituem cada uma dessas partes.

O primeiro aspeto que tenho a descrever é que a roda dos alimentos era muito pequena e carregada de imagens de alimentos igualmente pequenas. As crianças estavam sentadas em “U” e a colega colocou o material perto de si no chão, o que fez com que as crianças que estavam mais afastadas não conseguissem ver. Deveria ter colocado na parede ou no armário, de modo a que todos pudessem ver o que estava a ser feito.

O mesmo aconteceu com a atividade seguinte, que consistia numa roda dos alimentos apenas dividida, em que as crianças tinham de colocar os alimentos nos locais corretos.

Segundo Perrenoud (1993) o Professor encontra-se:

no centro da rede de comunicações, organiza a troca de ideias, apresenta as noções e interpela os alunos. (...) Um líder só mantém a sua posição na condição de dominar os acontecimentos, de fazer participar todos os que parecem estar distraídos ou aborrecidos, de encorajar os que hesitam em participar, de limitar a intervenção excessiva de alguns alunos e aceitar outras sem nunca perder o controlo. (p.62)

Ao longo desta aula a colega não se encontrou no centro da rede de comunicações, não se tendo observado algumas das características referidas. Foi uma aula expositiva, e talvez devido a este facto, as crianças acabaram por se distrair e brincar, episódios que a colega acabou por não corrigir.

Dia 26 de novembro de 2010

Logo pela manhã tive aula surpresa do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Após a minha aula, fomos assistir a outras aulas, acabando depois por ir para a reunião.

Inferências / Fundamentação Teórica

Uma das Orientadoras de Estágio pediu-me para contar aos meninos a história do *Capuchinho Vermelho*, com apenas um fantoche, que representava simultaneamente três personagens: capuchinho vermelho, o lobo e a avó. No entanto fui desafiada a alterar o final da história, ou seja, o lobo mau não poderia comer a avó.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (1997) os fantoches “facilitam a expressão e a comunicação através de «um outro», servindo também de suporte para a criação de pequenos diálogos, histórias, etc.”. (p.60) O uso de fantoches é também muito bom para desenvolver e estimular a linguagem na criança. Tal como afirmam Spodek e Saracho (1998), “brincar com marionetas é uma boa maneira de fazer uma criança tímida falar, pois o boneco passa a ser o centro das atenções, em vez da criança”. (p.244) Durante a minha história não usufruí totalmente deste objeto, pois às vezes a personagem que estava a falar não era a que estava representada pelo fantoche.

A minha história foi contada de forma muito rápida, tendo, no final da minha história, um senhor da proteção de animais levado o lobo.

Depois de terminada a minha aula, eu e as minhas colegas fomos assistir a aulas de outras colegas que também tiveram aula surpresa. Primeiro fomos ver uma aula no Bibe Encarnado da Educadora Maria, em que a colega tinha de contar a história do *Gato das Botas* através de uma “espécie de fantocheiro”, onde estavam as imagens da história. Antes da colega poder terminar, tivemos de regressar à sala do Bibe Amarelo, porque uma das colegas também ia dar aula; a essa colega foi-lhe proposta a mesma história que a mim.

Acabada a aula, voltámos novamente para o salão, mas agora para o outro Bibe Encarnado. A colega esteve a contar uma história, inventada pela mesma, a partir das imagens das personagens da história da *Galinha Ruiva*, pois a colega não conhecia a história.

Estes momentos de supervisão procuram, segundo Reis (2011):

reforçar a capacidade de as escolas contribuírem de forma mais eficaz para a educação e o sucesso académico de cada um dos seus alunos, através da promoção da interação, da capacidade de resolução de problemas e do desenvolvimento profissional dos professores. (p.8)

De acordo com a mesma fonte, “a observação das aulas constitui um ótimo processo para os mentores ou supervisores recolherem evidências que lhes permitam tirar conclusões e proporcionar *feedback* aos professores, e estabelecer, com estes últimos, metas de desenvolvimento”. (p.11)

De seguida, reunimo-nos todos, Orientadoras e estagiárias, para realizar uma reflexão sobre as aulas que demos e/ou assistimos.

Dia 29 de novembro de 2010

Como a Educadora estava a receber os pais, eu, a minha colega de estágio e outra colega do primeiro ano sentámo-nos com as crianças no tapete e estivemos a cantar algumas canções. De seguida, a colega contou-lhes uma história: *O Bebê*.

Acabada a história, a Educadora trabalhou a orientação espaço temporal, o tamanho e a quantidade com o 1.º Dom de Froebel (Figura 9).

Quando terminaram, as crianças fizeram a dobragem: a árvore de Natal.

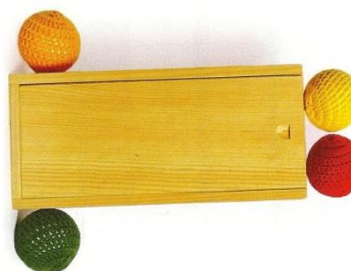


Figura 9 – 1.º Dom de Froebel

Inferências / Fundamentação Teórica

A história que a colega contou à turma foi de um livro que esta tinha trazido e preparado. Ela pediu para contar esta história porque, para além de gostar muito dela, proporcionou-se um momento de interação com as crianças.

A colega foi muito expressiva na leitura da história e colocou algumas questões no final da mesma.

O 1.º Dom de Froebel é essencialmente destinado a crianças a partir dos 2/3 anos de idade. Este Dom é composto por seis bolas pequenas revestidas a lã nas seguintes cores: vermelho, laranja, amarelo, verde, azul, anil e violeta.

A Educadora colocou no tapete a caixa com os Dons de Froebel, uma cesta e três caixas (a grande era amarela, a média verde e a pequena encarnada).

Primeiramente trabalhou os Dons, perguntando a cor e pedindo a algumas crianças que as colocassem pela sala de modo a trabalhar a orientação.

Seguidamente mostrou-lhes o que tinha dentro da cesta (ovinhos de plástico) e trabalhou com eles a contagem e os termos: grande, médio e pequeno. Pois segundo Castro e Rodrigues (2008) as primeiras experiências de contagem têm, “obrigatoriamente, que estar associadas a objectos concretos, à medida que vão desenvolvendo o sentido de número, as crianças vão sendo capazes de pensar nos números sem contactarem com os objectos”. (p.13)

Foi muito positivo observar esta aula, pois nunca tinha tido a oportunidade de assistir a uma aula em que se trabalhasse com o 1.º Dom de Froebel. A Educadora utilizou uma estratégia interessante, descrita anteriormente, para trabalhar os vários conteúdos, tendo também trabalhado o sentido do número.

De acordo com Moreira e Oliveira (2003), na Educação Pré-Escolar, deve desenvolver-se “o sentido do número e das operações, dar atenção aos padrões, símbolos e modelos, considerar a geometria e o sentido espacial bem como a organização e análise de dados”. (p.57)

De seguida a Educadora explicou-lhes o que iam fazer. O que realizaram foi uma dobragem: fizeram uma árvore de Natal (Figura 10), que enfeitaram com missangas, sendo que depois a Educadora esteve a preencher uma grelha de avaliação para verificar se já conseguiam fazer corretamente as dobragens.

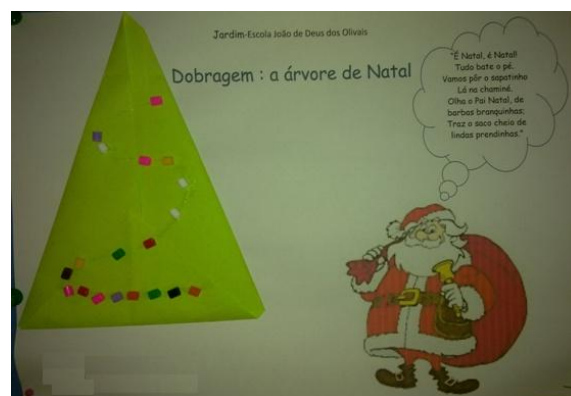


Figura 10 – Proposta de trabalho com a dobragem da árvore de Natal

Quando a Educadora foi para o salão com as crianças, esta pediu-nos que fizéssemos algumas perguntas (pedir para contar, avaliar os termos dentro, fora, longe, perto, em cima, em baixo, à frente e atrás) a algumas crianças e apontássemos as dificuldades de cada uma.

Dia 30 de novembro de 2010

Este dia correspondeu à primeira aula da minha colega.

A pedido da Educadora, a colega fez as presenças com eles e só depois deu início à aula.

Para o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, a colega leu uma história: *É limpinho*, fazendo de seguida algumas perguntas sobre a mesma.

Terminadas as perguntas, a colega passou para a área de Conhecimento do Mundo. Mostrou-lhe imagens referentes às ações que devemos realizar, mostrou-lhes os objetos que devemos usar (sabonete, pente, escova de dentes entre outros) e falou um pouco sobre eles.

Depois de ter conversado com eles sobre a higiene, retirou um boneco e exemplificou com eles o que se deve fazer e o que se deve utilizar.

No Domínio da Matemática trabalhou, com o 1.º Dom de Froebel, as cores, contagem e orientação espaço temporal.

Na última parte da aula fez o jogo “Da lagarta” com os meninos no salão.

Inferências / Fundamentação Teórica

Ao longo da manhã, a colega foi sempre muito carinhosa com as crianças e clara na transmissão da informação. Tenho a referir alguns aspetos menos bons como a gestão do tempo: a aula do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita teve a duração apenas de dez minutos e pelo facto de ter colocado as imagens no chão, algumas crianças não conseguiram visionar as imagens corretamente.

Como o tema era sobre a higiene, a colega interligou as áreas e leu-lhes uma história sobre o tema.

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (1997) a “educação para a saúde e higiene fazem parte do dia a dia do jardim de infância, onde a criança terá oportunidade de cuidar da sua higiene e saúde e de compreender as razões porque lava as mãos antes de comer”. (p.84)

Ao passarem para o Domínio da Matemática, a colega utilizou algumas estratégias de retorno à calma, fez alguns movimentos e cantou algumas músicas.

Para terminar a sua manhã de aulas, a colega realizou um jogo inventado por si. Este jogo, segundo Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (1997), é um jogo de movimento. De acordo com o mesmo, os jogos de movimento com “regras progressivamente mais complexas são ocasiões de controlo motor e de socialização, de compreensão e aceitação das regras e de alargamento da linguagem”. (p.59)

As crianças divertiram-se bastante ao longo da sua realização.

Dia 3 de dezembro de 2010

Já na sala, a Educadora pediu-nos para ficarmos com eles durante algum tempo e lermos algumas histórias, enquanto esta tratava de uns assuntos. Entretanto, metade da turma sentou-se no tapete e a outra metade foi ter aula com o Professor de cerâmica.

Li uma pequena história: *Stella gosta de ir à praia*, conversei um pouco com as crianças, e de seguida, a minha colega de estágio leu outra história: *Cuquedo*.

Mais tarde a Educadora regressou com a outra metade da turma que estava na aula de cerâmica. O grupo foi trocado, tendo as crianças que ouviram as histórias ido para a aula de cerâmica e as outras que ficaram na sala passaram a estar sentadas no tapete. A Educadora pediu que continuássemos a ler histórias enquanto a mesma ia imprimir material para mais tarde fazerem.

Inferências / Fundamentação Teórica

A Educadora colocou uma manta no chão e acendeu uma vela, preparando um ambiente propício para a leitura das histórias.

Segundo Magalhães (2008) é possível e desejável ler junto da faixa etária dos 3 aos 6 anos de idade. A mesma refere algumas das competências fundamentais que as crianças adquirem: “o desenvolvimento das competências linguísticas e sociolinguísticas, o progressivo domínio espaço-temporal, o treino da capacidade de concentração, a exercitação da memória”. (p.61)

Ao longo da leitura das histórias fomos sempre pedindo a participação das crianças.

Dia 6 de dezembro de 2010

Assim que chegámos à sala, a Educadora pediu-nos que fôssemos para o pátio pintar, com spray, flores e nuvens feitas de esponja, que iriam servir de fatos para a Festa de Natal.

Quando voltámos para a sala, a Educadora pediu aos meninos que se sentassem nos seus lugares e entregou a cada menino uma folha com o desenho de uma árvore de natal e explicou-lhes que tinham de pintar e enfeitar a árvore com botões, serpentinas e outros papéis decorativos, como se pode ver na figura 11.



Figura 11 – *Proposta de trabalho com a árvore de Natal decorada*

Inferências / Fundamentação Teórica

As atividades artísticas ajudam o desenvolvimento harmonioso da personalidade. A atividade realizada sobre o Natal desenvolve tanto a Expressão Motora como a Expressão Plástica, estando as duas obrigatoriamente interligadas. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (1997), “a expressão plástica implica um controlo da motricidade fina que a relaciona com a expressão motora”. (p.61)

Foi sem dúvida uma atividade que as crianças gostaram bastante de realizar, pois utilizaram vários materiais para realizá-la.

Dia 7 de dezembro de 2010

Neste dia estava marcada a minha primeira aula neste bibe.

Iniciei a aula pelo Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, mostrando-lhes imagens de uma história através do *data show*.

Depois passei para a área do Conhecimento do Mundo onde lhes fiz algumas perguntas sobre a alimentação, mostrei vários frutos e falei-lhes sobre os mesmos.

No Domínio da Matemática, trabalhei os atributos, assim como a orientação espaço temporal e a quantidade através de material alternativo, como está representado na figura 12.

Para terminar a minha manhã, fiz um pequeno jogo com eles, idêntico ao jogo do loto (Figura 13), utilizando o tema dos frutos.



Figura 12 – *Material alternativo: frutos*



Figura 13 - *Jogo*

Inferências / Fundamentação Teórica

Ao longo da visualização das imagens, fui pedindo às crianças que me descrevessem o que viam de modo a fomentar o diálogo. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (1997):

a capacidade do educador escutar cada criança, de valorizar a sua contribuição para o grupo, de comunicar com cada criança e com o grupo, de modo a dar espaço a que cada um fale, fomentando o diálogo entre as crianças, facilita a expressão das crianças e o seu desejo de comunicar. (p.66-67)

Depois de mostrar todas as imagens, contei a história e conversei com elas sobre a mesma.

A Conhecimento do Mundo levei vários frutos, dei a conhecer o nome da árvore de onde se obtinha cada fruto e o que se podia fazer com cada um deles (tipo de alimentos ou produtos que se podiam obter).

Cabe ao educador sensibilizar as crianças para as ciências, usufruir do que elas já sabem, de modo a ir de encontro com os seus interesses e despertar a sua curiosidade.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (2007) refere que “a escolha das experiências a realizar, bem como a maior ou menor complexidade do seu desenvolvimento, decorre da idade, dos interesses, das capacidades das crianças e também do apoio que lhes é dado pelo educador”. (p.83)

Para o Domínio da Matemática, levei o material alternativo em que os frutos tinham vários tamanhos, cores e espessura e trabalhei esses três atributos. Um material com objetivos muito idênticos aos Blocos Lógicos.

Na passagem das áreas realizei atividades de retorno à calma.

Dia 10 de dezembro de 2010

Enquanto estávamos no acolhimento, uma das Orientadoras de Estágio pediu uma aula surpresa a uma colega. Pediu que esta lesse o livro: *Gosto de ti* aos meninos do Bibe Amarelo. Terminada a aula, fui assistir a outra aula surpresa.

No Bibe Azul, fez uma pequena dramatização com duas crianças enquanto contava uma história sobre o Natal tendo, de seguida, dado a lição do “q” a um grupo de meninos.

Terminadas todas as aulas, fomos para a reunião falar sobre todas as aulas.

Inferências / Fundamentação Teórica

Em todas as aulas a que assisti foi solicitado que lessem uma história. Na educação pré-escolar, de acordo com Magalhães (2008), o “Educador precisa de introduzir hábitos de leitura, pondo o aluno, quotidianamente, em contacto com o livro e com outros suportes”. (p.52)

As colegas quase sempre fizeram inflexões de voz, realizaram dramatizações e, sempre que as crianças não compreendessem algo da história, estas esclareciam.

Vieira (1993) define supervisão, no contexto da formação de professores, como “uma actuação de monitoração sistemática da prática pedagógica, sobretudo através de procedimentos de reflexão e de experimentação” (p.28) e o supervisor tem como funções: “informar, questionar, sugerir, encorajar e avaliar”. (p.33)

A realização das reuniões de Prática Pedagógica são um momento de reflexão para os que deram aula e para os que assistiram.

Dia 13 de dezembro de 2010

Neste dia, a minha colega acompanhou e orientou o trabalho de algumas crianças que ainda não tinham feito a estrela para colocar na Árvore de Natal e enquanto isso, a Educadora foi chamando os meninos, que já tinham a sua estrela, para colocarem na árvore e eu ia tirando fotografias à colocação da estrela.

Terminada esta tarefa, a Educadora pediu-nos que fizéssemos umas coroas para o dia de Reis e enquanto estávamos a fazê-lo, a mesma esteve a trabalhar, com a turma, os Blocos Lógicos.

Eu e a minha colega ficámos a desenhar e a recortar até à nossa hora de saída.

Inferências

Enquanto a Educadora e as crianças trabalhavam com os Blocos Lógicos, eu e a minha colega estivemos a recortar em cartolina coroas. Assim não conseguimos estar atentas à aula, mas sentimo-nos bem por poder colaborar na preparação deste material.

Dia 14 de dezembro de 2010

Neste dia dei a minha segunda manhã de aulas programadas.

Sentaram-se no tapete, fiz as presenças e quando chegaram mais meninos comecei a contar a história: *Stella a Rainha da Neve*. Ao longo da história, fui fazendo paragens e pedindo à turma que me dissessem qual das imagens expostas na parede é que representava o que tinha acabado de ler.

Terminada a história, comecei a conversar sobre a roupa que os meninos usavam nesta e depois passei para a área do Conhecimento do Mundo. Colei uma menina em cuecas (Figura 14) na parede e várias peças de roupa no chão, o que tinham de fazer era colocarem as peças corretas de acordo com o tempo quente ou frio (Figura 15).

No Domínio da Matemática utilizei material não estruturado (Figura 16), trabalhei a estruturação espaço temporal, a cor e a contagem e para terminar fomos para o salão fazer um jogo: “O pescador”.



Figura 14 – Boneca sem roupa



Figura 15 – Boneca com roupa



Figura 16 – *Material alternativo*

Inferências / Fundamentação Teórica

A pedido da Educadora, realizei as presenças, algo que quase todos os dias era realizado com as crianças. Segundo Cordeiro (2009) o mapa de presenças permite à criança: “começar a adquirir noções matemáticas, introdução à leitura através do reconhecimento das letras, organização temporal, observação e a linguagem, pela verbalização consequente”. (p.371)

No Domínio da Matemática pedi que todos tirassem uma peça de dentro do saco. Tinha como objetivo trabalhar as cores, a contagem e a orientação espaço temporal mas, devido ao tempo, não consegui trabalhar todos estes conteúdos.

No que diz respeito ao jogo, de acordo com Spodek e Saracho (1998), “os jogos devem ser simples, com regras não muito complexas. Eles podem incluir atividades acompanhadas de canções e jogos físicos simples, nos quais as crianças devem seguir algumas instruções”. (p.223) O jogo realizado continha todos estes aspetos, era já um jogo que as crianças conheciam e gostavam de jogar.

As críticas feitas pela Educadora à minha aula foram as seguintes: ao longo de toda a manhã utilizei sempre diminutivos; não houve efeito surpresa quando passei para Conhecimento do Mundo, mostrei logo a boneca e comecei a fazer as perguntas e, na última área, devido ao tempo como já referi, fui eu que contei as camisolas e não as crianças.

Durante a aula e ao longo dos dias neste bibe, recorri várias vezes ao uso de diminutivos, contudo sem ter dado conta de tal. Não houve assim qualquer intenção de tratar as crianças desse modo, nem sequer era meu hábito. Tal situação deveu-se talvez ao facto de serem crianças tão pequenas, levando-me, tendencialmente, a tratá-las assim.

Dia 16 de dezembro de 2010

Neste dia, não sendo um dia de estágio, estivemos no Jardim-Escola a ajudar as Educadoras na Festa de Natal.

Inferências / Fundamentação Teórica

Neste dia, eu e a minha colega de estágio fomos para o Jardim-Escola ajudar a Educadora na Festa de Natal. O Bibe Amarelo realizou uma dramatização da história: “Os três porquinhos”.

Desde cedo é importante que as crianças realizem dramatizações. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (1997), “a expressão dramática é um meio de descoberta de si e do outro, de afirmação de si próprio na relação com o(os) outro(s) que corresponde a uma forma de se apropriar de situações sociais”. (p.59)

Após a festa do Bibe Amarelo, fomos para a sala onde estavam os pais e família à espera do respetivo familiar.

Dia 17 de dezembro de 2010

Durante algum tempo, os dois bibes estiveram a brincar, com os brinquedos existentes na sala, enquanto as Educadoras decidiam o que iam fazer para mudar a disposição da sala.

Entretanto fizemos o nosso intervalo e, quando regressámos, já estava cada turma na sua sala. Foi pedido à minha colega que fosse um pouco com as crianças para o salão e tendo sido solicitada ainda a minha ajuda para fazer algumas decorações para a sala.

Já no final da manhã, uma das Educadoras ficou a realizar atividades com as crianças e eu e a minha colega estivemos a fazer material decorativo.

Inferências / Fundamentação Teórica

Geralmente ao falar-se de brinquedos, tende-se a sublinhar o seu aspeto distrativo e até mesmo fútil, mas estes podem ser uma ferramenta de educação importante.

O brinquedo permite que a criança improvise uma linguagem e, simultaneamente, auxilia-a a libertar-se de angústias e a encontrar segurança e

equilíbrio. Segundo Bandet e Sarazanas (1980), “a criança revive, num plano fictício, no decurso das brincadeiras que os brinquedos lhe inspiram, situações reais que conheceu no passado e que traduzem através de sucessivas interpretações”. (p.85)

Brincar, que subentende o brinquedo, é indispensável ao crescimento físico, intelectual e social da criança. Ainda de acordo com os mesmos autores, esta atividade é “para a criança, essencial. É uma das necessidades da infância. Deve ser satisfeita e a escolha do brinquedo é de um grande interesse”. (p.38)

Após o que foi referido anteriormente, posso afirmar que os brinquedos não são objetos insignificantes e fúteis e têm um papel importante na preparação para a vida.

Dia 3 de janeiro de 2011

Durante alguns minutos, eu e a minha colega estivemos no tapete com as crianças que já estavam presentes e entretanto a colega começou a fazer as presenças e, por fim, deu início à sua manhã.

Sendo o primeiro dia de aulas desde as férias, a colega iniciou a aula perguntando-lhes como tinham sido as férias das crianças, passando de seguida para a leitura da história: *Uma prenda de Natal*. Terminada a história, mostrou-lhes algumas imagens baralhadas da história e pediu que a turma as ordenasse. Depois fez uma pequena dramatização da mesma.

De seguida passou para outra área. Começou por lhes mostrar um pequeno filme de alguns animais e a sua habitação tendo de seguida, através de um livro, lembrado quais os animais que tinham visto no filme e toda a informação relativa aos mesmos.

Terminou a aula com o Domínio da Matemática. Trabalhou com material não estruturado, o tamanho, a figura, a cor e a orientação espaço temporal, tendo de seguida entregue uma proposta de trabalho.

Inferências / Fundamentação Teórica

Ao longo da leitura realizou inflexões de voz, sendo que segundo Spodek e Saracho (1998), “ouvir e ver um livro sendo lido em voz alta é parecido com a experiência de sentar na primeira fila de cinema ou teatro”. (p.249)

A colega, nesta primeira parte da sua manhã, fez uma má gestão do tempo, demorou demasiado tempo nesta área. Assim sendo, o tempo das áreas seguintes foi reduzido, tendo sido lecionadas um pouco mais à pressa.

Na área de Conhecimento do Mundo a colega recorreu à tecnologia de modo a despertar o interesse e a atenção por parte das crianças. Segundo os mesmos autores acima referidos, “os computadores estão se tornando cada vez mais familiares para as crianças”. (p.134)

Ao longo da manhã a colega foi sempre carinhosa e dinâmica com as crianças.

Dia 4 de janeiro de 2011

Na sala, a turma sentou-se no tapete para que a Educadora pudesse contar um conto; no entanto antes de a começar, a Educadora pediu-nos que fossemos a uma loja comprar umas pedras para colar na coroa do dia dos Reis.

Quando regressámos, as crianças já estavam sentadas nos seus lugares, prontas para iniciarem o trabalho proposto pela Educadora.

De seguida, eu e a minha colega fomos para o salão fazer o jogo das cadeiras com eles, tendo sido depois solicitado pela Educadora que fossemos colar as pedras nas coroas (Figura 17).



Figura 17 – Coroas do dia dos “reis”

Inferências / Fundamentação Teórica

Uma atividade que surge desde logo como essencial na educação Pré-Escolar é a leitura em voz alta de um conto. Ao se dirigirem à criança numa linguagem simbólica, segundo Bastos (1999), “permitem-lhe aprender a enfrentar certos problemas e a articular o seu mundo interior com as experiências que vai vivendo”. (p.73)

Tendo em conta que as crianças necessitam de desenvolver as suas capacidades motoras, a Educadora propôs uma atividade de Expressão Plástica onde estas desenvolveram a motricidade fina. De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (1997), “a educação pré-escolar deve proporcionar ocasiões de exercício da motricidade global e também da motricidade fina, de modo a

permitir que todas e cada uma aprendam a utilizar e a dominar melhor o seu próprio corpo”. (p.58)

A atividade consistia em passar com uma caneta de cor sobre a linha tracejada e depois pintar os “reis” com lápis de cor.

Dia 7 de janeiro de 2011

Depois de estarem preparados para a aula de Educação pelo Movimento, eu estive com as crianças no tapete a contar-lhes uma história de um livro que uma das meninas tinha trazido de casa.

Acabada a aula, fui buscá-los e na sala estava o Professor de cerâmica à nossa espera para levar metade da turma. Em relação à que ficou, ajudámo-los a vestir-se e depois, quando veio a outra metade, aconteceu o mesmo.

Inferências / Fundamentação Teórica

É nesta fase, nos primeiros anos de escolaridade, que se torna fundamental a aquisição e consolidação de habilidades motoras. Segundo Neto, Moraes e Brito (1999), “pela estimulação regular, orientada e sistemática neste período, favorece-se o desenvolvimento motor, sensorial e perceptivo e criam-se condições para aprendizagens específicas posteriores”. (p.7)

A Educação pelo Movimento dá a oportunidade para que, por meio de jogos, de atividades lúdicas, a criança se consciencialize sobre seu corpo.

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (1997), “a exploração de diferentes formas de movimento permite ainda tomar consciência dos diferentes segmentos do corpo, das suas possibilidades e limitações, facilitando a progressiva interiorização do esquema corporal e também a tomada de consciência do corpo em relação ao exterior”. (p.58)

A Educação pelo Movimento, na sua parte recreativa, proporciona a aprendizagem das crianças em várias atividades desportivas que ajudam na conservação da saúde física, mental e no equilíbrio socio afetivo.

1.4. Terceira Secção: Bibe Encarnado

Período de estágio de 10 de janeiro de 2011 a 18 de fevereiro de 2011

1.4.1. Caracterização da Turma

No Jardim-Escola, a turma do Bibe Encarnado era composta por vinte e nove crianças, dezoito do sexo feminino e onze do sexo masculino. Todas as crianças tinham quatro anos de idade até 31 de dezembro.

Este grupo de crianças estava bem integrado na dinâmica do Jardim-Escola e demonstrava motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

A turma possuía bastantes conhecimentos para a faixa etária em questão e em relação ao perfil comportamental, eram crianças alegres e que aceitavam as regras propostas.

Foi-nos dada a informação de que uma das crianças tinha algumas dificuldades na audição; no entanto, esta situação estava a ser acompanhada adequadamente.

1.4.2. Caracterização do Espaço

A sala do Bibe Encarnado, juntamente com o outro Bibe Encarnado, funcionava no salão. O salão é um espaço amplo, iluminado e dividido em três áreas: duas áreas destinadas às turmas do Bibe Encarnado e uma área comum, onde se reúnem as duas turmas

Zabalza (2001) afirma que:

a sala deve ser um espaço aberto, que se amplia funcionalmente para as outras dependências em que se desenvolve a vida e os rituais da jornada escolar, as outras pessoas adultas da escola, os corredores, o hall, o refeitório, o recreio, etc. todas estas realidades desempenham claras funções experimentais para as crianças. (p.133)

Uma das áreas era uma zona ampla onde decorreram as atividades em grande grupo. Este espaço continha armários com materiais e uma televisão.

Duas das áreas eram espaços onde se encontravam as mesas destinadas ao trabalho individual, em que uma dessas áreas pertencia a um Bibe Encarnado e a outra área ao outro Bibe Encarnado.

No espaço do salão do Bibe Encarnado B, encontravam-se quatro mesas, que estavam identificadas por números (mesa 1, mesa 2, mesa 3, mesa 4); uma área da

leitura, com um “puf”; um armário onde se encontravam os materiais das crianças arrumados, dois placares na parede onde estavam expostos os trabalhos, uma estante com vários livros e um biombo com diversas utilidades, nomeadamente como separador e placar.

Segundo Arends (1995), “parece não haver uma relação clara entre o ruído bastante comum na escola, mesmo a níveis elevados, e o desempenho dos alunos nas tarefas”. (p.88)

O salão é utilizado como local de passagem de vários bibe (Bibe Amarelo, Azul e Castanho), não se verificando que o ruído por eles feito interferisse de alguma forma ou fosse prejudicial na realização das atividades, o que se deve à grande organização demonstrada pelas Educadoras desta valência. Para além deste espaço, as Educadoras ocupavam por vezes o espaço da biblioteca da escola.

1.4.3. Rotina

As rotinas observadas neste bibe foram as seguintes:

- **Acolhimento**

No Bibe Encarnado o acolhimento era feito de forma igual ao Bibe Amarelo (secção anterior).

- **Higiene**

Os momentos de higiene são de grande importância no crescimento da criança. São hábitos que devem ser incutidos e sempre que necessário devem ser feitas as devidas correções, sempre no sentido de educar e formar.

Como refere Cordeiro (2009), a higiene “é deveras importante” e o momento de higiene “depende muito de criança para criança e de idade, no entanto, há um elo comum, o desenvolvimento da autonomia. Nestes momentos as crianças sentem o gosto de serem crescidos e sentem responsabilidade ao cuidar do próprio corpo”. (p.373)

Neste bibe, algumas crianças, principalmente os rapazes, não demonstravam grandes cuidados de higiene. Estes, depois de fazerem as necessidades, não lavavam as mãos e mesmo depois de serem chamados à atenção, não cumpriam com o solicitado.

- **Recreio**

Os momentos de recreio são os mesmos que no Bibe Amarelo (secção anterior).

- **Refeições**

O período de almoço decorre na cantina e é acompanhado pela Educadora que almoça na mesma mesa que as crianças.

A Educadora senta as crianças nos lugares da mesa, intercalando rapariga com rapaz.

Cordeiro (2009) refere que “o uso dos talheres depende de muita coisa – idade, sexo, ritmo de desenvolvimento, interesse, capacidade de mastigar, tempo e disponibilidade, tantos outros factores”. (p.75)

Nesta fase, as crianças ainda não são muito autónomas, sabendo, no entanto, a maioria pegar nos talheres corretamente. Contudo, muitas crianças ainda não sabiam pegar nos talheres corretamente, havendo inclusivamente muitas que ainda pediam para que lhes fosse dada a comida à boca.

- **Atividades curriculares não disciplinares**

As atividades curriculares não disciplinares são as mesmas da secção anterior, exceto:

Biblioteca – A biblioteca é um espaço onde as crianças podem contactar com os mais diversos livros, desenvolvendo nelas o gosto pela leitura e a imaginação.

Em seguida apresento o horário da turma (Quadro 8).

Quadro 8 – Horário do Bibe Encarnado

Bibe Encarnado					
Horas	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª
9h – 9h30	Canções de roda / Acolhimento				
9h30 – 10h	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática	Iniciação à Matemática
10h – 10h30	Descobrir o que sabe	Formação Cívica	Grafismos	Formação Cívica	Trabalhos de Grupo
10h30 – 11h	Recreio				
11h – 11h30	Conhecimento do Mundo	Ed. pelo Movimento	Conhecimento do Mundo	Partilha de Saberes	Conhecimento do Mundo
11h30 – 12h	Jogos de Roda / Preparação para o Almoço				
12h – 12h30	Almoço e Recreio				
12h30 – 14h30	Recreio Orientado e Recreio Livre				
14h30 – 15h	Expressão Dramática	Estimulação à Leitura	Expressão Plástica	Atividades Gráficas	Descobertas dos Pequenos Cientistas
15h – 15h30	Área Projeto	Expressão Plástica	Jogos de Mesa e Plasticina / Modelagem		Estimulação à Leitura
15h30 – 16h	Dobragens / Entrelaçamentos / Enfiamentos / Harmónios	Atividades nos Cantinhos / Jogos de tapete	Música	Jogos Tradicionais	Expressão Corporal
16h – 16h25	Lengalengas / Destrava línguas e Adivinhas	Expressão Dramática / Biblioteca	Picotagem / Contorno / Rasgagem / Recorte / Colagem	Rimas / Poesias	Reflexão Semanal
16h25 – 16h45	Lanche				
16h45 – 17h	Despedidas				

1.4.4. Relatos Diários

Dia 10 de janeiro de 2011

Nesta segunda-feira, a Educadora sentou-se no chão com a turma. Um a um relataram o que fizeram durante o fim-de-semana. Depois de ouvidas todas as crianças, também nós, estagiárias e Educadora, lhes relatámos o nosso fim-de-semana.

De seguida, no mesmo espaço, as crianças trabalharam com os Blocos Lógicos. Foram-lhes lembrados os atributos das peças e trabalharam a teoria de conjuntos e as sequências, finalizando com um jogo.

Na segunda parte da manhã foram para a biblioteca, onde a Educadora leu a história de um livro que uma das meninas tinha trazido. Para concluir, esteve a falar um pouco sobre a história e, como esta falava de animais, recordou-lhes os animais domésticos que haviam aprendido numa aula anterior.

Inferências / Fundamentação Teórica

A meu ver é deveras importante que as crianças falem abertamente e contem as suas vivências. Deste modo estão a desenvolver a oralidade, a melhorar o vocabulário, fazendo com que todas as crianças participem/falem, pois há crianças que só falam quando lhes é solicitado e, mesmo quando o são pouco, comunicam. Há assim o intuito de estimular também as crianças a falarem instintivamente.

A Educadora, ao lhes pedir que contassem o que se passou no fim-de-semana, obrigou-as a recordar os acontecimentos e a sequenciá-los corretamente. Segundo Sim-Sim, Silva e Nunes (2008), “os ambientes em que as crianças se encontram desempenham um papel marcante na estimulação do desenvolvimento da capacidade de comunicar, é fundamental a criação de oportunidades onde elas possam descrever, discutir, formular hipóteses e sínteses sobre o real que experimentaram”. (p.34)

Lopes, Velásquez, Fernandes e Bártolo (2004) afirmam que “a aquisição de vocabulário revela-se crucial para o sucesso académico. A exposição a novos conteúdos transporta a criança a um conjunto de novos conceitos, realidades e representações que naturalmente são carregados por vocabulário novo”. (p.68)

A partir deste pedido, que é feito todas as semanas, podemos também observar a relação que se estabelece entre os pais e a criança, ou seja, se as crianças costumam estar em família, se saem de casa para passear e ter momentos de lazer ou se, por outro lado, ficam sempre em casa ou a brincar sozinhas. Também podemos

aproveitar para lembrar as regras, tais como as relativas ao respeito pelos colegas e pela devida vez para fazer intervenções na sala de aula.

Os Blocos Lógicos são constituídos por 48 blocos com quatro atributos (cor, forma, tamanho e espessura). Este material é um recurso importante para que as crianças tenham uma primeira familiarização com os nomes e características das figuras. Para além disso, este material exige da criança a manipulação, construção e representação de objetos estruturados e auxilia o desenvolvimento da memória visual.

Como referem Moreira e Oliveira (2004), a manipulação dos Blocos Lógicos ajuda:

no desenvolvimento das capacidades de discriminação e memória visual e constância perceptual. Pode ainda auxiliar no desenvolvimento da ideia de sequência e de simbolização. Este trabalho permite também que as crianças avancem do reconhecimento das formas para a percepção das suas propriedades (...) progredindo assim na aprendizagem da geometria. (p.99)

O jogo realizado pela Educadora consistia no seguinte: a cada criança foi distribuída uma peça, a Educadora dizia os atributos de uma peça à escolha e quem tivesse essa peça tinha que mostrar.

A leitura de histórias é algo fundamental, pois tem o intuito de desenvolver nas crianças, desde pequenas o hábito e o prazer pela leitura, enriquecer o vocabulário, ampliar os conhecimentos e desenvolver a linguagem, a atenção e a memória.

Segundo Castro e Gomes (2000), “a história deve ser lida em voz alta e no fim fazem-se perguntas sobre o seu conteúdo” (p.185). Este é um aspeto igualmente importante, questionar as crianças depois da história, como a Educadora fez.

Dia 11 de janeiro de 2011

Todo o pré-escolar foi assistir a um musical infantil no Teatro Tivoli, intitulado de *Bzzz bzzz bzzz, a união faz a força* (Figura 18).



Figura 18 – Musical infantil

Inferências / Fundamentação Teórica

Esta foi a primeira vez que acompanhei as crianças a uma visita de estudo em que fomos ao teatro a um musical.

Almeida (1998) refere que uma visita de estudo é “qualquer deslocação efectuada por alunos ao exterior do recinto escolar, independentemente da distância considerada, com objectivos educativos mais amplos ao do mero convívio entre professores e alunos”. (p.51)

O mesmo autor refere ainda que:

os locais a visitar podem ser variados, dando-se como exemplo parques naturais, zonas de paisagem protegida e locais classificados, jardins e parques urbanos, percursos urbanos, museus, monumentos, institutos de investigação e fábricas, podendo por isso decorrer em locais abertos ou fechados” (p.51)

Esta peça tinha como enredo um desentendimento entre as abelhas e os beija-flores. Uma das abelhas da história não entendia o facto de as abelhas trabalharem sem parar, até um dia em que a abelha conhece um beija-flor. Estes, alheios ao antigo desentendimento das famílias, constroem uma verdadeira amizade que acaba por levar à reconciliação das espécies.

De acordo com Cordeiro (2009) “a frequência do teatro, como espectador, deve começar cedo (3 anos, em média), porque tem numerosas vantagens”. (424)

O Bibe Encarnado teve um bom comportamento, não tendo havido indisciplina.

Dia 14 de janeiro de 2011

Neste dia houve mais uma vez aulas surpresas. A primeira aula que assistimos foi de uma colega que estava no outro Bibe Encarnado, onde leu a história do *Espelho Mágico* às crianças, falou sobre a mesma, cantou a música do *Dragão* e fez a dramatização da história.

De seguida, fui assistir à aula da minha colega de grupo de estágio. Esta leu a história dos três porquinhos e, no final, cantou com eles em roda a música do “Lobo Mau”.

Antes de irmos para a reunião, estivemos a ver a Educadora a jogar o jogo da memória com a turma.

Inferências / Fundamentação Teórica

A primeira colega foi bastante expressiva a contar a história e o diálogo que manteve com as crianças. De seguida, cantou uma música, onde as crianças se divertiram e enriqueceram o seu vocabulário.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (1997):

trabalhar as letras das canções relaciona o domínio da expressão musical com o da linguagem, que passa por compreender o sentido do que se diz, por tirar partido das rimas para discriminar os sons, por explorar o carácter lúdico das palavras e criar variações da letra original. (p.64)

A segunda colega na sua aula surpresa leu a história dos três porquinhos. Ao longo da história, a colega foi carinhosa, expressiva e solicitou por várias vezes a participação da turma. A colega pediu a participação da turma, porque a história tradicional dos três porquinhos todas as crianças conhecem mas, no entanto, esta era diferente da tradicional, o que fez com que as crianças ficassem muito atentas à narração.

Como refere Perrenoud (1993), “a reflexão sobre a própria prática é, em si mesma, um motor essencial de inovação”. (p.186) São nestas reuniões de prática pedagógica que nós, estagiárias, refletimos sobre as nossas aulas de modo a melhorar as seguintes, quer a nível de conteúdo ou ainda a forma como as mesmas se são lecionadas.

Dia 17 de janeiro de 2011

Neste dia, mais uma vez estivemos na reunião de Prática Pedagógica que decorreu no museu João de Deus.

Inferências / Fundamentação Teórica

Neste dia foram-nos entregue pelas Orientadoras de Estágio as Grelhas de Avaliação do Estágio Profissional referentes à 2.^a Secção havendo também ao esclarecimento de dúvidas.

Nas Grelhas de Avaliação encontrava-se registada a classificação relativa a esse período de estágio bem como um *feedback* da nossa prestação.

De acordo com Egan e Kurtoglu-Hooton (2002 e 2004, citado por Reis, 2011) o *feedback* pode ser do tipo confirmativo ou do tipo corretivo. No *feedback* confirmativo, “o mentor ou supervisor informa o professor de que está a seguir o percurso adequado à concretização dos objectivos”. Pelo contrário, o *feedback* corretivo “informa o professor do facto de estar a desviar-se dos objectivos pretendidos e do que poderá fazer para regressar ao percurso desejado”. (p.56)

Assim sendo, o *feedback* acaba por fornecer dados, por forma a obter melhores resultados e consequentemente atingir os objetivos inicialmente propostos.

Dia 18 de janeiro de 2011

Durante o acolhimento, a Educadora do outro Bibe Encarnado explicou às crianças o que se ia passar durante uma parte da manhã. No início da manhã foi um escritor, António Torrado, que leu umas histórias e depois escreveu uma pequena dedicatória a cada menino que tivesse algum dos seus livros (Figura 19).

Depois desta sessão, foram para o salão para se prepararem para a aula de Educação pelo Movimento, que foi dada nesse mesmo sitio, pois o ginásio estava ocupado.

Na última parte da manhã foram para a biblioteca onde a Educadora falou um pouco sobre os minerais, fazendo algumas questões sobre os mesmos.



Figura 19 – Escritor António Torrado

Inferências / Fundamentação Teórica

Neste dia pude assistir à leitura de histórias pelo autor António Torrado. Segundo Bastos (1999) este é um tipo de situação “com carácter pontual, que tem o seu valor próprio, sendo um acontecimento na vida da escola e do aluno”. (p.295) São momentos de animação, de que as crianças especialmente gostam.

As crianças, ao longo desta aula sobre os minerais, tiveram oportunidade de mexer em todos os exemplares e cheirá-los.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (1997), “a introdução a aspectos relativos a diferentes domínios do conhecimento humano: a história, a sociologia, a geografia, a física, a química e a biologia que, mesmo elementares e adequados a crianças destas idades, deverão corresponder sempre a um grande rigor científico”. (p.80-81) Foi o que não aconteceu. Contudo, a Educadora não introduziu este tema com um grande rigor científico, pois nem sempre teve a certeza dos nomes dos minerais.

Dia 21 de janeiro de 2011

A Educadora neste dia introduziu o 4.º Dom de Froebel. Como foi a primeira vez que as crianças tiveram contacto com este material, esta falou um pouco sobre as características do mesmo e foram lembradas as regras de utilização, o número peças existentes dentro da caixa e como se chamavam essas mesmas peças. Depois dos esclarecimentos prestados, foi feita a construção do banco do jardim, das cadeiras e situações problemáticas para cada construção.

Depois do recreio, fizeram uma atividade idêntica a uma sessão de cinema, em que a Educadora foi colando imagens na parede e ao mesmo tempo contando a história.

Inferências / Fundamentação Teórica

O material utilizado, o 4.º Dom de Froebel, destina-se a crianças a partir dos 4 anos de idade e, de acordo com Caldeira (2009) “é constituído por 1 caixa de madeira com a forma de um cubo que contém 8 paralelepípedos”. (p.260)

A Educadora realizou duas construções com este material, permitindo que desenvolvessem noções espaciais, geométricas e apelou ao cálculo mental, desenvolvendo o raciocínio lógico-matemático. Esta circulou pelas mesas, de modo a auxiliar as crianças nas construções.

De acordo com Castro e Rodrigues (2008):

à medida que o seu universo numérico aumenta e as suas competências de contagem se desenvolvem, as crianças vão-se tornando progressivamente mais competentes, realizando cálculos mais complexos, utilizando estratégias de contagem flexíveis e inteligentes. (p.30)

O objetivo desta aula era trabalhar o cálculo mental, tendo sido feitos vários exercícios de modo a trabalhá-lo.

A Educadora elaborou uma história através de imagens que tinha e que ia colocando na parede de modo a dar a ilusão de que estavam no cinema. Foi uma atividade diferente e apelativa para as crianças, estas estiveram com a maior atenção a ouvir a história.

Dia 24 de janeiro de 2011

Neste dia, uma das colegas de mestrado tinha aula programada, aula essa à qual nós fomos assistir. De seguida fomos assistir à aula surpresa de uma colega do outro Bibe Encarnado, que consistia em fazer três construções: comboio, a cama e o cadeirão, com o 3.º Dom de Froebel, e algumas situações problemáticas.

Acabadas as aulas fomos para a reunião.

Inferências / Fundamentação Teórica

Após o visionamento das aulas fomos para a reunião falar sobre as mesmas.

Segundo Vieira (1993) pode-se definir uma aula “como um contexto de aprendizagem onde o professor e os alunos se reúnem para uma finalidade comum – a construção de novos saberes”. (p.34)

Durante a reunião, a orientadora de estágio referiu que a primeira colega tinha uma hora para dar as três áreas mas como não organizou bem o tempo não deu tudo o que tinha planificado da aula de Conhecimento do Mundo e apenas iniciou a aula do Domínio da Matemática. Para justificar estes aspetos negativos, existem duas principais situações a salientar: demorou muito tempo a entregar as propostas de trabalho e esteve muito tempo com o grupo de crianças na Cartilha. Outro aspeto que foi referido foi que esta explicou as partes que constituem a planta através de uma imagem que levou, em vez de utilizar a planta que levou, a laranjeira.

Em relação à aula no Bibe Encarnado foi referido que esta foi carinhosa com as crianças, realizou situações problemáticas adequadas à faixa etária e utilizou outro material, palhinhas, para ajudar as crianças a calcular sempre que foi necessário.

Dia 25 de janeiro de 2011

Após o acolhimento, a Educadora distribuiu por cada mesa o material Cuisenaire. Com este material abordou vários conteúdos, tais como: associou as cores

das peças aos valores, fez a escada por ordem crescente, fez o “Jogo dos Comboios” e ainda situações problemáticas.

De seguida dirigiram-se para a aula de Educação pelo Movimento. Quando regressaram a Educadora leu uma história de um livro que uma das meninas tinha trazido para a escola.

Antes de se dirigirem para a cantina, os dois bibes encarnados sentaram-se na sala da Educadora Maria Inês e estiveram a ouvir e a cantar algumas músicas, nomeadamente “A minhoca” e o “Autocarro”.

Inferências / Fundamentação Teórica

A meu pedido e da minha colega de estágio, a Educadora mostrou-nos como se pode utilizar o material Cuisenaire com as crianças desta faixa etária, de modo a desenvolver vários conceitos matemáticos.

É um material bastante apelativo e, a partir do qual, se pode sem dúvida trabalhar variadíssimas coisas, tais como: decomposição de números, compreensão da noção de número, resolução de situações problemáticas entre outros.

Henriques (2002) afirma que a “decomposição desempenha um papel fundamental na própria construção de quantidade”, “(...) é fundamental encontrar, de forma exaustiva, as diferentes formas possíveis de decompor uma determinada quantidade em duas partes (mais tarde em três ou quatro partes)”. (p.142)

Durante esta atividade, notou-se alguma indisciplina em alguns momentos, havendo crianças que não estavam sentadas, trabalhando em pé; estiveram sempre a mexer no monte de peças que estavam no centro da mesa e houve crianças que não realizaram sempre os exercícios propostos.

Perante esta situação, creio que teria sido mais apropriado a Educadora tê-los chamado à atenção de modo a que trabalhassem sentados, parando de mexer nas peças e, caso a estratégia não surtisse efeito, seriam retiradas as peças às crianças e estas afastadas da mesa durante alguns minutos.

Neste dia, a meio da manhã, tiveram Educação pelo Movimento. Apesar de não ter assistido a tal, considero que é uma atividade que permite o desenvolvimento da mente e do corpo simultaneamente, podendo ser claramente considerados como momentos de descontração e de divertimento.

Na leitura de histórias, a Educadora era sempre muito expressiva e utilizava inflexões de voz. Na minha opinião considero que é uma pessoa com grande facilidade em contar histórias, tornando-se extremamente cativante.

Dia 28 de janeiro de 2011

Assim que terminou o acolhimento, fui informada de que ia ter aula surpresa e o que me foi pedido foi que fizesse duas construções com o 4.º Dom de Froebel e algumas situações problemáticas.

Após a minha aula e antes da reunião, ficámos na sala e a Educadora contou-lhes uma história sobre a galinha apenas através de imagens.

Inferências / Fundamentação Teórica

Na minha aula surpresa realizei a construção do banco do jardim, a ponte e realizei situações problemáticas.

Não realizei corretamente a construção da ponte (Figura 20), mas a orientadora de estágio, durante a aula, chamou-me à atenção de que não estava a fazer de forma acertada, tendo tido a oportunidade de corrigir este erro posteriormente.

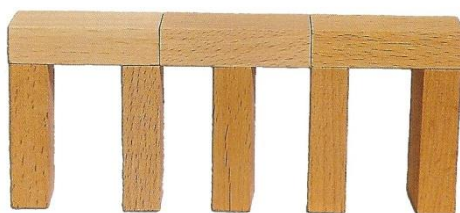


Figura 20 – Ponte com o 4.º Dom de Froebel

Na reunião foi referido como aspetos negativos, que na minha aula não tinha sorrido, o que se deveu ao nervosismo do momento, algo que tenho de aprender a controlar de forma a não prejudicar a minha prestação. Indicaram ainda que as situações problemáticas propostas foram demasiado fáceis e o facto de me ter enganado na construção. Como positivos, foi-me referido que não fiquei nervosa quando me chamaram à atenção do meu erro e contei uma história ao longo da construção, apelando à imaginação das crianças.

A história da galinha que a Educadora contou era sobre o ciclo de vida deste animal. Segundo Bastos (1999):

a propósito da figura animal, tem sido apontada a importância que o tema animal assume na vida da criança. Tantos pedagogos como psicólogos estão de acordo ao considerarem que a criança encontra no animal o parceiro do jogo e a personagem fantasmática sobre a qual são projectados alguns desejos e pulsões essenciais. (p.71)

Durante a história contada pela Educadora, as crianças estavam muito atentas e curiosas, pois era um livro, apenas com imagens, ao longo do qual a Educadora ia contando o que ia acontecendo.

Dia 31 de janeiro de 2011

Neste dia, novamente na parte da manhã, a Educadora esteve a conversar com a turma, pedindo que recontassem o que fizeram no fim-de-semana.

De seguida, a Educadora distribuiu por cada aluno um saco com o material Tangram (Figura 21).

Deu início à aula contando uma história, com o espelho, que tinha a forma de um quadrado. Este tinha caído ao chão e partiu-se, havendo o objetivo de que eles a ajudarem a reconstruir o espelho. Deixou-os fazer sozinhos, tendo depois ajudado na construção. De seguida ensinou-lhes a fazer o gato com este material (Figura 22).

Depois do recreio, as crianças foram para a biblioteca e a Educadora esteve a recordar os animais selvagens e domésticos, tendo de seguida falado um pouco sobre as aves, as suas características e o ninho das mesmas.



Figura 21 – *Tangram*



Figura 22 – *Representação do gato*

Inferências / Fundamentação Teórica

O Tangram é um «puzzle» formado por sete peças: cinco triângulos (dois grandes, um médio e dois pequenos), um quadrado e um paralelograma. Segundo Caldeira (2009), “com este «puzzle» geométrico pode-se obter uma variedade de formas: figuras geométricas, animais, objectos e figuras abstractas”. (p.398)

Na minha opinião, considero que este material desenvolve várias competências nas crianças tais como: o desenvolvimento da imaginação, da concentração, da habilidade, da capacidade de observação, da organização espacial e do raciocínio lógico-matemático, interiorização de várias noções de geometria e a resolução de situações problemáticas.

A maneira como a Educadora trabalhou este material é muito cativante e bastante original na medida em que a aula foi sempre acompanhada por uma história.

Na área de Conhecimento do Mundo a Educadora esteve a relembrar-lhes as características das aves e falou sobre os ninhos que elas fazem. Para que as crianças tivessem uma melhor noção de como eram feitos os ninhos e qual o seu tamanho, a Educadora mostrou-lhes dois exemplos de ninhos, deixando-os tocar nos mesmos. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (1997):

a área do Conhecimento do Mundo enraíza-se na curiosidade natural da criança e no seu desejo de saber e compreender porquê. Curiosidade que é fomentada e alargada na educação pré-escolar através de oportunidades de contactar com novas situações que são simultaneamente ocasiões de descoberta e de exploração ao mundo. (p.79)

A educação em ciências, como sendo uma via de promoção da literacia científica, é um contexto elevado para o desenvolvimento de competências das crianças. De acordo com Martins *et al.* (2007) as competências “não se ensinam por métodos transmissivos, é importante que a criança tenha a oportunidade de experimentar situações diversificadas e estimulantes, que lhe permitam desenvolver essas competências de forma integrada”. (p.97)

A meu ver é sempre mais vantajoso e enriquecedor mostrar-lhes exemplos reais dos conteúdos que queremos abordar.

Dia 1 de fevereiro de 2011

A Educadora iniciou a manhã distribuindo o 4.º Dom de Froebel pela turma e, através de uma história, construiu o cadeirão, as cadeiras e a mesa e por fim a ponte. Ao longo das construções foi realizando algumas situações problemáticas.

De seguida as crianças prepararam-se para a aula de Educação pelo Movimento.

Posteriormente à aula de Educação pelo Movimento, a Educadora levou as crianças para a biblioteca. Aqui esteve a trabalhar os sentimentos através do material representado na figura 23.



Figura 23 – Uma caixa cheia de emoções

Inferências / Fundamentação Teórica

Em relação aos Dons de Froebel os autores Moreira e Oliveira (2003) referem que há a “oportunidade de desenvolver o ensino de padrões, simetrias e construções, bem como o incitamento ao pensamento matemático intuitivo a nível da geometria, do número, da medida, das fracções e da classificação”. (p.34)

Na minha opinião considero que a utilização deste material é bastante importante, pois permite trabalhar diferentes aspetos numa só atividade. As crianças realizam construções de figuras do seu quotidiano, o que permite, de uma forma lúdica, trabalharem as operações aritméticas, como a adição e a subtração.

De acordo com as Metas de Aprendizagem para o Pré-Escolar, ME (2010), “no final da educação pré-escolar, a criança expressa as suas necessidades, emoções e sentimentos de forma adequada”. (Meta Final 3)

Para trabalhar os sentimentos a Educadora distribuiu vários cartões com sentimentos diferentes a todas as crianças e, uma a uma, tiveram de identificar o seu sentimento, mostrar aos colegas e colocar na caixa correspondente (feliz, zangado, com medo e triste). A meu ver é uma atividade que permite às crianças (re)conhecer, nomear e fazer uma distinção entre sentimentos, com base nos sinais corporais. Assim, promove-se o desenvolvimento da sua consciência social.

Dia 4 de fevereiro de 2011

No salão a Educadora sentou-os no chão em “u” e a cada menino foi distribuído um número aleatoriamente. Quando a Educadora dissesse o seu número a criança tinha de se levantar e abrir a enciclopédia na página correspondente ao seu número.

Acabada a atividade, a turma foi para a sala do Bibe Azul. A Educadora esteve a trabalhar com os Calculadores Multibásicos, onde relembrou este material e trabalhou a quantidade.

Após o recreio foram para a aula de Educação pelo Movimento.

Inferências / Fundamentação Teórica

Como a Educadora teve de aguardar que a sala do Bibe Azul ficasse vaga, realizou uma atividade com a turma.

Para além de livros de literatura infantil em prosa e poesia, de acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (1997), “são ainda indispensáveis, na educação pré-escolar outro tipo de livros, como dicionários, enciclopédias, também jornais, revistas, (...)”. (p.70) Com esta atividade a Educadora, para além de lhes dar a conhecer o que é uma enciclopédia, esteve também a trabalhar o número de uma forma lúdica.

Como refere Caldeira (2009), “numa primeira fase a criança deve manusear o material livremente: individualmente ou em grupo. Deve ser ensinado ao aluno que a cada furo corresponde uma cor de peças, o que significa uma ordem numérica”. (p.189) Neste dia foi exatamente o que observámos a Educadora a fazer.

Esta foi a segunda vez que as crianças trabalharam com este material e a Educadora contou uma história para que estas decorassem as cores das peças a que corresponde cada furo, tendo de seguida deixado as crianças manipularem o material livremente.

Dia 7 de fevereiro de 2011

Neste dia dei a minha primeira aula neste bibe. Iniciei com o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. Para iniciar a aula, relembrei as características do livro (a capa, a contracapa e a lombada), tendo sido deveras proveitoso na medida em que muitas das crianças já não se lembravam na íntegra deste conteúdo. O modo como iniciei a aula foi assim descrito pela Educadora como algo de muito positivo na minha aula. De seguida, li a história mas, ao longo da mesma, fui pedindo a participação da turma para adivinharem de que animal se tratava. Para finalizar conversámos sobre os animais referidos na história e as suas características e cantámos uma canção relacionada com animais.

De seguida passei para a área de Conhecimento do Mundo. Nesta área abordei o tema relacionado com os diferentes ambientes onde os animais vivem, dando mais ênfase à classe das aves e dos peixes.

Depois do recreio passei para o Domínio da Matemática onde trabalhei com o 4.º Dom de Froebel. A partir de uma história sobre uma gaivota, pedi para construírem o banco e a ponte e coloquei algumas situações problemáticas.

Terminei a minha manhã de aula com um jogo de mímica.

Inferências / Fundamentação Teórica

A turma mostrou-se muito participativa na realização da atividade do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. De acordo com Lopes (1987, citado por Bastos, 1999), as adivinhas:

fazem parte de uma aprendizagem da vida em comunidade. Intrinsecamente normativas, visto que só admitem uma única resposta, as adivinhas são uma espécie de jogo que desenvolve a perspicácia e a capacidade de adaptação rápida a situações novas, veiculando um saber feito de intuição e de experiências vividas. (p.103)

Coloquei no biombo vários animais e os três diferentes ambientes como está representado nas figuras 24, 25 e 26. O objetivo era que as crianças colocassem os animais nos ambientes corretos.

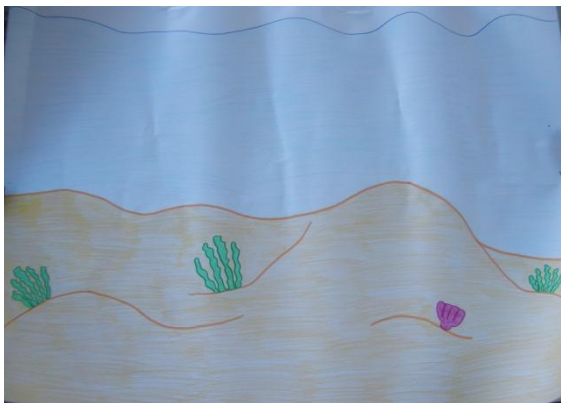


Figura 24 – Meio aquático



Figura 25 – Meio aéreo



Figura 26 – Os dois meios

Para terminar mostrei um peixe e falei sobre as suas características.

O jogo que realizei era um jogo de mímica, onde as crianças tinham de imitar um animal à sua escolha e, posteriormente, a turma tinha de adivinhar de que animal se tratava.

De acordo com Recasens (1989) este tipo de jogos tem como objetivo para as crianças: “integrar a espontaneidade no grupo, desenvolver a imaginação, estimular a pesquisa de movimentos expressivos, identificar a linguagem mímica e ajudar a desinibição pessoal”. (p.48)

Através deste jogo pude observar as capacidades de criação de cada uma das crianças.

Esta foi uma aula que eu gostei bastante de dar, tendo-me sentido bem com os temas e com a turma.

No final da aula a Educadora referiu alguns aspetos, tais como o facto de, ao longo da manhã, ter mudando de espaço físico, criado suspense ao ler a história, trabalhando a imaginação ao longo da aula com o 4.º Dom de Froebel e explicado corretamente como se construía a ponte. Corrigi por fim a construção nos meninos; no entanto, a minha estava mal construída.

Dia 8 de fevereiro de 2011

Na primeira parte da manhã, duas colegas do segundo ano deram as suas aulas. A primeira colega falou sobre o golfinho, perguntando inicialmente o que eram mamíferos. Mostrou alguns peluches como exemplos de mamíferos, mostrando por último um golfinho. Terminou a sua aula falando sobre as características dos mesmos e ofereceu à turma um balão com a forma do animal.

A outra colega iniciou a aula contando uma história sobre o animal escolhido e a seguir falou com a turma sobre o mesmo e suas características. Para terminar, colocou uma música referente a esse mesmo animal.

Na segunda parte da manhã as crianças estiveram na Educação pelo Movimento.

Inferências / Fundamentação Teórica

Após as duas aulas, a Educadora fez um balanço do desempenho das alunas. Tiveram algumas características em comum como por exemplo o facto de ambas terem dado aulas expositivas, onde foram estas sempre a falar, tendo havido conseqüentemente pouco diálogo com a turma. Deve-se ainda indicar que as duas

estavam bastante nervosas mas, apesar dos reparos mencionados, os conteúdos estavam corretos e o material que levaram era diversificado.

De acordo com Ferro (1994) o ensino expositivo “caracteriza-se por um fluxo de informações num só sentido que saiem do formador e se dirigem aos formandos que na maior parte dos casos não passam de ouvintes”. (p.25)

Ao utilizar o método expositivo, não existe a participação das crianças, não há discussão dos assuntos, existe um distanciamento entre o Educador e o aluno e transmite-se uma quantidade de matéria que por vezes é difícil de assimilar.

Dia 11 de fevereiro de 2011

A minha colega de grupo de estágio deu a sua primeira aula neste bibe. Sentou-os em “u” no chão e colou várias imagens na parede.

Iniciou a história sobre a borboleta e ao longo da mesma foi perguntando à turma a que imagem se referia o que tinha acabado de ler e foram organizando as imagens de modo a formar uma sequência correta.

De seguida, fizeram o comboio e foram para a biblioteca onde, através do *Powerpoint*, a colega esteve a falar sobre as fases e as características da borboleta. Para finalizar mostrou um filme.

No Domínio da Matemática utilizou como material o Cuisenaire, trabalhou o sinal de igual e introduziu a peça castanha.

Para terminar a manhã fez o “Jogo da lagarta”.

Inferências / Fundamentação Teórica

Foi referido no final da aula os seguintes aspetos: a colega fez suspense ao longo da história, pediu a participação da turma e realizou inflexões de voz. Segundo Cury (2004), “para contar histórias é necessário exercitar uma voz flutuante, teatralizada, que muda de tom durante a exposição. É preciso produzir gestos e reações capazes de expressar o que as informações lógicas não conseguem”. (p.133)

No Conhecimento do Mundo, esta não corrigiu uma das crianças quando esta disse que o animal em causa era uma ave porque tinha pelo.

Dia 14 de fevereiro de 2011

Na minha segunda manhã de aulas, iniciei contando uma história: *A Flor e a Borboleta*. Ao longo da história fui pedindo a participação da turma.

De seguida fiz o comboio e levei a turma para a biblioteca onde através do *Powerpoint* estive a falar e a mostrar imagens sobre as plantas e as variadas utilidades das mesmas na nossa vida.

Na terceira parte da minha manhã, utilizei como material o Cuisenaire e estive a trabalhar as cores e valores, a “escada” por ordem crescente e o “Jogo dos comboios”.

Para terminar realizei um jogo. Levei a turma para o ginásio e espalhei vários objetos pelo chão. Como característica destes objetos, destaca-se o facto de que alguns deles se obtêm a partir das plantas e outros não.

Inferências / Fundamentação Teórica

Após a minha aula, a Educadora referiu que, ao contrário da aula que dei anteriormente, nesta estava muito parada, pouco dinâmica. O meu *PowerPoint*, para a área de Conhecimento do Mundo, continha bons exemplos.

Relativamente ao Domínio da Matemática foi-me dito que não se podia pedir para descender a “escada” quando esta foi ordenada pelas crianças por ordem crescente. Pois segundo Caldeira (2009) afirma que quando se forma a “escada” pede-se à criança que a “suba” e a “criança deve depois «descer» a «escada», começando na maior até à mais pequena”. (p.131) Assim sendo, não concordo com a crítica que me foi feita.

Dia 15 de fevereiro de 2011

No início da manhã as crianças estiveram a trabalhar com o 4.º Dom de Froebel. A Educadora foi-lhes contando uma história, fez a construção da ponte do banco do jardim, ensinou uma construção nova, nomeadamente o cadeirão e colocou situações problemáticas.

De seguida tiveram aula de Educação pelo Movimento e, antes do almoço, a Educadora e a Educadora do Bibe Amarelo estiveram a contar uma história sobre o fundo do mar.

Inferências / Fundamentação Teórica

Ao longo deste período de estágio, observámos várias vezes a Educadora realizar construções, ao mesmo tempo que contava uma história.

De acordo com Caldeira (2009):

é mais apelativo para a criança estar a ouvir uma história, em que as construções vão surgindo como elementos vivos da mesma e em que os pedidos de cálculo surjam justificados pela necessidade de resolver a situação posta naquele momento e naquela história. (p.255)

O que verifiquei ao longo desta aula foi exatamente o que foi referido pela autora. Ao longo da história, esta foi pedindo às crianças as construções e situações problemáticas de acordo com a história.

Dia 18 de fevereiro de 2011

A minha colega iniciou a sua aula no Domínio da Matemática. Utilizaram o 4.º Dom de Froebel para realizarem a construção das cadeiras e da escada dupla. Ao longo desta aula, a colega foi contando uma história e realizando situações de cálculo. Terminada esta área, passou para Conhecimento do Mundo, falando sobre a constituição das plantas (Figura 27).

De seguida foram para a biblioteca e, através do *Powerpoint*, mostrou o filme, que não era falado, da história: *A maior flor do mundo* de José Saramago e ao mesmo tempo foi contando a história. No final da história esteve a conversar com as crianças sobre a mesma.

Para terminar a manhã realizou o jogo intitulado de “De onde vem o som”.



Figura 27 – Aula sobre a constituição da planta

Inferências

A colega, na aula em que trabalhou com o 4.º Dom de Froebel, realizou as construções e situações de cálculo através de uma história relacionada com o tema

seguinte (constituição das plantas). A colega foi sempre apelando à imaginação das crianças para a ajudarem a contar a história.

Inicialmente, em Conhecimento do Mundo, achei positivo a colega ter relembrado os conteúdos transmitidos na minha aula, fazendo uma pequena revisão sobre as plantas e só depois ter dado início ao conteúdo pretendido. O conteúdo foi dado através da imagem de uma planta, em que lhe faltavam partes, e as crianças tinham de construir até a mesma ficar completa.

Gostei da prestação da colega ao longo da manhã, visto ter sido carinhosa com as crianças não deixando contudo de ter uma postura correta, pois sempre que foi necessário colocar um ar mais sério e repreendeu-as, especialmente nos muitos momentos de barulho e de desassossego verificados.

Este dia marcou o fim do 1.º Semestre na valência do Pré-Escolar, tendo sido sem dúvida um semestre bastante trabalhoso, mas extremamente recompensador, do qual guardo bons momentos.

1.5. Quarta Secção: Semana Intensiva

Período de estágio de 28 de fevereiro de 2011 a 4 de março de 2011

Esta semana intensiva podia ter sido feita em qualquer escola à minha escolha mas optei por fazê-la no Jardim-Escola João de Deus nos Olivais, mais precisamente no Bibe Encarnado, de modo a dar continuidade a esse Bibe e a observar as tarefas e atividades que eram realizadas durante o dia.

Durante esta semana permaneci no Jardim-Escola com as crianças desde das nove horas da manhã até às cinco da tarde, de modo a fazer o mesmo horário que elas, acompanhando o seu dia-a-dia em pleno.

Dia 28 de fevereiro de 2011

Durante a primeira parte da manhã estiveram a falar com a turma sobre o fim-de-semana. De seguida a Educadora esteve a mostrar à turma os trabalhos, feitos em casa, de dois meninos.

Logo após o recreio dirigimo-nos para a sala do 1.º Ano onde a Educadora esteve a trabalhar as cores e os locais das peças dos Calculadores Multibásicos.

Antes do almoço as Educadoras do Bibe Encarnado juntaram as duas turmas, para que uma delas pudesse contar uma história.

Da parte da tarde, após o recreio do almoço, as turmas voltaram a ser agrupadas para que pudessem ouvir uma história contada pelos pais de um menino da turma da Educadora Maria.

Terminada a história, as turmas foram para as respetivas partes do salão onde algumas das crianças estiveram a brincar e outras a terminar trabalhos em atraso. Enquanto isso, eu e a minha colega estivemos a fazer material pedido pela Educadora.

Inferências / Fundamentação Teórica

A Educadora entregou, ao longo de todas as semanas, a uma criança peças de um puzzle, em tamanho grande, para que esta, juntamente com os pais, o enfeitassem a seu gosto, tendo sido estas peças posteriormente expostas na escola.

De acordo com as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (1997), “a família e a instituição de educação pré-escolar são dois contextos sociais que contribuem para a educação da mesma criança; importa por isso, que haja uma relação entre estes dois sistemas”. (p.43)

Assim sendo, é essencial que haja uma boa relação e comunicação entre a escola e a família.

Da parte da tarde, os pais de uma das crianças realizaram uma atividade com as duas turmas. Segundo também as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (1997), “os pais poderão, eventualmente, participar em situações educativas planeadas pelo educador para o grupo, vindo contar uma história, falar da profissão, colaborar em visitas e passeios, etc.”. (p.45)

A atividade desenvolvida consistiu na leitura de uma história. De acordo com Spodek e Saracho (1998), pode ser pedido aos pais para “ler histórias para as crianças, a orientar grupos pedagógicos, ajudar nas rotinas de sala de aula e servir como recursos, usando seus conhecimentos e habilidades especiais para enriquecer o programa. Eles também podem participar como auxiliares de ensino”. (p.170)

Foi uma experiência diferente que as crianças gostaram bastante.

Dia 1 de março de 2011

Assim que terminou o acolhimento, cada criança sentou-se no seu respetivo lugar e deu-se início à aula do Domínio da Matemática. Nesta aula foram distribuídos

por mesa, algarismos móveis e peixes (Figura 28) e com este material trabalharam a ordenação dos números e associaram o número à quantidade.

Após a aula de Educação pelo Movimento e antes da hora do almoço, a Educadora contou uma pequena história aos dois bibes.

Da parte da tarde foi-nos solicitada a ajuda, por parte das duas Educadoras, para adiantar com os meninos a prenda para o dia do pai.



Figura 28 – Algarismos móveis e peixes

Inferências

A prenda para o dia do pai consistia numa moldura, pintada por cada criança. Na parte da tarde estivemos a fazer envelopes com as crianças, envelopes esses utilizados para colocar a prenda.

Inicialmente, dobrámos várias folhas de modo a fazer um envelope e de seguida pedimos, um a um, que carimbasse o seu envelope com os carimbos disponibilizados pelas Educadoras.

Dia 2 de março de 2011

Logo de manhã fomos informadas pela Educadora do outro bibe que a nossa Educadora ia chegar mais tarde. Assim sendo, perguntou-nos se nós ficávamos com a turma ou se queríamos que ela ficasse.

Como nós quisemos ficar, esta informou-nos que teríamos de lhes ensinar uma nova construção – muro (Figura 29) – com o 4.º Dom de Froebel.

Depois do recreio, a Educadora Maria juntou as duas turmas numa das salas do 1.º Ano, trabalhou um pouco do Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e contou uma lengalenga através de uma imagem projetada.

Da parte da tarde, terminámos as prendas para o dia do pai, tendo sido pedido de seguida para fazermos um trabalho com os meninos, em que tínhamos de colar serpentinas e confettis.

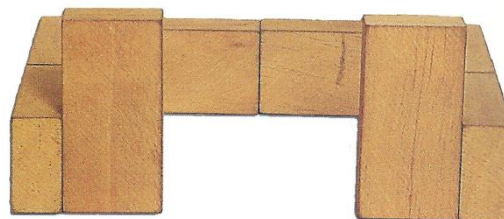


Figura 29 – Muro com o 4.º Dom de Froebel

Inferências

Quando nos foi dada a hipótese de ficarmos encarregues da turma quisemos logo aceitar pois é sempre uma mais-valia para nós estagiárias.

Demos início à aula com uma história, história essa que ia sendo contada por mim e pela minha colega, mas pedindo várias vezes a participação da turma na elaboração da história (exemplo: o que havia no jardim, que objetos haviam no jardim, quantos objetos...).

Ao longo da história, pedimos que fizessem a construção do banco de jardim, do muro e por fim das cadeiras, realizando sempre situações problemáticas.

Foi muito positiva esta experiência, pois estivemos com a turma sozinhas durante a manhã em que as crianças foram participativas e respeitadoras.

Dia 3 de março de 2011

Durante algum tempo da manhã estivemos a arrumar os trabalhos de Expressão Plástica nas respetivas capas. Entretanto foi-nos pedido para irmos assistir à aula programada de uma colega de mestrado no Bibe Azul.

A colega começou por contar uma história: “A raposa e a uva”. De seguida passou para Conhecimento do Mundo, onde falou um pouco sobre a videira e mostrou como se fazia o vinho.

No Domínio da Matemática a colega realizou três construções com o 3.º e 4.º Dons de Froebel. Ao longo das construções, foi contando uma história e realizou situações problemáticas.

Para terminar entregou uma proposta de trabalho e foi com duas crianças à Cartilha.

Terminada a aula fomos para a reunião.

Da parte da tarde estivemos a realizar a mesma atividade com as crianças do dia anterior.

Inferências

A colega não tirou a licenciatura na João de Deus. Assim sendo, esta foi a primeira aula programada que deu.

Após a aula da colega, na reunião, foram mencionados os seguintes aspetos: as Orientadoras e a Educadora acharam que o *Powerpoint* estava muito bom; que o Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita foi muito pequeno pois só durou

sete minutos; não pediu uma única vez a participação das crianças, não tendo pedido ainda que lessem algumas palavras. Por fim, foi salientado que a colega falou apenas para metade da turma.

Na área de Conhecimento do Mundo, referiram que a colega tinha sido expositiva tendo-se enganado quando disse que a videira era uma árvore e não uma trepadeira. As imagens que mostrou do processo do vinho viam-se muito mal.

Na área de Matemática a colega demorou muito tempo a distribuir o material, fez situações problemáticas muito simples e uma das situações que referiu, nomeadamente que a ponte caía, foi considerada incorreta segundo as Orientadoras.

Dia 4 de março de 2011

Este dia foi o dia de Carnaval, como se pode ver na figura 30, em que as crianças estiveram mascaradas e brincaram todo o dia.



Figura 30 – *Dia de Carnaval*

Inferências / Fundamentação Teórica

Este foi o dia em que as crianças puderam realizar as suas fantasias, mascarando-se de algo que gostavam muito.

As crianças, no dia de Carnaval, tentam recriar as personagens que optam por encarnar. A imaginação e a fantasia têm um significado associado ao irreal, a tudo que não se ajusta à realidade. Para Nascimento (2004), “a fantasia é composta por meio de experiências, que não precisam, necessariamente, ter sido vivenciadas pelo próprio sujeito”. (p.16)

Este dia proporciona à criança um mergulho no mundo do faz-de-conta. De acordo com a mesma autora “o faz-de-conta constitui um dispositivo fundamental para

o desenvolvimento humano, sendo considerado uma das formas pelas quais a criança se apropria do mundo”. (p.20)

Ao longo do dia puderam brincar, desfilaram e tiraram fotografias.

No desfile que realizaram houve um júri formado por mim e pelas minhas colegas do Bibe Encarnado. Nós, como júris, avaliámos o melhor fato, o melhor aluno a desfilar e o mais fotogénico.

Nem todas as crianças se sentiram à vontade a desfilar, no entanto foi uma atividade muito gira e apropriada à ocasião.

1.6. Quinta Secção: 1.º Ano

Período de estágio de 14 de março de 2011 a 13 de maio de 2011

1.6.1. Caracterização da Turma

A turma do 1.º Ano era composta por vinte e nove crianças, doze do sexo feminino e dezassete do sexo masculino. As crianças tinham entre os seis e os sete anos de idade.

Este grupo de crianças estava bem integrado na dinâmica Jardim-Escola e demonstrava motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

1.6.2. Caracterização do Espaço

Na sala do 1.º Ano, logo à entrada, encontrava-se uma estante com os dossiês, livros, materiais manipuláveis; dois móveis com gavetas, que estavam devidamente identificadas, onde guardavam os lápis de cor, canetas, colas, tesouras, etc.

Cada criança tinha uma mesa, estando juntos dois a dois, maioritariamente, dispostos por quatro filas de frente para os dois quadros e para a mesa da professora.

Perto das janelas havia uma zona com brinquedos que estavam ao dispor das crianças.

1.6.3. Rotina

As rotinas observadas neste bibe foram as seguintes:

- **Acolhimento**

As crianças das 8 horas até as 9 horas encontravam-se no ginásio a brincar, a fazer jogos ou apenas a conversar e a partir das 9 horas vão para as suas respetivas salas trabalhar.

- **Higiene**

Os momentos de higiene são os mesmos do pré-escolar com a diferença que, no 1.º Ciclo, as crianças já não precisam de ser tão vigiados. Nesta altura as crianças já adquiriram essa rotina apesar de, às vezes, não ser concretizada da melhor forma, nem sempre as crianças lavam as mãos, por exemplo.

- **Recreios**

Estes momentos são os mesmos que no Pré-Escolar.

- **Refeições**

A hora do almoço muda no 1.º Ciclo. Em vez de irem almoçar a partir do meio-dia, foram a partir das 13 horas, na cantina.

- **Atividades curriculares não disciplinares**

Inglês – Esta área curricular não disciplinar é lecionada por um professor especializado na mesma.

É muito importante a aprendizagem desta língua, pois é considerada uma língua universal, daí a importância de a saber escrever e falar.

Em seguida apresento o horário da turma. (Quadro 9)

Quadro 9 – Horário do 1.º Ano

1.º Ano					
Horas	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª
9h – 10h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
10h – 11h	Língua Portuguesa	Língua Portuguesa	Língua Portuguesa	Matemática	Matemática
Recreio					
11h30 – 12h	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
12h – 12h50	Matemática	Estudo do Meio	Educação Física	Língua Portuguesa	Matemática
13h – 14h30	Almoço e Recreio				
14h30 – 15h20	Inglês	Matemática	Exp. Plást. (14h30 – 15h45)	Estudo do Meio	Estudo do Meio
15h20 – 16h10	Estudo Acompanhado	Computad.	Área Projeto	Música	Formação Cívica
16h10 – 17h	Estudo do Meio	Jogos de Matemática	Estudo do Meio	Biblioteca	Assembleia de Turma
Saída					

1.6.4. Relatos Diários

Dia 14 de março de 2011

Quando chegámos à sala da Professora, esta estava a distribuir as capas e folhas em branco a cada criança. De seguida, escreveu exercícios de Língua Portuguesa no quadro para resolverem. Enquanto estes faziam os exercícios, a Professora pediu-nos que fôssemos, mesa a mesa, ajudar a ler o texto marcado para ler neste dia e ajudá-los nas dúvidas que tinham.

Na segunda parte da manhã estiveram a trabalhar com os Calculadores Multibásicos, realizaram o jogo das bases, situações problemáticas (soma, subtração, multiplicação e divisão), fazendo ainda a leitura de números e a decomposição de números.

Inferências / Fundamentação Teórica

A Professora, logo no primeiro dia, falou um pouco connosco e deixou-nos bastante à vontade para tirarmos dúvidas sempre que as mesmas surgissem.

Mais tarde foi solicitada a nossa ajuda para corrigirmos as folhas de exercícios que a turma estava a resolver. Esta correção, sem dúvida, foi importante, uma vez que nos permitiu não só aperfeiçoar a capacidade de avaliar como ainda identificar qual o tipo de erros mais comuns.

Na segunda parte da manhã trabalharam com um material manipulável, os Calculadores Multibásicos.

Segundo Matos e Serrazina (1996a), “os materiais manipuláveis são objectos ou coisas que o aluno é capaz de sentir, tocar, manipular e movimentar”. (p.193)

O jogo das bases consiste em determinar a base mínima possível em que se pode jogar. Olha-se então para a torre mais alta e acrescenta-se um mentalmente.

De acordo com Palhares *et al.* (2004, citado por Caldeira, 2009), “base dum sistema de numeração é o número de unidades de uma certa ordem com as quais se forma uma unidade de ordem imediatamente superior”. (p.201)

Trabalhar com materiais manipuláveis torna-se vantajoso para as crianças, pois motiva-as para a aprendizagem através de um contato direto.

Dia 15 de março de 2011

Logo que as crianças se sentaram nas mesas, eu e a minha colega fomos ler os textos com eles, textos esses que estavam agendados para este dia.

De seguida realizaram a cópia do texto entregue, tendo depois feito um ditado mágico e perguntas de interpretação sobre esse mesmo texto.

Na última parte da manhã fomos assistir à leitura de histórias escritas pela autora Maria Carolina Pereira Rosa, onde esta também falou um pouco sobre a sua vida.

Inferências / Fundamentação Teórica

Durante uma parte da manhã estivemos, um a um, a ler variados textos com as crianças, consoante fossem mais ou menos adiantados. Estes textos, segundo Alarcão (1995), “são seleccionados e dispostos ou por núcleos temáticos que pressupõem (ou deviam pressupor), por sua vez, a consideração dos centros de

interesse dos alunos, ou aparecem para cumprir determinados conteúdos programáticos”. (p.39)

Ao longo deste período de estágio foi algo que fizemos, senão todas, quase todas as manhãs. Esta atividade é uma estratégia pedagógica, que tem como objetivo trabalhar a identificação das palavras escritas, permitir que ganhem maior velocidade na leitura, expressividade e melhor compreensão da leitura.

De acordo com Sim-Sim (2007) o grande objetivo do ensino da compreensão da leitura é:

o desenvolvimento da capacidade para ler um texto fluentemente, o que implica precisão, rapidez e expressividade na leitura. A rapidez de leitura envolve o reconhecimento instantâneo de palavras, libertando a atenção e a memória para a recuperação do significado da frase (e do texto) e permitindo o treino da leitura expressiva. (p.11)

Com um treino diário a criança torna-se um leitor fluente, reconhece as palavras automaticamente e, sem esforço, agrupa-as, conseguindo rapidamente aceder ao significado das frases e expressões do texto.

O ditado mágico é uma técnica utilizada de modo a que a criança visualize e memorize as palavras associadas ao conteúdo a trabalhar.

Com o ditado mágico realiza-se o que é aconselhado para o Programa do 1.º Ano do Ensino Básico da Organização Curricular e Programas do Ministério da Educação (ME, 2004), “experimentar múltiplas situações de descoberta, de análise e de síntese, a partir de textos, de frases, de palavras”. (p.148)

Neste dia a autora falou sobre os seus livros e sobre a sua vida.

Segundo Abreu, Sequeira e Escoval (1990) deve-se “solicitar a presença de autores e de ilustradores de livros para que as crianças possam conhecê-los, entrevistá-los e discutir as obras com elas”. (p.59)

A autora realizou também algumas atividades como se pode visualizar na imagem seguinte, figura 31.



Figura 31 – *Escritora Maria Carolina Pereira Rosa*

Dia 18 de março de 2011

Primeiramente estivemos a ler os textos com as crianças.

De seguida foram-lhes escritos alguns exercícios de Matemática, no quadro, para resolverem e enquanto estiveram a fazer isso, nós estagiárias, estivemos a recortar um desenho de um sapato para a Professora.

Após a maior parte da turma ter terminado de resolver os exercícios, foram-lhes entregues os sapatos, tendo também pintado e escrito palavras ditadas pela Professora (ditado de palavras).

Depois do recreio, as crianças foram ver uma peça de teatro no ginásio sobre o tema: *Alimentação Saudável*.

Terminado o teatro, as crianças regressaram à sala e estiveram a terminar o que tinham em atraso.

Inferências / Fundamentação Teórica

Foi ideia da Professora realizarem o ditado de palavras num papel em forma de sapato. Este “sapato” ficou muito giro, tendo inclusivamente a Professora colocado o pormenor dos atacadores. No interior encontravam-se as palavras ditadas por esta.

O ditado realizado, assim todos os outros ditados realizados ao longo do ano letivo, são de grande necessidade, pois para aprenderem a ler e a escrever, as crianças têm de ser capazes de ouvir e de distinguir os diferentes sons das palavras e de os relacionar com as letras e os grupos de letras.

Segundo Bastos (1999) quando se leva os alunos a assistir a uma peça de teatro, o Professor deve optar “por uma representação que tenha estreita relação com a prática curricular”. (p.236) A peça a que foram assistir foi exatamente sobre um tema que é bastante abordado na escola e que é bastante importante nos dias que correm.

Ao assistirem a estas peças obtêm mais informação, motivação e a possibilidade de escolha para melhorarem o seu comportamento alimentar.

Assim este tipo de peças tem como objetivos: criar atitudes positivas face aos alimentos e à alimentação; encorajar a aceitação da necessidade de uma alimentação saudável e diversificada; promover a compreensão da relação entre a alimentação e a saúde; promover o desenvolvimento de hábitos alimentares saudáveis.

Dia 21 de março de 2011

Reunião de Prática Pedagógica na ESE João de Deus.

Inferências

Neste dia foram-nos entregue pelas Orientadoras de Estágio as Grelhas de Avaliação do Estágio Profissional referentes à 3.ª Secção.

Dia 22 de março de 2011

Durante a primeira meia hora da manhã estiveram a passar do quadro exercícios de Língua Portuguesa, trabalharam o plural das palavras e os nomes coletivos e, entretanto, eu e a minha colega estivemos a ler os textos com as crianças.

De seguida a Diretora esteve a fazer uma avaliação à Professora da turma, onde esta trabalhou com o material Cuisenaire.

Depois do recreio as crianças estiveram a terminar os trabalhos em atraso.

Inferências / Fundamentação Teórica

Na primeira parte da manhã, a Professora esteve a trabalhar com a turma conteúdos gramaticais. O termo gramática é definido pela autora Duarte (2008) como “o estudo do conhecimento intuitivo da língua que têm os falantes de uma dada comunidade como os princípios e regras que regulam o uso oral e escrito desse conhecimento”. (p.17)

Durante a avaliação pude observar uma aula diferente com o material Cuisenaire. A Professora não trabalhou apenas com as peças (como foi sempre a maneira que observei de se trabalhar), mas igualmente elaborou uma proposta de trabalho.

A proposta de trabalho continha situações problemáticas e um texto com espaços em branco (do tamanho das peças) onde as crianças tinham de colocar as peças em cima, experimentando, de modo a descobrirem a idade das personagens do texto.

Verifiquei que foi uma atividade que a turma gostou de realizar devido à estratégia utilizada ter sido diferente da habitual.

Dia 25 de março de 2011

Na primeira parte da manhã, as crianças estiveram a passar e a resolver alguns exercícios de Matemática, que foram escritos no quadro, e enquanto o faziam eu e a minha colega estivemos a ler os textos com as crianças.

De seguida trabalharam as linhas (segmentos de reta, semirreta...) com o Geoplano, tendo acabado de trabalhar com este material. Posteriormente desenharam num papel pontado as linhas que tinham feito.

Na segunda parte da manhã foi-lhes entregue uma proposta de trabalho de Língua Portuguesa para fazerem e, quem terminasse, podia ir brincar para o pátio até à hora do almoço.

Inferências / Fundamentação Teórica

Pude verificar neste dia que as crianças se dirigiram ordenadamente para as suas respetivas gavetas para ir buscar o material que necessitavam. Segundo Abreu, Sequeira e Escoval (1990), “as crianças devem ser habituadas a gerir e a cuidar dos seus materiais e dos seus próprios espaços físicos”. (p.41)

Durante uma parte da manhã estiveram a trabalhar as linhas.

O Geoplano, segundo Matos e Serrazina (1996b) parece “ser um bom instrumento para uma discussão sobre segmentos de recta paralelos e não paralelos” (p.32)

As atividades realizadas com o Geoplano e o papel pontado fazem parte das atividades que podem ser desenvolvidas com estes materiais. Segundo Caldeira (2009) os alunos podem “ser estimulados a registar os «desenhos» no papel pontado; desenvolver a actividade de copiar figuras que outros desenharam; utilizar vocabulário específico (perceber que a linha recta entre pontos se chama lado e que as figuras que se representam são polígonos)”. (p.411)

Conclui-se assim que o Geoplano e o papel pontado desenvolvem um papel fulcral quando pretendemos introduzir conteúdos relacionados com o tema: linhas.

Dia 28 de março de 2011

Iniciaram a aula com a realização de alguns exercícios de Matemática que foram escritos no quadro e, tal como todos os dias, estivemos a ajudar as crianças a lerem os textos do livro.

De seguida, e até à hora do recreio, estiveram a fazer a prova de Língua Portuguesa.

Depois do recreio, e até ao final da aula, utilizaram os Calculadores Papy para trabalhar a representação dos números pedidos pela Professora e realizaram um jogo que consistia em formar grupos, representar um número no material e cada grupo

tinha de descobrir o número representado, escrevê-lo num papel e entregar à Professora.

Inferências / Fundamentação Teórica

Neste dia pude observar a realização da prova de avaliação. Este tipo de avaliação ocorre no final de cada período letivo, de cada ano letivo e de cada ciclo. De acordo com o Despacho Normativo 1/2005, este tipo de avaliação “consiste na formulação de um juízo globalizante sobre o desenvolvimento das aprendizagens do aluno e das competências definidas para cada disciplina e área curricular”. (art.º 24)

As cores originais da Calculadora Papy correspondem às peças do material Cuisenaire (1 – peça branca, 2 – peça encarnada, 4 – peça rosa e 8 – peça castanha). As calculadoras utilizadas nos Jardins-Escola têm as seguintes cores: 1 – cor branca, 2 – cor azul, 4 – cor rosa e 8 – cor verde.

Através deste material, de acordo com Caldeira (2009) a criança:

aprende a seleccionar, decidir, descobrir regularidades e a utilizar diferentes modos de chegar à resolução de um problema; realiza a compreensão dos números e da numeração; reconhece a compreensão do sentido do número e das operações; efectua o cálculo com números realizando operações; desenvolve o cálculo e resolve situações problemáticas. (p.347)

O jogo que realizaram de seguida, a trabalharem com o material, foi um jogo bastante interessante, pois foi uma atividade divertida e descontraída para eles, mas também didática. Quando a Professora colocou no quadro os números de todos os grupos, observei que a grande maioria errou, tendo havido apenas dois grupos a acertar.

Dia 29 de março de 2011

Eu e a minha colega tínhamos programado para este dia uma aula sobre a Constituição da Planta. Iniciámo-la com a leitura e visionamento de uma história de José Saramago, *A maior flor do mundo*. De seguida falámos sobre cada parte que constitui a planta (Figura 32), mostrámos várias imagens, cada



Figura 32 – Aula sobre a constituição da planta

criança plantou uma semente de feijão e explicámos os cuidados a ter com a mesma.

Depois do recreio, a Professora pediu à outra colega que fizesse um ditado com a turma, enquanto esta ia falar connosco sobre a nossa prestação.

Antes de irem almoçar estivemos a corrigir os ditados e a recortar material.

Inferências / Fundamentação Teórica

Iniciámos a nossa aula em conjunto, com a leitura em voz alta do livro, ao mesmo tempo que iam passando as imagens da história.

A Professora referiu que utilizámos um bom-tom de voz na nossa leitura e que fomos expressivas.

A leitura em voz alta tem como objetivo sensibilizar e desenvolver a imaginação e a comunicação dos alunos. É importante, segundo Veloso (2001): “desenvolver a expressão e a comunicação através de linguagens múltiplas como meios de relação, de informação, de sensibilização estética e de compreensão do mundo”. (p.22)

Esta leitura em voz alta pode ajudar a desenvolver nos alunos o gosto pela literatura.

Terminada a leitura, através do *Powerpoint*, falámos e mostrámos imagens referentes às várias partes que constituem a planta.

O Estudo do Meio é uma área, de acordo com a Organização Curricular e Programas, ME (2004), em que os alunos “irão aprofundar o seu conhecimento da Natureza e da Sociedade” em que cabe aos professores “proporcionar-lhes os instrumentos e as técnicas necessárias para que eles possam construir o seu próprio saber de forma sistematizada”. (p.102)

De acordo com o ME (2004) acima referido, para o programa do 1º Ano deve-se “criar animais e cultivar plantas na sala de aula ou no recinto da escola e reconhecer alguns cuidados a ter com as plantas e os animais”. (p.115)

As crianças mostraram um grande interesse nesta aula, estas estavam muito concentradas, curiosas e muito participativas.

Dia 1 de abril de 2011

Durante algum tempo da manhã, estiveram a realizar exercícios de Matemática, que foram escritos no quadro.

De seguida a colega deu início à sua aula, com a leitura de um texto: “Uma tarde diferente”. Falou um pouco sobre a história e depois pediu às crianças que

fizessem, nas suas mesas, a banda desenhada desta história com as imagens e as legendas que lhes foram entregues. Entretanto, a aula foi interrompida por uma das Orientadoras de Estágio para fazer uma aula surpresa à colega que consistia em trabalhar a Cartilha. Acabada a aula surpresa, fomos para a reunião e depois a colega retomou a sua manhã, terminando a banda desenhada.

Quando terminou a área de Língua Portuguesa iniciou o conteúdo que tinha programado para Matemática (ângulos).

Inferências

A manhã da colega não foi concluída. Tal deveu-se ao facto de que a colega na primeira área ter demorado demasiado tempo.

A aula acabou por ser confusa para as crianças, não houve regras nem explicações para realizar a atividade, a colega não explicou para que serviam os “balões”, não os orientou corretamente ao longo da atividade e durante a sua aula interrompeu para perguntar à Professora se o que estava a dizer estava correto, nomeadamente se o texto em causa era realmente um texto em prosa. Entretanto a colega foi interrompida e, na aula surpresa, apesar de se mostrar nervosa e pouco confiante, fez o que foi pedido pela orientadora e ajudou sempre que necessário as crianças, quando estas cometiam erros a escrever as palavras.

Quando regressámos da reunião, a colega terminou a área de Língua Portuguesa, mas como só lhe restavam vinte e cinco minutos para dar as outras duas áreas, optou por dar apenas o conteúdo que tinha programado para Matemática.

Durante a aula de Matemática a colega não conseguiu lecionar o conteúdo, baralhando-se e não dando o conteúdo corretamente. Assim sendo a aula acabou por ser interrompida pela Professora e dada por esta.

Dia 4 de abril de 2011

Durante alguns minutos, estivemos a ler os textos com as crianças e posteriormente a colega deu início à sua aula programada, com a leitura de uma história sobre a borboleta.

De seguida relembrou algumas palavras mais difíceis que havia na história e pediu a algumas crianças que fossem escrevendo essas palavras no quadro. Com estas palavras, trabalhou o plural/singular, divisão silábica, entre outros temas.

Em Estudo do Meio colocou no quadro imagens das várias fases da borboleta e a sua legenda e de seguida explicou essas quatro fases, terminando com o visionamento de um filme que ilustrava essas mesmas fases.

Na área de Matemática, utilizou o Cuisenaire e trabalhou as frações.

De seguida fomos para a reunião.

Inferências / Fundamentação Teórica

A finalidade das reuniões com as Orientadoras de Estágio após as aulas, segundo Alarcão e Tavares (1987), servem para a estagiária:

reflectir sobre o seu «eu» de professor e sobre o que se passou na sua interacção com os alunos para alterar, se necessário, um ou outro aspecto que não esteja em consonância com a sua função de agente de desenvolvimento e de aprendizagem. (p.119)

Após a observação da aula da colega, na reunião, foram ditos pela orientadora alguns aspetos a salientar, nomeadamente que esta não tinha realizado o acolhimento de duas crianças, no entanto foi sempre apelando de forma correta aos conhecimentos que tinham sobre os temas. Realçou-se ainda que a colega interligou a área de Estudo do Meio com a de Língua Portuguesa, tendo havido algumas falhas na construção das frases. Por fim, foi referido que o filme feito pela colega sobre a borboleta, estava muito bem feito e bem explicado.

Dia 5 de abril de 2011

Durante esta manhã, dei a minha primeira aula neste ano. Dei início à manhã com a leitura de um texto: “A Dóris é mesmo muito tímida!”, projetando as imagens através de um *data show*. De seguida fiz algumas questões sobre o texto e introduzi o tema relativo aos tipos de frase, nomeadamente o interrogativo e exclamativo, terminando com uma proposta de trabalho.

Na segunda parte da manhã falei sobre os répteis e as suas características gerais, através de um livro em tamanho grande. Entreguei ainda uma proposta de trabalho.

Na última parte da manhã trabalhei a leitura de números e a adição com os Calculadores Multibásicos (Figura 33).



Figura 33 – Aula com os Calculadores Multibásicos

Inferências / Fundamentação Teórica

Para a aula de Estudo do Meio optei por levar um livro grande feito por mim. Segundo Siraj-Blatchford (2004) o professor deve fazer “livros, com e para as crianças, baseados nos interesses delas ou num tema que esteja a ser tratado na aula”. (p.49)

Fiz o livro de modo a ser uma aula com materiais diferentes e para poder abordar os assuntos que pretendia dar a conhecer nesta aula. De acordo com Spodek e Saracho designam estes livros como livros que se caracterizam como sendo “versões em tamanho grande de livros infantis que variam em tamanho e em formato”. (p.248)

No final da minha manhã foi-me referido pela Professora e colegas de estágio que, na primeira área, não expliquei bem os conteúdos pretendidos (os tipos de frase). A Estudo do Meio excedi-me no tempo e quando uma das crianças me perguntou se existiam cobras de água, a minha resposta foi que não existiam, informação essa incorreta. Na Matemática, a Professora disse que tinha de ser mais rigorosa. Se as crianças se estavam a comportar mal, retirava o material e não trabalhavam mais. Referiu também que não realizei tudo o que tinha proposto no meu plano. Faltou trabalhar a subtração com empréstimo.

Dia 8 de abril de 2011

Na primeira parte da manhã estivemos a ler os textos com a turma. De seguida uma das Orientadoras realizou uma aula surpresa à colega de licenciatura que consistiu em trabalhar a subtração com o material Cuisenaire. Logo de seguida fomos para a reunião.

Na segunda parte da manhã, a Professora utilizou o 5.º Dom de Froebel (Figura 34) para trabalhar o cubo, as figuras geométricas, as diferenças entre os vários sólidos e realizarem a construção da casa.

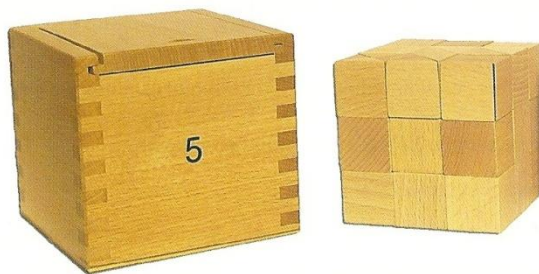


Figura 34 – 5.º Dom de Froebel

Inferências

Relativamente à aula da colega, esta trabalhou vários conteúdos como: a cor e o valor das peças, o dobro, o triplo, a dezena e realizou situações problemáticas acessíveis. Como aspetos menos positivos, tenho a referir que a colega dava a resposta às questões colocadas às crianças, isto quando as mesmas não sabiam responder corretamente, situação que não me parece de todo correta. Ao invés, a colega devia apenas ajudar as crianças a chegar à resposta certa. É importante referir que outro dos aspetos menos positivos foi a representação das peças que a colega fez no quadro, onde estas eram demasiado pequenas, o que acabava por suscitar algumas dúvidas às crianças no que era pedido.

Durante a aula dada pela Professora com o 5.º Dom de Froebel pude observar que algumas crianças tinham ainda dificuldade em manusear o material, principalmente as peças mais pequenas (os meios e os quartos).

Dia 11 de abril de 2011

Durante este dia, como fazia parte da semana de *roullemant*, a Diretora do Jardim-Escola pediu que nós, estagiários do mestrado, organizássemos atividades para fazer com as crianças durante esta semana.

No início da manhã estivemos a preparar o material para as atividades e o resto da manhã estivemos todos a realizá-las com as crianças, sendo que na minha atividade as crianças, de olhos vendados, tinham de colocar o rabo do burro (Figura 35), no local correto.



Figura 35 – Atividade

Inferências / Fundamentação Teórica

Durante esta semana, as crianças brincaram, jogaram e realizaram variadíssimas atividades, tendo sido algumas dessas atividades realizadas por nós estagiários.

Brincar também é deveras importante para o desenvolvimento da criança, pois segundo Cordeiro (2009), “é a brincar que facilitará a aquisição de conhecimentos, o equilíbrio de tensões e a catarse de emoções e sentimentos difíceis”. (p.329)

Dia 12 de abril de 2011

Neste dia iniciámos logo as mesmas atividades com as crianças e no final da manhã parámos e apresentámos ao Pré-Escolar uma peça de teatro: *A Rainha das Cores*.

Inferências / Fundamentação Teórica

Esta peça de teatro foi escolhida e dirigida por um dos colegas.

A criança ao assistir a uma peça de teatro, segundo Cordeiro (2009):

desenvolve a imaginação e a percepção estética; desenvolve um espírito crítico e analítico; estimula a capacidade de trabalhar com outros, em equipa; aumenta e facilita o poder de comunicação; liberta as emoções e ajuda a gerir o stresse e os sentimentos; permite um melhor conhecimento de si próprio; é uma actividade lúdica e recreativa e pode desvendar talentos relativos à actividade teatral futuro. (p.425)

Penso que para o Pré-Escolar esta peça tenha sido um pouco complexa, uma vez que as crianças estavam de tal modo confusas e sem compreender o que estava a acontecer, que estavam todas em silêncio e muito concentradas na história.

Dia 15 de abril de 2011

Neste dia fiquei encarregue de levar as duas turmas do Bibe Amarelo para as atividades.

Dia 2 de maio de 2011

Neste dia dei a minha segunda manhã de aulas. Iniciei com a área de Língua Portuguesa em que os sessenta minutos de aula foram ocupados com a leitura de pequenos textos sobre cada letra do alfabeto do livro: *O alfabeto trapalhão*. Ao longo da leitura destes textos, fui fazendo paragens e pedi que construíssem palavras que ia dizendo com as letras móveis (Figura 36) e, de seguida, solicitei que me dissessem a sílaba forte de cada palavra e o porquê da escolha.

De seguida falei sobre os movimentos da Terra em Estudo do Meio. Iniciei falando do Sistema Solar e depois passei para a explicação dos movimentos de rotação e translação, com o auxílio de filmes. Por fim, terminei com uma proposta de trabalho.

Na última parte da manhã falei sobre as horas, o ponteiro dos minutos e das horas, quantas horas tinha o dia e a utilidade das horas no nosso quotidiano, tudo através de um *PowerPoint* e de um relógio em tamanho grande. Por fim entreguei uma proposta de trabalho.



Figura 36 – Letras móveis

Inferências / Fundamentação Teórica

Esta foi uma aula que gostei bastante de dar pois senti-me bem com as crianças e gostei dos temas que tinha para lecionar.

Em Língua Portuguesa o conteúdo a lecionar era a sílaba forte e um dos aspetos que me foi apontado pela Professora foi que esta achou que eu podia ter explorado melhor qual o verdadeiro significado da sílaba forte. Contudo, não deixou de me congratular pela minha aula, da qual tinha gostado bastante.

A Estudo do Meio expliquei os conteúdos de uma forma simples e conciso, do modo como a Professora pretendia, contudo poderia ter utilizado as crianças para demonstrar os movimentos da terra.

Na área de Matemática, de acordo com as Metas de Aprendizagem para o 1.º Ciclo, ME (2010), a criança deve “compreender as noções de tempo e de intervalo de tempo e comparar a duração de acontecimentos”.

A Professora salientou que nas horas relativas ao período da tarde se diz: treze, catorze, quinze (...) horas e na oralidade é que dizemos uma, duas, três (...) horas. Devia ter referido ainda quantos segundos tem um minuto e quantos minutos tem uma hora.

Dia 3 de maio de 2011

A colega deu início à sua aula com o conteúdo família de palavras. Esteve a explicar à turma este conteúdo, realizando alguns exercícios para melhor compreensão. Para finalizar esta área, entregou uma proposta de trabalho.

De seguida deu a conhecer as características, a importância e os cuidados a ter com o sol e fez ainda uma revisão dos movimentos da terra: rotação e translação e entregou uma proposta de trabalho.

Para finalizar utilizou os Calculadores Multibásicos e trabalhou a leitura de números, o conceito de dúzia e meia dúzia, o algarismo de valor relativo e absoluto e realizou algumas situações problemáticas (adição).

Inferências / Fundamentação Teórica

A atividade trabalhada pela colega, a família de palavras, é uma atividade que promove e desenvolve a consciência lexical, um fator determinante da escrita. Segundo Duarte (2008), “um fator que desempenha um papel importante na aprendizagem da leitura e no desenvolvimento da competência da escrita é o capital lexical da criança” (p.35)

Nesta atividade surgiu por parte das crianças uma dúvida com a palavra chuva, onde as crianças erradamente referiam que desta família faziam parte igualmente as palavras chuchar e choque, o que não estava de todo correto. A colega, ao se aperceber da situação, corrigiu as crianças e voltou a explicar a palavra primitiva.

Relativamente a Matemática, esta abordou vários conteúdos sendo que alguns deles são referidos no programa do 1.º Ano, a Organização Curricular e Programas, ME (2004) refere que deve-se ensinar nesta faixa etária a “ler e escrever números e a efectuar contagens”. (p.173)

Ao longo da aula, a colega fez sempre perguntas dirigidas e foi pedindo sempre a colaboração das crianças.

Segundo Ferro (1994), o ensino participativo é aquele que "introduz uma relação entre quem ensina e quem recebe o ensino" (p.26). Não foi assim uma aula expositiva mas sim uma aula participativa.

Dia 6 de maio de 2011

Tal como todas as manhãs, estivemos a ajudar as crianças na leitura dos textos e entretanto a Professora foi escrevendo exercícios de Matemática no quadro para depois de lerem irem fazendo.

De seguida passou para a área de Língua Portuguesa. Escreveu exercícios gramaticais no quadro para a turma fazer. Entretanto eu e as minhas colegas estivemos a corrigir os manuais de Matemática.

Quando terminámos de corrigir fomos para o recreio, até à hora do almoço, com as crianças que já tinham tudo feito.

Inferências

Durante grande parte da manhã, eu e as minhas colegas estivemos a corrigir os manuais de Matemática. A Professora pediu-nos para o fazer, para que as crianças pudessem levar trabalhos de casa para fazer no fim-de-semana.

Dia 9 de maio de 2011

Realizámos a leitura com as crianças e posteriormente a colega de mestrado iniciou a sua aula sobre a leitura de números. Escreveu alguns números no quadro e fez a leitura por ordens e classes.

De seguida colou no quadro um comboio, feito de cartão, com quatro carruagens e foi pedindo a alguns meninos que fossem ao quadro representar o número que ia dizendo.

Terminada esta atividade, distribuiu uma proposta de trabalho que esteve a realizar com a turma.

Depois da aula da colega, a Professora distribuiu folhas de linhas e fizeram um ditado de palavras.

Inferências

A aula que a colega deu, foi uma aula de treino pedida pela mesma à Professora. Ao longo da aula a colega demonstrou estar muito nervosa e um pouco insegura. Quando questionou um menino para dizer qual era o algarismo de menor valor relativo e este não soube responder, a colega não soube explicar o que lhe havia perguntado, fez muitas paragens ao longo da aula para pensar e mostrou falta de dinamismo.

O material que a colega levou para a aula era um material bastante apelativo e que tinha tudo para ter proporcionado uma boa aula, caso a colega tivesse conseguido controlar os nervos.

Dia 10 de maio de 2011

Estivemos a realizar uma leitura com as crianças, que foi interrompida para que a colega pudesse dar início à sua aula. Esta iniciou com a leitura de uma história *Os três porquinhos*. Falou um pouco com a turma sobre a história, se já a conheciam e se esta tinha acabado da maneira que conheciam.

De seguida colou no quadro três cartolinas em forma de baú, onde cada baú representava o grupo das palavras agudas, graves e esdrúxulas. Fez uma pequena revisão da sílaba forte e deu a conhecer como se classificam as palavras quanto à sílaba tónica. Leram as palavras trazidas pela colega, em conjunto, classificaram-nas e colocaram-nas no baú correto.

Na segunda parte da aula, a colega distribuiu o protocolo e realizou uma atividade experimental: *Espuma colorida*, com a ajuda de algumas crianças. Terminada a experiência, registaram os resultados observados.

Acabado o registo dos resultados, foi-lhes entregue uma proposta de trabalho de Matemática, falaram sobre o calendário, recordando os movimentos da Terra através de um *Powerpoint* e, de seguida, fizeram em conjunto a proposta.

Inferências / Fundamentação Teórica

A estratégia utilizada pela colega para trabalhar as palavras agudas, graves e esdrúxulas foi muito interessante. Este conteúdo foi trabalhado de forma bastante diferente, o que fez com que as crianças tivessem ficado muito interessadas e participativas.

Na aula de Estudo do Meio, a colega realizou, de acordo com Siraj-Blatchford (2004), tarefas de observação e explorações. A primeira consiste em encorajar “as crianças a fazer observações de forma científica, a observar e a classificar objectos e acontecimentos de diferentes maneiras, a começar a centrar-se em aspectos científicos relevantes e a usar os seus conhecimentos e nível de compreensão actuais” (p.76) e a segunda em proporcionar “às crianças, a oportunidade de interagir com objetos e materiais, de ver o que acontece ou de compreender fenómenos. Durante este processo, as ideias podem mudar ou desenvolver-se”. (p.77)

A atividade de Estudo do Meio foi realizada pela colega, tendo esta pedido a participação de algumas crianças para a ajudarem.

Dia 13 de maio de 2011

Neste dia, uma das colegas deu a última aula neste ano. Iniciou-a colocando na parede uma imagem grande e pediu que fossem dizendo palavras que achassem que estavam relacionadas com a imagem.

De seguida distribuiu pelas crianças a mesma imagem para colarem numa folha de linhas. Em conjunto, atribuíram um título à imagem, e antes de darem início à elaboração da composição, a colega explicou, de uma maneira sucinta como se fazia e só depois é que deram início à realização desta atividade.

Na área de Matemática utilizou o Cuisenaire e pediu as peças que representavam a quantidade de animais que estavam presentes na imagem utilizada para realizar a composição (exemplo: três pássaros, peça verde-clara). Na utilização deste material pôs em prática o conceito de dobro, numeração romana e frações.

Para terminar a manhã, distribuiu o protocolo e realizou uma atividade experimental.

Inferências / Fundamentação Teórica

Logo no início da aula da colega, esta pediu para colarem a imagem que entregou na folha e, como já referi anteriormente, as crianças têm este tipo de material guardado nas gavetas. As crianças levantaram-se, algumas a correr, para irem buscar o material. Nesta altura a colega deveria ter-se imposto e controlado adequadamente a situação, contudo não o fez.

A história da composição coletiva ficou muito engraçada, tendo quase todas as crianças participado na sua construção.

A composição coletiva é um exercício que promove a partilha de ideias, o respeito e socialização.

Segundo Condemarín e Chadwick (1987) os comentários cruzados realizados em grupos “são essenciais para motivar os alunos a redigir; servem para mostrar-lhes as necessidades dos leitores ou ouvintes, e para ajudá-los a tomar decisões a fim de melhorar a composição”. (p.214)

Durante a aula de Matemática uma das crianças estava a brincar com o material, tendo um dos colegas feito queixa à colega, à qual esta respondeu: “deixa estar que ele não está a chatear ninguém, está sossegadinho”. Quando estivemos a falar sobre a aula da colega, a Professora referiu este caso e disse-lhe que não poderia ter dito aquilo. Tinha sim de o chamar a atenção e mandá-lo trabalhar. Com a resposta que a colega deu às crianças, esta deu a entender que estas não precisavam de estar a trabalhar nem de estar atentos às aulas, podendo estar a brincar desde que estivessem sossegadas e em silêncio.

Para realizar a experiência a colega inicialmente perguntou à turma quais os objetos que achavam que flutuavam e os que achavam que não flutuavam (registo das ideias prévias das crianças). Segundo Martins *et al.* (2007) é necessário que o Professor “esteja atento às ideias prévias que as crianças manifestam em relação aos fenómenos que observam e de as considerar como ponto de partida para as novas situações de aprendizagem”. (p.19)

No final da atividade a colega esteve a falar um pouco com a turma sobre os objetos que as crianças achavam que flutuavam e os que não flutuavam e o que realmente aconteceu.

Sem dúvida foi uma aula que correu bastante melhor do que a anterior, no entanto a colega não deixou de parecer muito relaxada e permissiva, sendo aconselhável, mais uma vez, que adote uma postura mais rígida em determinadas situações.

1.7. Sexta Secção: 2.º Ano

Período de estágio de 16 de maio de 2011 a 1 de julho de 2011

1.7.1. Caracterização da Turma

A turma do 2.º Ano era composta por vinte e nove crianças, todas com sete anos de idade, quinze do sexo feminino e catorze do sexo masculino.

Este grupo de crianças estava bem integrado na dinâmica João de Deus e demonstrava motivação e interesse pelas diversas aprendizagens. Existia apenas uma criança com dificuldades na aprendizagem e uma com alguns problemas comportamentais e de postura.

1.7.2. Caracterização do Espaço

A sala era pequena, com dois grandes móveis logo que se entrava à direita. Nestes móveis estavam materiais de Expressão Plástica, dossiers, entre outros materiais. Na parte detrás da sala encontravam-se os cabides, devidamente identificados.

As crianças encontravam-se dois a dois, dispostos em três filas, virados para o quadro e para a secretária da Professora.

1.7.3. Rotina

As rotinas são as mesmas do capítulo anterior.

Em seguida apresento o horário da turma. (Quadro 10)

Quadro 10 – Horário do 2.º Ano

2.º Ano					
Horas	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª
9h – 10h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática (materiais)	Língua Portuguesa
10h – 11h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
Recreio					
11h30 – 12h	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática (materiais)
12h – 12h50	Matemática	Ed. Física	Matemática	Língua Portuguesa	Estudo do Meio
13h – 14h30	Almoço e Recreio				
14h30 – 15h20	Estudo do Meio	Língua Portuguesa	Formação Cívica	Exp. Plást. (14h30 – 15h45)	Estudo Acompanhado
15h20 – 16h10	Área Projeto	Inglês	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Arrumação de Trabalhos
16h10 – 17h	Computad.	Estudo do Meio	Biblioteca	Música	Assembleia de Turma
Saída					

1.7.4. Relatos Diários

Dia 16 de maio de 2011

Visto ser segunda-feira, a Professora, no início da aula, começou por perguntar a várias crianças como tinha sido o seu fim-de-semana.

De seguida estiveram a ler várias vezes um texto do livro, tendo depois feito a cópia desse mesmo texto e exercícios gramaticais.

A seguir ao recreio, a Professora ensinou-lhes como se fazia a prova dos nove numa subtração. Depois de alguns exemplos, escreveu exercícios no quadro para fazerem sobre este conteúdo.

Inferências / Fundamentação Teórica

Ao longo do diálogo sobre o fim-de-semana, as crianças mostraram-se com vontade de participar na conversa e de partilhar os acontecimentos vividos. Sempre que necessário, pois existiam crianças mais tímidas e inseguras, a Professora colocou questões de modo a participarem e a desenvolverem a linguagem.

De acordo com Hohmann e Weikart (1997), “a linguagem desenvolve-se em ambientes onde as crianças tenham experiências de que queiram falar, e onde têm alguém atento a elas, envolvendo-se em diálogo”. (p.526)

De seguida, a Professora, primeiramente, leu o texto (leitura modelo) tendo depois pedido a várias crianças que o lessem em voz alta. Pedir às crianças que leiam em voz alta faz com que estas memorizem mais facilmente os conteúdos, havendo um estímulo visual e auditivo, o que reforça a captação das informações.

Após a explicação da prova dos nove, na realização dos exercícios houve muitas crianças que não os conseguiram fazer corretamente, errando algumas vezes ao tentar aplicar o novo conteúdo. Segundo Ponte e Serrazina (2000), “os erros não traduzem sempre uma falta de conhecimento ou uma falta de trabalho; certos erros podem ser um elemento de informação sobre as conceções que um aluno tem relativamente a uma dada noção”. (p.103) Assim, juntamente com as minhas colegas, estivemos a ajudar essas crianças que não estavam a conseguir fazer corretamente o exercício.

Dia 17 de maio de 2011

Acabado o acolhimento, a Professora pediu às colegas do segundo ano que iniciassem a sua aula em conjunto. A aula teve como tema os répteis e as aves. Nesta aula, as colegas falaram em geral sobre todos os animais e, no final, entregaram uma proposta de trabalho.

Terminada a aula, a Professora escreveu no quadro exercícios de Língua Portuguesa, em que o exercício de classificação morfológica era para avaliação. Terminados os exercícios, foi-lhes ditado o texto que trabalharam e leram no dia anterior.

Após o recreio, e antes de irem para a aula de Ginástica, a Professora abriu a lição de Matemática e pediu às crianças que colassem uma tabela na folha, para mais tarde poderem trabalhar nela.

Inferências / Fundamentação Teórica

As colegas deram início à aula, questionando as crianças sobre o seu animal favorito. De seguida, mostraram um *Powerpoint* em que falaram sobre todas as classes de animais, terminando com a classe e o animal que pretendiam dar (tartaruga e a águia).

Uma das críticas apontada pela Professora foi que esta era uma aula para ser dada em vinte minutos e esse tempo foi ultrapassado. Além do *Powerpoint*, entregaram ainda uma proposta de trabalho.

Antes da turma ir para a aula de Ginástica, a Professora aproveitou a meia hora que tinha para ir adiantado trabalho e, assim, pediu-lhes que fossem escrevendo o cabeçalho, o nome (...) e colando uma tabela de Matemática.

De acordo com as Metas de Aprendizagem, ME (2010), as crianças do 2.º Ano já devem ser capazes de “formular questões, recolher e organizar dados qualitativos e quantitativos utilizando esquemas de contagem gráfica, tabelas, gráficos de pontos e pictogramas” (Meta final 35). Esta tabela foi trabalhada da parte da tarde.

Dia 20 de maio de 2011

Na primeira parte da manhã estiveram a trabalhar com o material Cuisenaire. Com este material trabalharam os valores das peças, quantidades, o número de faces, vértices e arestas do sólido que representava a peça branca e trabalharam o perímetro.

Após o recreio, a colega fez o ditado de um texto à turma e, de seguida, estes fizeram exercícios gramaticais. Enquanto isto, estive a recortar material para a Professora.

Inferências / Fundamentação Teórica

O material Cuisenaire é um material manipulativo, que permite que sejam realizadas diferentes atividades de uma forma dinâmica e palpável. Com este material, para além de se desenvolver a noção de perímetro, pode-se desenvolver também a noção de par e ímpar, a noção de número, sequências, simetrias, etc.

É um dos vários materiais manipulativos existentes para o desenvolvimento da lógica matemática. Mas como refere Caldeira (2009), só assim é que “os professores conhecerem as potencialidades e a utilização dos materiais manipulativos de forma a

não condicionar as suas práticas e adequar tarefas que permitam um papel activo, adequado e reflexivo na construção do saber”. (p.127)

O aluno deve poder manipular o material de modo a ter um papel ativo na sua aprendizagem. Assim como afirma Caldeira (2009):

os materiais manipulativos poderão ser mediadores num contexto de significação, num ambiente motivador de sala de aula, em que através de diversas atividades proporcionam a compreensão matemática, num processo evolutivo em que gradualmente as crianças vão descodificando e construindo o saber matemático. (p.35)

Enquanto a colega esteve a fazer o ditado à turma, eu estive a recortar material para a Professora, mais precisamente vinte e nove cartões mais a capa, que ia servir para fazer um álbum.

Uma das crianças desta turma vai terminar o seu percurso no Jardim-Escola João de Deus. Este será o último ano que vai frequentar a nossa escola pois no final do ano vai-se mudar com os pais para Espanha. Assim, a Professora e os colegas, às escondidas do menino, resolveram fazer uma surpresa e, no final do ano, irão entregar um álbum com desenhos, mensagens e a morada de cada menino da turma para que o colega não se esqueça dos amigos e tenha um endereço que permita contactá-los mais tarde.

Foi um gesto muito simpático da parte dos meninos e da Professora, ao se lembrarem de dar um presente, para que mais tarde esta criança se possa recordar dos momentos que passou no Jardim-Escola e dos amigos que nele fez.

Dia 23 de maio de 2011

Reunião de Prática Pedagógica na ESE João de Deus.

Inferências

Neste dia foram-nos entregues pelas Orientadoras de Estágio as Grelhas de Avaliação do Estágio Profissional referentes à 4.ª Secção.

Dia 24 de maio de 2011

Na primeira parte da manhã estiveram a fazer uma prova de treino de Língua Portuguesa.

Na segunda parte da manhã colaram um pictograma numa folha quadriculada e de seguida foram para a aula de Ginástica.

Inferências / Fundamentação Teórica

De acordo com o Gabinete de Avaliação Educacional (GAVE, s.d.), as provas nacionais de aferição:

visam recolher informação relevante sobre os desempenhos dos alunos nas áreas de Língua Portuguesa e de Matemática (...) as provas de aferição deverão ser aplicadas anualmente, no final do 1.º ciclo do ensino básico, aos alunos das escolas públicas e dos estabelecimentos de ensino particular e cooperativo.

A informação que os resultados facultam serve essencialmente para que os professores reflitam sobre as suas práticas e naturalmente tomem as devidas decisões. Assim de acordo com o GAVE as provas de aferição constituem:

um instrumento de diagnóstico, disponibilizado às escolas e aos professores, que permite uma reflexão coletiva e individual sobre a adequação das práticas letivas às finalidades e aos objetivos educacionais propostos no currículo. A reflexão que o resultado das provas deve suscitar nos intervenientes no processo educativo contribuirá, conseqüentemente, para tomadas de decisão que concorram para a melhoria do ensino e da qualidade das práticas pedagógicas.

Este foi o primeiro treino da prova de aferição que realizaram e, por isso, a Professora esteve a ler as regras da prova à turma antes de darem início. Depois de ler, de ter perguntado as dúvidas que tinham e de ter entregue o enunciado, esta deu início à prova. Uma das meninas da turma chegou atrasada. A Professora questionou o porquê de estar a chegar atrasada num dia de prova e que não iria repetir as regras. A mãe ouviu o que a Professora disse, entrou na sala, e justificou o atraso da menina dizendo que não tinha conseguido chegar mais cedo e que a Professora não devia ter tal atitude pois iria pesar-lhe na consciência.

É claro que a Professora não fez o prometido e leu as regras à menina. Contudo ficou incomodada com o comentário da mãe, pois era uma criança que todos os dias chegava atrasada e, nestes dias, quando há provas, os pais são avisados para que não tragam tarde os filhos. Esta mãe chegou cinco minutos antes do que era habitual chegar e ainda fez com que a Professora se sentisse culpada quando a mãe é que devia ter trazido a menina atempadamente.

Dia 27 de maio de 2011

Iniciaram o dia a terminar trabalhos que tinham em atraso de Língua Portuguesa. De seguida realizaram uma cópia e a interpretação de um texto.

Após o recreio passaram para uma outra área, Matemática, e estiveram a realizar exercícios a partir de uma folha que foi distribuída pela Professora.

Inferências / Fundamentação Teórica

A cópia, ou seja, o exercício caligráfico é um exercício que ajuda a criança a melhorar a sua caligrafia, a estruturar o espaço entre as linhas como também ajuda a memorizar como se escrevem as palavras.

De acordo com Condemarín e Chadwick (1987):

avançar em seu conhecimento das características específicas da linguagem escrita, (...) permite praticar as destrezas caligráficas das formas específicas de cada letra, a ligação e manutenção da regularidade de tamanho e proporção, alinhamento e inclinação (...), favorece a familiaridade da criança com diversas modalidades de estruturação das palavras nas frases e orações, (...) a cópia favorece os mecanismos de memorização, tão importantes para as destrezas de estudo. (p.182)

Estes autores afirmam que a prática da cópia é uma tarefa que é indispensável ao longo do percurso escolar.

Durante a realização dos exercícios de Matemática, sempre que foi preciso, eu e as minhas colegas estivemos a ajudar as crianças com as dúvidas.

Dia 30 de maio de 2011

Enquanto a turma estava a acabar trabalhos em atraso, foi feita uma interrupção por uma orientadora de estágio, para que a colega desse a sua aula surpresa com o material Cuisenaire, onde trabalhou o sinal de maior, menor e igual.

Após a reunião com as Orientadoras, quando regressámos à sala, a Professora estava a ditar um texto à turma.

Inferências

Logo nos primeiros minutos da manhã apercebemo-nos que uma de nós ia ter aula surpresa, pois a Professora pediu a ajuda de algumas crianças para irem buscar

as caixas do material Cuisenaire. Distribuiu por todas as mesas e continuaram a acabar os trabalhos em atraso.

Assim que uma das Orientadoras entrou, pediu então à colega de estágio a aula surpresa.

A colega começou por perguntar as cores das peças para que as crianças associassem ao valor e só depois é que iniciou o conteúdo pretendido.

Ao longo da aula a colega foi carinhosa com a turma, solicitou a participação de várias crianças, especialmente de uma que era pouco comunicativa e pouco participativa. Para que a criança em causa nos respondesse a algo era preciso muita insistência e paciência.

A aula correu bem, tendo explicado corretamente os conteúdos.

Dia 31 de maio de 2011

Estiveram a terminar trabalhos em atraso que tinham e de seguida deram início à realização da prova de treino de Estudo do Meio.

Durante a realização da prova de treino, eu e as minhas colegas fomos assistir a uma aula surpresa na outra sala do 2.º Ano. À colega foi solicitado que realizasse a interpretação de um texto, abordando conteúdos gramaticais de modo a incluir algumas regras da Cartilha.

Inferências / Fundamentação Teórica

Neste dia houve novamente uma prova de treino, agora de uma área diferente e devido ao que se passou com a mãe de umas das crianças na prova de treino que assisti anteriormente, não pude deixar de ficar atenta se neste dia se ia repetir a mesma situação. Mesmo assim, a mãe sabendo da existência da prova, a menina voltou a chegar atrasada.

A aula surpresa da colega, correu bastante bem. Notou-se que esta estava à vontade com o que lhe tinha sido pedido.

A colega referiu na reunião o que achou que tinha feito menos bem e o que tinha feito melhor na sua aula, demonstrando uma boa autoavaliação das suas práticas.

Carrasco (1985, citado por Mestre, 1998) refere que “os anos de experiência docente não proporcionam uma maior competência profissional; para poder progredir e melhorar profissionalmente, é necessário ao professor assumir uma atitude de autoavaliação das práticas que desenvolve”. (p.64)

Foi uma aula dinâmica, sem momentos mortos, tendo sido apenas referido que a colega não explicou o porquê de se colocar um “m” em vez do “n” a uma criança que chamou ao quadro. Tal questão colocou-se após a criança ter escrito incorretamente uma palavra, tendo colocado um “n” em vez do “m”.

Dia 3 de junho de 2011

Neste dia realizaram a prova de aferição de Estudo do Meio, e enquanto isso, nós estagiárias, fomos assistir a algumas aulas surpresa.

Quando regressámos à sala, as crianças estavam a resolver exercícios de Matemática que a Professora havia escrito no quadro.

Eu e a minha colega estivemos a ajudar crianças com trabalhos em atraso.

Inferências / Fundamentação Teórica

Neste dia, devido ao mau comportamento de uma das meninas, apercebi-me que a Professora tinha feito uma espécie de contrato com ela.

Esta menina era uma menina muito mexida e ativa, que gosta muito de participar nas aulas e com muitos conhecimentos na área de Estudo do Meio. No entanto neste dia, devido ao seu comportamento, a Professora repreendeu-a e relembrou-a do contrato que tinham feito.

Na janela estava colado um papel com regras de comportamento. Este contrato foi assinado pela Professora e pela menina.

Amado e Freire (2002, citado por Alves e Leite 2005) referem que em certos casos se deve elaborar um contrato comportamental, pois é fundamental que o aluno “seja implicado no seu próprio processo de desenvolvimento”. Neste documento o aluno pode identificar:

o comportamento que deseja alcançar, a razão pela qual a obtenção desse determinado comportamento, as estratégias que o poderão ajudar nessa tarefa, as pessoas envolvidas nesse processo, as consequências que poderão decorrer do seu incumprimento, a data para alcançar o objectivo determinado e o contrato deverá ser assinado. (p.39)

A primeira aula que fomos assistir (só assistimos a metade desta) foi à aula da colega de mestrado no 3.º Ano. Foi-lhe pedido que trabalhasse a leitura de números através da multiplicação com o material Cuisenaire.

De seguida fomos para o 1.º Ano onde uma das colegas da licenciatura, também teve aula, tendo-lhe sido pedido que também com o material Cuisenaire trabalhasse a multiplicação. Esta colega não terminou a aula, desistiu logo no início dizendo às Orientadoras e à frente das crianças: “não quero continuar, já estão com essas caras!”. Após esta afirmação inesperada, as Orientadoras, um pouco perplexas, deram por terminada a aula.

Na reunião, as Orientadoras criticaram a atitude da colega por ter dito o que disse à frente das crianças. Não se compreendeu assim a atitude intempestiva da colega, nem mesmo o porquê de a ter tido à frente da turma, sem que aparentemente houvesse justificação para tal. Foi considerado assim que o desagrado aparente podia ter sido expresso, sim, mas não no momento escolhido nem da forma proferida.

Dia 6 de junho de 2011

Após terem estado a falar sobre o fim-de-semana, a colega deu início à sua aula. Começou por mostrar uma imagem tendo depois feito a leitura de um texto descritivo. Falaram sobre as características deste texto e realizaram em conjunto a proposta de trabalho que foi entregue.

De seguida, as crianças tiveram de adivinhar o tema da aula de Estudo do Meio. Com o auxílio de algumas pistas, as crianças chegaram ao tema em causa: o cavalo-marinho. Observaram um filme e por fim realizaram um jogo.

Acabado o recreio passou para a área de Matemática: década, século e milénio, terminando a aula com uma proposta de trabalho (situações problemáticas).

Inferências / Fundamentação Teórica

Através da imagem levada pela colega, as crianças fizeram uma descrição do que viram, tendo assim introduzido o texto descritivo.

O texto descritivo que a minha colega levou para trabalhar com a turma foi um texto de Sophia de Mello Breyner Andersen intitulado de *A Floresta*. Com este texto, trabalhou as características de um texto descritivo, tendo depois entregue uma proposta de trabalho onde aplicaram, em conjunto, o que aprenderam.

Na área de Estudo do Meio, a colega foi dando pistas para que a turma adivinhasse de que animal se tratava. Nesta aula, a colega foi pedindo várias vezes a participação da turma, deu a conhecer as características deste animal e mostrou um filme sobre a reprodução e alimentação. A Professora, no final da aula, referiu que gostou muito do filme e que foi uma mais-valia para a aula.

Por fim, para encerrar esta área, a colega realizou um jogo. O jogo consistia em entregar a cada criança um cartão com perguntas e respostas sobre o animal de que estiveram a falar. Quando a colega pedisse a uma criança para ler uma das perguntas, as crianças tinham de estar atentas aos cartões que tinham, para verem se tinham a resposta correta à pergunta.

Todas as aulas que a colega lecionou foram sempre aulas muito boas, sem erros científicos, objetivas e muito estimulantes. Quanto à sua postura com a turma, posso considerar que a colega foi sempre correta.

Para além dos comentários feitos pela Professora, já referidos anteriormente, a Professora referiu ainda que a colega ficou muito tempo em silêncio enquanto a turma realizava as propostas de trabalho e que tinha de ter mais atenção às perguntas que fazia pois nem sempre estavam bem formuladas.

Postic (1990, citado por Mestre, 1998), propõe que “a autoavaliação realizada pelos professores sobre as suas próprias práticas deve ser confrontada com a avaliação realizada por observadores, como contributo para o auto conhecimento do professor”. Refere ainda que:

essa confrontação fornece bases de discussão e orienta a acção com vista ao autoaperfeiçoamento: as divergências de opinião permitem uma abordagem psicológica da situação, tal como é vivida e percebida pelo professor em função do seu nível de aspirações e do grau de consistência do seu *eu*. (p.71)

Em relação a ter permanecido muito tempo em silêncio na realização da proposta de trabalho, a colega discordou com a Professora, referindo que o tempo que esteve em silêncio foi o tempo das crianças realizarem a proposta sozinhas, tempo esse considerado inclusivamente reduzido.

Dia 7 de junho de 2011

Durante a primeira parte da manhã estiveram a realizar a prova de avaliação de Língua Portuguesa.

Após o recreio dei a minha aula programada, em que os conteúdos foram os seguintes: Estudo do Meio, a toupeira; Língua Portuguesa, os verbos – futuro do indicativo e a Matemática, situações problemáticas com os Calculadores Multibásicos.

De seguida fomos para a reunião.

Inferências

A data da minha aula programa foi modificada algumas vezes tendo sido depois remarcada para este dia. A Professora alertou-me que a turma, depois de realizar a prova de avaliação, poderia estar um pouco irrequieta e com pouca atenção à minha aula, fruto de algum cansaço.

Apesar de terem tido uma manhã bastante cansativa, com a prova e com a minha aula, a turma esteve impecável e irrepreensível, tendo participado ativamente e de forma positiva. Considero assim o seu desempenho bastante bom.

Esta aula estava programada para sessenta minutos, vinte minutos para cada área. Um dos aspetos referidos pela orientadora de estágio é que consegui cumprir os vinte minutos para cada uma das áreas.

Dei início à aula com perguntas sobre vários aspetos característicos dos animais (Figura 37). Através do *Powerpoint*, expliquei às crianças que se respondessem corretamente às questões, os quadrados apresentados iriam desaparecer surgindo a imagem do animal de que íamos falar na aula. Informei ainda que também tinham de me dizer o nome desse animal (Figura 38). Posteriormente falei sobre as características, os hábitos, o habitat, a alimentação e algumas curiosidades do animal.



Figura 37 – *Powerpoint*, perguntas sobre os animais.



Figura 38 – *Powerpoint*, imagem que surgiu após responderem corretamente às questões.

Segundo a orientadora e a Professora da turma, a área de Conhecimento do Mundo foi um pouco expositiva. Para além disso criticaram-me pelo facto de que não devia ter permitido que uma das meninas tivesse falado tanto, pois era uma menina com muitos conhecimentos a nível de Estudo do Meio e que acabou por intimidar os restantes colegas, não deixando que estes também participassem.

A Língua Portuguesa, também através do *Powerpoint*, realizei uma pequena revisão dos tempos verbais que já tinham trabalhado com a Professora tendo de seguida introduzido um novo conteúdo.

Após ter realizado alguns exercícios, dei início à seguinte atividade: formei três equipas, entreguei a cada equipa dois cartões, um com um verbo que tinham de conjugar e o outro com a ação a cumprir (exemplo: conjuga o verbo cantar a saltar).

Foi uma atividade muito engraçada porque as crianças se sentiram um pouco atrapalhadas a conjugar o verbo e a realizar a ação. Contudo divertiram-se ao realizar e ao ver os colegas a fazerem-na. Foi um momento lúdico mas também de aprendizagem.

Em relação a Matemática, o conteúdo eram situações problemáticas com os Calculadores Multibásicos. Nesta área, atrapalhei-me a ditar os valores que tinham de representar nas placas e não corrigi duas crianças que tinham representado incorretamente os valores na placa. No entanto, foi uma aula que gostei muito de dar e a estratégia que realizei a Língua Portuguesa, para trabalhar os verbos, foi uma estratégia muito divertida e que irei certamente pôr em prática no futuro.

Dia 14 de junho de 2011

Assim que chegaram à sala estiveram a falar sobre o que fizeram durante o fim-de-semana prolongado.

De seguida a Professora escreveu o sumário no quadro para as crianças passarem para as suas folhas e escreveu alguns exercícios gramaticais. Por fim realizaram individualmente uma receita, cujo título era: “A receita para fazer um bom aluno”.

Para terminar a primeira parte da manhã foi-lhes feito um ditado de um texto que trabalharam no dia anterior, tendo depois a Professora corrigido os erros dos ditados.

Após o recreio e antes de irem para a aula de Ginástica, estiveram a fazer um jogo, o jogo do “Rei” que consistia em ver quem era o mais rápido a escrever no quadro a resposta e quem acertava às questões de Matemática colocadas oralmente pela Professora. Quem ganhasse era o rei/rainha da turma.

Inferências / Fundamentação Teórica

Neste dia, a Professora mais uma vez solicitou a partilha de vivências das crianças. As experiências que são partilhadas, são enriquecedoras, tanto para a crianças que contam como para as outras que ouvem.

Segundo Hohmann e Weikart (1997), “quanto mais as crianças conversam, mais colocam em palavras os seus próprios pensamentos e experiências e mais se envolvem na interpretação e compreensão do seu mundo”. (p.322)

A Professora demonstrou um grande interesse em ouvir as vivências de cada criança e estas também demonstraram uma grande vontade de as contar. Apesar do grande entusiasmo a contar os acontecimentos vividos, como a descrição de um fim-de-semana, reparei que algumas crianças baralharam-se um pouco a especificar o que fizeram em cada dia e houve alturas que baralharam os dias.

Por vezes, os alunos encaram a escrita como uma obrigação e são penalizados pela falta de imaginação dos professores que solicitam sempre os mesmos temas. Neste caso a atividade que realizaram, nomeadamente a elaboração de uma receita, foi algo diferente do que nós estagiárias já tínhamos observado e também divertido para as crianças.

Antes de terem dado início à atividade, a Professora esteve a falar um pouco sobre o que é uma receita tendo dado o exemplo de uma receita de culinária com os ingredientes e o modo de preparação.

De seguida, individualmente, deram início à elaboração da sua receita. Quando terminaram e leram em voz alta o que escreveram, ouvimos receitas com ideias muito giras para se fazer “um bom aluno”.

O jogo, realizado antes de irem para a aula de Ginástica, tratou-se de um jogo de cálculo mental.

Para que as crianças desenvolvam as suas capacidades e destrezas quanto ao cálculo mental é necessário treino e estimulação do pensamento abstrato das crianças. De acordo com Matos e Serrazina (1996a), “a aquisição de destrezas de cálculo mental promove o desenvolvimento da compreensão numérica ao encorajar a procura de operações mais fáceis baseadas nas propriedades dos números”. (p.259)

Dia 17 de junho de 2011

Neste dia iniciei a aula com a leitura do texto: “O cão Zarrão e a poluição”, tendo depois feito um jogo com perguntas de interpretação e exploração gramatical.

De seguida realizei uma atividade experimental: “Mais, menos ou a mesma água”.

Para terminar a manhã, a Matemática introduzi a noção de volume com o auxílio do material Cuisenaire.

Inferências / Fundamentação Teórica

A estratégia que utilizei para trabalhar a interpretação do texto e a exploração gramatical foi conseguida através de um jogo feito em *Powerpoint*. Neste jogo as crianças escolhiam a cor ou o número, consoante o que era pedido, e de seguida respondiam.

A atividade experimental tinha como finalidade prever, experimentar e observar o que acontece ao volume e à forma da água contida num recipiente quando esta é transferida para outro recipiente diferente.

Inicialmente, perguntei quais dos recipientes expostos na mesa (recipientes com tamanhos e formas diferentes) continha mais, menos ou a mesma água. A questão colocada segundo Martins *et al.* (2009) é uma questão-problema “que as incentiva a procurar resposta, através da realização das atividades propostas”. (p.19)

Após a questão-problema ser colocada as crianças tiveram de registar (marcando a altura da água) como achavam que ficaria o nível da água quando a transferíssemos para os recipientes-medida.

Os mesmos autores descreveram o passo acima descrito como sendo o registo das ideias prévias das crianças em que o professor deve:

estar atento às ideias prévias que as crianças manifestam em relação aos fenómenos que observam e de as considerar como ponto de partida para as novas situações de aprendizagem. Estes registos devem ser feitos em conjunto com as crianças, valorizando o porquê de manifestarem essas ideias. (p.19)

De seguida verificaram a quantidade de água em cada conteúdo e registaram o que observaram.

Para terminar a manhã, tentei introduzir a noção de volume, contudo não consegui fazê-lo com sucesso. Não consegui explicar os conteúdos corretamente, logo os exercícios que realizei de seguida com as crianças não obtiveram resultados positivos. Quando dei por terminada a aula, a Professora explicou resumidamente o que eu tentei ensinar na minha aula.

Esta foi uma manhã de aulas em que fiquei atrapalhada em algumas ocasiões mas, principalmente, na área de Matemática, onde senti grandes dificuldades, o que me deixou bastante desanimada.

Dia 20 de junho de 2011

A colega de estágio deu início à aula com um jogo, em que as crianças tinham de representar as horas que esta dizia nos relógios que estavam colados no quadro. De seguida entregou uma proposta de trabalho sobre este tema. Terminada esta área, deslocaram-se até ao coreto e aí a colega demonstrou uma atividade experimental: “Esparguete dançarino”.

Para terminar a manhã, na área de Língua Portuguesa, estiveram em conjunto a preencher as lacunas de um poema de Matilde Rosa Araújo e depois foi-lhes entregue uma proposta de trabalho em que tinham de construir um poema com as palavras dadas pela colega.

Inferências / Fundamentação Teórica

O jogo com que a colega deu início à sua aula era do mesmo género do jogo que a Professora fez com a turma, o jogo do “Rei”, mas neste tinham de representar as horas e os minutos. As questões colocadas pela colega foram diversificadas e, mais uma vez, foi um jogo que as crianças tiveram gosto em participar, sendo lúdico, mas também onde foram trabalhados variados conceitos.

De seguida a turma dirigiu-se para o coreto, onde observaram uma experiência. Esta experiência foi a colega que realizou, pedindo sempre a participação dos alunos para a ajudarem.

Na aula de Língua Portuguesa foi solicitado à minha colega que trabalhasse a poesia.

De acordo com Bastos (1999) a poesia é “uma das formas de expressão que, de uma maneira mais produtiva e criativa, proporciona à criança a ocasião de brincar com a linguagem, com as palavras que lhe pertencem e que pouco vai dominando”. (p.157) Faz também apelo “aos sentidos e às emoções, aspecto conseguido através da sonoridade e do ritmo”. (p.180) Assim a poesia proporciona à criança uma ocasião de brincar com a linguagem, com as palavras que lhe pertencem e que, pouco a pouco, vai dominando.

Segundo Jean (1978, citado por Subtil, 2000) ler poesia é “agarrar as palavras não só pelo que dizem mas também pelo que são”. (p.66)

Um aspeto menos positivo dito pela Professora foi que a proposta de trabalho de Língua Portuguesa estava um pouco confusa. Assim sendo, devia ter dado indicações para a realizarem da melhor forma.

Dia 21 de junho de 2011

Neste dia o colega do segundo ano deu uma aula sobre a germinação do feijoeiro. Entregou o protocolo e mostrou as várias fases do feijoeiro (as várias fases ao longo de uma semana) e falou um pouco sobre o tema.

Após o recreio a Professora escreveu no quadro alguns exercícios gramaticais para a turma realizar enquanto esta falava com o colega sobre a sua prestação.

Inferências / Fundamentação Teórica

A aula do colega de licenciatura foi uma aula muito agradável de se assistir pois este é uma pessoa muito simpática para as crianças e que transmite muita tranquilidade.

Ao contrário do que já observei ao longo dos anos de estágio e do que eu própria já realizei, o colega, para trabalhar este tema, não pediu que plantassem um feijoeiro. Utilizou uma outra estratégia, que consistia em mostrar as várias fases do crescimento do feijoeiro. Este mostrou, através do *Powerpoint*, as várias fases em que se encontrava o feijoeiro (primeiro dia, dois dias depois, quatro dias depois, seis dias depois...) e deu a passar depois pela turma os vários feijoeiros nas várias fases.

De acordo com o Ministério da Educação (2004), a Estudo do Meio no 2.º Ano de escolaridade as crianças devem “conhecer partes constitutivas das plantas mais comuns (raiz, caule, folhas, flores e frutos)”. (p.116) Também segundo o ME, nas Metas de Aprendizagem a Estudo do Meio o aluno deve ser capaz identificar “a influência de alguns factores ambientais (água e luz) na germinação das sementes e reconhece a variação do tempo de germinação de sementes”. (Meta final 22)

O colega também falou sobre as partes constituintes das plantas, deu a conhecer exemplos de diferentes tipos de plantas e deu a observar as condições necessárias à germinação do feijoeiro

Dia 24 de junho de 2011

Neste dia, na minha manhã de aula, a Matemática, o conteúdo programado foi referente às medidas de capacidade. Dei a conhecer as medidas e entreguei uma proposta de trabalho.

A Estudo do Meio realizei uma atividade experimental: “Ovo flutuante” e a Língua Portuguesa o conteúdo foi o discurso direto e indireto.

Inferências / Fundamentação Teórica

Como estavam poucas crianças nas duas turmas do segundo ano, a Professora da minha turma, que estava encarregue pelas duas, juntou-os a todos na nossa sala. Assim sendo a aula que dei foi às duas turmas, sendo que alguns dos conteúdos já tinham sido lecionados à outra turma.

Para a realização desta experiência optei por trabalhar em grupo.

De acordo com Pato (1995), “o trabalho de grupo é componente indispensável numa postura metodológica que vise aprendizagem e desenvolvimento”. (p.9)

Vários estudos revelam que o trabalho em grupo mostra um melhor rendimento nas aprendizagens. Segundo Abreu, Sequeira e Escoval (1990), “está baseado em estudos científicos que demonstram um maior interesse e rendimento nas aprendizagens”. (p.73) Ainda segundo a mesmas autoras “aos alunos em grupo é mais fácil experimentar e errar. Por outro lado, também a cooperação, a capacidade de argumentação, o «saber perder», o «saber ganhar», a autonomia e outras atitudes aprendem-se e desenvolvem-se em grupo, e na relação com iguais”. (p.74)

Dividi a turma em cinco grupos e cada grupo realizou a atividade sob o meu supervisionamento. De acordo com Martins *et al.* (2009), “a dimensão e composição dos grupos de crianças são aspectos a considerar aquando da planificação das atividades”. O Professor “deve reflectir sobre as características do seu grupo, as finalidades e natureza da actividade proposta, adoptando o formato que considere mais adequado”. (p.21)

A Língua Portuguesa, algum tempo depois de estar a trabalhar o conteúdo pretendido, apercebi-me que a proposta de trabalho que tinha trazido e entregue à turma, era a que tinha feito inicialmente e que estava incorreta. Assim que reparei, fiquei sem reação, tendo depois pedido à Professora para terminar ali a minha intervenção. Quando, em certas situações, as coisas não me correm como tinha planeado, fico sem saber o que fazer ou como dar a volta à situação. Foi exatamente o

que aconteceu neste dia. Tendo assim que ter mais autocontrolo sobre mim mesma e aprender a contornar os nervos gerados por algumas adversidades como a verificada.

Como referi anteriormente, a manhã de aulas que dei deixou-me desanimada e desmotivada. Para esta segunda aula não ia muito confiante e depois do que aconteceu senti-me incapaz de dar aulas ao 1.º Ciclo. Após ter dado estas duas aulas, neste ano, ponderei em desistir do mestrado tendo acabado por não o fazer, após momentos de ponderação.

Dia 27 de junho de 2011

Na primeira parte da manhã trabalharam a leitura de números, subtração, prova dos nove e situações problemáticas com o material, Calculadores Multibásicos, em que alguns exercícios foram propostos pela Professora e outros por mim e pela minha colega.

Depois do recreio, estivemos a ajudar a Professora a preencher a tabela de avaliação dos ditados, enquanto a turma fazia uma cópia e a exploração gramatical desse texto ao som de música pop, colocada pela Professora.

Inferências / Fundamentação Teórica

Com os Calculadores Multibásicos pode-se trabalhar a leitura de números por ordens e por classes. Neste ano de escolaridade, a turma trabalhava a leitura de números com duas placas.

A passagem de uma placa para duas é gradual. Caldeira (2009) refere que “primeiramente só se usa uma placa. No 1.º Ciclo usam-se outras placas, de forma a que a leitura dos números seja gradual e mais completa”. (p.202)

De acordo com o NCTM (1991, citado por Caldeira, 2009), “a compreensão do valor de posição é crucial para o trabalho posterior com os números e o cálculo”. (p.203)

Antes de terminarem de trabalhar com este material a Professora pediu que uma de nós, estagiárias, fosse fazer uma situação problemática. Primeiramente fui eu que realizei uma situação problemática, em que a operação efetuada foi uma adição.

Após o recreio foi a minha colega fazer uma situação problemática, também uma adição e a respetiva prova dos nove.

De acordo com Moreira e Oliveira (2003) a resolução de problemas é “um meio de construção de conhecimento e, por isso, não deve ser entendida como mais um

tópico a explorar, mas como um processo presente nas experiências a desenvolver com as crianças”. (p.62)

Não foi feito nenhum comentário em relação à nossa prestação pois correram bem.

Dia 28 de junho de 2011

Inicialmente estiveram a realizar exercícios de Matemática escritos no quadro pela Professora, ao som de música cantada em francês.

Assim que terminaram os exercícios foram-lhes entregues passatempos para fazerem (sopa de letras e desenhos cruzados).

De seguida, foram para a aula de Ginástica, onde realizaram pela última vez o ensaio para o sarau (Figura 39).



Figura 39 – *Ensaio do sarau*

Inferências / Fundamentação Teórica

Durante a primeira parte da manhã, enquanto a turma resolvia os exercícios, foi colocado pela Professora um CD de música. Segundo Cordeiro (2009), ao habituar a criança a ouvir música “de preferência de vários tipos, as crianças desenvolverão os seus próprios gostos e preferências, evoluindo em conhecimentos, e sentindo-se atraídas a tentar, experimentar, investigar e descobrir novos estilos, novos sons e novos ritmos”. (p.418)

Por outro lado, Alves e Leite (2005) referem que se a música:

for de natureza vocal, poderá haver perturbação da aprendizagem, uma vez que o sistema de tratamento de dados lexicais é mobilizado para duas actividades simultâneas: o estudo e a audição. Outros tipos de música podem, no entanto, favorecer a concentração. (p.24)

A Professora explicou-nos que colocava por vezes música, porque a música fazia com que as crianças ficassem mais concentradas no que estavam a fazer, no entanto segundo as autoras referidas, música cantada pode perturbar a aprendizagem.

Dia 5 de julho de 2011

Como era a semana de *roullemant* e havia poucos alunos, as duas Professoras do segundo ano juntaram as turmas numa só sala. Durante a primeira parte da manhã estiveram a brincar na sala e, desde da hora do recreio até à hora do almoço estiveram a brincar no pátio.

Inferências / Fundamentação Teórica

Durante esta manhã, as crianças estiveram a interagir umas com as outras e a brincar com jogos que tinham trazido de casa.

Na hora do recreio, as Professoras pediram-nos que ficássemos no recreio com as turmas enquanto estas iam para uma reunião.

Os momentos no recreio segundo Hohmann e Weikart (1992) são momentos em que se dão brincadeiras saudáveis sem restrições e que as crianças “que são sossegadas e envergonhadas no interior ficam frequentemente mais conversadoras e aventureiras quando no exterior. Algumas crianças brincam no exterior com outras com quem habitualmente não brincam no interior”. (p.433) Ainda segundo os mesmos “o tempo de ar livre ou exterior é uma oportunidade diária para as crianças se envolverem em actividades lúdicas vigorosas e barulhentas. As crianças prolongam e continuam as suas brincadeiras de interior num contexto mais expansivo, examinam os ambientes naturais, ganham um sentido das redondezas próximas e experimentam a mudança das condições atmosféricas e das estações do ano”. (p.432)

Esta turma foi um bom exemplo para comprovarmos o acima referido, pois havia crianças que eram envergonhadas e sossegadas dentro da sala de aula mas que no recreio deixavam de o ser, tendo a postura por vezes totalmente contrária. Especificamente havia uma criança nesta turma que era muito calada e pouco participativa, quer nas atividades orais, quer nas atividades escritas mas que, contudo, era bastante desinibida na relação com os colegas no período de recreio.

1.8. Sétima Secção: 3.º Ano

Período de estágio de 27 de setembro de 2011 a 18 de novembro de 2011

1.7.1. Caracterização da Turma

A turma do 3.º Ano era composta por vinte e oito crianças, dezassete do sexo feminino e onze do sexo masculino. Todas as crianças tinham oito anos de idade.

Neste grupo de crianças, havia três crianças com algumas dificuldades na aprendizagem.

1.7.2. Caracterização do Espaço

Esta sala, ao contrário das que já estagiei, possuía um quadro interativo.

Segundo Silveira-Botelho (2009) um quadro interativo é “um quadro sensível ao toque ligado a um computador, ou seja, o utilizador controla o computador ao tocar no quadro”. (p.147)

Ao lado do quadro estava a secretária da Professora que estava virada para a turma e que tinha um computador.

As crianças encontravam-se duas a duas (exceto uma criança), dispostas em três filas, viradas para o quadro interativo e para a secretária da Professora.

Numa das paredes encontrava-se o quadro negro, que era utilizado quando o quadro interativo falhasse por alguma razão, e logo ao lado estava um móvel com materiais e os dossiers da turma.

Na parte detrás da sala encontravam-se os cabides, devidamente identificados.

1.7.3. Rotina

As rotinas são as mesmas da secção anterior.

Em seguida apresento o horário da turma. (Quadro 11)

Quadro 11 – Horário do 3.º Ano

3.º Ano					
Horas	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª
9h – 10h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
10h – 11h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
Recreio					
11h30 – 12h	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
12h – 12h50	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
13h – 14h30	Almoço e Recreio				
14h30 – 15h20	Estudo do Meio	Estudo do Meio	Exp. Plást. (14h30 – 15h45)	Educação Física	Estudo Acompanhado
15h20 – 16h10	Computad.	História		Música	Área Projeto
16h10 – 17h	História	Biblioteca	Formação Cívica	Inglês	Experiências
Saída					

1.7.4. Relatos Diários

Dia 27 de setembro de 2011

Neste dia estivemos em reunião com a Diretora no ginásio e quando entrei na sala, as crianças estavam a fazer exercícios de Matemática e uma proposta de trabalho. Enquanto isto, estive a ajudar duas crianças com mais dificuldade a terminar trabalhos que tinham em atraso.

Depois do recreio leram um texto, a Professora explicou as palavras difíceis, as palavras primitivas e depois fizeram a cópia desse mesmo texto e exercícios gramaticais.

Inferências / Fundamentação Teórica

Durante o recreio da manhã houve uma situação com uma das meninas da turma à qual não assisti. Já na sala, depois do recreio, quando essa menina pediu à Professora para ir beber água esta não a deixou.

A Professora disse que não a deixava ir beber porque “não queria saber” se ela estava com sede ou não assim como a menina, no recreio, “não quis saber” se a colega se tinha aleijado ou não. A menina respondeu que não queria saber porque a colega não era amiga dela e acrescentou ainda que não tinha amigos na Escola.

A amizade é essencial na vida de uma criança. Alves e Leite (2005) referem que “durante os anos da infância e da adolescência é um poderoso aliado do desenvolvimento pessoal, andando frequentemente associado ao rendimento escolar. Não possuir amigos pode, muitas vezes, conduzir a sentimentos de solidão e insatisfação”. (p.42)

A Professora e a menina estiveram ainda a falar um pouco sobre o sucedido, pois a Professora queria que a menina pedisse desculpa, o que não aconteceu, tendo depois a aula prosseguido, passando-se para a leitura do texto.

Durante a leitura do texto, e visto que a história se enquadrava com o descrito atrás, a Professora utilizou-a para fazer compreender à menina o que fez de mal e como podia mudar a maneira de pensar e agir. O fim foi atingido e a Professora convenceu finalmente a menina de que tinha errado, tendo esta pedido desculpa. Assim sendo, a Professora deixou-a ir beber água como tinha pedido.

Foi sem dúvida curioso como o texto se enquadrou perfeitamente no que se tinha passado entre a Professora e a menina.

Dia 30 de setembro de 2011

Logo pela manhã foi distribuído à turma um texto para preencherem com os sinais de pontuação. A Professora colocou oralmente, a alguns meninos, perguntas de interpretação e de seguida realizaram o ditado do texto trabalhado no dia anterior.

Após o recreio estiveram a realizar exercícios de Matemática, revendo as regras da numeração romana.

Inferências / Fundamentação Teórica

Ao longo do estágio, durante a realização dos ditados, pude observar algumas vezes os Professores a ter que repetir em inúmeras situações as palavras que

estavam a ditar. Isto acontece porque muitas das vezes as crianças não estão atentas ao que é ditado.

De acordo com Condemarín e Chadwick (1987), “o ditado desenvolve a capacidade para escutar de forma concentrada e incrementada a qualidade de atenção da criança”. (p.184) Assim sendo, de acordo com estes autores, os ditados são uma forma de treinar a concentração das crianças.

Depois do recreio estiveram a rever as regras da numeração romana pois já tinham aprendido no 2.º Ano de escolaridade; no entanto, esta é uma matéria que faz parte do currículo do 3.º Ano. Como é descrito pelo Ministério da Educação (2004), pode-se “utilizar a numeração romana para representar números (até MM)”. (p.176)

Algumas crianças já não se recordavam das regras da numeração romana mas a Professora esteve-lhes a explicar e ensinou também como se representavam os números a partir de mil.

Dia 3 de outubro de 2011

A primeira coisa a ser feita, assim que chegaram à sala, foi a correção do desafio escolar que a turma levou para fazer no fim-de-semana.

Terminada a correção, foi-lhes entregue um apontamento com a revisão dos verbos e exercícios gramaticais para fazerem.

Depois do recreio, a Professora escreveu alguns exercícios de Matemática no quadro para resolverem.

Dia 4 de outubro de 2011

Assim que chegaram à sala, a Professora distribuiu uma folha, já impressa, com exercícios de Matemática e um apontamento sobre essa mesma matéria: as linhas e classificação quanto à forma. Leram o apontamento e resolveram os exercícios. Assim que iam terminando, a Professora deu-lhes uma folha com contas de dividir para resolverem.

Depois do recreio, realizaram uma proposta de trabalho de Língua Portuguesa sobre a exploração gramatical.

Inferências / Fundamentação Teórica

Uma situação característica que observei nesta turma foi que sempre que as crianças terminavam de fazer todos os trabalhos propostos pela Professora, iam, no

tempo restante, ler livros, quer trazidos de casa quer existentes na pequena biblioteca da sala.

Os livros trazidos de casa e os existentes na biblioteca eram livros diversificados, de diferentes géneros. O Ministério da Educação define na Meta Final 57 que o aluno leia “por iniciativa própria textos de diferentes géneros (e.g.: narrativas fantásticas; lendas; fábulas; peças de teatro; lengalengas; quadras)”. Assim sendo, as crianças escolhiam o género que mais gostavam de ler pois de facto o importante é fomentar-se o hábito de leitura.

Seja qual for o livro que a criança leia, esse livro ajuda a desenvolver a escrita. Já Azevedo (1999) refere que é “possível facilitar a aquisição da escrita pelo contacto directo com livros, revistas e outro material escrito, pela visualização de cartazes, anúncios, folhetos, torna-se indispensável levar a criança a tomar consciência da importância da sua função, da sua utilidade, e ensiná-la a usar devidamente. (p.43)

Dia 7 de outubro de 2011

Pela manhã foi entregue à turma um apontamento e uma folha de exercícios para fazerem sobre o tema: linhas e classificação quanto à posição. Depois realizaram uma avaliação de leitura de números.

A seguir ao recreio dirigiram-se ao ginásio e assistiram a uma apresentação sobre os cuidados a ter com a higiene oral.

Quando regressaram à sala estiveram a fazer a cópia do texto que leram no dia anterior e um ditado de palavras.

Inferências / Fundamentação Teórica

Mais uma vez assisti a uma peça de teatro realizada na escola. A escola é um contexto privilegiado para estas aprendizagens.

A peça era sobre um tema bastante importante para o desenvolvimento saudável das crianças.

Segundo Cordeiro (2009), “para que a criança se interesse pelo cuidado com a higiene oral, e qualquer criação de hábitos será tanto mais eficiente quanto o interessado se envolver com gosto, o momento de escovar os dentes deve tornar-se divertido e não visto como mais uma obrigação ou castigo”. (p. 148)

Através destas peças que são divertidas e esclarecedoras, as crianças interessam-se pelo tema podendo ou não ganhar o gosto sobre o hábito em questão.

Dia 10 de outubro de 2011

Iniciaram a manhã com a correção oral do desafio escolar que levaram para fazer no fim-de-semana.

Terminada a correção, trabalharam a expressão escrita e fizeram uma composição baseada na história da Lebre e da Tartaruga. No entanto nesta história não podiam utilizar palavras com a letra “u”.

De seguida fizeram o ditado de um texto que tinham trabalhado na semana anterior.

Depois do recreio estiveram a resolver situações problemáticas e assim que um grupo grande de crianças terminou, eu e as minhas colegas fomos para o coreto fazer o “Jogo da tabuada”.

Inferências / Fundamentação Teórica

A estratégia utilizada pela Professora para a realização da composição foi deveras desafiante para as crianças e ao mesmo tempo divertido, visto que elas não podiam escrever nenhuma palavra na composição que contivesse a letra “u”.

Depois do recreio, como muitas das crianças já tinham terminado de resolver as situações problemáticas propostas pela Professora, esta pediu-nos que fossemos para o coreto realizar um jogo enquanto as restantes crianças na sala de aula terminavam os exercícios propostos.

O jogo consistia em sentá-los em roda. De seguida, uma de nós, estagiárias dizia uma multiplicação (por exemplo: 6×3). Logo a seguir atirávamos a bola a uma criança à nossa escolha e essa criança tinha de dizer o resultado da multiplicação pedida. Quem errasse saía da roda e o jogo terminava para essa criança. Se acertasse voltava a atirar a bola para uma de nós estagiárias. O último a ficar na roda ganhava.

As crianças já tinham realizado este jogo com a Professora. Eu nunca tinha tido a oportunidade de observar este jogo. Tendo sido a primeira estagiária selecionada a ter a bola, as crianças estiveram a explicar-me como se jogava.

Era um jogo que elas gostavam de jogar, mas houve crianças que se evidenciaram mais, pois mostravam um grande entusiasmo enquanto que outras estavam mais contidas, ou por vergonha ou por medo de errar.

Uma das dificuldades que as crianças podem ter na multiplicação é responderem corretamente quando se troca a ordem dos fatores, do multiplicando pelo multiplicador. Segundo Englert e Sinicrope (1997, citado por Ponte e Serrazina, 2000),

“para uma boa compreensão deste algoritmo é imprescindível um bom domínio do valor de posição e a compreensão das propriedades associativa e distributiva da multiplicação em relação à adição, bem como o domínio dos factos multiplicativos básicos”. (p.152)

Neste jogo as crianças tinham de ser rápidas a responder, logo tinham de saber bastante bem a tabuada.

Dia 11 de outubro de 2011

Na primeira parte da manhã as crianças estiveram a realizar uma proposta de trabalho de Matemática.

Na segunda parte da manhã leram um texto do livro, fizeram a cópia de parte desse texto e depois responderam a perguntas de interpretação e exercícios gramaticais que a Professora escreveu no quadro.

Inferências / Fundamentação Teórica

Na segunda parte da manhã a turma realizou várias atividades para trabalhar a escrita. Segundo Azevedo (1999), a escrita:

constitui um sistema de símbolos gráficos, pressupondo a intervenção da percepção visual e a utilização de um sistema motor particular, activando zonas do cérebro que não actuam na fala. Sendo uma actividade com carácter consciente e voluntário, o seu exercício implica uma atitude metalinguística. (p.43)

Mesmo no 3.º Ano, muitas das crianças cometeram erros ao escrever. Três das crianças da turma faziam ainda muita confusão com as letras, baralhando-as. Assim sendo, este grupo de crianças é um grupo que tem ainda de trabalhar muito a escrita, realizando várias atividades como estas feitas pela Professora.

Dia 14 de outubro de 2011

No início da manhã realizaram uma avaliação de situações problemáticas e de seguida resolveram alguns exercícios de Matemática escritos no quadro pela Professora.

Terminadas as atividades, três farmacêuticas foram contar uma história: “O João e os piolhos” e responder a algumas questões sobre os piolhos, colocadas pelas crianças.

Após o recreio leram o texto: “No mês de Outubro”. De seguida fizeram o ditado desse texto e responderam a perguntas de interpretação, colocadas pela Professora.

Inferências / Fundamentação Teórica

O tema dos piolhos é um assunto muito falado nas escolas, pois todos os anos há crianças com estes bichinhos na cabeça. De modo a tentar prevenir, as farmacêuticas foram falar e esclarecer algumas dúvidas sobre este assunto. Pois segundo Cordeiro (2009), “a melhor maneira de dar cabo deles, é falar neles, saber que existem e que infestam as crianças portuguesas de todas as classes sociais”. (p.368)

Quando se realizam os ditados, os professores verificam os erros e a quantidade de erros que os alunos cometem.

Para Odile e Veslin (1992, citado por Azevedo, 1999) o Professor deve considerar o erro como:

um estado de representações, olhando-o sem se escandalizar; considerar como normal, constitutivo de uma aprendizagem em construção, em que os alunos não se situam no mesmo ponto; identificar a sua natureza, sem conjecturar quanto às suas causas que frequentemente lhe escaparão; capaz de encontrar estratégias variadas de remediação e permanecer, ao mesmo tempo, optimista e sem ilusões. (p.75)

Para Gomes (1989, citado por Azevedo, 1999) existem diversas causas para os erros. Este enumera as seguintes causas para os erros ortográficos: “causas psicológicas: memória, atenção, percepção, lateralidade (...); causas derivadas dos métodos de leitura seguidos; causas relacionadas com o meio social do aluno: vocabulário, hábitos de leitura (...) e dificuldade na própria língua”. (p.78)

Segundo estes autores, o Professor não deve considerar o erro como algo escandaloso e deve sim tentar arranjar novas estratégias para remediar a situação e ter em conta que poderá haver variadíssimas causas para a sua existência.

Dia 17 de outubro de 2011

Iniciaram o dia com a correção do desafio escolar e, de seguida, elaboraram uma composição em que todos tinham a mesma personagem, a Professora Lena, o mesmo problema, nomeadamente problemas de crescimento e o mesmo inimigo, a Abelha Quadrada.

Na segunda parte da manhã utilizaram o material Cuisenaire, onde trabalharam a representação de números. Para terminar, foi-lhes entregue uma proposta de trabalho sobre o mesmo conteúdo.

Inferências / Fundamentação Teórica

A composição que realizaram foi deveras engraçada. A Professora utilizou uma estratégia diferente, onde esta, à sorte, escolheu a personagem, o problema e o inimigo para a composição.

Na fase de preparação da escrita de um texto é importante que os alunos aprendam a planificar e a organizar as suas ideias. Já Vygotsky (1986, citado por Azevedo, 1999) referia a “necessidade de planificação na linguagem escrita, mesmo quando não se faz um rascunho. Geralmente dizemos para nós o que vamos escrever e «isto também é um rascunho, embora só mental»”. (p.49)

Nesta manhã, utilizaram pela primeira vez neste ano letivo o material Cuisenaire. O material manipulável deve ter diferentes características e funções. Segundo Caldeira (2009), “a utilização de materiais manipulativos, através de modelos concretos, permite à criança construir, modificar, interagir com o mundo físico e com os seus pares, a aprender fazendo, desmistificando a conotação negativa que se atribui à Matemática”. (p.12)

Com este material trabalharam a representação de números.

Dia 18 de outubro de 2011

Na primeira parte da manhã foi-lhes entregue uma proposta de trabalho de Matemática para fazerem, enquanto a Professora, um a um, explicava como se fazia contas de dividir com dois algarismos no divisor.

Na segunda parte da manhã fizeram uma avaliação de cópia e a exploração gramatical do texto “No mês de outubro”.

Inferências / Fundamentação Teórica

Nesta fase, ainda muitas crianças tinham dificuldades a resolver as contas de dividir com dois algarismos. Assim, eu e a minha colega estivemos a ajudar algumas crianças que solicitaram a nossa ajuda. A Professora, como era uma fase inicial, ia chamando um a um para ir junto da mesma para que esta pudesse explicar e ajudar nas dúvidas existentes.

Dia 21 de outubro de 2011

As crianças começaram a manhã com a leitura de um texto. Imediatamente após terem iniciado a interpretação desse texto, uma das supervisoras entrou na sala e pediu-me que realizasse a interpretação do texto que as crianças estavam a ler e trabalhasse os adjetivos e os grupos constituintes da frase.

Após ter terminado a minha aula, a minha colega também teve uma aula surpresa, onde teve de trabalhar o perímetro com o Cuisenaire.

De seguida fomos para a reunião.

Inferências / Fundamentação Teórica

Como a Professora já tinha lido o texto, pedi a algumas crianças que o lessem. De seguida perguntei quem é que me sabia explicar, por palavras suas, a história do texto. Este pedido que realizei não foi adequado ao texto em causa pois era um texto muito longo que tinha de ser explicado obrigatoriamente por partes. Mesmo assim um menino conseguiu-me responder à pergunta, pois era um bom aluno, aplicado e extremamente inteligente, com um grande poder de análise e síntese.

Inicialmente tinha-me sido solicitado que trabalhasse os adjetivos. Contudo durante a minha aula a orientadora interrompeu-me. A seu pedido acabei por não trabalhar os adjetivos mas sim os pronomes pessoais. Devido ao meu nervosismo, assim que me foi dito para trabalhar os pronomes em vez dos adjetivos, dei como resposta pronta que não sabia dar este conteúdo. Posso considerar que esta resposta diante de toda a turma foi irrefletida pois poderia ter aguardado um pouco e ter-me concentrado neste tema que me é tão familiar.

Na reunião fui criticada, pois, na opinião de todos, não devia ter dito o que disse à frente das crianças, facto com o qual concordo inteiramente. Foi referido também que não trabalhei o texto como pretendido, ou seja, não abordei um dos aspetos que me tinha sido pedido.

Logo após a minha aula, foi pedido à colega que trabalhasse o perímetro. Esta falou inicialmente sobre o material que iam utilizar e de seguida falou sobre a peça padrão, peça essa que a turma desconhecia, tendo sido necessário fazer uma breve introdução à mesma. Definiram perímetro e terminaram com exercícios sobre o tema.

Na reunião foi referido que a colega esteve com a caixa do material Cuisenaire fechada durante quinze minutos, que não circulou pela sala de modo a verificar se estavam a fazer corretamente os exercícios e que a sua postura deveria ser mais desafiante e dinâmica.

Abordando a avaliação das práticas pedagógicas no contexto da formação inicial de Professores, Fernandes (1997, citado por Mestre 1998) sugere “uma diversidade de formas participativas e colaborativas de formação/avaliação que podem, com vantagem, ser utilizadas também no âmbito da formação/avaliação continuada dos docentes”. A autora fala “de avaliação em parceria, de amizades críticas, de contratos reflexivos e de portfólios, referindo que o recurso a uma pluralidade de avaliadores, de fontes e de métodos permite aos sujeitos apropriarem-se das suas aprendizagens, tornando-se mais autônomos na sua gestão”. (p.66)

Após as aulas surpresas, que lecionámos ou observámos, foram realizadas reuniões onde foi feita uma autoavaliação, tendo as colegas e as Orientadoras que assistiram a essas aulas comentado a prestação dos colegas.

Dia 24 de outubro de 2011

Na primeira parte da manhã corrigiram o desafio escolar que fizeram no fim-de-semana. Depois resolveram exercícios de Matemática e realizaram um ditado de números.

Na segunda parte da manhã, realizaram o ditado do texto trabalhado na sexta-feira anterior à aula, resolveram exercícios gramaticais e, por fim, fizeram uma avaliação da conjugação verbal.

Inferências / Fundamentação Teórica

Logo pela manhã, umas das meninas da sala não estava a querer acabar de fazer os trabalhos que tinha em atraso. Estive a falar com ela e o que me disse foi que não gostava da escola, não gostava de lá estar e que não era capaz de fazer as coisas, porque era burra. Pela conversa da menina, ela não tinha qualquer tipo de motivação para estar na escola e fazer o que lhe era pedido. Estive a falar um pouco com a menina, a tentar motivá-la e a saber as razões para estar tão desmotivada, ao mesmo tempo que tentei perceber qual o tipo de apoio que em casa obtinha dos pais e familiares.

Segundo Alves e Leite (2005) as pessoas podem ser motivadas por fatores que lhes sejam externos ou por fatores internos.

Os mesmos autores referem também que podem existir diversos motivos que podem conduzir à desmotivação e agrupou-os em três grandes ordens:

causas associadas a experiências passadas – situações de insucesso no passado, quando vindas à memória, podem causar as mesmas reacções ao cérebro; causas associadas ao ambiente de aprendizagem – falta de recursos, dificuldades na linguagem, ansiedade, stresse, má posição na cadeira, má iluminação, nutrição deficitária (...); causas relacionadas com o futuro – sem o estabelecimento de objectivos e sem a crença de os poder concretizar, é muito difícil para alguém ter a motivação suficiente para desenvolver um projecto. (p.27-28)

Pela primeira vez observei uma aula onde se realizou um ditado de números. Neste ditado a Professora pediu que representassem vários números por extenso de modo a verificar se conseguiam escrever corretamente.

Dia 25 de outubro de 2011

Iniciaram a manhã com a leitura do texto: “O Castelo Mágico”. Realizaram oralmente exercícios gramaticais e perguntas de interpretação que responderam na folha.

De seguida realizaram uma avaliação sobre a identificação das classes e subclasses das palavras.

Na segunda parte da manhã a Professora solicitou uma aula de leitura de números a uma das colegas de estágio. À outra colega pediu que abordasse situações problemáticas e a prova dos nove com os Calculadores Multibásicos.

Inferências / Fundamentação Teórica

A colega realizou a leitura de números com os Calculadores Multibásicos. De acordo com Caldeira (2009), a leitura de números na base 10 serve para “perceberem as diferentes formas de utilização dos números no mundo real, as crianças precisam compreender os números... Além disso, a compreensão do valor de posição é crucial para o trabalho posterior com os números e o cálculo”. (p.203)

A colega realizou três exercícios. Em todos eles ditou números grandes (milhões), o que fez com que as crianças se perdessem um bocado e pedissem à colega para repetir várias vezes o número ditado.

No segundo exercício a colega ditou um número e pediu as ordens, o algarismo de maior valor absoluto e o de maior valor relativo. Depois de feitos os

exercícios atrás descritos, a colega disse que não sabia o que podia questionar mais às crianças. Assim a Professora foi-lhe dizendo mais perguntas para colocar.

Em relação à aula da colega, as crianças tiveram dificuldade a realizar a prova dos nove. Para facilitar a compreensão, a colega poderia ter exemplificado a situação no quadro.

Dia 28 de outubro de 2011

Na primeira parte da manhã, eu e a minha colega demos uma aula de treino. Nesta aula introduzimos o discurso direto e o indireto e de seguida realizámos um jogo em que foi feita uma revisão de vários conteúdos de Estudo do Meio e de História de Portugal.

Na segunda parte, a Professora introduziu um novo conteúdo de Matemática, mais concretamente os ângulos, tendo depois feito exercícios sobre os mesmos.

Inferências / Fundamentação Teórica

O tema de Língua Portuguesa que lecionei com a colega foi o mesmo que realizei no 2.º Ano de escolaridade e que não me tinha corrido bem como pretendido. Assim, inicialmente, não tinha gostado do tema que nos tinha sido dado mas depois de o ter dado pela segunda vez, de forma correta e sem erros, fiquei mais aliviada e sem problemas em relação ao mesmo.

Para esta aula utilizámos o quadro interativo e as suas diversas aplicações.

Segundo Silveira-Botelho (2009):

as crianças parecem beneficiar da utilização de aplicações que: sejam amigáveis e intuitivas, ou seja, fáceis de usar, apresentando menus e ícones figurativos facilmente associáveis à sua função; atribuam à criança um papel activo, solicitando reacções, escolhas, exploração, tomada de decisões, realização de actividades. (p.122-123)

A Professora gostou da nossa aula, achou que o *Powerpoint* era bastante apelativo e com exercícios diversificados.

Esta foi uma aula em que me senti bastante à vontade a dá-la e que por ter sido diferente fez com que as crianças tivessem gostado e se tivessem mostrado especialmente participativas.

Dia 4 de novembro de 2011

Neste dia dei mais uma manhã de aulas. Iniciei na área de Língua Portuguesa com a revisão de todas as classes que já tinham falado até à data, tendo depois lecionado o grau comparativo dos adjetivos qualificativos. Para terminar esta área entreguei uma proposta de trabalho sobre o conteúdo.

De seguida, a Estudo do Meio, fiz uma revisão das partes constituintes do coração, dando a conhecer a pequena e a grande circulação. Posteriormente realizaram uma proposta de trabalho.

Por último realizei situações problemáticas com os Calculadores Multibásicos.

Inferências / Fundamentação Teórica

Gostei de lecionar esta manhã de aulas mas, particularmente, de dar o conteúdo de Estudo do Meio.

Relativamente à minha manhã, foi referido que em Língua Portuguesa disse à turma incorretamente que os adjetivos, no grau comparativo, se comparavam sempre entre dois seres do mesmo género, ou seja, disse que se comparava pessoas com pessoas, flores com flores, entre outros. Pedi também que me colocassem o adjetivo azul no grau comparativo de superioridade, tendo a Professora referido de imediato que as cores não podem ser comparadas pois não há cores mais azuis que outras, por exemplo.

Em relação ao tema que me foi atribuído a Estudo do Meio, foi um tema que faz parte da Organização Curricular e Programas Ensino Básico para o 3.º Ano de Escolaridade. Para este ano a criança deve “conhecer as funções vitais (digestiva, respiratória, circulatória, excretora, reprodutora/sexual); conhecer alguns órgãos dos aparelhos correspondentes (boca, estômago, intestinos, coração, pulmões, rins, genitais): localizar esses órgãos em representações do corpo humano”. (p.108)

A Estudo do Meio salientaram que expliquei bem mas que podia ter reforçado a ideia da transformação que ocorria nos pulmões (hematose pulmonar).

A Matemática houve um aspeto menos bom, quando disse que só se podia mudar as placas de uma maneira quando se fazia a operação inversa da soma (trocar a primeira placa com a placa do resultado), apesar se saber que se pode fazer de outra maneira e que as crianças na folha fazem de duas maneiras diferentes.

Dia 7 de novembro de 2011

Neste dia a minha colega deu a sua manhã de aulas.

A Língua Portuguesa trabalhou a leitura e a exploração gramatical do texto: “A cigarinha e o jerico” de António Torrado.

A Estudo do Meio o conteúdo era o aparelho excretor (sistema urinário e a transpiração) tendo a aula terminado com a entrega de uma proposta de trabalho.

Após o recreio, a colega fez uma revisão do que estiveram a falar sobre o aparelho excretor, passando depois para a área da Matemática. Nesta área trabalhou as frações (próprias, impróprias e equivalentes) com o material 5.º Dom de Froebel tendo terminado com a construção do peixe (Figura 40).

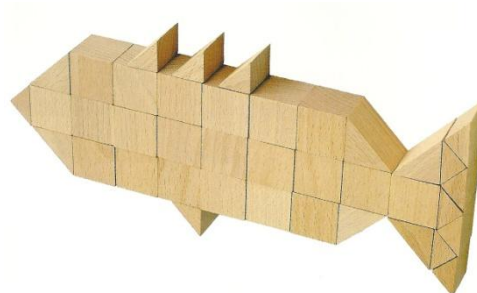


Figura 40 – Peixe com o 5.º Dom de Froebel

Inferências / Fundamentação Teórica

Durante a leitura do texto, pude ouvir do local onde estava a assistir à aula da colega que algumas crianças não tinham entendido uma palavra do texto: jerico. A colega referiu o termo e explicou-o, mas foi tão rápida na explicação que algumas crianças, que estavam menos atentas, ficaram sem saber do que se tratava.

A Estudo do Meio, a colega através do *Powerpoint* deu o conteúdo pretendido, repetindo várias vezes ao longo da aula os conceitos de modo a que as crianças os interiorizassem.

Na área seguinte, a colega tinha planificado fazer a construção do peixe, em que ia dizendo as peças que tinham de utilizar e como as colocavam. Mas ao longo da aula e, conseqüentemente, da construção, a colega verificou que a turma estava com dificuldades na construção, pois era uma construção que nunca tinham feito e era um pouco complexa.

Na opinião de Coll *et al.* (1993, citado em Azevedo, 1999):

a tarefa do professor comporta três elementos básicos: a planificação detalhada e rigorosa do ensino, a observação e a reflexão constante de e sobre o que ocorre na aula e a actuação diversificada e plástica em função tanto dos objetivos e da planificação desenhada como da observação e da análise que se vai realizando.

De acordo com estes aspetos, “o professor fica definido claramente como um profissional reflexivo que toma decisões, as põe em prática, as avalia e as ajusta de maneira progressiva em função dos seus conhecimentos e da sua experiência profissional”. (p.22)

Assim, como foi referido por Azevedo, a colega, sendo um profissional reflexivo deveria ter modificado a sua estratégia de modo a facilitar a compreensão da construção e para que tivesse conseguido terminar o que tinha planeado para essa área pois acabou por não conseguir concluir o que tinha programado.

Dia 8 de novembro de 2011

Durante a primeira parte da manhã realizaram a prova de avaliação de Estudo do Meio e à medida que iam terminando, passaram o sumário e fizeram a cópia do texto: “Nasceu o Romeu”.

Após o recreio realizaram exercícios de Matemática e situações problemáticas.

Inferências / Fundamentação Teórica

Neste ano de escolaridade verificámos regularmente que as crianças escreviam os sumários nas várias áreas que trabalhavam. De acordo com Alarcão (1995), “a redação do sumário é uma actividade obrigatória, encarada geralmente pelos professores e pelos alunos como uma tarefa rotineira”. (p.40)

De acordo com a mesma autora, os sumários têm como função “traduzir de forma sucinta o que se realizou no tempo da aula, funcionado como material de apoio informativo para os intervenientes no acto pedagógico: alunos, professores, pais”. (p.41)

Em suma, o sumário faz um resumo de conteúdos, no entanto dele não provêm opiniões ou interpretações, sendo assim meramente informativo.

Dia 11 de novembro de 2011

Durante algum tempo da manhã, a Professora realizou um ditado de palavras. Assim que terminou deu a palavra à colega para dar início à sua aula de treino.

A colega iniciou com a leitura da Lenda de São Martinho e, quando estava a entregar a proposta de trabalho, foi interrompida por uma das Orientadoras de Estágio, que pediu a outra colega de mestrado que desse uma aula sobre o perímetro com o material Cuisenaire. Quando essa colega terminou, foi pedido à colega que inicialmente estava a dar a aula de treino para trabalhar a subtração com empréstimo com os Calculadores Multibásicos.

De seguida fomos para a reunião.

Inferências / Fundamentação Teórica

A colega de mestrado iniciou a sua aula perguntando o valor das peças que ia retirando da caixa. De seguida pediu que, com quatro peças, à escolha das crianças, fizessem uma figura. Moveu-se pela sala de modo a verificar as construções e pediu a um menino que fosse ao quadro representar a sua figura e calcular o seu perímetro.

Ao longo da aula, a colega nunca pediu a definição de perímetro, apenas pediu como se calculava e nunca referiu a unidade em que se estava a trabalhar.

Em relação à aula surpresa da segunda colega, esta pediu inicialmente para calcularem um valor ($345 - 105$) com o material. Durante o cálculo, a colega referiu parcela em vez de diminuendo e não circulou pela sala de modo a verificar se todos tinham feito corretamente. Estes foram os principais erros a apontar.

O segundo exercício que propôs era uma subtração com empréstimo ($556 - 373$) que, segundo as palavras da colega, foi um desastre. As crianças não tinham peças suficientes e a colega não conseguiu realizar a subtração, tendo assim a Diretora interrompido o exercício e pedido à turma para realizarem outra operação e desta vez a pares.

Dia 14 de novembro de 2011

Como era segunda-feira a Professora iniciou a manhã com a correção do desafio escolar que levaram para fazer no fim-de-semana sobre poliedros e não poliedros. Posto isto, a colega voltou a dar início à aula que tinha sido interrompida sobre a Lenda de São Martinho. Realizou perguntas de interpretação, exploração gramatical e voltou a entregar a proposta de trabalho.

Como era uma aula de treino optou por lecionar a área de Expressão Plástica onde fizeram individualmente a “Aranha Castanha” (Figura 41).

A Matemática entregou uma proposta de trabalho com situações problemáticas de esquema.



Figura 41 – “Aranha Castanha”

Inferências / Fundamentação Teórica

Na área de Língua Portuguesa, durante a interpretação e a exploração gramatical do texto, as crianças estavam a fazer muito barulho e respondiam em coro. A colega não soube colocar um fim a esta situação e continuou a dar a sua aula.

De seguida, num exercício de exploração gramatical, sobre o grupo nominal, verbal e móvel, não soube definir corretamente cada um dos grupos.

Durante a aula da colega, que estava a utilizar o quadro interativo, este deixou de funcionar, deixando a colega sem saber o que fazer para realizar a correção da proposta de trabalho. A Professora disse à colega para que a correção fosse feita no quadro negro.

Segundo o Instituto de Inovação Educacional (1999), “são inegáveis as potencialidades que o computador introduz, principalmente com recursos multimédia, no processo de ensino-aprendizagem”. (p.33) Mas, apesar de serem uma mais-valia para as crianças, não deixam de ter as suas contrapartidas, tendo neste caso o quadro interativo deixado de trabalhar. A colega ficou assim por momentos sem local para fazer a correção. Contudo foi solucionado o problema, pois todas as salas com quadro interativo têm um quadro negro, que é útil para situações como esta.

Durante a utilização do quadro negro a colega escreveu incorretamente duas palavras: Pretérito Prefeito e “das” sem acento. Perguntou ainda em voz alta à Professora se se escrevia “dam” ou “dão”.

A atividade de Expressão Plástica foi muito gira. As crianças tiveram alguma dificuldade a colocar as patas da aranha pois as castanhas estavam muito duras, mas gostaram do resultado e divertiram-se a fazê-lo.

Por fim, na última área, a colega tinha três situações problemáticas para resolver e, quando uma das crianças estava a resolver a última situação no quadro, a colega não corrigiu corretamente essa criança. O pretendido era que se dividisse vinte e oito castanhas em quatro partes iguais e a explicação da colega foi que tinham de fazer conjuntos de quatro castanhas. A Professora chamou-a à atenção e explicou-lhe como se fazia, tendo a colega deixado a criança acabar de fazer incorretamente o problema e só depois pedido para apagar tudo e fazer novamente mas bem.

A Professora referiu que a colega é uma pessoa muito simpática e divertida nas aulas mas que não consegue definir limites nas suas aulas, tendo este aspeto de ser mais trabalhado.

Dia 15 de novembro de 2011

Iniciaram a manhã com a realização de uma avaliação de situações problemáticas. Eu e a minha colega estivemos a preencher uma grelha sobre a tipologia do erro, a pedido da Professora.

Durante a realização da avaliação, uma colega chamou-nos para irmos assistir a uma aula surpresa, no primeiro ano, sobre frações e situações problemáticas com o 5.º Dom de Froebel. Após a aula, reunimo-nos com a Diretora para falar sobre a mesma.

Quando regressámos à sala, as crianças já tinham terminado a avaliação e estavam a resolver, juntamente com a Professora, as situações problemáticas da avaliação.

Após o recreio, realizaram um ditado e, logo de seguida, foram almoçar. Terminado o almoço e, até à uma da tarde, estiveram no coreto a fazer um jogo.

Inferências / Fundamentação Teórica

Enquanto as crianças realizavam a avaliação, a Professora mostrou-nos um exemplo de uma grelha da tipologia do erro para que nós pudéssemos ter uma ideia de como se fazia. Explicou-nos que estas grelhas serviam para assinalar os erros que as crianças faziam num ditado e para ser mais fácil de identificar os erros mais comuns que davam. Para melhor compreensão, entregou-nos os ditados feitos pelas crianças e pediu-nos para preenchermos a grelha.

O conhecimento da natureza do erro proporciona um guia estratégico da prática didática. De acordo com Azevedo (1999),

o professor que conhece os erros mais frequentes dos seus alunos certamente que adaptará as suas explicações a sanar a esses erros. A quantidade e o tipo de erros permitem avaliar o progresso dos alunos e a mudança nessas variáveis informa o professor sobre o processo em curso. Torna-se, portanto, necessário utilizar algum modelo classificatório dos erros que oriente a sua intervenção didática. (p.82)

Assim que acabámos de preencher as grelhas, pudemos observar que os erros mais comuns foram: em vez de colocarem a letra “m” colocavam a letra “n”; muitos colocavam letras a mais ou a menos nas palavras; não colocavam a letra “u” depois da letra “g” e por fim muitos colocaram “am” em vez de “ão”.

Em relação à aula surpresa da colega, esta, antes de fazer a construção da casa, trabalhou os meios, os quartos e a unidade e só depois realizou a construção e as situações problemáticas.

As observações feitas à colega foram positivas, pois circulou pela sala, trabalhou as frações e realizou situações problemáticas adequadas. No entanto não deveria ter continuado a construção enquanto houvesse crianças que não estivessem na mesma fase que a colega. Para além disso, a questão feita na situação problemática não foi feita corretamente visto que o que perguntou não correspondeu ao que queria. Por fim, num primeiro ano em que o cálculo era abstrato e a criança não estava a conseguir realizá-lo, a colega deveria tê-lo demonstrado no quadro.

Na segunda parte da manhã, o 1.º Ciclo teve de ir almoçar ao meio dia, pois o Pré-Escolar tinha ido a uma visita de estudo e vinham mais tarde.

Após o almoço jogaram ao “jogo dos múltiplos”, que consistia em dizerem os números por ordem e sempre que o número fosse, neste caso, múltiplo de 3 e depois de 4, tinham de dizer “pum” ou uma palavra à escolha. Quem não dissesse as palavras num múltiplo perdia e voltava-se ao início.

Foi sem dúvida uma forma bastante boa e divertida para trabalhar a tabuada.

Dia 18 de novembro de 2011

A Professora distribuiu pela turma o texto “Que tal é ele?”, onde realizou a leitura e oralmente fez a exploração do mesmo (perguntas de interpretação e falou sobre a descrição física e psicológica de uma personagem). Terminada a exploração fizeram exercícios gramaticais sobre os graus dos adjetivos e realizaram o ditado musical da música “Anda comigo ver os aviões” dos Azeitonas.

Depois do recreio, as duas turmas do 3.º Ano juntaram-se para falarem sobre a festa de Natal, tendo depois regressado à sala. Já na sala trabalharam um novo conteúdo: a milésima.

Inferências / Fundamentação Teórica

O ambiente educacional deverá ser o mais variado possível, tornando-se motivador e capaz de desenvolver as capacidades das crianças.

Alves e Leite (2005) referem algumas atividades que podem tornar as aulas diferentes e motivadoras: “reescrita de letras, associação de músicas a situações de aprendizagem, criação de mnemónicas”. (p.21)

Durante a realização do ditado musical, uma das crianças, como não conseguiu preencher os espaços do ditado da primeira vez que ouviu a música começou a chorar e a fazer uma birra, recusando-se a terminar o ditado, acabando por perturbar a aula com o seu choro.

De acordo com Cordeiro (2009), as birras acontecem quando a criança “não consegue o que quer, porque as coisas não correm exactamente como queria, a frustração instala-se, os sentimentos mexem-se e remexem”. (244)

Esta criança fez a birra porque queria que a Professora parasse a música, para que este conseguisse acompanhar. Não sendo este o único aluno na sala, a Professora não fez o que ele queria, recusando-se a terminar a atividade. A Professora continuou com o ditado musical, repetindo a música mais duas vezes, para que todos conseguissem preencher as lacunas do texto.

1.9. Oitava Secção: 4.º Ano

Período de estágio de 21 de novembro de 2011 a 27 de janeiro de 2012

1.9.1. Caracterização da Turma

A turma do 4.º Ano é composta por dezanove crianças, oito do sexo feminino e onze do sexo masculino. Todas as crianças têm nove anos de idade.

Este grupo de crianças está bem integrado na dinâmica João de Deus e demonstra motivação e interesse pelas diversas aprendizagens.

1.9.2. Caracterização do Espaço

Esta sala localiza-se no primeiro andar de um dos edifícios do Jardim-Escola.

Esta sala continha duas portas, sendo que uma dava acesso à sala das estagiárias e ao ginásio e outra, a principal, dava acesso às casas de banho e ao exterior, mais concretamente ao pátio.

Esta sala tinha um quadro interativo. Ao lado do quadro estava a secretária do Professor que estava virada para a turma. A secretária tinha um computador e outros materiais.

A turma estava disposta em três filas, sendo que numa das filas as crianças encontravam-se sozinhas, noutra das outras filas estavam três a três e na última fila estavam dois a dois, virados para o quadro interativo e para a secretária do Professor.

Numa das paredes encontrava-se o quadro negro.

Na parte detrás da sala encontravam-se os cabides, devidamente identificados e um móvel com materiais e os dossiers da turma.

1.9.3. Rotina

As rotinas são as mesmas da secção anterior.

Em seguida apresento o horário da turma (Quadro 12).

Quadro 12 – Horário do 4.º Ano

4.º Ano					
Horas	2ª	3ª	4ª	5ª	6ª
9h – 10h	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
10h – 11h	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática
Recreio					
11h30 – 12h	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
12h – 12h50	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa	Matemática	Língua Portuguesa
13h – 14h30 Almoço e Recreio					
14h30 – 15h20	Estudo do Meio	Educação Física	Inglês	História	Área Projeto
15h20 – 16h10	História	Exp. Plást. (15h30 – 17h)	Estudo do Meio	Música	Estudo Acompanhado
16h10 – 17h	Estudo do Meio		Formação Cívica	Biblioteca: no âmbito de L.P.	Experiências
Saída					

1.9.4. Relatos Diários

Dia 21 de novembro de 2011

Este foi o primeiro dia na sala deste Professor e este iniciou a manhã com a correção do desafio escolar.

De seguida introduziu um novo conteúdo, o perímetro da circunferência.

Após o recreio, os Professores juntaram as duas turmas do 4.º Ano no ginásio e estiveram a falar sobre as personagens que cada um iria desempenhar na festa de Natal.

Inferências / Fundamentação Teórica

Tal como verifiquei no 3.º Ano em que as crianças levavam trabalhos de casa para fazerem no fim-de-semana, no 4.º Ano também isso aconteceu.

Tem havido alguma controvérsia em relação à possível influência positiva ao tema: trabalho de casa. Segundo Villas-Boas (2000) em “muitos estudos, o trabalho de casa aparece correlacionado com o aumento do aproveitamento escolar, em certas circunstâncias relacionadas com o tipo de trabalho de casa e com o tempo de demora da correção”. (p.5)

No que pude verificar, no 4.º Ano e no ano anterior, as crianças só levavam trabalhos de casa no fim-de-semana e não acontecia em todos os fins-de-semana. Em regra os Professores utilizavam as primeiras horas da manhã para fazer a correção.

Na segunda parte da manhã, as turmas do 4.º Ano estiveram a falar sobre as personagens da festa de Natal.

A festa de Natal consistia numa peça de teatro realizada pelas turmas, contudo escolhida e organizada pelos Professores.

O teatro é uma área que deve fazer parte da vida da criança pois obriga a criança a ser responsável e aumenta-lhe a autoestima.

De acordo com Lopes (1999) “a criação teatral educa no sentido da responsabilização: cada um é uma pequena peça de um puzzle que só será legível se se apresentar como um todo. A disponibilidade, a capacidade e a iniciativas individuais são decisivas no resultado final”. (p.8-9)

A autora refere que a criação de teatro tem também a capacidade de “elevar a auto-estima dos jovens, contribuir para que tenham confiança em si próprios e nas suas capacidades”. (p.9)

Após meia hora de estadia no ginásio e após vários avisos dos Professores para a turma ficar em silêncio e prestar atenção ao que era dito, o Professor chateou-se com a situação, disse que não ia haver festa de Natal para o 4.º Ano e levou as turmas para a sala.

Já na sala, o Professor esteve a repreender as turmas e voltou a referir que não iria haver festa. De acordo com Alves e Leite (2005), “repreender o jovem ou privá-lo de algo de que ele gosta” consiste num castigo que “deve surgir imediatamente após o acto cometido”. (p.38) Entretanto a Diretora ficou a saber do sucedido e foi à sala falar com as turmas.

Algumas crianças, quando se aperceberam que iam ficar sem participar na festa de Natal, começaram a chorar e constatei que as que estavam a chorar foram exatamente aquelas que se comportaram mal no ginásio.

Dia 22 de novembro de 2011

Durante a primeira parte da manhã estiveram a corrigir, individualmente, as palavras que tinham escrito incorretamente no seu ditado tendo depois sido entregue pelo Professor uma avaliação de operações corrigida e um ditado igualmente corrigido.

De seguida o Professor lecionou um novo conteúdo: os verbos copulativos através de um *Powerpoint* elaborado pelo mesmo.

Na última parte da manhã, estiveram a corrigir trabalhos, fizeram desenhos e leram livros à escolha de cada um, tendo no final da manhã escrito no quadro operações com frações para a turma resolver.

Inferências

Quando o Professor entregou os ditados para corrigirem os erros cometidos, verifiquei que muitas crianças tinham bastantes erros. Como forma de se autocorrigirem, tiveram de escrever várias vezes os erros cometidos.

Para ter a certeza que os alunos faziam as coisas com calma e atenção, o Professor mandou os alunos reescrever as palavras em causa. Caso o aluno no total de palavras errasse na escrita de uma ou mais palavras, este teria de voltar a escrever todas elas de novo, sem exceção. Muitas das crianças, desatentas, apresentaram um grau de concentração tão baixo que repetiam os mesmos erros ao escreverem as mesmas palavras, mesmo depois de alertadas para determinadas situações.

O Professor, ao distribuir as avaliações de operações, foi dizendo oralmente a nota que cada uma das crianças tinha obtido.

A avaliação de operações consistia em quatro exercícios: uma soma, uma subtração, uma multiplicação e por fim uma divisão. Das dezanove crianças que constituíam a turma, apenas cinco não obtiveram não satisfaz, o que quer dizer que muitas crianças, para além de não terem conseguido fazer a multiplicação e a divisão, também não foram capazes de fazer corretamente a soma ou a subtração, operações estas, que para uma turma de 4.º Ano deviam ser feitas com grande facilidade e sem erros.

Dia 25 de novembro de 2011

Iniciaram a manhã com a leitura do texto: "O gigante".

Após a leitura o Professor, oralmente, colocou algumas perguntas de interpretação e de exploração gramatical. Terminada esta atividade, realizaram o ditado desse mesmo texto.

Depois do recreio o Professor fez uma revisão do modo imperativo tendo depois passado para a área de Estudo do Meio onde fizeram uma revisão oral de vários conteúdos pois iam ter uma prova de avaliação desta área.

Inferências / Fundamentação Teórica

Os Professores, regra geral, quando querem trabalhar a leitura utilizam os textos existentes nos manuais.

Para Choppin (1992, citado por Sousa, 2000) os manuais são “objetos utilitários que são utilizados na sala de aula, criados para servir de suporte ao ensino de uma determinada disciplina em contexto pedagógico e encarados pela comunidade educativa, nomeadamente professores e alunos, como facilitadores da estruturação dos saberes”. (p.37)

Já segundo Sousa (2000), durante uma aula de Língua Portuguesa:

a leitura é assumida mais como actividade centrada na decifração e na oralização do material impresso; o trabalho sobre os textos é feito essencialmente com base em excertos e a partir do manual, composto por um conjunto de textos acompanhados de uma série de actividades que sobre eles incidem. (p.42)

Na leitura dos manuais, os textos apresentados, segundo a mesma autora, são textos “significativos, capazes de alimentar e estimular o imaginário” (p.42), tendo estes as características essenciais para uma adequada e eficaz transmissão do saber.

Dia 28 de novembro de 2011

Deram início à manhã com a correção do desafio escolar de Língua Portuguesa que também serviu para fazerem uma revisão dos conteúdos que iam sair na prova de avaliação.

Após o recreio, foi-lhes entregue a avaliação de operações e, de seguida, o Professor esteve a relembrar as regras do discurso direto para depois, na prova de Língua Portuguesa, o porem em prática na composição.

Inferências / Fundamentação Teórica

Neste dia verifiquei que os pais ou família se envolviam na elaboração dos desafios escolares.

O envolvimento dos pais na educação dos filhos, de acordo com Villas-Boas (2000):

é, hoje em dia, um tópico que ganha cada vez maior importância. A influência parental desempenha um papel preponderante tanto no desenvolvimento cognitivo da criança como no seu aproveitamento. Nos últimos anos muitos estudos têm vindo a salientar que para, além da importância das atitudes dos pais e da qualidade da sua interacção com os filhos, é efectivamente necessário que trabalhem com eles em casa. (p.6)

Todos os fins-de-semana o Professor enviava por *email*, a cada Encarregado de Educação, a correção do desafio escolar de modo a que estes pudessem ajudar nas dúvidas dos seus educandos e verificar se estava tudo bem feito.

Dia 29 de novembro de 2011

Durante a primeira hora da manhã, o Professor esteve a falar com a turma sobre os erros constantes que faziam na análise sintática, tendo depois feito alguns exercícios no quadro para trabalhar o conteúdo.

A meio da manhã dirigiram-se ao ginásio para o ensaio da festa de Natal.

Durante o recreio e o segundo tempo da manhã, eu e as minhas colegas estivemos a preparar material para a festa de Natal.

Inferências / Fundamentação Teórica

O Professor, inicialmente, esteve a falar sobre os erros constantes que as crianças faziam na análise sintática. Esta abordagem do Professor justificou-se pelo facto de ter verificado que a grande maioria das crianças não era capaz de responder corretamente se o sujeito das várias frases que colocou no quadro era um sujeito simples ou composto. Esteve a explicar novamente o conteúdo até que este ficasse interiorizado e percebido.

Segundo Pais e Monteiro (1996) alguns dos erros que os alunos cometem “estão relacionados com o desconhecimento (ou insuficiente conhecimento) de determinados conteúdos que deveriam estar adquiridos”. (p.31)

A criação teatral é uma atividade coletiva em que o projeto teatral depende em absoluto do grupo. Segundo Lopes (1999):

a dinâmica que se gera para atingir um objectivo que é comum; as relações afectivas que se estabelecem entre os diversos elementos; o respeito pelas diferenças e a aceitação do outro, necessários ao desenvolvimento do trabalho em conjunto; o espírito de partilha e a entreatajuda, factores indissociáveis do sucesso, incentivam a sociabilidade e educam no caminho da liberdade, da cooperação e da tolerância. (p.7)

Assim, quando se realiza um projeto teatral, as crianças podem adquirir várias características positivas desse projeto.

Dia 2 de dezembro de 2011

Neste dia as duas turmas juntaram-se na sala do Professor e durante a primeira parte da manhã estiveram a tirar dúvidas, oralmente, para a prova de avaliação de Matemática.

Na segunda parte estiveram a fazer exercícios de revisão (numeração romana e conversões).

Nos últimos quarenta e cinco minutos da manhã o Professor do Clube das Ciências realizou uma experiência com a turma intitulada de “Espelhos e lentes – Espelho meu, espelho meu”.

Inferências / Fundamentação Teórica

O Professor optou por formar grupos para realizar a atividade pretendida para esse dia.

Na atividade que realizaram, o Professor entregou o material aos grupos, deixando-os mexer, experimentar e respeitando o tempo necessário a cada criança para realizar a exploração do material. Segundo Martins *et al.* (2009), “deverá sempre ser respeitado o tempo de exploração de cada criança, permitindo-lhe manipular livremente os materiais em busca de satisfação da sua curiosidade e das suas questões”. (p.21)

Dentro da sala de aula, o aluno deve manter uma postura exemplar, mantendo assim um comportamento o mais correto possível, nomeadamente ao evitar fazer barulho e ao manter-se no seu lugar, excetuando situações que assim o obriguem. De acordo com Pato (1995), “durante a fase de trabalho centrada em cada grupo, os alunos podem levantar-se do seu lugar sempre que a actividade em curso o justifique,

mas para se afastarem do espaço reservado ao seu grupo precisam de autorização do professor”. (p.35)

O que foi descrito por Pato não se verificou nesta aula pois a turma começou a ficar muito agitada, falaram muito e de forma muito alta. Associado a isto, estiveram ainda a brincar com o material e não estiveram nos seus lugares. Assim, o Professor chateou-se, repreendeu a turma e deu por terminada a atividade.

Dia 5 de dezembro de 2011

Começaram por realizar exercícios de revisão de Matemática e de seguida deram início à prova de avaliação.

Após o recreio, foi entregue à turma as provas de avaliação, já corrigidas, de Língua Portuguesa e de Estudo do Meio, para saberem as notas e guardar no dossier.

Na última hora da manhã o Professor ensinou a calcular a área do círculo.

Inferências / Fundamentação Teórica

Ao longo do estágio, nesta turma, pude observar várias vezes o Professor a advertir as crianças em relação à maneira como falavam.

Muitas crianças e até os próprios adultos “comem” certas partes das palavras como: porta-te bem/comporta-te bem; tá bem/está bem; espera/pera ou utilizam certas palavras como: bué, fixe, pá, etc. Este último tipo de linguagem é considerada como calão.

Segundo Cordeiro (2009) o calão “é um desvio da linguagem habitual, substituindo algumas palavras por outras que podem ou não já existir, mas que se tornam uma espécie de moda ou são ditas em conversas de grupos de pertença muito específicos”. (p.319)

Muitas vezes o Professor repreendeu as crianças para que estas dissessem corretamente as palavras. O Professor repreendeu-as tantas vezes que passado algum tempo elas próprias já se autocorrigiam, dando conta do erro que estavam a cometer, não sendo assim necessária a intervenção do Professor.

Dia 6 de dezembro de 2011

Iniciaram a manhã com a leitura do texto: “Noite de Natal”. Oralmente realizaram a interpretação do texto e de seguida deram início à avaliação de leitura.

Na segunda parte da manhã realizaram um ditado de palavras. Terminado o ditado, o Professor esteve a desenhar a caravela, que fazia parte do cenário para a festa de Natal. Enquanto isto, as crianças ficaram a pintar a capa das provas de avaliação do 1.º Período e a fazer desenhos.

Inferências / Fundamentação Teórica

Para a leitura do texto, o Professor solicitou que cada aluno se levantasse, um a um, fosse ao quadro e lesse para turma de forma audível.

De acordo com Alves e Leite (2005) os programas de Língua Portuguesa apontam para três tipos de leitura: para informação e estudo, orientada e recreativa. O tipo de leitura utilizado em sala de aula é a leitura orientada que visa “exercitar os alunos na interpretação de textos e versam as obras indicadas no programa. Incidem, sobretudo, no estudo das características dos livros indicados, em prosa e em verso, devendo estimular o gosto pelo acto de ler”. (p.76)

Na segunda parte da manhã realizaram um ditado de palavras. Algumas das palavras que o Professor ditou eram palavras comuns, que as crianças estavam habituadas a ouvir no seu dia-a-dia, contudo houve palavras ditadas que as crianças não ouviam diariamente nem sequer sabiam o seu significado.

Segundo Pais e Monteiro (1996) existem erros que as crianças comentem que “não terão a ver com desconhecimento, mas com as características da situação comunicacional. A linguagem utilizada pelo professor pode não ser completamente dominada pelo aluno”. (p.31)

Verifiquei que nas palavras menos usuais, as crianças cometeram erros ao escrevê-las.

Dia 12 de dezembro de 2011

Iniciaram a manhã com a entrega das avaliações e, de seguida, eu e a minha colega fomos ajudar uma Professora a enfeitar o palco para a festa de Natal.

Inferências

Foi-nos pedido pela Professora que a ajudássemos a colocar várias flores, feitas por esta, e outros enfeites no palco.

Dia 13 de dezembro de 2011

Durante a manhã as crianças estiveram a terminar trabalhos em atraso, a organizar os dossiers e já no final da manhã o Professor entregou as provas de avaliação, já corrigidas, que faltavam ser entregues (Matemática e História). Por fim entregou uma ficha de avaliação de Língua Portuguesa.

Durante o recreio foi-nos solicitada pela Diretora a ajuda nuns preparativos para a festa de Natal e, quando terminámos e regressámos à sala, as crianças tinham iniciado a ficha de avaliação de Matemática que estiveram a fazer até à hora do almoço.

Inferências

O Professor, por norma, tem sempre folhas de rascunho ou em branco no armário no fundo da sala para que as crianças possam fazer desenhos ou dar outro tipo de uso.

Durante a manhã o Professor apercebeu-se que a ficha de avaliação que ia entregar continha erros. Assim, colocou as folhas no local das folhas de rascunho e voltou a imprimir. Quando este estava a terminar de entregar as avaliações de Matemática e de História, reparou que uma das meninas da turma estava a fazer a ficha de avaliação que tinha colocado no local dos rascunhos. O Professor, chateado com a situação, rasgou todas as folhas que tinha colocado no local de rascunho e teve de ir fazer uma nova ficha de avaliação.

Dia 16 de dezembro de 2011

Durante a primeira parte da manhã, o Professor distribuiu, pela turma, envelopes onde iriam ser colocadas as avaliações desse Período. Foi pedido que enfeitassem esses envelopes a seu gosto. Terminada esta tarefa realizaram exercícios sobre advérbios.

Após o recreio, o Professor fez uma apresentação em *Powerpoint* à turma sobre o tipo de armadura que era utilizado nas guerras pelos soldados portugueses.

Inferências / Fundamentação Teórica

No horário da turma não estava prevista a aula que o Professor lecionou. A disciplina de História é uma disciplina que faz parte do currículo escolar que, é

lecionada na parte da tarde. Contudo neste dia pudemos observar uma aula dessa disciplina.

De acordo com Santos (2000),

a presença da disciplina de História nos currículos escolares resulta, naturalmente, do reconhecimento social do seu contributo para a formação dos alunos e, sobretudo, da vontade manifesta pela comunidade dos adultos daquilo que do passado é significativo e memorável e que, por isso, sentem o dever e o direito de transmitir às novas gerações como herança. (p.32)

Este Professor é uma pessoa muito interessada e conhecedora da nossa História. A apresentação elaborada pelo Professor não era propriamente sobre um conteúdo programático, mas sim sobre curiosidades da armadura da época.

Dia 6 de janeiro de 2012

Durante grande parte da manhã a turma esteve a pintar e a enfeitar os separadores para as várias disciplinas do 2.º Período. À medida que iam terminando, iniciavam a avaliação de exercício escrito (composição).

Perto da hora do almoço foi-lhes entregue uma proposta de trabalho de Matemática sobre os poliedros.

Inferências

Como o 1.º Período já tinha terminado e encontravam-se no 2.º Período, o Professor pediu às crianças que pintassem e enfeitassem os separadores que iriam servir para dividir as várias disciplinas no dossier.

Durante a proposta de trabalho, estivemos a ajudar algumas crianças que estavam com dúvidas na elaboração.

Dia 9 de janeiro de 2012

Na primeira parte da manhã, o Professor passou alguns exercícios no quadro para a turma resolver. O conteúdo abordado eram os números complexos.

Após o recreio estiveram a rever as conjugações verbais de verbos regulares e, de seguida, o Professor pediu às crianças que conjugassem, na folha, três verbos irregulares em vários tempos verbais.

Inferências / Fundamentação Teórica

Durante a manhã uma das crianças esteve consecutivamente a brincar, a falar e não fazia os exercícios que lhe eram pedidos. O Professor repreendeu-o algumas vezes até que no final da manhã, mais uma vez, a criança voltou a brincar e o Professor advertiu-o de uma maneira que a meu ver foi um pouco excessiva. Gritou com a criança de tal maneira que o próprio Professor ficou todo vermelho e quase sem ar. Assim que terminou a criança desfez-se em lágrimas.

Esta criança é uma criança bastante irrequieta que neste dia excedeu-se tendo o Professor de o repreender por diversas vezes.

Amado (2000) refere três autores que mencionam os vários comportamentos desviantes, considerados como indisciplina e que as crianças podem ter na sala de aula.

Os primeiros autores, Lawrence *et al.* (1985), referem os seguintes tipos de comportamentos: “abuso da linguagem, vandalismo, roubo, insolência não-verbal, entrada tardia na aula, falar/conversar, recusa da autoridade, brusquidão, arrelhar ou usar da violência para com os pares, turbulência, ameaçar os professores (...)”. (p.103)

O segundo autor, Doyle (1986), aponta como mais frequentes os seguintes comportamentos: “atraso, interrupções, falta de material, desatenção, conversa, gritos, ligeiras formas de agressão física e verbal”. (p.103)

A terceira autora, Estrela (1986), elabora quatro categorias: “comportamentos que perturbam a comunicação na aula; comportamentos que perturbam o rendimento do curso (deslocações, distrações e brincadeiras); comportamentos que perturbam as relações humanas (relação com os pares e com os professores); comportamentos que violam os hábitos sociais estabelecidos”. (p.104)

Segundo estes autores são estes os tipos ou categorias mais comuns de indisciplina verificados nas crianças.

Dia 10 de janeiro de 2012

O Professor iniciou a manhã fazendo revisões dos números complexos e ainda subtrações e adições com esses números.

De seguida foi interrompido por uma das Orientadoras de Estágio, que me pediu uma aula surpresa, onde tive de trabalhar a área com o material Cuisenaire. Terminada a minha aula e antes de ir para a reunião, o Professor pediu-me para realizar com a turma uma adição com os números complexos.

Assim que terminei fui para a reunião, tendo a minha colega ficado na sala para fazer uma subtração com a turma, também com os números complexos.

Inferências / Fundamentação Teórica

Neste ano de escolaridade, quando se trabalha com o material Cuisenaire, já não é necessário fazer questões sobre o material e os valores das peças. Assim, logo que foi distribuído o material pedi à turma que abrissem as caixas e que me definissem área.

Palhares *et al.* (2004, citado por Caldeira, 2009) afirmam que “ao medirmos a porção de plano que uma dada figura plana ocupa, estamos a calcular a área dessa figura”. (p.163)

As crianças não definiram corretamente a área, tendo eu definido posteriormente. Os exercícios que propus à turma foram exercícios muito elementares para este ano de escolaridade, pelo que teria sido mais adequado ter proposto exercícios mais desafiantes.

Logo após a minha aula surpresa, o Professor solicitou-me que realizasse um exercício de números complexos. Em relação ao meu exercício, o Professor referiu que os meus algoritmos não estavam escritos no quadro de uma forma muito legível.

Dia 13 de janeiro de 2012

Durante parte da manhã estiveram a terminar trabalhos em atraso.

De seguida passaram do quadro um apontamento que o Professor escreveu sobre as onomatopeias e realizaram exercícios gramaticais sobre a acentuação.

Inferências

Não assisti mais à aula. Fui-me embora devido a uma indisposição.

Dia 16 de janeiro de 2012

Durante algum tempo da manhã estivemos a terminar trabalhos em atraso com as crianças enquanto o Professor tratava de outros assuntos. Assim que pôde, o Professor esteve a rever as preposições através da análise sintática.

Durante a revisão do Professor, uma das Orientadoras de Estágio entrou e pediu à minha colega de estágio que realizasse a interpretação do texto: “A tristeza do Rei” e introduzisse o complemento oblíquo.

Inferências / Fundamentação Teórica

A colega deu início à sua aula fazendo a leitura modelo do texto. Só depois pediu a algumas crianças para lerem o texto.

Uma criança que leia e que goste de ler tornar-se-á um cidadão mais crítico, mais recetivo à diversidade, à aceitação dos outros e à construção do saber. Castro (1998, citado por Sousa, 2000) refere que isto acontece porque:

a leitura é uma prática potencialmente capaz de nos fazer aceder a outros modos de ver o mundo e de conhecer os outros e, nesse sentido, capaz de possibilitar uma melhor compreensão de nós próprios e dos contextos sociais que nos cercam. (p.27)

Após a leitura, perguntou às crianças se tinham dúvidas em alguma das palavras do texto. Houve uma dúvida na palavra aposentos, tendo a colega definido a mesma como um reino/uma casa, quando na verdade é uma divisão.

A colega fez sempre perguntas dirigidas durante a interpretação do texto tendo depois dado início à análise sintática. Realizou três frases para trabalhar o conteúdo, tendo sido na reunião referido pelo Professor que um dos verbos utilizado numa das frases (apaixonou-se) não necessitava de complemento oblíquo. A orientadora que assistiu à aula contrapôs a ideia apresentada pelo Professor, dizendo que o verbo utilizado não podia ser considerado errado, pois fazia parte de uma listagem que nos tinha sido fornecido por essa mesma orientadora. Daí ter sido utilizado pela colega.

Em suma foi uma aula com sequência, bem estruturada e clara.

Dia 17 de janeiro de 2012

Iniciaram a manhã com a entrega das avaliações das operações.

De seguida fizeram a correção dos desafios escolares, levados para fazer no fim-de-semana.

Durante a correção dos trabalhos de casa foram avisar à sala para irmos assistir a uma peça de teatro: “Os Super Sorrisos” como se pode ver na figura 42.

Após o teatro fomos assistir a aulas surpresa de duas colegas no 3.º Ano. À primeira colega foi pedida a leitura, interpretação de um texto e para abordar

conteúdos gramaticais que a turma já tinha aprendido até então. À segunda colega foi-lhe pedido que fizesse três situações problemáticas.



Figura 42 – *Super Sorrisos*

Inferências / Fundamentação Teórica

Durante a correção do desafio escolar, verifiquei que algumas crianças não tinham trazido as folhas de trabalho de casa e estavam a falar ou a brincar. O Professor, ao ver esta situação, nada fez, continuando a correção sem os chamar à atenção.

Não considero correta a atitude do Professor. Independentemente de as crianças não terem a folha, tinham de ser repreendidas para tomarem atenção à correção.

Relativamente à aula surpresa da primeira colega, esta ao longo da aula mostrou estar muito nervosa tendo-se baralhado por vezes em alguns conteúdos gramaticais.

Em relação ao texto foi referido que a colega o podia ter explorado mais, pois era um texto que apelava muito a opiniões e a “discussões” sobre o tema.

Em relação aos conteúdos gramaticais, foi referido que a colega não trabalhou todos os conteúdos gramaticais mas os que trabalhou foram suficientes.

A segunda colega também estava muito nervosa e mostrou-o com grande evidência pois ao longo do seu discurso ia gaguejando e as situações problemáticas que escreveu no quadro continham erros ortográficos.

Numa das situações problemáticas a colega explicou-a corretamente à turma mas quando a criança escreveu no quadro, escreveu incorretamente e a colega não corrigiu e também não corrigiu o resultado da operação que estava incorreto.

Numa outra situação problemática realizada pela colega, esta permitia às crianças resolverem-na de várias formas diferentes.

Neste tipo de atividade, não se pretende que as situações problemáticas sejam de resposta direta, nem que obedeçam a uma sequência rígida previamente programada.

Segundo Ernest (1992, citado por Boavida, 1993) refere “que a liberdade do aluno de poder escolher os métodos de abordagem dos problemas que pretende resolver, sem ter que seguir a par e passo as indicações do professor”. (p.143)

A autora refere que:

ensinar matemática via resolução de problemas requer, da parte do professor, bem mais do que ensinar problemas que se resolvem através da aplicação directa de um algoritmo. É necessário que os problemas constituam um desafio, que os alunos se envolvam directamente no processo de resolução, na construção da sua própria aprendizagem, que os modos de ensino sejam variados e que as actividades de aprendizagem não se esgotem no ouvir as explicações do professor e no resolver problemas individualmente. (p.146)

Em relação à restante situação problemática, a orientadora referiu que a segunda situação não era credível pois referia que uma menina tinha comprado 750 metros de tecido. Em relação à sua prestação referiu que esta não foi independente/desenvencilhada nomeadamente no que devia fazer ao longo da aula (exemplos: se entregava as folhas para realizarem os exercícios, se pedia a uma criança ou se era a própria que distribuía).

Dia 20 de janeiro de 2012

Neste dia, o 4.º Ano foi a uma visita de estudo que durou todo o dia. Assim sendo, eu e a minha colega fomos para a sala do 2.º Ano.

Iniciaram a aula com a correção dos trabalhos de casa (operações).

De seguida realizaram uma cópia para avaliação do texto: “Escaravelho” e exercícios gramaticais.

Após o recreio, as crianças que ainda não tinham terminado a tarefa anterior, estiveram a terminá-la e os restantes deram início a exercícios de Matemática com operações e situações problemáticas. Entretanto, foi-nos pedido pela Professora para ajudar duas crianças que estavam mais atrasadas.

Inferências / Fundamentação Teórica

Nesta sala pude verificar que algumas das paredes se encontravam com papéis com várias regras que as crianças tinham de cumprir.

Alves e Leite (2005) referem que “é importante construir, juntamente com a criança, um conjunto de regras que possam nortear o seu comportamento”. (p.37)

Sempre que a criança cumpra corretamente as regras, o professor deve reforçar positivamente a criança, pois como referem os autores, o reforço “visa aumentar a frequência dos comportamentos adequados, recompensando a criança por algo que fez bem”. (p.38)

As regras na aula têm dois grandes objetivos. Boostrom e Hansen (1993, citado por Amado, 2000) referem que esses objetivos são os seguintes:

por um lado, como instrumento de socialização, visam criar «estruturas de pensamento» que permitam dar sentido às relações sociais. Por outro lado, elas surgem como recursos práticos da «gestão da aula» de modo a que, através delas, se possam regular as interações e se consigam alcançar os objectivos de ensino-aprendizagem que é pressuposto presidirem às actividades. (p.99)

Para que se crie um bom ambiente dentro da sala de aula, é sem dúvida fundamental incutir normas que permitam aos alunos ter uma atitude dinâmica e construtiva. Dessa forma, e de acordo com Estrela (1995, citado por Amado, 2000) as normas, atrás denominadas por regras têm cinco funções principais: “organizativas (estabelecem as condições da actividade), reorganizativas (reformulam a situação criada em função de uma regra anterior), preventivas (regras enunciadas prevendo e prevenindo situações indesejáveis), reforçadoras (uma espécie de *slogans* repetidos) e correctivas (visam pôr fim a um comportamento desviante)”. (p.99)

Gostei bastante de ter estado nesta sala. Teve sem dúvida um ritmo completamente diferente do 4.º Ano. Nesta sala as crianças trabalharam as duas áreas principais – Matemática e Língua Portuguesa – e realizaram várias atividades dentro dessas áreas. Ao contrário da turma do 4.º Ano, esta turma e Professora mostraram dinamismo e ritmo ao longo da manhã.

Dia 23 de janeiro de 2012

Para este dia estava programada a minha manhã de aulas.

A Língua Portuguesa, através do *Powerpoint*, dei a conhecer à turma a relação fonética e gráfica entre palavras (palavras homónimas, homófonas, homógrafas e parónimas) e entreguei uma proposta de trabalho.

A Estudo do Meio, também através do *Powerpoint*, introduzi as formas de relevo, entreguei uma proposta de trabalho e, por fim, a Matemática, introduzi o volume.

Inferências / Fundamentação Teórica

A Língua Portuguesa, através do *Powerpoint*, falei sobre a origem/como surgiu a palavra homófona, homógrafa, homónima e parónima, expliquei o seu significado e dei exemplos de palavras destes tipos.

Foi-me referido pelo Professor e pela colega de estágio que, na proposta de trabalho, um dos exercícios não estava correto, pois coloquei as palavras: roída/ruído como sendo palavras homófonas.

Após ter dado a conhecer como se calculava o volume do cubo e do paralelepípedo distribuí imagens de sólidos para colarem nas folhas e resolvermos. Durante a correção de um dos exercícios, a criança que estava no quadro não foi capaz de calcular mentalmente 7×10 . Este teve de fazer a conta no quadro.

Segundo a Organização Curricular e Programas do 1.º Ciclo do Ensino Básico, no 4.º Ano de Escolaridade as crianças devem “reconhecer a equivalência entre: 0,1 e 10; 0,01 e 100; 0,001 e 1000”. (p.178)

Nos Jardins-Escola João de Deus, as crianças aprendem a fazer esta equivalência no 3.º Ano. Assim sendo, quando a criança se deparou com a conta, deveria ter conseguido resolver mentalmente.

O Professor referiu que devia ter dado um reforço positivo quando as crianças respondiam corretamente ao que lhes pedia e que na proposta de trabalho de Matemática deveria ter sido mais assertiva.

Dia 24 de janeiro de 2012

Para este dia estava agendada a aula de outra colega. Na área de Língua Portuguesa, a colega fez a revisão das palavras homógrafas, homófonas, homónimas e parónimas, a partir de um poema de Teresa Marques. Para terminar esta área, entregou uma proposta de trabalho de modo a trabalhar os conteúdos lecionados.

De seguida, a Estudo do Meio trabalhou as serras de Portugal, tendo iniciado o tema com o visionamento de um filme que continha imagens das serras. Ao longo do

visionamento foi falando sobre cada uma das serras e partilhando experiências com a turma.

Após o recreio realizaram um trabalho de grupo sobre o tema anterior, tendo depois terminado a sua aula.

Inferências / Fundamentação Teórica

A colega tinha planeado a aula de Língua Portuguesa como se fosse a primeira vez que as crianças iriam ouvir aquele tema. Não sabia que no dia anterior a minha aula tinha sido sobre o mesmo conteúdo. Assim antes de iniciar a aula, o Professor avisou-a do seu lapso e pediu para, em vez de dar a aula como se fosse a primeira vez, para fazer uma revisão.

Durante o visionamento do filme do Estudo do Meio, a colega teve de ir parando várias vezes o filme pois este estava a passar muito depressa, o que não deixava a colega com tempo para ir falar.

O trabalho de grupo realizado consistia em que cada grupo arranjasse pistas sobre uma das serras que foi falada durante a aula, isto através de uma folha informativa entregue ao grupo. Terminado o tempo e arranjadas as pistas, cada grupo revelou-as de modo a que os outros colegas descobrissem de que serra se tratava.

Segundo Pato (1995):

durante a fase de actividade centrada em cada grupo, os alunos devem preocupar-se com que o seu volume e tom de voz não perturbem os restantes grupos e em assegurar um ambiente geral facilitador de condições adequadas ao trabalho e à reflexão tranquila. (p.34)

A colega como sabia que esta turma ficava muito agitada quando realizavam atividades em grupo, utilizou uma estratégia diferente. Pediu que falassem muito baixinho para que os outros grupos não descobrissem a sua serra.

Foi sem dúvida uma estratégia que resultou, pois eles estavam empenhados no que faziam e poucas vozes se ouviram.

Dia 27 de janeiro de 2012

Durante o tempo de acolhimento, o Professor esteve a falar com a mãe de um menino, pedindo-nos para realizar a correção do desafio escolar de Língua Portuguesa com a turma.

Terminado o tempo de acolhimento, a colega iniciou a sua manhã de aulas começando por Matemática – medidas agrárias. Nesta área entregou um apontamento, que leram, e trabalhou os conteúdos através de uma proposta de trabalho.

A Estudo do Meio trabalhou os rios de Portugal através do *Powerpoint*, entregando no final uma proposta de trabalho.

A Língua Portuguesa realizou a revisão dos tempos do modo Indicativo através de um jogo. Introduziu o modo Conjuntivo e entregou uma proposta de trabalho sobre o tema.

Inferências / Fundamentação Teórica

Na área de Matemática, enquanto realizavam a operação de divisão de uma das situações problemáticas, o Professor interrompeu para fazer uma correção. Quando se termina de calcular tem-se de colocar as medidas, neste caso as medidas agrárias, tanto no quociente (que a criança colocou) como no resto (em que a criança não colocou).

A aula da colega correu bastante bem e trabalhou os vários conteúdos corretamente. O Professor, no final da aula, acrescentou ainda uma nota dizendo que devia ter havido um reforço positivo da parte da colega com as crianças. Alves e Leite (2005) referem este reforço apontado como podendo ser “um elogio, um sinal de afecto e carinho” (p.38). Por fim o Professor disse à colega que devia ter repreendido e corrigido a postura de um dos meninos, pois o menino estava mal sentado e com o pé em cima da cadeira.

Capítulo 2

Planificações

2.1. Descrição do Capítulo

Neste capítulo são apresentados os planos de aula elaborados durante o estágio.

Este capítulo encontra-se dividido em duas secções, apresentando-se na primeira a devida fundamentação teórica sobre o tema, planificações.

Na segunda secção deste capítulo encontram-se três planos de aula relativos ao Pré-Escolar (área da Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita – Bibe Amarelo, Área da Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática – Bibe Encarnado e Conhecimento do Mundo – Bibe Encarnado) com a devida fundamentação teórica e inferências e dois planos de aula relativos ao 1.º Ciclo (área do Conhecimento do Mundo – 2.º Ano e Matemática – 3.º Ano) com a devida fundamentação teórica e inferências.

2.2. Introdução

Saber planificar é fundamental na Educação, assim, vou apresentar uma fundamentação teórica sobre a sua importância.

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (1997), planear “é condição para que a educação pré-escolar proporcione um ambiente estimulante de desenvolvimento e promova aprendizagens significativas e diversificadas que contribuem para uma maior igualdade de oportunidades”. (p.26) Ainda segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME “planear implica que o educador reflecta sobre as suas intenções educativas e as formas de as adequar ao grupo, prevendo situações e experiências de aprendizagem e organizando recursos humanos e materiais necessários à sua realização”. (p.26) Assim a planificação é essencial para um ensino de qualidade.

Segundo Pais e Monteiro (1996), qualquer planificação:

de sequência de aprendizagem ou de aula, pressupõe escolhas pedagógicas teóricas que determinam uma prática concretizada, em última análise, na aula. O professor terá que fazer a escolha que melhor se adequa aos seus propósitos educativos e às condições concretas em que trabalha. (p.34)

De acordo com as mesmas autoras, a planificação pode ser feita em função de objetivos ou em função de atividades. “Os objectivos são metas úteis e devem ser definidos claramente para que seja possível perspectivar os diferentes níveis de

generalização”. (p.34) A planificação feita em função de atividades “manifesta mais vitalidade, maior dinamismo”. (p.35)

No entanto também é possível planificar em função dos conteúdos. De acordo com Pais e Monteiro (1996), é “o modelo mais clássico, mais tradicional”. (p.35)

A planificação tem que ser feita previamente, qualquer que seja o modelo escolhido para registar.

Todos os planos de aula elaborados basearam-se no modelo utilizado no Jardim-Escola João de Deus, Modelo T de Aprendizagem, proposto pelo Dr. Martiniano Pérez.

Segundo Pérez (s.d.), este tipo de planificação, dá-nos uma visão global daquilo que o educador vai fazer e quais as competências que quer atingir.

As planificações que foram utilizadas ao longo do estágio são uma adaptação do modelo original, pois segundo Pérez (s.d.), não se planifica para 20/30 minutos mas sim o autor estabelece 6 semanas como um limite mínimo para uma planificação curta.

Quadro 13 – Exemplo de uma planificação baseada no Modelo T de aprendizagem

Jardim Escola João de Deus	
Plano de Aula	
Tempo ≈	Nome:
Ano e Turma:	Ano e turma:
Data:	Número:
Área:	
Conteúdos	Procedimentos
Objetivos/Competências	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
Material:	

Como é apresentado no quadro 13, este modelo “agrupa os objectivos fundamentais (capacidades – valores) e complementares (destrezas e atitudes) com conteúdos (formas de saber) e métodos/actividades gerais (formas de fazer) numa visão global e panorâmica”. (Pérez, s.d., p.7)

De acordo com o mesmo autor “as capacidades – destrezas: indicam os objectivos fundamentais cognitivos (...) que queremos desenvolver; os valores –

atitudes: mostram os objectivos fundamentais afectivos que pretendemos desenvolver”. (p.402)

É importante também referir em que consiste programar e quais os passos que devemos seguir até planificar uma atividade. De acordo com Zabalza (2001):

sem programação não se pode fazer «boa escola». Porém, para que a programação responda ao seu sentido curricular tem que possuir certas características importantes que afectam tanto o processo da sua planificação como a sua posterior aplicação prática na aula. (p.96)

Também segundo este autor “ao fazer a programação, adoptam-se decisões relativas a conteúdos, métodos, recursos, prioridades, etc., elegem-se uns como mais adequados e deixam-se de lado outros”. (p.97)

Nenhuma planificação pode ser considerada em si mesma como um fim, mas antes como um meio auxiliar da prática pedagógica.

De acordo com Pais e Monteiro (1996), a planificação de uma aula

não tem obrigatoriamente que ser cumprida na sua totalidade. Em situação de aula, o professor deve, quando confrontado com as questões levantadas pelos alunos, ser capaz de decidir, no momento, se será mais eficaz cumprir a planificação feita ou responder às solicitações dos alunos e percorrer um outro caminho. (p.40)

Por esta e por outras situações que podem ocorrer na aula, no final de cada plano que realizei deve colocar-se que “este plano pode estar sujeito a alterações”.

De seguida apresentarei os planos de aula começando com um plano do Bibe Amarelo (Quadro 14), dois planos do Bibe Encarnado (Quadro 15 e 16), um plano do 2.º Ano (Quadro 17) e por fim um plano do 3.º Ano (Quadro 18).

2.3. Planificação do Bibe Amarelo

Quadro 14 – Plano de aula da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Jardim Escola João de Deus - Olivais	
Plano de Aula	
Tempo ≈ 25min.	Nome: Rita Barreto
Ano e Turma: Bibe Amarelo	Ano e turma: mpe1c
Data: 14 de dezembro de 2010	Número: 22
Área da Expressão e Comunicação	
Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita	
Conteúdos	Procedimentos
<ul style="list-style-type: none"> Expressão verbal 	<ul style="list-style-type: none"> Sentar as crianças em “U” no tapete. Colar desordenadamente as imagens do livro. Contar a história e ao longo da mesma, fazer paragens e pedir que descubram qual a imagem correspondente ao que foi acabado de contar. Fazer uma abordagem final da história de modo a verificar a compreensão da mesma por parte das crianças.
Objetivos/Competências	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> Raciocínio Lógico: Observar Comparar Classificação: Selecionar Distinguir Expressão Oral e Escrita: Compreensão Interpretação Organizar a informação 	<ul style="list-style-type: none"> Respeito Dialogar Escutar Ceder Solidariedade Colaborar Responsabilidade Interessado Respeitador Esforçado
Material: livro: <i>Stella – Rainha da neve</i> e imagens.	
Plano baseado no Modelo T de Aprendizagem	
O Plano pode estar sujeito a alterações	

Inferências / Fundamentação Teórica

- **Sentar as crianças em “U” no tapete.**

Para iniciar a aula pedi às crianças que se sentassem em “U” no tapete, tendo-as ajudado.

Segundo Cury (2004), sentar as crianças em “U” permite “desenvolver a segurança; promover a educação participativa; melhorar a concentração; diminuir conflitos em sala de aula e diminuir conversas paralelas”. (p.124)

O tapete era o local onde as crianças, juntamente com a Educadora, realizavam várias atividades, relativas à área de Expressão e Comunicação e de Conhecimento do Mundo.

Pedi para se sentarem desta maneira, para que pudessem ver melhor as imagens que estavam colocadas no armário da sala.

- **Colar desordenadamente as imagens do livro.**

Enquanto conversava com as crianças fui colocando no armário, de modo visível, desordenadamente, as imagens do livro para que as crianças as colocassem por ordem durante a leitura da história.

- **Contar a história e ao longo da mesma, fazer paragens e pedir que descubram qual a imagem correspondente ao que foi acabado de contar.**

Ao longo da história, fui fazendo paragens, para que as crianças identificassem as imagens referentes ao período que tinha acabado de contar. Com o desenrolar da história, assim que as crianças descobrissem as imagens corretas para determinada situação, tinham de as colocar por ordem no devido local.

Sobre a importância destas estratégias, McGee (1998, citado por Mata, 2006), refere que:

a leitura de histórias apoia a construção de sentido por parte das crianças e enriquece a interacção da criança com a literatura. Para apoiar na construção de sentido, o adulto ajusta o seu estilo de leitura, facilita a compreensão da criança, realça alguma informação pertinente, questiona, comenta, etc. de modo a enriquecer a interacção da criança com a literatura, desenvolve uma partilha interactiva, levando a criança a participar antes, durante e depois da leitura, apoiando a criança a desenvolver o seu pensamento, usando o texto e as suas ilustrações como informação crítica, mais do que a recitar elemento. (p.90)

Assim, segundo o mesmo autor, “as crianças não nascem com um gosto natural pela literatura, elas desenvolvem estratégias sofisticadas ao compreenderem e interpretarem a literatura através de interações adequadas”. (p.90)

- **Fazer uma abordagem final da história de modo a verificar a compreensão da mesma por parte das crianças.**

Depois de todas as imagens estarem colocadas corretamente, voltei a contar a história, sem paragens, para que pudessem ver as imagens referentes à história.

É muito importante para a formação de qualquer criança ouvir muitas histórias. É através destas que poderão, no futuro, tornar-se bons leitores.

Segundo Viana (2002, citado por Ruivo, 2009), “a leitura de livros é uma actividade estruturadora da emergência dos comportamentos de pró-leitura e do desenvolvimento da literacia”. (p.56)

É através de histórias que as crianças começam a elaborar o imaginário e a fantasia. Inicia-se assim a descoberta de emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria e a insegurança, vivendo-se profundamente tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve.

Para terminar esta área coloquei algumas perguntas às crianças sobre a história, referindo também o vestuário das personagens pois, na área seguinte, (Conhecimento do Mundo) abordei o tema “vestuário”.

Segundo estudos mencionados por Teberosky e Colomer (2003), “ao terminar a leitura, o professor deveria iniciar um tempo de discussão e de perguntas sobre o texto lido”. (p.119)

2.4. Planificação do Bibe Encarnado

Quadro 15 – Plano de aula da Área de Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática

Jardim Escola João de Deus - Olivais Plano de Aula	
Tempo ≈ 30min. Ano e Turma: Bibe Encarnado Data: 7 de fevereiro de 2011	Nome: Rita Barreto Ano e turma: mpe1c Número: 22
Área da Expressão e Comunicação Domínio da Matemática	
Conteúdos	Procedimentos
<ul style="list-style-type: none"> 4.º Dom de Froebel: construção do banco e da ponte Situações problemáticas 	<ul style="list-style-type: none"> Sentar as crianças nos seus lugares nas mesas. Pedir a cada elemento de cada mesa para ir buscar o material. Relembrar as características e as regras deste material. A partir de uma história com uma gaivota, fazer a construção do banco e da ponte e fazer algumas situações problemáticas com o auxílio de material não estruturado.
Objetivos/Competências	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> Raciocínio Lógico: Fluidez Mental Interpretar Aplicar Classificação: Selecionar Identificar Orientação Espaço Temporal Reconhecer Explorar 	<ul style="list-style-type: none"> Respeito Compreender Escutar Solidariedade Colaborar Responsabilidade Interessado Respeitador Cumpridor
Material: dons de Froebel, material não estruturado (peixes) e dedoches (gaivota).	
Plano baseado no Modelo T de Aprendizagem	
O Plano pode estar sujeito a alterações	

Inferências / Fundamentação Teórica

- **Sentar as crianças nos seus lugares nas mesas.**

Para trabalhar esta área, pedi que as crianças se fossem sentar nos seus respetivos lugares e mesas, pois iam trabalhar com material.

Na constituição de uma sala de aula devem fazer parte diversos elementos e objetos essenciais ao bom funcionamento de uma aula. De entre os principais destacam-se as mesas de trabalho.

Zabalza (1998) refere que:

as mesas costumam estar destinadas à realização de actividades de representação gráfica (fichas de todos os tipos, desenho livre, grafismos, etc.), actividades de expressão plástica (pintura, colagem, etc.) e em muitos casos, também à leitura de livros e à realização de jogos didácticos. Na maioria dos casos, as actividades realizadas no espaço de mesas são dirigidas ou controladas pelo professor(a). (p.275)

Neste caso, as crianças trabalharam com o material matemático, mais precisamente o 4.º Dom de Froebel.

- **Pedir a cada elemento de cada mesa para ir buscar o material.**

Pedi ordenadamente, que à vez, os elementos de cada mesa se dirigissem ao armário onde se encontrava a minha colega de estágio para irem buscar as caixas com os Dons e trazê-los para as respetivas mesas.

- **Relembrar as características e as regras deste material.**

Como as crianças desta turma são um pouco irrequietas e, por vezes, desatentas, quis relembrar-lhes as regras deste material, mas acima de tudo ver se se lembravam qual o Dom que íamos trabalhar pois segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (1997):

é fundamental apelar aos conhecimentos que as crianças já têm sobre determinado assunto de forma a desenvolver o seu pensamento. O Educador deve proporcionar experiências diversificadas e apoiar a reflexão das crianças, colocando questões que lhes permitam ir construir noções matemáticas. (p.74)

Verifiquei que a grande maioria sabia as regras e as características deste material, o que comprova que o conteúdo foi bem lecionado e corretamente assimilado.

- **A partir de uma história com uma gaivota, fazer a construção do banco e da ponte e fazer algumas situações problemáticas com o auxílio de material não estruturado.**

Para realizar esta atividade com este material, contei-lhes uma história inventada por mim, em que a personagem principal era a gaivota (um dos animais que a turma tinha ouvido falar na área anterior: Conhecimento do Mundo).

Ao longo da história fui pedindo a participação das crianças para completarem algumas partes da mesma e para realizarem as construções. Adicionalmente, também coloquei algumas situações problemáticas.

Relativamente às situações problemáticas, as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (1997) referem que:

importa que o educador proponha situações problemáticas e permita que as crianças encontrem as suas próprias soluções, que as debatam com outras crianças, num pequeno grupo, ou mesmo com todo o grupo, apoiando a explicitação do porquê da resposta e estando atento a que todas as crianças tenham oportunidade de participar no processo de reflexão. (p.78)

O educador tem como função não só servir de veículo do saber, como ainda de orientar o aluno, até que este chegue à resposta ou resultado pretendidos.

Fonseca, Silva, Guimarães, Novo, Rocha, Cardona, Pagarete e Marques (2008) acrescentam que “o educador/professor tem de lhes apresentar muitas situações problemáticas, não lhes dar resposta de imediato e deixá-las encontrar o caminho da resposta. Elas gostam muito de «problemas» e de os resolver como um desafio”. (p.66)

Mais do que ensinar, há que aprender a cativar cada criança, motivando-a e de uma forma dinâmica e divertida, com atividades do seu possível interesse.

Em relação à história contada, Lahora (2008) afirma que:

é importante que a criança esteja motivada para realizar tarefas lógico-matemáticas. Deste modo, é bom aproveitar qualquer centro de interesse (um conto, uma canção, ...) para as integrar. Estas actividades já são, por si só, motivadoras, porque incidem nos fundamentos do pensamento infantil, nos seus interesses, mas porque também é o caso, precisam de ser estimuladas e estimuladoras. (p.14)

Penso que ao contar uma história, a aula torna-se mais dinâmica, lúdica e apelativa para as crianças. De acordo com Moreira e Oliveira (2004), “jogar e brincar são actividades cruciais para o crescimento matemático (...)”. (p.65)

Nesta atividade para além de ter utilizado o 4.º Dom de Froebel utilizei também material não estruturado, peixes, de modo a serem manipulados pelas crianças para a realização de situações problemáticas.

Como refere Kammii (1996), “(...) é necessário que as crianças manipulem os objectos para desenvolver o seu conhecimento espacial, lógico-matemático e físico, porque não é não trabalhando a realidade que as crianças a podem transformar”. (p.73)

2.5. Planificação do Bibe Encarnado

Quadro 16 – Plano de aula da Área de Conhecimento do Mundo

Jardim Escola João de Deus – Olivais	
Plano de Aula	
Tempo ≈ 30 min.	Nome: Rita Barreto
Ano e Turma: Bibe Encarnado	Ano e turma: mpe1c
Data: 7 de fevereiro de 2011	Número: 22
Área do Conhecimento do Mundo	
Conteúdos	Procedimentos
<ul style="list-style-type: none"> Aves e peixes: habitat. 	<ul style="list-style-type: none"> Colocar as crianças sentadas no chão em “U”. Colar vários animais no biombo. Recorrendo a imagens, mostrar às crianças os três ambientes diferentes onde vivem os animais. Pedir que identifiquem os animais. Falar sobre as características dos mesmos. Pedir que coloquem os vários animais no ambiente correto. Mostrar um peixe e falar sobre as características do mesmo.
Objetivos/Competências	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> Raciocínio Lógico: Fluidez Mental Interpretar Aplicar Classificação: Selecionar Identificar 	<ul style="list-style-type: none"> Respeito Dialogar Escutar Solidariedade Colaborar Responsabilidade Interessado Respeitador Empenhado
Material: imagens de animais e dos ambientes onde vivem.	
Plano baseado no Modelo T de Aprendizagem	
O Plano pode estar sujeito a alterações	

Inferências / Fundamentação Teórica

- **Colocar as crianças sentadas no chão em “U”.**

Coloquei as almofadas no chão, distribuídas em forma de “U” e pedi que as crianças se sentassem nessas mesmas almofadas. De acordo com Cury (2004), “sentar em forma de U ou em círculo aquietam o pensamento, melhora a concentração, diminui a ansiedade dos alunos. O clima da classe fica agradável e a interação social dá um grande salto”. (p.125)

Com as crianças sentadas desta forma consegui vê-las e elas a mim, ao mesmo tempo que expus o material que tinha trazido.

- **Colar vários animais no biombo.**

Colei diversas imagens reais dos animais (peixes e aves) no biombo enquanto falava com a turma sobre o conteúdo que ia abordar.

Relativamente às imagens reais, Spodek e Saracho (1998), referem que:

as fotografias estimulam discussões e oferece informação (...) as fotos devem ser grandes o suficiente para poderem ser vistas por um grupo de crianças, e não devem conter um excesso de detalhes, para que elas se possam concentrar no que é importante. (p.335)

Os mesmos autores referem também que “as fotos devem ser grandes o suficiente para poderem ser vistas por um grupo de crianças, e não devem conter um excesso de detalhes, para que elas se possam concentrar no que é importante”. (p.335)

- **Recorrendo a imagens, mostrar às crianças os três ambientes diferentes onde vivem os animais.**

Colei também no biombo os diferentes ambientes em que esses animais (peixes e aves) vivem.

- **Pedir que identifiquem os animais.**

Com este procedimento pude ir verificando se os alunos estavam a compreender o tema da aula.

- **Falar sobre as características dos mesmos.**

Fiz uma revisão das características de cada classe de animais, características essas que os permitem distinguir uns dos outros.

- **Pedir que coloquem os vários animais nos ambientes corretos.**

Depois de tudo montado pedi que identificassem os animais e referissem algumas características dos mesmos, tal como descrito anteriormente. Sempre que necessário completei a informação de modo a que fosse mencionado todo o conteúdo previsto.

Para Catita (2007), “a abordagem ao tema «os animais» é fascinante para as crianças destas idades. As crianças têm uma relação face ao mundo animal muito diferente da dos adultos. Vêm nos animais espécies de um mundo semelhante ao dos humanos (...)”. (p.66)

De seguida pedi também que identificassem os meios representados e que colocassem os animais nos meios correspondentes.

Segundo Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (1997):

cabe, (...), ao educador planear situações de aprendizagem que sejam suficientemente desafiadoras, de modo a interessar e a estimular cada criança, apoiando-a para que chegue a níveis de realização a que não chegaria por si só, mas acautelando situações de excessiva exigência de que possa resultar desencorajamento e diminuição de auto-estima. (p.26)

- **Mostrar um peixe e falar sobre as características do mesmo.**

Para finalizar a aula mostrei um peixe verdadeiro (carapau) para que as crianças vissem e tocassem neste, tendo aproveitado para recordar as características do peixe.

Aranão (1996) diz que “o professor deve agir como interventor e proporcionar-lhes o maior número possível de actividades, materiais e oportunidades de situações para que as suas experiências sejam enriquecedoras, contribuindo para a construção do seu conhecimento”. (p.16)

Levei, à parte, algumas escamas de peixes soltas para que a turma pudesse ver como eram. Estas escamas tinham diferentes formas e tamanhos pois eram provenientes de diferentes tipos de peixes.

2.6. Planificação do 2.º Ano

Quadro 17 – Plano de aula da Área de Estudo do Meio

Jardim Escola João de Deus - Olivais Plano de Aula	
Tempo ≈ 60min. Ano e Turma: 2.º Ano Data: 24 de junho de 2011	Nome: Rita Barreto Ano e turma: mpe1c Número: 22
Área do Estudo do Meio	
Conteúdos	Procedimentos
<ul style="list-style-type: none"> Atividade Experimental Ovo flutuante 	<ul style="list-style-type: none"> Formar cinco grupos. Entregar o protocolo experimental. Realizar a atividade experimental: <ul style="list-style-type: none"> - pedir a cada grupo que coloque todo o material necessário na sua mesa. - efetuar a experiência. - registar os resultados obtidos. Discutir as conclusões.
Objetivos/Competências	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> Expressão Oral e Escrita <ul style="list-style-type: none"> Expressar ideias Compreensão Organizar a informação Socialização <ul style="list-style-type: none"> Dialogar Observar Reconhecer 	<ul style="list-style-type: none"> Cooperação: <ul style="list-style-type: none"> Partilhar Dinâmica Recetivo Responsabilidade <ul style="list-style-type: none"> Organizado Respeitador Empenhado
Material: protocolo e material necessário para a experiência.	
Plano baseado no Modelo T de Aprendizagem <div style="text-align: right;">O plano pode estar sujeito a alterações</div>	

Inferências / Fundamentação Teórica

- **Formar cinco grupos.**

O trabalho em grupo é uma oportunidade de construir coletivamente o conhecimento. Por meio desta prática, a criança relaciona-se de modo diferente com o saber. É um momento de troca em que a criança se depara com diferentes percepções.

Pato (1995) refere que “numa turma devem formar-se no máximo 6 grupos, com 4 ou 5 alunos por grupo”. (p.26)

Para a realização da experiência optei por formar cinco grupos, de forma a tentar manter o equilíbrio e a organização de toda a turma.

Devido à disposição das mesas e por ser uma sala muito pequena, não consegui que cada grupo tivesse apenas quatro ou cinco alunos. Assim quatro dos grupos tiveram de ser constituídos por seis alunos e o quinto por cinco alunos.

Como eram muitas crianças em cada grupo, pedi que juntassem duas mesas para que conseguissem trabalhar em grupo. Segundo Pato (1995), “quando a sala de aula não dispõe de mesas com dimensões adequadas ao trabalho de grupo, a junção de duas mesas vai permitir”. (p.33)

- **Entregar o protocolo experimental.**

O protocolo (Anexo A) que entreguei continha o material a ser utilizado, os procedimentos, o registo dos resultados e por fim algumas questões sobre a experiência. Este protocolo foi realizado com uma linguagem simples e com imagens apelativas. Pato (1995) refere que a proposta de trabalho “deve ter uma redacção simples, clara e em linguagem acessível ao nível etário a que se destina”. (p.22)

- **Realizar a atividade experimental: pedir a cada grupo que coloque todo o material necessário na sua mesa; efetuar a experiência e registar os resultados obtidos.**

Para realizar a experiência fui pedindo a várias crianças que me fossem lendo o material e os procedimentos e ao longo da leitura, cada grupo foi fazendo o que era pedido.

Quando se trabalha em grupo, por vezes pode haver a anulação de certos elementos do grupo. Ao longo da realização tentei verificar se todos estavam a participar.

No final da experiência pedi que registassem o que observaram.

- **Discutir as conclusões.**

Após o registo do que observaram estivemos a discutir o que tinha acontecido e o porquê de ter acontecido.

As crianças verificaram que, quando se colocou o ovo dentro do recipiente com água, o ovo foi ao fundo. Quando se adicionou o sal à água, as crianças verificaram que o ovo flutuou. Por fim, quando se voltou a adicionar a água sem sal, o ovo permaneceu no meio do recipiente, isto porque o ovo flutua na água com sal e afunda-se na água sem sal.

De seguida, as crianças resolveram as questões colocadas no final do protocolo, individualmente, e depois corrigi oralmente.

As questões colocadas eram de escolha-múltipla. Segundo Ribeiro e Ribeiro (1990), a escolha-múltipla é uma pergunta “tipicamente composta por um «tronco», em que a questão é apresentada, e por uma lista de possíveis respostas”. (p.274)

De acordo com os mesmos autores, este tipo de questão têm como vantagem ser “facilmente compreendida por alunos de todas as idades”. (p.278)

2.7. Planificação do 3.º Ano

Quadro 18 – Plano de aula da Área da Matemática

Jardim Escola João de Deus – Olivais	
Plano de Aula	
Tempo ≈ 60min. Ano e Turma: 3.º Ano Data: 4 de novembro de 2011	Nome: Rita Barreto Ano e turma: mpe1c Número: 22
Área da Matemática	
Conteúdos	Procedimentos
<ul style="list-style-type: none"> Leitura de números Situações problemáticas 	<ul style="list-style-type: none"> Ditar um número para trabalhar a classe dos milhões e explorar. Realizar uma situação problemática em que a operação seja uma adição. <ul style="list-style-type: none"> - Prova pela operação inversa. Realizar uma situação problemática em que a operação seja uma subtração. <ul style="list-style-type: none"> - Prova dos nove fora.
Objetivos/Competências	
Capacidades/Destrezas	Valores/Atitudes
<ul style="list-style-type: none"> Raciocínio Lógico Fluidez Mental Observar Aplicar Classificação Selecionar Distinguir Identificar 	<ul style="list-style-type: none"> Respeito Aceitar Escutar Dialogar Tolerância Interesse Bom ouvinte Ser recetivo
Material: calculadores Multibásicos.	
Plano baseado no Modelo T de Aprendizagem	
O plano pode estar sujeito a alterações	

Inferências / Fundamentação Teórica

- **Ditar um número para trabalhar a classe dos milhões e explorar.**

Dei início a esta aula com a leitura de números. Comecei por pedir uma quantidade mais pequena até perfazer a placa, de modo a chegar à classe dos milhões. Ao longo da leitura fui realizando várias questões.

Caldeira (2009) refere que “perante um exercício de leitura de números na base 10, podem-se colocar diferentes questões, dependendo do ano de escolaridade, ou do grupo etário”. (p.205)

Uma das questões colocadas foi o valor dos algarismos. Cada algarismo pode ter dois valores: valor absoluto e valor relativo. De acordo com Caldeira (2009) o valor absoluto é definido como “o valor isolado do algarismo independentemente da posição ou ordem que ocupa no número” e o valor relativo como “o valor (relativo) que o algarismo assume, dependendo da ordem que ele ocupa no numeral escrito” (p.204)

- **Realizar uma situação problemática em que a operação seja uma adição (prova pela operação inversa).**

A operação que tiveram de efetuar nos Calculadores Multibásicos era uma adição que Palhares *et al.* (2004, citado por Caldeira, 2009) define como “uma operação binária porque a cada par de números inteiros **a** e **b**, faz corresponder a um terceiro número inteiro **a + b**, que se designa por soma”. (p.208)

Após resolverem a situação problemática, realizaram a prova pela operação inversa que consiste na troca da placa do resultado pela primeira placa.

Ao longo destes exercícios fui pedindo também para fazerem a leitura dos números da placa do resultado e os valores dos algarismos.

- **Realizar uma situação problemática em que a operação seja uma subtração (prova dos nove fora).**

A segunda situação problemática realizada foi uma subtração que segundo Palhares *et al.* (2004, citado por Caldeira, 2009), “é também uma operação binária porque a cada par de números inteiro **a** e **b** (sendo $a \geq b$), faz corresponder um terceiro número inteiro **a – b**, que se designa por diferença”. (p.216)

Capítulo 3

Dispositivos de Avaliação

3.1. Descrição do capítulo

Neste capítulo serão apresentadas as avaliações de quatro propostas de trabalho que realizei ao longo do período do meu estágio profissional.

O capítulo encontra-se organizado do seguinte modo: fundamentação teórica relativa à avaliação; apresentação de dois dispositivos de avaliação no Pré-Escolar que foram realizadas no âmbito da área da Expressão e Comunicação: Domínio da Matemática e da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita e a apresentação de dois dispositivos de avaliação no 1.º Ciclo que foram realizadas no âmbito de duas áreas: Estudo do Meio e Língua Portuguesa.

Para cada dispositivo de avaliação foi efetuado uma contextualização da atividade, a descrição dos parâmetros e critérios de avaliação, a grelha de avaliação, a apresentação dos resultados em gráfico e, por fim, a análise do gráfico.

3.2. Introdução

Os professores são responsáveis pela avaliação dos alunos. A avaliação e a atribuição de classificações são da máxima importância para os alunos e pais.

De acordo com Abrantes, Alonso, Peralta, Cortesão, Leite, Pacheco, Fernandes e Santos (2002) a avaliação e o currículo são "componentes integradas de um mesmo sistema e não como sistemas separados". (p.10)

A avaliação é um elemento integrante do currículo e tem como função ajudar a promover ou melhorar a formação dos alunos.

Segundo Arends (1995), o termo avaliação refere-se "a um largo leque de informação recolhida e sintetizada pelos professores acerca dos seus alunos e das suas salas de aula". (p.229) Assim a avaliação é a recolha sistemática de informação sobre a qual se possa formular um juízo de valor que facilite a tomada de decisões.

Neste processo estão envolvidos vários intervenientes. No Despacho Normativo, 1 de 2005 são referidos os seguintes intervenientes:

o professor; o aluno; o conselho de docentes no 1º ciclo ou o conselho de turma nos 2º e 3º ciclos; os órgãos de gestão da escola ou do agrupamento de escolas; o encarregado de educação; os serviços especializados de apoio educativo; a administração educativa. (Artigo 7.º)

A avaliação visa, segundo o Despacho Normativo, 1 de 2005:

- a) apoiar o processo educativo, de modo a sustentar o sucesso de todos os alunos, permitindo o reajustamento dos projectos curriculares de escola e de turma, nomeadamente quanto à selecção de metodologias e recursos, em função das necessidades educativas dos alunos;
- b) Certificar as diversas aprendizagens e competências adquiridas pelo aluno, no final de cada ciclo e à saída do ensino básico, através da avaliação sumativa interna e externa;
- c) Contribuir para melhorar a qualidade do sistema educativo, possibilitando a tomada de decisões para o seu aperfeiçoamento e promovendo uma maior confiança social no seu funcionamento. (Artigo 3.º)

De acordo com Ribeiro e Ribeiro (1989), “a função de avaliar corresponde a uma análise cuidada das aprendizagens conseguidas face às aprendizagens planeadas, o que se vai traduzir numa descrição que informa professores e alunos sobre os objectivos atingidos e aqueles onde se levantaram dificuldades”. (p.337)

De acordo com Nova (1997), a avaliação “é o elemento integrador da prática educativa que permite a recolha de informações e a formulação das decisões adaptadas às necessidades e capacidades do aluno; é o elemento regulador da prática pedagógica que determina as diversas componentes do processo ensino/aprendizagem”. Este refere também que:

permite ao professor: analisar criticamente a sua actuação, definir estratégias alternativas, introduzir mecanismos de correcção e de reforço das aprendizagens; permite ao aluno: controlar em pequenos passos a sua aprendizagem, consciencializar as suas dificuldades, não acumular deficiências e lacunas, reflectir sobre os seus erros para ensaiar outros caminhos. (p.14)

Assim, avaliar serve para rever, melhorar, reformar e adequar o ensino de forma a que o aluno atinja os objetivos.

Segundo Ribeiro e Ribeiro (1990), a avaliação tem as seguintes vantagens:

motiva os alunos, ao informá-los dos novos conhecimentos e aptidões que adquiriram, isto é, do sucesso que obtiveram relativamente a certas aprendizagens; fornece, também aos alunos, do mesmo passo, informação que lhes permite orientar os seus esforços, com o apoio do professor, no sentido de ultrapassar dificuldades relativas às aprendizagens não conseguidas; permite ao professor identificar pontos onde o plano delineado não resultou, conceber estratégias alternativas de remediação, reorganizar a planificação feita à luz dos resultados reais obtidos; proporciona, por fim, em sistemas escolares onde são atribuídas notas aos alunos uma base indispensável à classificação de resultados. (p.337-338).

A avaliação é, assim, uma operação que prepara, acompanha e remata o processo de ensino-aprendizagem.

Para Nova (1997) os alunos devem ser informados dos aspetos em que vão ser avaliados, “a discussão dos objectivos, clarificando o que se pretende com a realização das várias actividades de aprendizagem, constitui uma estratégia que favorece a relação professor/aluno e a conjugação de esforços na consecução desses objectivos”. (p.18)

De acordo com Pais e Monteiro (1996) a dificuldade de avaliar:

advém sobretudo do facto de que, ao fazê-lo, estamos a emitir juízos de valor, a privilegiar saberes, maneiras de ser e de estar. Por muito objectiva que se queira a avaliação, ela dependerá sempre dos intervenientes, dos momentos e das situações concretas. (p.45-46)

Existem três tipos de avaliação: a diagnóstica, a formativa e a sumativa.

A avaliação diagnóstica pretende averiguar da posição do aluno face a novas aprendizagens que lhe vão ser propostas e a aprendizagens anteriores que servem de base àquelas, no sentido de obviar as dificuldades futuras e, em certos casos, de resolver situações presentes.

Assim como é referido por Abrantes, Alonso, Peralta, Cortesão, Leite, Pacheco, Fernandes e Santos (2002), a avaliação diagnóstica pretende: “identificar as competências dos alunos no início de uma fase de trabalho; colocar o aluno num grupo ou num nível de aprendizagem e/ou prever o que muito provavelmente virá a ocorrer na sequência das situações educativas desenvolvidas”. (p.39)

Esta avaliação normalmente é feita quando o aluno chega à escola, em geral no início do ano letivo, durante as primeiras semanas. Segundo Ribeiro e Ribeiro (1990), esta avaliação pode ainda ser “por vezes utilizada, ainda que menos frequentemente, no decorrer do próprio processo de aprendizagem”. (p.342)

Relativamente à avaliação formativa, esta é a principal modalidade de avaliação do ensino básico, assume carácter contínuo e sistemático e visa a regulação do ensino e da aprendizagem. Como referem Pais e Monteiro (1996), “de acordo com os programas, a avaliação deve ser orientada fundamentalmente para a regulação contínua e, tanto quanto possível, individualizada da aprendizagem dos alunos, devendo, por isso, ser uma avaliação formativa e avaliação formadora”. (p.43)

Este tipo de avaliação pretende determinar a posição do aluno ao longo de uma unidade de ensino, no sentido de identificar dificuldades e de lhes dar solução.

Perrenoud (1992, citado por Pais e Monteiro, 1996) refere que “uma avaliação formativa coloca à disposição do professor informações mais precisas, mais

qualitativas sobre os processos de aprendizagem, as atitudes e tudo o que os alunos adquirem”. (p.45)

Assim localiza as deficiências na organização do ensino-aprendizagem, de modo a possibilitar reformulações no mesmo e assegurar o alcance dos objetivos.

Este tipo de avaliação é realizado com o propósito de informar o docente, o encarregado de educação e o aluno sobre os resultados da aprendizagem. De acordo com o Despacho Normativo 1 de 2005, “a avaliação formativa fornece ao professor, ao aluno, ao encarregado de educação e aos restantes intervenientes informação sobre o desenvolvimento das aprendizagens e competências, de modo a permitir rever e melhorar os processos de trabalho”. (Artigo 20.º)

Para Petitjean (1984, citado por Abrecht, 1994), “o objetivo essencial da avaliação formativa é tornar o aluno actor da sua aprendizagem. É intrínseca ao processo de aprendizagem, é contínua mais do que analítica, mais centrada em quem aprende do que no produto acabado”. (p.32)

Pode-se realizar este tipo de avaliação diariamente, através dos cadernos, da observação do desempenho dos alunos, nos exercícios que são propostos; ocasionalmente por meio de provas ou outros instrumentos de modo a aferir a aprendizagem.

Já Scriven (1991, citado por Pais e Monteiro, 1996) refere que a avaliação formativa dirige-se mais ao professor “porque leva a actualizar os seus conhecimentos didácticos, a procurar coerência entre os seus critérios e as escolhas didácticas, a relativizar o peso da sua pessoa no comportamento de avaliador”. (p.43-44) Ou seja, esta avaliação assegura que os processos se vão adequando às características dos alunos, permitindo a adaptação do ensino às diferenças individuais.

Leite (2002) refere que a avaliação formativa tem por finalidade “não apenas dar informações sobre o grau de consecução dos objetivos fixados antecipadamente, mas também ajudar a tomar decisões quanto aos processos de os conseguir alcançar”. (p.41)

Arends (1995) refere que:

a informação acerca das avaliações formativas não é utilizada para fazer julgamentos sobre o trabalho de um aluno; é utilizada para fazer juízos sobre assuntos como a formação de grupos de alunos, planos de unidade ou de lição e estratégias de instrução”. (p.229)

De acordo com Abrecht (1994) este tipo de avaliação tem como inconveniente o seguinte aspeto: “impõe ao aluno, na maior parte dos casos, um plano único sem se interrogar se é o plano ideal para determinado aluno”.

Revela-se assim:

limitada num duplo sentido. De facto, não só despreza percursos alternativos diferentes, que poderiam ser usados pelo aluno de maneira talvez bem mais natural e eficaz; mas sobretudo não deixa que o aluno descubra daquilo que é afinal o lado mais interessante, é o mais importante, da aprendizagem: a maneira de aprender. (p.66)

O objetivo da avaliação sumativa é o de sumariar o desempenho de um determinado aluno, grupo de alunos, num conjunto de metas ou objetivos de aprendizagem.

Segundo Arends (1995) “as avaliações sumativas traduzem-se em esforços para utilizar a informação sobre os alunos ou programas após um conjunto de actividades de instrução ter ocorrido”. (p.229)

Leite (2002), refere como avaliação sumativa que:

tem-se subjacente que se está a ajuizar sobre os conhecimentos adquiridos pelos alunos e as competências desenvolvidas durante um determinado período escolar: um ano lectivo; um final de ciclo; uma determinada unidade didáctica; ou o fim de uma acção educativa. (p.26)

Esta avaliação procede a um balanço das aprendizagens e competências adquiridas no final de um módulo ou unidade de formação.

De acordo com o Despacho Normativo 1 de 2005, “a avaliação sumativa consiste na formulação de um juízo globalizante sobre o desenvolvimento das aprendizagens do aluno e das competências definidas para cada disciplina e área curricular”. (Artigo 24.º) Esta ocorre no “final de cada período lectivo, de cada ano lectivo e de cada ciclo”. (Artigo 26.º)

De acordo com Ribeiro (1997, citado por Pais e Monteiro, 1996) “a avaliação sumativa pretende ajuizar o progresso realizado pelo aluno no final de uma unidade de aprendizagem, no sentido de aferir resultados, já recolhidos por avaliações do tipo formativo e obter indicadores que permitam aperfeiçoar o processo de ensino”. (p.49)

Assim pode-se dizer que a avaliação sumativa complementa um ciclo de avaliação em que já foram utilizadas a avaliação diagnóstica e a formativa e pretende representar uma apreciação dos resultados obtidos numa situação educativa revelando uma certa preocupação em tentar ajudar o aluno a progredir.

A informação obtida através das avaliações sumativas é a que os professores utilizam para determinar as classificações e as informações enviadas aos alunos e seus pais.

Segundo Ribeiro e Ribeiro (1990) a classificação “transporta para uma escala de valores a informação proporcionada pela avaliação, permitindo comparar e seriar resultados e servindo de base a decisões relativas à promoção ou não dos alunos no sistema escolar”. (p.338)

Para as avaliações que efetuei apliquei uma adaptação da escala de Likert. Esta escala de avaliação vai de 0 a 10, com os seguintes critérios que estão representados no quadro 19.

Quadro 19 – Escala de avaliação

Avaliação qualitativa	Avaliação quantitativa
Fraco	0 - 2,9 valores
Insuficiente	3 - 4,9 valores
Suficiente	5 - 6,9 valores
Bom	7 - 8,9 valores
Muito Bom	9 - 10 valores

3.3. Primeiro Dispositivo de Avaliação: Domínio da Matemática

Este dispositivo é referente ao Domínio da Matemática. A atividade foi realizada no dia 25 de outubro de 2010 com as crianças do Bibe Azul.

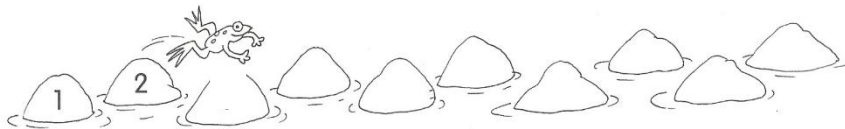
Para trabalhar este Domínio, inicialmente distribuí algarismos móveis a cada criança e com este material trabalhei vários conteúdos. Realizei adições e subtrações. Referiu-se ainda quais os números pares e ímpares e por fim introduzi o sinal de maior e menor.

No final, depois trabalhar todos os conteúdos, entreguei uma proposta de trabalho que está representada, de seguida, na figura 43.

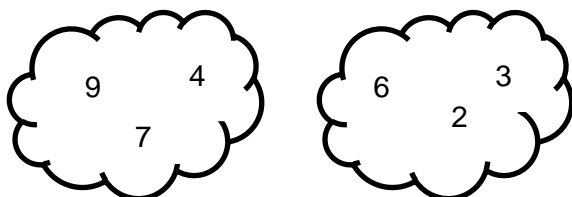
Neste dia estiveram presentes vinte e nove crianças e o tempo previsto para a realização da atividade foi de cerca de trinta minutos.

Jardim Escola João de Deus – Olivais
Domínio da Matemática

1 - Completa a sequência de acordo com o exemplo dado.



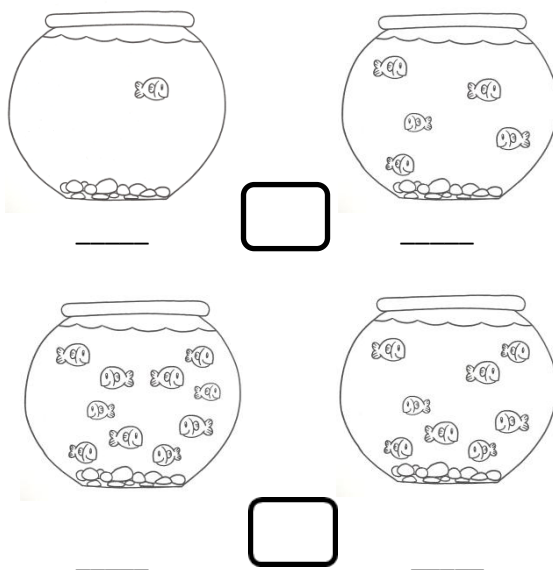
2 – Circunda o número menor em cada um dos conjuntos.



3 – Coloca o número de peixes que cada aquário tem e completa com o sinal



e



Nome: _____ Data: _____
Estagiária: Rita Barreto

Figura 43 – Primeiro Dispositivo de Avaliação

3.3.1. Descrição dos Parâmetros e Critérios de Avaliação

No 1.º parâmetro de avaliação – completar a sequência, pretende-se que a criança complete, nos espaços respetivos, a sequência pedida. Para este parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Escreve a sequência corretamente;
- Não escreve a sequência corretamente;
- Trabalho cuidado;
- Trabalho pouco cuidado;
- Não responde.

No 2.º parâmetro de avaliação – circundar o número menor, pretende-se que a criança seja capaz de identificar, entre os três números presentes em cada balão, o número que representa a menor quantidade. Para este parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Assinala o número correto nos dois balões;
- Assinala o número correto num dos balões;
- Não assinala número correto nos dois balões;
- Não responde.

No 3.º parâmetro de avaliação – reconhecer a quantidade, pretende-se que a criança identifique a quantidade existente (peixes) em cada aquário. Para este parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Identifica quatro quantidades;
- Identifica três quantidades;
- Identifica duas quantidades;
- Identifica uma quantidade;
- Trabalho cuidado;
- Trabalho pouco cuidado;
- Não responde.

Por fim no 4.º parâmetro de avaliação – completar com o sinal correto, pretende-se que a criança depois de identificar corretamente a quantidade de peixes existentes nos aquários seja capaz de reconhecer o que tem maior e menor quantidade e completar nos espaços com o sinal > e <. Para este parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Escreve com o sinal correto os dois espaços;
- Escreve com o sinal correto um dos espaços;
- Não escreve corretamente;

- Trabalho cuidado;
- Trabalho pouco cuidado;
- Não responde.

Seguidamente, no quadro 20, encontra-se detalhado cada parâmetro, critério de avaliação e a devida cotação.

Quadro 20 – Grelha de cotação do primeiro Dispositivo de Avaliação – Domínio da Matemática

Parâmetros	Critérios		Cotação
1.º Completar a sequência	Escreve a sequência corretamente	2,5	3
	Não escreve a sequência corretamente	0	
	Trabalho cuidado	0,5	
	Trabalho pouco cuidado	0	
	Não responde	0	
2.º Circundar o número menor	Assinala o número correto nos dois balões	2	2
	Assinala o número correto num dos balões	1	
	Não assinala o número correto nos dois	0	
	Não responde	0	
3.º Reconhecer a quantidade	Identifica quatro quantidades	2	2,5
	Identifica três quantidades	1,5	
	Identifica duas quantidades	1	
	Identifica uma quantidade	0,5	
	Trabalho cuidado	0,5	
	Trabalho pouco cuidado	0	
	Não responde	0	
4.º Completar com o sinal correto	Escreve com o sinal correto os dois espaços	2	2,5
	Escreve com o sinal correto um dos espaços	1	
	Não escreve corretamente	0	
	Trabalho cuidado	0,5	
	Trabalho pouco cuidado	0	
	Não responde	0	
Total			10

No quadro 21 encontra-se a grelha de avaliação do 1.º e 2.º parâmetros. No quadro 22 encontra-se a grelha de avaliação do 3.º parâmetro. No quadro 23 encontra-se a grelha de avaliação do 4.º parâmetro.

Por fim no quadro 24 encontra-se a grelha final que agrupa as cotações obtidas pelos alunos em cada um dos parâmetros.

Quadro 21 – Grelha de avaliação do 1.º e 2.º parâmetros do primeiro Dispositivo de Avaliação – Domínio da Matemática

Parâmetros	1.º Completar a sequência					2.º Circundar o número menor				Soma das cotações
	Escrever a sequência corretamente	Não escreve a sequência corretamente	Trabalho cuidado	Trabalho pouco cuidado	Não responde	Assinala o número correto nos dois balões	Assinala o número correto num dos balões	Não assinala o número correto nos 2 balões	Não responde	
Alunos	2,5	0	0,5	0	0	2	1	0	0	0 a 5 pontos
1		0		0		2				2
2	2,5		0,5			2				5
3	2,5		0,5			2				5
4	2,5			0		2				4,5
5	2,5		0,5			2				5
6	2,5		0,5			2				5
7	2,5		0,5			2				5
8	2,5			0		2				4,5
9	2,5		0,5			2				5
10	2,5		0,5			2				5
11	2,5			0		2				4,5
12	2,5		0,5			2				5
13	2,5		0,5			2				5
14	2,5		0,5			2				5
15	2,5		0,5			2				5
16	2,5		0,5			2				5
17	2,5		0,5			2				5
18	2,5		0,5			2				5
19		0	0,5			2				2,5
20	2,5			0		2				4,5
21	2,5		0,5			2				5
22	2,5		0,5			2				5
23	2,5		0,5			2				5
24	2,5		0,5			2				5
25	2,5			0		2				4,5
26	2,5		0,5			2				5
27	2,5		0,5			2				5
28	2,5		0,5			2				5
29	2,5		0,5	0		2				4,5

Quadro 22 – Grelha de avaliação do 3.º parâmetro do primeiro Dispositivo de Avaliação –
Domínio da Matemática

Parâmetros		3.º Reconhecer a quantidade						Soma das cotações
Alunos	Critérios	Identifica quatro quantidades	Identifica três quantidades	Identifica duas quantidades	Identifica uma quantidade	Trabalho cuidado	Trabalho pouco cuidado	Não responde
		2	1,5	1	0,5	0,5	0	0
1			1,5			0,5		
2		2				0,5		
3			1,5				0	
4		2					0	
5		2				0,5		
6		2				0,5		
7		2				0,5		
8			1,5				0	
9		2				0,5		
10		2				0,5		
11		2				0,5		
12		2					0	
13		2				0,5		
14		2				0,5		
15			1,5			0,5		
16		2				0,5		
17		2				0,5		
18		2				0,5		
19			1,5				0	
20			1,5				0	
21		2				0,5		
22		2				0,5		
23			1,5			0,5		
24		2				0,5		
25		2					0	
26		2				0,5		
27			1,5			0,5		
28		2				0,5		
29		2					0	

Quadro 23 – Grelha de avaliação do 4.º parâmetro do primeiro Dispositivo de Avaliação –
Domínio da Matemática

Parâmetros	4.º Completar com o sinal correto							Soma das cotações
Critérios Alunos	Escreve com o sinal correto os dois espaços	Escreve com o sinal correto um dos espaços	Não escreve corretamente	Trabalho cuidado	Trabalho pouco cuidado	Não responde	0 a 2,5 pontos	
	2	1	0	0,5	0	0		
1	2				0		2	
2			0	0,5			0,5	
3		1			0		1	
4			0		0		0	
5	2			0,5			2,5	
6	2			0,5			2,5	
7	2				0		2	
8			0		0		0	
9	2				0		2	
10			0		0		0	
11			0		0		0	
12		1			0		1	
13	2			0,5			2,5	
14	2			0,5			2,5	
15		1			0		1	
16	2			0,5			2,5	
17	2			0,5			2,5	
18	2			0,5			2,5	
19	2			0,5			2,5	
20			0		0		0	
21	2						2	
22			0		0		0	
23		1		0,5			1,5	
24	2				0		2	
25	2			0,5			2,5	
26	2			0,5			2,5	
27	2			0,5			2,5	
28			0		0		0	
29		1			0		1	

Quadro 24 – Grelha de avaliação final do primeiro Dispositivo de Avaliação – Domínio da Matemática

Parâmetros	1.º e 2.º	3.º	4.º	Total
Alunos	Cotação de 0 a 5 pontos	Cotação de 0 a 2,5 pontos	Cotação de 0 a 2,5 pontos	0 a 10 pontos
1	2	2	2	6
2	5	2,5	0,5	8
3	5	1,5	1	7,5
4	4,5	2	0	6,5
5	5	2,5	2,5	10
6	5	2,5	2,5	10
7	5	2,5	2	9,5
8	4,5	1,5	0	6
9	5	2,5	2	9,5
10	5	2,5	0	7,5
11	4,5	2,5	0	7
12	5	2	1	8
13	5	2,5	2,5	10
14	5	2,5	2,5	10
15	5	2	1	8
16	5	2,5	2,5	10
17	5	2,5	2,5	10
18	5	2,5	2,5	10
19	2,5	1,5	2,5	6,5
20	4,5	1,5	0	6
21	5	2,5	2	9,5
22	5	2,5	0	7,5
23	5	2	1,5	8,5
24	5	2,5	2	9,5
25	4,5	2	2,5	9
26	5	2,5	2,5	10
27	5	2	2,5	9,5
28	5	2,5	0	7,5
29	4,5	2	1	7,5
Média de classificação				8,4

3.3.2. Apresentação dos resultados em gráfico



Figura 44 – Gráfico com os resultados obtidos do primeiro Dispositivo de Avaliação – Domínio da Matemática

3.3.3. Descrição e análise dos resultados

Neste Dispositivo de Avaliação não houve nenhum aluno com classificações inferiores a Suficiente.

Relativamente ao 1.º parâmetro, foram poucas as crianças que não escreveram corretamente a sequência e as que apresentaram um trabalho pouco cuidado.

No 2.º parâmetro, toda a turma obteve a cotação máxima.

Por fim, no 3.º e 4.º parâmetros algumas crianças não identificaram as quantidades ilustradas nem completaram com o sinal correto. Nestes parâmetros foram descontados pontos a muitas crianças, no que diz respeito à apresentação do trabalho.

O gráfico (Figura 44) mostra que 48% dos alunos, equivalente a catorze alunos, obteve uma classificação de Muito Bom. Já 35% dos alunos obteve uma classificação de Bom, ou seja, dez alunos. Com a classificação de Suficiente obtiveram 17% dos alunos, que corresponde a cinco alunos.

Posto isto, concluo que os alunos nesta atividade conseguiram resolver com bastante facilidade a proposta de trabalho.

3.4. Segundo Dispositivo de Avaliação: Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Este dispositivo é referente ao Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita. A atividade foi realizada no dia 2 de novembro de 2010 com as crianças do Bibe Azul.

Para trabalhar este Domínio, iniciei a atividade com a distribuição de letras. Li de seguida o poema *Abecedário sem juízo* do livro *Poemas da Mentira e da Verdade* e pedi que me mostrassem as letras ao longo da leitura do poema. Terminado este exercício, coloquei uma roleta com algumas letras no quadro e fui pedindo a algumas crianças que a fossem rodar tendo depois de formar uma palavra com as letras móveis que distribuí no início da aula.

De seguida escrevi algumas sílabas no quadro e com elas tiveram de construir palavras.

Para terminar a minha manhã, enquanto dei a revisão a três crianças, da letra “b”, às restantes entreguei uma proposta de trabalho que está representada na figura 45.

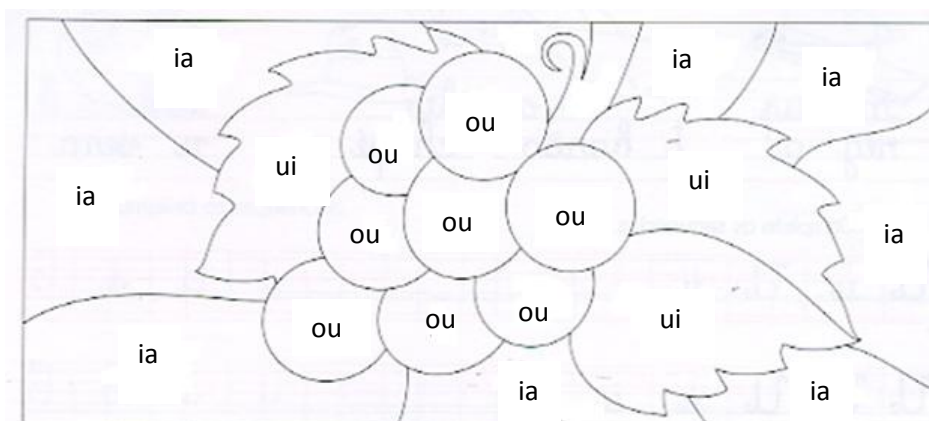
Neste dia estiveram presentes vinte e nove crianças e o tempo previsto para a realização da atividade foi de cerca de quinze minutos.

Jardim Escola João de Deus – Olivais
Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

1 – Copia os ditongos representados nos espaços para o efeito.



2 - Pinta de acordo com o código: ui, ia, ou.



Nome: _____ Data: _____

Estagiária: Rita Barreto

Figura 45 – Segundo Dispositivo de Avaliação

3.4.1. Descrição dos Parâmetros e Critérios de Avaliação

No 1.º parâmetro de avaliação – copiar os ditongos, pretende-se que a criança copie os ditongos que estão representados nos balões de fala. Para este parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Escreve três ditongos com caligrafia legível e regular;

- Escreve três ditongos com caligrafia legível e irregular;
- Escreve dois ditongos com caligrafia legível e regular;
- Escreve dois ditongos com caligrafia legível e irregular;
- Escreve um ditongo com caligrafia legível e regular;
- Escreve um ditongo com caligrafia legível e irregular;
- Não escreve corretamente nenhum dos ditongos;
- Não responde.

No 2.º parâmetro de avaliação – identificar, pintar com a cor correspondente e motricidade fina, pretende-se que a criança identifique na imagem os ditongos pedidos e pinte-os com as cores pedidas. Para este parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Pinta três ditongos corretamente;
- Pinta dois ditongos corretamente;
- Pinta um ditongo corretamente;
- Respeita os espaços;
- Não respeita os espaços;
- Preenche os espaços na sua totalidade;
- Não preenche os espaços na sua totalidade;
- Não responde.

Por fim no 3.º parâmetro de avaliação – apresentação, onde se pretende verificar se a criança tem uma apresentação cuidada. Para este parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Trabalho cuidado;
- Trabalho pouco cuidado.

Seguidamente, no quadro 25, encontra-se detalhado cada parâmetro, critério de avaliação e a devida cotação.

Quadro 25 – Grelha de cotação do segundo Dispositivo de Avaliação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Parâmetros	Critérios		Cotação
1.º Copiar os ditongos	Escreve três ditongos com caligrafia legível e regular	4,5	4,5
	Escreve três ditongos com caligrafia legível e irregular	4	
	Escreve dois ditongos com caligrafia legível e regular	3,5	
	Escreve dois ditongos com caligrafia legível e irregular	3	
	Escreve um ditongo com caligrafia legível e regular	2,5	
	Escreve um ditongo com caligrafia legível e irregular	2	
	Não escreve corretamente nenhum dos ditongos	0	
	Não responde	0	
2.º Identificar, pintar com a cor correspondente e motricidade fina	Pinta três ditongos corretamente	3,5	4,5
	Pinta dois ditongos corretamente	2,5	
	Pinta um ditongo corretamente	1,5	
	Respeita os espaços	0,5	
	Não respeita os espaços	0	
	Preenche os espaços na sua totalidade	0,5	
	Não preenche os espaços na sua totalidade	0	
	Não responde	0	
3.º Apresentação	Trabalho cuidado	1	1
	Trabalho pouco cuidado	0	
Total			10

No quadro 26 encontra-se a grelha de avaliação do 1.º parâmetro. No quadro 27 encontra-se a grelha de avaliação do 2.º parâmetro. No quadro 28 encontra-se a grelha de avaliação do 3.º parâmetro.

Por fim no quadro 29 encontra-se a grelha final que agrupa as cotações obtidas pelos alunos em cada um dos parâmetros.

Quadro 26 – Grelha de avaliação do 1.º parâmetro do segundo Dispositivo de Avaliação –
Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Parâmetros		1.º Copiar os ditongos						Soma das cotações	
Critérios	Escreve três ditongos		Escreve dois ditongos		Escreve um ditongo		Não escreve corretamente nenhum dos ditongos	Não responde	0 a 4,5 pontos
	Caligrafia legível e regular	Caligrafia legível e irregular	Caligrafia legível e regular	Caligrafia legível e irregular	Caligrafia legível e regular	Caligrafia legível e irregular			
Alunos	4,5	4	3,5	3	2,5	2	0	0	
1		4							4
2	4,5								4,5
3		4							4
4		4							4
5	4,5								4,5
6	4,5								4,5
7		4							4
8		4							4
9	4,5								4,5
10	4,5								4,5
11	4,5								4,5
12	4,5								4,5
13		4							4
14	4,5								4,5
15			3,5						3,5
16		4							4
17	4,5								4,5
18		4							4
19				3					3
20	4,5								4,5
21		4							4
22		4							4
23		4							4
24			3,5						3,5
25	4,5								4,5
26	4,5								4,5
27		4							4
28		4							4
29		4							4

Quadro 27 – Grelha de avaliação do 2.º parâmetro do segundo Dispositivo de Avaliação –
Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Parâmetros	2.º Identificar, pintar com a cor correspondente e motricidade fina								Soma das cotações
	CrITÉrios	Pinta três ditongos correta/	Pinta dois ditongos correta/	Pinta um ditongo correta/	Respeita os espaços	Não respeita os espaços	Preenche os espaços na sua totalidade	Não preenche os espaços na sua totalidade	
Alunos		3,5	2,5	1,5	0,5	0	0,5	0	0 a 4,5 pontos
1		3,5				0	0,5		4
2		3,5			0,5			0	4
3			2,5			0		0	2,5
4		3,5			0,5			0	4
5		3,5			0,5			0	4
6		3,5				0		0	3,5
7		3,5				0		0	3,5
8		3,5			0,5			0	4
9		3,5			0,5			0	4
10		3,5			0,5			0	4
11		3,5				0		0	3,5
12		3,5			0,5			0	4
13		3,5			0,5		0,5		4,5
14		3,5			0,5			0	4
15		3,5				0	0,5		4
16		3,5				0		0	3,5
17		3,5			0,5		0,5		4,5
18		3,5			0,5			0	4
19		3,5				0		0	3,5
20		3,5				0		0	3,5
21		3,5			0,5			0	4
22		3,5				0	0,5		4
23		3,5			0,5			0	4
24		3,5			0,5			0	4
25			2,5			0	0,5		3
26		3,5				0		0	3,5
27		3,5			0,5			0	4
28		3,5			0,5		0,5		4,5
29		3,5			0,5		0,5		4,5

Quadro 28 – Grelha de avaliação do 3.º parâmetro do segundo Dispositivo de Avaliação –
Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Parâmetros		3.º Apresentação		Soma das cotações
Critérios Alunos		Trabalho cuidado	Trabalho pouco cuidado	0 a 1 ponto
		1	0	
1			0	0
2		1		1
3			0	0
4		1		1
5		1		1
6		1		1
7			0	0
8			0	0
9		1		1
10			0	0
11			0	0
12		1		1
13		1		1
14		1		1
15			0	0
16			0	0
17		1		1
18			0	0
19			0	0
20		1		1
21		1		1
22		1		1
23			0	0
24		1		1
25		1		1
26		1		1
27			0	0
28			0	0
29		1		1

Quadro 29 – Grelha de avaliação final do segundo Dispositivo de Avaliação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

Parâmetros	1.º	2.º	3.º	Soma
Alunos	Cotação de 0 a 4,5 pontos	Cotação de 0 a 4,5 pontos	Cotação de 0 a 1 ponto	0 a 10 pontos
1	4	4	0	8
2	4,5	4	1	9,5
3	4	2,5	0	6,5
4	4	4	1	9
5	4,5	4	1	9,5
6	4,5	3,5	1	9
7	4	3,5	0	7,5
8	4	4	0	8
9	4,5	4	1	9,5
10	4,5	4	0	8,5
11	4,5	3,5	0	8
12	4,5	4	1	9,5
13	4	4,5	1	9,5
14	4,5	4	1	9,5
15	3,5	4	0	7,5
16	4	3,5	0	7,5
17	4,5	4,5	1	10
18	4	4	0	8
19	3	3,5	0	6,5
20	4,5	3,5	1	9
21	4	4	1	9
22	4	4	1	9
23	4	4	0	8
24	3,5	4	1	8,5
25	4,5	3	1	8,5
26	4,5	3,5	1	9
27	4	4	0	8
28	4	4,5	0	8,5
29	4	4,5	1	9,5
Média de classificação				8,5

3.4.2. Apresentação dos resultados em gráfico



Figura 46 – Gráfico com os resultados obtidos do segundo Dispositivo de Avaliação – Domínio da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita

3.4.3. Descrição e análise dos resultados

Observando a figura 46, verifica-se que as classificações foram bastante elevadas e que apenas uma criança teve a cotação de dez valores. Pode-se ainda verificar que numa turma de vinte e nove crianças, catorze crianças, 48%, obtiveram a classificação de Muito Bom, treze crianças, 45%, obtiveram Bom e duas crianças, 7%, obtiveram a classificação de Suficiente.

Relativamente ao 1.º parâmetro, apenas duas crianças não copiaram corretamente os três ditongos. Às restantes foi descontado meio valor pela caligrafia não ser legível e regular.

No 2.º parâmetro, também apenas duas crianças não pintaram corretamente os três ditongos. A principal razão para as crianças não terem tido a cotação máxima prendeu-se com o facto de estas não terem preenchido os espaços na totalidade.

Face aos resultados descritos anteriormente, posso concluir que as crianças não tiveram dificuldades em fazer o que era pedido mas que tiveram dificuldades a preencher os espaços na totalidade quando pintaram.

3.5. Terceiro Dispositivo de Avaliação: Estudo do Meio

Este dispositivo é referente à área de Estudo do Meio. A atividade foi realizada no dia 4 de novembro de 2011 com as crianças do 3.º Ano.

Para trabalhar esta área, inicialmente, através do *Powerpoint*, fiz uma revisão das partes constituintes do coração e dei a conhecer a pequena e a grande circulação.

De seguida entreguei a proposta de trabalho representada na figura 47.

Neste dia, estiveram presentes vinte e oito crianças das vinte e nove existentes na turma e o tempo previsto para a realização da atividade foi de cerca de vinte minutos.

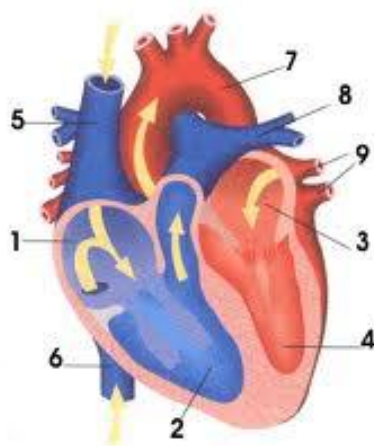
Proposta de trabalho de Estudo do Meio

Circulação Sanguínea

Nome: _____

Data: _____

1 – Completa a legenda utilizando as palavras da caixa.



1 - _____

2 - _____

3 - _____

4 - _____

5 - _____

6 - _____

7 - _____

8 - _____

9 - _____

ventrículo direito; artéria pulmonar; aurícula esquerda; veia cava superior; aurícula direita;
artéria aorta; ventrículo esquerdo; veias pulmonares; veia cava inferior

2 – Pinta consoante a pequena e a grande circulação. A **encarnado** o sangue arterial e a **azul** o sangue venoso.

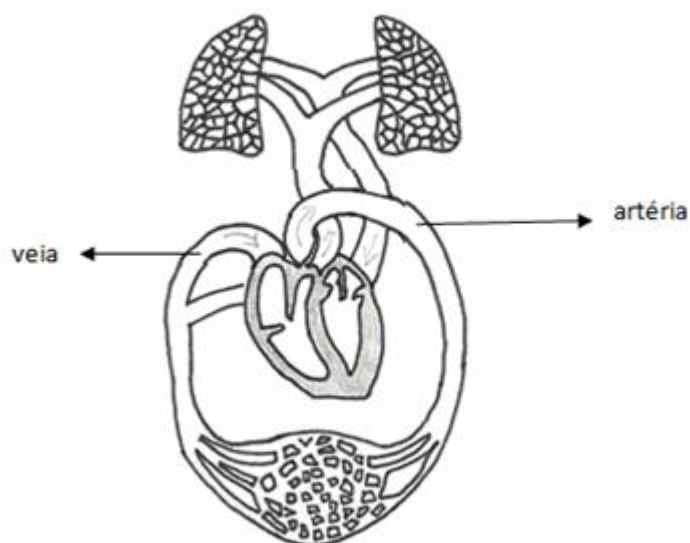


Figura 47 – Terceiro Dispositivo de Avaliação

3.5.1. Descrição dos Parâmetros e Critérios de Avaliação

No 1.º parâmetro de avaliação – identificar e completar a legenda (esquema do coração), pretende-se que a criança complete a legenda da figura utilizando as palavras da caixa. Para este parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Escreve nove palavras;
- Escreve oito palavras;
- Escreve sete palavras;
- Escreve seis palavras;
- Escreve cinco palavras;
- Escreve quatro palavras;
- Escreve três palavras;
- Escreve duas palavras;
- Escreve uma palavra;
- Caligrafia legível e regular;
- Caligrafia legível e irregular;
- Não contém erros ortográficos;
- Contém erros ortográficos;
- Não responde.

No 2.º parâmetro de avaliação – identificar e pintar a imagem com a cor correspondente (circulação sanguínea) e motricidade fina, pretende-se que a criança pinte com as cores pedidas, a azul o sangue venoso e a encarnado o sangue arterial, a pequena e a grande circulação. Para este parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Pinta a azul o sangue venoso e a encarnado o sangue arterial consoante a pequena e a grande circulação;
- Respeita os espaços;
- Não respeita os espaços;
- Preenche os espaços na sua totalidade;
- Não preenche os espaços na sua totalidade;
- Não pinta a azul o sangue venoso e a encarnado o sangue arterial consoante a pequena e a grande circulação;
- Não responde.

Por fim no 3.º parâmetro de avaliação – apresentação, pretende-se verificar se a criança tem uma apresentação cuidada. Para este parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Trabalho cuidado;
- Trabalho pouco cuidado.

Seguidamente, no quadro 30, encontra-se detalhado cada parâmetro, critério de avaliação e a devida cotação.

Quadro 30 – Grelha de cotação do terceiro Dispositivo de Avaliação – Estudo do Meio

Parâmetros	Critérios		Cotação
1.º Identificar e completar a legenda (esquema do coração)	Completa com nove palavras	4,5	5,5
	Completa com oito palavras	4	
	Completa com sete palavras	3,5	
	Completa com seis palavras	3	
	Completa com cinco palavras	2,5	
	Completa com quatro palavras	2	
	Completa com três palavras	1,5	
	Completa com duas palavras	1	
	Completa com uma palavra	0,5	
	Caligrafia legível e regular	0,5	
	Caligrafia legível e irregular	0	
	Não contém erros ortográficos	0,5	
	Contém erros ortográficos	0	
	Não responde	0	
2.º Pintar a imagem com a cor correspondente	Pinta a azul o sangue venoso e a encarnado o sangue arterial consoante a pequena e a grande circulação	2,5	3,5
	Respeita os espaços	0,5	
	Não respeita os espaços	0	
	Preenche os espaços na sua totalidade	0,5	
	Não preenche os espaços na sua totalidade	0	
	Não pinta a azul o sangue venoso e a encarnado o sangue arterial consoante a pequena e a grande circulação	0	
	Não responde	0	
3.º Apresentação	Trabalho cuidado	1	1
	Trabalho pouco cuidado	0	
Total			10

No quadro 31 encontra-se a grelha de avaliação do 1.º parâmetro. No quadro 32 encontra-se a grelha de avaliação do 2.º parâmetro. No quadro 33 encontra-se a grelha de avaliação do 3.º parâmetro.

Por fim no quadro 34 encontra-se a grelha final que agrupa as cotações obtidas pelos alunos em cada um dos parâmetros.

Quadro 31 - Grelha de avaliação do 1.º parâmetro do terceiro Dispositivo de Avaliação –
Estudo do Meio

Parâmetros		1.º Identificar e completar a legenda (esquema do coração)														Soma das cotações	
Critérios	Alunos	Escreve 9 palavras	Escreve 8 palavras	Escreve 7 palavras	Escreve 6 palavras	Escreve 5 palavras	Escreve 4 palavras	Escreve 3 palavras	Escreve 2 palavras	Escreve 1 palavra	Caligrafia legível		Não contém erros ortográficos	Contém erros ortográficos	Não responde	0 a 5,5 pontos	
											Regular	Irregular					
1	4,5		4	3,5	3	2,5	2	1,5	1	0,5	0,5	0	0,5	0		4,5	
2	4,5										0,5		0,5			5,5	
3	4,5										0,5			0		5	
4	4,5											0		0		4,5	
5	4,5										0,5		0,5			5,5	
6	4,5										0,5		0,5			5,5	
7	4,5										0,5			0		5	
8	4,5										0,5		0,5			5,5	
9	4,5										0,5			0		5	
10	4,5										0,5			0		4,5	
11	4,5											0				5	
12	4,5											0	0,5			5	
13	4,5											0	0,5			4,5	
14	4,5											0		0		5,5	
15	4,5										0,5		0,5	0		4,5	
16	4,5											0				5	
17	4,5										0,5			0		5	
18	4,5										0,5			0		5	
19	4,5										0,5			0		5	
20	4,5										0,5			0		5	
21	4,5										0,5			0		5	
22	4,5											0	0,5			5	
23	4,5											0		0		4,5	
24	4,5										0,5		0,5			5,5	
25	4,5											0		0		4,5	
26	4,5										0,5			0		5	
27	4,5										0,5		0,5			5,5	
28	4,5											0		0		4,5	
29	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	

Quadro 32 – Grelha de avaliação do 2.º parâmetro do terceiro Dispositivo de Avaliação –
Estudo do Meio

Parâmetros	2.º Identificar, pintar a imagem com a cor correspondente (circulação sanguínea) e motricidade fina							Soma das cotações
	Pinta a azul o s.v. e a encarnado o s.a. cons	Respeita os espaços	Não respeita os espaços	Preenche os espaços na sua totalidade	Não preenche os espaços na sua totalidade	Não pinta corretamente	Não responde	
Alunos	2,5	0,5	0	0,5	0	0	0	0 a 3,5 pontos
1	2,5	0,5			0			3
2	2,5	0,5		0,5				3,5
3	2,5		0	0,5				3
4	2,5		0		0			2,5
5	2,5		0	0,5				3
6	2,5	0,5		0,5				3,5
7	2,5	0,5			0			3
8	2,5	0,5			0			3
9	2,5	0,5		0,5				3,5
10	2,5	0,5		0,5				3,5
11	2,5	0,5		0,5				3,5
12	2,5	0,5		0,5				3,5
13	2,5	0,5		0,5				3,5
14	2,5	0,5			0			3
15	2,5	0,5		0,5				3,5
16	2,5	0,5			0			3
17	2,5	0,5			0			3
18	2,5	0,5		0,5				3,5
19	2,5	0,5			0			3
20	2,5	0,5			0			3
21	2,5		0		0			2,5
22	2,5		0		0			2,5
23	2,5		0		0			2,5
24	2,5	0,5		0,5				3,5
25	2,5		0	0,5				3
26	2,5	0,5		0,5				3,5
27	2,5		0		0			2,5
28	2,5		0	0,5				3
29	X	X	X	X	X	X	X	X

Quadro 33 – Grelha de avaliação do 3.º parâmetro do terceiro Dispositivo de Avaliação –
Estudo do Meio

Parâmetros		3.º Apresentação		Soma das cotações
Alunos	Critérios	Trabalho cuidado	Trabalho pouco cuidado	0 a 1 ponto
		1	0	
1			0	0
2		1		1
3		1		1
4			0	0
5		1		1
6		1		1
7			0	0
8		1		1
9		1		1
10		1		1
11		1		1
12		1		1
13		1		1
14			0	0
15		1		1
16		1		1
17		1		1
18		1		1
19		1		1
20			0	0
21		1		1
22			0	0
23			0	0
24		1		1
25		1		1
26		1		1
27			0	0
28			0	0
29		X	X	X

Quadro 34 - Grelha de avaliação final do terceiro Dispositivo de Avaliação – Estudo do Meio

Parâmetros	1.º	2.º	3.º	Soma
Alunos	Cotação de 0 a 5,5 pontos	Cotação de 0 a 3,5 pontos	Cotação de 0 a 1 ponto	0 a 10 pontos
1	4,5	3	0	7,5
2	5,5	3,5	1	10
3	5	3	1	9
4	4,5	2,5	0	7
5	5,5	3	1	9,5
6	5,5	3,5	1	10
7	5	3	0	8
8	5,5	3	1	9,5
9	5	3,5	1	9,5
10	5	3,5	1	9,5
11	4,5	3,5	1	9
12	5	3,5	1	9,5
13	5	3,5	1	9,5
14	4,5	3	0	7,5
15	5,5	3,5	1	10
16	4,5	3	1	8,5
17	5	3	1	9
18	5	3,5	1	9,5
19	5	3	1	9
20	5	3	0	8
21	5	2,5	1	8,5
22	5	2,5	0	7,5
23	4,5	2,5	0	7
24	5,5	3,5	1	10
25	4,5	3	1	8,5
26	5	3,5	1	9,5
27	5,5	2,5	0	8
28	4,5	3	0	7,5
29	X	X	X	X
Média de classificação				8,8

3.5.2. Apresentação dos resultados em gráfico



Figura 48 – Gráfico com os resultados obtidos do segundo Dispositivo de Avaliação – Estudo do Meio

3.5.3. Descrição e análise dos resultados

Na análise deste Dispositivo de Avaliação, verifiquei que a maioria dos alunos obteve a máxima cotação em todos os parâmetros. No 1.º parâmetro todos fizeram a legenda correta da figura, contudo houve muitas crianças a copiar mal as palavras. As palavras copiadas continham erros ortográficos, mostrando falta de atenção no que estavam a fazer, tendo sido descontado meio valor por esta situação. No 2.º parâmetro, todas as crianças pintaram corretamente a imagem, tendo concluído o exercício proposto com sucesso, tal como havia acontecido no 1.º parâmetro.

Em relação ao 3.º parâmetro, da apresentação, quase todas as crianças tiveram uma apresentação cuidada.

Como se vê no gráfico (Figura 48), mais de metade da turma, dezasseis alunos, 57%, obtiveram a classificação de Muito Bom e doze alunos, 43%, obtiveram a classificação de Bom.

Assim sendo, neste Dispositivo não houve nenhuma criança com classificação inferior a Bom, o que é muito positivo, significando que estiveram atentos à matéria e compreenderam-na.

3.6. Quarto Dispositivo de Avaliação: Língua Portuguesa

Este dispositivo é referente à área de Língua Portuguesa. A atividade foi realizada no dia 4 de novembro de 2011 com as crianças do 3.º Ano.

Nesta área iniciei com a revisão de todos os conteúdos gramaticais dados até à altura tendo depois introduzido o grau comparativo dos adjetivos qualificativos.

De modo a trabalhar este novo conteúdo entreguei a proposta de trabalho representada no quadro 35.

Neste dia estiveram presentes vinte e oito crianças das vinte e nove existentes na turma.

Quadro 35 – Quarto Dispositivo de Avaliação

Proposta de trabalho de Língua Portuguesa

Graus dos adjetivos

Nome: _____

Data: _____

Passeio no campo

Ontem fui passear no campo. Este campo era florido, tinha muitas árvores enormes e cheias de frutos.

O sol estava radiante, as flores eram lindas e cheirosas. Lá havia muitos pássaros coloridos que cantavam sem parar.

As crianças alegres corriam por todos os lados.

Ontem foi um dia maravilhoso.

Retirado do site A nossa escola

1. Sublinha todos os adjetivos que encontrares no texto.

2. Escreve uma frase que contenha um adjetivo.

3. Lê a frase: *As túlipas são bonitas.*

3.1. Reescreve a frase e coloca o adjetivo no grau comparativo de igualdade.

3.2. Reescreve a frase e coloca o adjetivo no grau comparativo de superioridade.

4. Escreve uma frase em que o adjetivo esteja no grau comparativo de inferioridade.

3.6.1. Descrição dos Parâmetros e Critérios de Avaliação

No 1.º parâmetro de avaliação – identificar e sublinhar todos os adjetivos presentes no texto, pretende-se que a criança identifique todos os adjetivos e sublinhe-os. Para este parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Sublinha nove;
- Sublinha oito;
- Sublinha sete;
- Sublinha seis;
- Sublinha cinco;
- Sublinha quatro;
- Sublinha três;
- Sublinha dois;
- Sublinha um;
- Sublinha palavras que não são adjetivos (por cada palavra desconta);
- Não responde.

No 2.º parâmetro de avaliação – escrever uma frase que contenha um adjetivo, pretende-se que a criança escreva duas frases à sua escolha, contendo um dos adjetivos no grau comparativo de igualdade e o outro adjetivo no grau comparativo de superioridade. Para este parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Frase correta sem erros ortográficos;
- Frase correta com erros ortográficos;
- Frase incorreta;
- Não responde.

No 3.º parâmetro de avaliação – colocar o adjetivo no grau pedido nas duas frases, pretende-se que a criança reescreva as frases e coloque o adjetivo no grau pedido. Para este parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Duas frases corretas sem erros ortográficos;
- Duas frases corretas com erros ortográficos;
- Uma frase correta sem erros ortográficos;
- Uma frase correta com erros ortográficos;
- Caligrafia legível e regular;
- Caligrafia legível e irregular;
- Frases incorretas;
- Não responde.

Por fim no 4.º parâmetro de avaliação – colocar a adjetivo no grau pedido, pretende-se que a criança escreva uma frase à sua escolha mas que coloque o adjetivo no grau comparativo de inferioridade. Para este parâmetro foram estabelecidos os seguintes critérios:

- Frase correta sem erros ortográficos;
- Frase correta com erros ortográficos;
- Caligrafia legível e regular;
- Caligrafia legível e irregular;
- Frase incorreta;
- Não responde.

Seguidamente encontra-se uma tabela, quadro 36, onde está detalhado cada parâmetro, critério e a devida cotação.

Quadro 36 – Grelha de cotação do quarto Dispositivo de Avaliação – Língua Portuguesa

Parâmetros	Critérios		Cotação
1.º Identifica todos os adjetivos presentes no texto	Sublinha nove	2	2
	Sublinha oito	1,8	
	Sublinha sete	1,6	
	Sublinha seis	1,4	
	Sublinha cinco	1,2	
	Sublinha quatro	1	
	Sublinha três	0,8	
	Sublinha dois	0,6	
	Sublinha um	0,4	
	Sublinha palavras que não são adjetivos (por cada palavra desconta)	0,1	
	Não responde	0	
2.º Escrever uma frase que contenha um adjetivo	Frase correta sem erros ortográficos	2,5	2,5
	Frase correta com erros ortográficos	1	
	Frase incorreta	0	
	Não responde	0	
3.º Colocar o adjetivo no grau pedido nas duas frases	Duas frases corretas sem erros ortográficos	2,5	3
	Duas frases corretas com erros ortográficos	2	
	Uma frase correta sem erros ortográficos	1,5	
	Uma frase correta com erros ortográficos	1	
	Caligrafia legível e regular	0,5	
	Caligrafia legível e irregular	0	
	Frases incorretas	0	
	Não responde	0	
4.º Colocar o adjetivo no grau pedido	Frase correta sem erros ortográficos	2	2,5
	Frase correta com erros ortográficos	1,5	
	Caligrafia legível e regular	0,5	
	Caligrafia legível e irregular	0	
	Frase incorreta	0	
	Não responde	0	
Total			10

No quadro 37 encontra-se a grelha de avaliação do 1.º parâmetro. No quadro 38 encontra-se a grelha de avaliação do 2.º parâmetro. No quadro 39 encontra-se a grelha de avaliação do 3.º parâmetro. No quadro 40 encontra-se a grelha de avaliação do 4.º parâmetro.

Por fim no quadro 41 encontra-se a grelha final que agrupa as cotações obtidas pelos alunos em cada um dos parâmetros.

Quadro 37 – Grelha de avaliação do 1.º parâmetro do quarto Dispositivo de Avaliação – Língua Portuguesa

Parâmetros	1.º Sublinhar todos os adjetivos presentes no texto											Soma das cotações
Critérios Alunos	Sublinha 9	Sublinha 8	Sublinha 7	Sublinha 6	Sublinha 5	Sublinha 4	Sublinha 3	Sublinha 2	Sublinha 1	Sublinha palavras que não são adjetivos	Não responde	0 a 2 pontos
	2	1,8	1,6	1,4	1,2	1	0,8	0,6	0,4	- 0,1	0	
1	2											2
2	2											2
3	2											2
4	2											2
5	2											2
6	2											2
7	2											2
8		1,8										1,8
9	2											2
10	2											2
11	2											2
12	2											2
13		1,8										1,8
14	2											2
15	2											2
16		1,8										1,8
17	2											2
18		1,8										1,8
19	2											2
20	2											2
21	2											2
22	2											2
23	2									- 0,1		1,9
24	2											2
25	2											2
26	2											2
27	2											2
28		1,8										1,8
29	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X

Quadro 38 – Grelha de avaliação do 2.º parâmetro do quarto Dispositivo de Avaliação – Língua Portuguesa

Parâmetros		2.º Escrever uma frase que contenha um adjetivo				Soma das cotações
Critérios	Alunos	Frase correta		Frase incorreta	Não responde	0 a 2,5 pontos
		Sem erros ortográficos	Com erros ortográficos			
		2,5	1	0	0	
1			1			1
2		2,5				2,5
3		2,5				2,5
4		2,5				2,5
5		2,5				2,5
6		2,5				2,5
7			1			1
8		2,5				2,5
9		2,5				2,5
10			1			1
11		2,5				2,5
12		2,5				2,5
13				0		0
14			1			1
15		2,5				2,5
16		2,5				2,5
17		2,5				2,5
18			1			1
19		2,5				2,5
20				0		0
21			1			1
22			1			1
23		2,5				2,5
24		2,5				2,5
25		2,5				2,5
26		2,5				2,5
27		2,5				2,5
28		2,5				2,5
29		X	X	X	X	X

Quadro 39 – Grelha de avaliação do 3.º parâmetro do quarto Dispositivo de Avaliação – Língua Portuguesa

Parâmetros	3.º Colocar o adjetivo no grau pedido nas duas frases										Soma das cotações
Critérios	Duas frases corretas		Uma frase correta		Caligrafia legível		Frases incorretas	Não responde	0 a 3 pontos		
	Sem erros ortográficos	Com erros ortográficos	Sem erros ortográficos	Com erros ortográficos	Regular	Irregular					
							2,5	2		1,5	1
Alunos											
1	2,5				0,5					3	
2	2,5				0,5					3	
3	2,5						0			2,5	
4		2					0			2	
5	2,5				0,5					3	
6	2,5				0,5					3	
7	2,5				0,5					3	
8	2,5				0,5					3	
9	2,5				0,5					3	
10		2					0			2	
11	2,5				0,5					3	
12	2,5						0			2,5	
13		2					0			2	
14	2,5						0			2,5	
15		2			0,5					2,5	
16	2,5				0,5					3	
17	2,5				0,5					3	
18	2,5						0			2,5	
19	2,5				0,5					3	
20	2,5				0,5					3	
21		2			0,5					2,5	
22	2,5						0			2,5	
23		2			0,5					2,5	
24	2,5				0,5					2,5	
25	2,5						0			3	
26		2			0,5					2,5	
27	2,5						0			2,5	
28								0		0	
29	X	X	X	X		X	X	X	X	X	

Quadro 40 – Grelha de avaliação do 4.º parâmetro do quarto Dispositivo de Avaliação – Língua Portuguesa

Parâmetros		4.º Colocar o adjetivo no grau pedido						Soma das cotações
Critérios	Frase correta		Caligrafia legível		Frase incorreta	Não responde	0 a 2,5 pontos	
	Sem erros ortográficos	Com erros ortográficos	Regular	Irregular				
Alunos	2	1,5	0,5	0	0	0		
1					0		0	
2	2		0,5				2,5	
3	2			0			2	
4		1,5		0			1,5	
5	2		0,5				2,5	
6	2		0,5				2,5	
7	2		0,5				2,5	
8					0		0	
9	2		0,5				2,5	
10	2			0			2	
11	2		0,5				2,5	
12	2			0			2	
13	2			0			2	
14					0		0	
15	2		0,5				2,5	
16					0		0	
17	2		0,5				2,5	
18					0		0	
19	2		0,5				2,5	
20	2		0,5				2,5	
21	2		0,5				2,5	
22		1,5		0			1,5	
23	2		0,5				2,5	
24	2		0,5				2,5	
25		1,5		0			1,5	
26	2		0,5				2,5	
27	2			0			2	
28	2		0,5				2,5	
29	X	X	X	X	X	X	X	

Quadro 41 - Grelha de avaliação final do quarto Dispositivo de Avaliação – Língua Portuguesa

Parâmetros	1.º	2.º	3.º	4.º	Soma
Alunos	Cotação de 0 a 2 pontos	Cotação de 0 a 2,5 pontos	Cotação de 0 a 3 pontos	Cotação de 0 a 2,5 pontos	0 a 10 pontos
1	2	1	3	0	6
2	2	2,5	3	2,5	10
3	2	2,5	2,5	2	9
4	2	2,5	2	1,5	8
5	2	2,5	3	2,5	10
6	2	2,5	3	2,5	10
7	2	1	3	2,5	8,5
8	1,8	2,5	3	0	7,3
9	2	2,5	3	2,5	10
10	2	1	2	2	7
11	2	2,5	3	2,5	10
12	2	2,5	2,5	2	9
13	1,8	0	2	2	5,8
14	2	1	2,5	0	5,5
15	2	2,5	2,5	2,5	9,5
16	1,8	2,5	3	0	7,3
17	2	2,5	3	2,5	10
18	1,8	1	2,5	0	5,3
19	2	2,5	3	2,5	10
20	2	0	3	2,5	7,5
21	2	1	2,5	2,5	8
22	2	1	2,5	1,5	7
23	1,9	2,5	2,5	2,5	9,4
24	2	2,5	3	2,5	10
25	2	2,5	2,5	1,5	8,5
26	2	2,5	2,5	2,5	9,5
27	2	2,5	2,5	2	9
28	1,8	2,5	0	2,5	6,8
29	X	X	X	X	X
Média de classificação					8,4

3.6.2. Apresentação dos resultados em gráfico



Figura 49 – Gráfico com os resultados obtidos do segundo Dispositivo de Avaliação – Língua Portuguesa

3.6.3. Descrição e análise dos resultados

No 1.º parâmetro deste Dispositivo de Avaliação, apenas cinco crianças não sublinharam todos os adjetivos presentes no texto e apenas uma criança sublinhou uma palavra que não era um adjetivo.

No 2.º parâmetro apenas duas crianças escreveram uma frase que não continha um adjetivo como era pedido.

No 3.º parâmetro, só uma criança é que não fez corretamente as frases com o adjetivo no grau pedido.

Por fim, no 4.º parâmetro, cinco crianças não escreveram corretamente o adjetivo no grau pedido.

Observando o gráfico, figura 49, conclui-se que catorze alunos, 50%, obtiveram a classificação de Muito Bom, nove alunos, 32%, obtiveram Bom e apenas cinco alunos, 18%, obtiveram suficiente.

Mais uma vez, não houve nenhuma classificação inferior a Suficiente.

Neste Dispositivo de Avaliação, de uma forma geral, houve boas classificações. O maior problema prendeu-se com os erros ortográficos que cometeram.

Reflexão Final

Neste capítulo farei um balanço de todo o trabalho realizado ao longo de todo o período de estágio.

De seguida apresentarei a minha reflexão final, bem como as limitações ao trabalho realizado e sugestões de novas pesquisas.

Reflexão Final

No início da Licenciatura em Educação Básica ainda não tinha bem definido se ia optar apenas pelo Mestrado em Educação Pré-Escolar ou se iria optar pelo Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico. Na altura de decidir acabei por optar pelo Mestrado em Educação Pré-Escolar e Ensino do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Durante o segundo semestre do Mestrado, em que já estava a estagiar no 1.º Ciclo, pensei em desistir desta valência e apenas concluir a formação como Educadora, mas após refletir sobre o assunto considerei que o mais adequado era investir na minha formação, continuando a minha longa caminhada, a fim de obter uma dupla titularidade para a minha vida profissional futura.

Terminado o Mestrado, tenho como preferência a Educação Pré-Escolar porque me sinto melhor com os mais pequenos, devido às suas características. Estas crianças, ao serem mais novas, mostram-se mais dadas, afetuosas, mais sonhadoras e abertas a adquirir novos hábitos e conhecimentos, o que acaba por se tornar um desafio para mim mesma.

A Prática Pedagógica foi fundamental para a minha futura profissão docente, abrindo-me portas para uma relação com as crianças, ao mesmo tempo que me fez entender o verdadeiro significado de responsabilidade, profissionalismo e consciência.

Foi durante a Prática que pude aprender novas estratégias de ensino e foi ainda através dela que adquiri competências essenciais sobre como lecionar de uma forma dinâmica e correta. Após as aulas lecionadas, obtive críticas construtivas por parte dos Professores e das Orientadoras, tendo estes dado a sua opinião sobre os meus pontos fortes e as minhas lacunas, o que me fez refletir e tentar melhorar cada vez mais.

O período de estágio foi um momento formativo, cheio de vivências e aprendizagens, que culminou com a realização deste relatório. Segundo afirmam Alarcão e Tavares (1987), “o processo formativo (...) combina ação, experimentação e reflexão sobre a ação, ou seja, reflexão dialogante sobre o observado e o vivido segundo uma metodologia do aprender a fazer fazendo e pensando...” (p. 35)

No final de todo o processo formativo curricular, julgo que existe ainda muito a aprender no futuro profissional que em breve se inicia. No entanto, considero que me encontro mais informada e preparada para ingressar na vida profissional, tendo exposto não só as minhas experiências, mas igualmente as dificuldades, dúvidas e receios encontrados, ao mesmo tempo que procurei formas de os solucionar.

O facto de planificar as minhas aulas implicou que refletisse sobre o grupo de crianças com que ia trabalhar, as suas falhas e as suas necessidades, de modo a arranjar as melhores formas de trabalhar e prever situações, criando-se assim um ambiente motivador. Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (1997), “planear o processo educativo de acordo com o que o educador sabe do grupo e da criança (...) é condição para que a educação pré-escolar proporcione um ambiente estimulante de desenvolvimento”. (p.26)

Outro fator a considerar prende-se com os materiais utilizados, necessários à correta realização das aulas.

A realização de dispositivos de avaliação também foi importante para compreender a importância da Prática Pedagógica e o modo como a mesma se realiza. O uso de dispositivos de avaliação promove uma melhoria das aprendizagens das crianças, pois avaliá-las permite-nos ao mesmo tempo perceber se as estratégias adotadas foram eficazes ou se novos processos devem ser implementados, salientando-se mais uma vez que o objetivo final passa pelo sucesso e pelo saber.

A avaliação permite regular o processo de ensino/aprendizagem. Avaliar, segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, ME (1997), “implica tomar consciência da ação para adequar o processo educativo às necessidades das crianças e do grupo e à sua evolução”. (p.27)

Em suma, considero que todo o período de estágio e a realização deste relatório foram essenciais para a minha formação, nunca esquecendo que, para além do meu trabalho e empenho, estiveram também presentes Professores, Educadores e Colegas que em muito contribuíram para um resultado final bastante satisfatório.

Tal como referi anteriormente, este foi apenas um pequeno capítulo da minha história profissional enquanto aspirante a um lugar de docente. À minha frente existe ainda um longo caminho de formação a percorrer, onde espero que surjam novas e boas oportunidades de aprender e alargar as bases, adquiridas ao longo destes memoráveis cinco anos.

Durante o período de estágio, senti que existiram diversas situações que se tornaram limitativas.

Um dos fatores que limitou a minha observação das rotinas foi o horário do estágio profissional. Este decorreu sempre durante as manhãs, não tendo a

oportunidade, excetuando a semana de estágio intensivo, de observar as atividades realizadas pelas crianças na parte da tarde. Assim sendo foi-me impossível fazer o registo e a avaliação de todas as ações das crianças, não estando consequentemente todas elas descritas neste relatório, o que constitui uma lacuna no mesmo.

Considero que é de grande importância que a realização do estágio seja feita também no período da tarde pois, como futura educadora/professora, terei igualmente de permanecer com as crianças nesse período. Como já referi, poderia assim ter observado as outras áreas que foram trabalhadas. A falta de tempo foi o principal fator que justificou esta situação.

Uma outra limitação que me deparei foi que nem sempre encontrei fundamentação necessária para ideias que queria desenvolver. A grande dificuldade de acesso a uma bibliografia, devidamente atualizada, constituiu uma limitação forte à realização deste relatório. Para além disso, os conteúdos teóricos trabalhados nem sempre tiveram um suporte disponível que os permitisse aprofundar.

Como futura educadora/professora continuarei a refletir sobre a minha prática de modo a tentar usar estratégias que se adequem e que sejam facilitadoras da aprendizagem.

Devido ao facto de a Educação ser um tema que está em constante mudança, terei de aprofundar o meu saber continuamente. No fundo todos nós seremos docentes, mas para sempre estudantes, visto o conhecimento não ter fim. Assim, há que pesquisar e definir as melhores práticas e estratégias educativas, mantendo o próprio saber atualizado. Devemos, desta forma, manter uma atitude proactiva, dinâmica, criativa e reflexiva, em constante aprendizagem. Só assim será possível apreender os conceitos e compreender as dificuldades encontradas, havendo, obrigatoriamente, ainda uma troca de experiências com os meus colegas.

Como base de futuras pesquisas, terei em conta alguns conteúdos de temas que não fizeram parte do meu estágio curricular e que julgo serem importantes, nomeadamente dentro da área das Necessidades Educativas Especiais. O tema foi devidamente abordado, mas não no seu pleno. De facto, o docente deve estar plenamente preparado para viver com alunos “especiais” no seu dia-a-dia, incluídos em turmas do ensino regular.

Posso por fim considerar que as novas pesquisas e as novas estratégias a adotar podem ser consideradas como a chave do sucesso, numa área que, no fundo, define o futuro de uma criança.

Referências Bibliográficas

- Abrantes, P., Alonso, L., Peralta, M. H., Cortesão, L., Leite, C., Pacheco, J. A., Fernandes, M. & Santos, L. (2002). *Reorganização curricular do ensino básico – avaliação das aprendizagens*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Abrecht, R. (1994). *A avaliação formativa*. Rio Tinto: Edições ASA.
- Abreu, I., Sequeira, A. P. & Escoval, A. (1990). *Ideias e histórias. Contributos para uma educação participada*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação - um guia prático e crítico*. Porto: Asa Editores, SA.
- Alarcão, M. (1995). *Motivar para a leitura – estratégias de abordagem ao texto narrativo*. Lisboa: Texto Editora.
- Alarcão, I. & Tavares, J. (1987). *Supervisão da prática pedagógica. Uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Alves, J. M. & Leite, M. J. (2005). *Sucesso na escola: um guia para os pais*. Porto: Edições ASA.
- Amado, J. S. (2000). *Interação pedagógica e indisciplina na sala*. Porto: ASA Editores.
- Aranão, I. (1996). *A matemática através de brincadeiras e jogos*. São Paulo: Papirus.
- Arends, R. I. (1995). *Aprender a ensinar*. Lisboa: McGraw-Hill de Portugal L.da.
- Azevedo, M. (2000). *Teses, relatórios e trabalhos escolares – sugestões para a estruturação da escrita*. Lisboa: Universidade Católica.
- Azevedo, M. F. (1999). *Da análise do erro ao ensino-aprendizagem da escrita – um estudo com alunos do quinto ano de escolaridade*. Dissertação de Mestrado em Educação – Supervisão Pedagógica em Ensino do Português. Universidade do Minho: Instituto de Educação e Psicologia.
- Bastos, G. (1999). *Literatura infantil e juvenil*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Bandet, J. & Sarazanas, R. (1980). *A criança e os brinquedos*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Bell, J. (1997). *Como realizar um projecto de investigação*. Lisboa: Gradiva.

- Boavida, A. M. (1993). *Resolução de problemas em educação matemática*. Dissertação de Mestrado. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.
- Boavida, A. M. R., Paiva, A. L., Cebola, G., Vale, I., Pimentel, T. (2008). *A experiência matemática no ensino básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Caldeira, M. F (2009). *Aprender a matemática de uma forma lúdica*. Lisboa: Escola Superior de Educação João de Deus.
- Carmo, H. & Ferreira, M. M. (1998). *Metodologia da investigação: guia para auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Castro, S. L. & Gomes, I. (2000). *Dificuldades de aprendizagem da língua materna*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Castro, J. P. e Rodrigues, M. (2008). *Sentido de número e organização de dados – textos de apoio para educadores de infância*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Catita, E. M. (2007). *Estratégias metodológicas para o ensino do meio físico e social*. Lisboa: Areal Editores.
- Condemarín, M. & Chadwick, M. (1987). *A escrita criativa e formal*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Costa, M. L., Marques, J. M. & Rebelo, D. (2000). *Fundamentação da didáctica da língua materna*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Cordeiro, M. (2009). *O livro da criança – do 1 aos 5 anos*. (4.^aed.).Lisboa: A esfera dos Livros.
- Cruz, V. (2007). *Uma abordagem cognitiva da leitura*. Lisboa: Edições Técnicas LIDEL.
- Cury, A. (2004). *Pais brilhantes, professores fascinantes – como formar jovens felizes e inteligentes*. (1.^aed.). Cascais: Pergaminho.
- Custódio, L. (2002). *Lengalengas no jardim de infância*. Lisboa: Âmbar.
- Deshaies, B. (1997). *Metodologia da investigação em ciências humanas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Duarte, I. (2008). *O conhecimento da língua: desenvolver a consciência linguística*. Lisboa: Ministério da Educação.

- Ferro, A. M. (1994). *Métodos e técnicas pedagógicas*. Lisboa: Edições Colibri.
- Fonseca, A., Silva, A., Guimarães, A., Novo, C., Rocha, D., Cardona, M., Pagarete, M. & Marques, R. (2008). *Aprender e ensinar no jardim-de-infância e na escola*. Chamusca: Edições Cosmos.
- Henriques, A. C. (2002). *Aritmética ao alcance de todos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Hohmann, M. & Weikart, D. P. (1997). *Educar a criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Instituto de Inovação Educacional (1999). *Multimédia e ensino – um novo paradigma*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Kamii, C. (1996). *A teoria de Piaget e a educação pré-escolar*. (2.^a ed.). Lisboa: Horizontes pedagógicos.
- Lahora, C. (2008). *Actividades matemáticas na pré-escola para crianças dos 0 aos 6 anos*. Lisboa: Papa-letras.
- Leite, C. (2002). *A avaliação das aprendizagens dos alunos: novos contextos, novas práticas*. Rio Tinto: Edições ASA.
- Lopes, J. A., Velásquez, M. G., Fernandes, P. P. & Bártolo, V. N. (2004). *Aprendizagem, ensino e dificuldades da leitura*. Coimbra: Quarteto.
- Lopes, M. (1999). *Texto e criação teatral na escola*. Porto: ASA Editores.
- Magalhães, V. (2008). A Promoção da Leitura Literária na Infância: “Um Mundo de Verdura” a não Perder. In Sousa, O. & Cardoso, A. (eds.). *Desenvolver competências em língua portuguesa*. Lisboa: Centro Interdisciplinar de Estudos Educacionais da Escola Superior de Educação de Lisboa; pp.55-73.
- Martins, I. P., Veiga, M. L., Teixeira, F., Tenreiro-Vieira, C., Vieira, R. M., Rodrigues, A. V., Couceiro, F. & Pereira, S. J. (2009). *Despertar para a ciência – actividades dos 3 aos 6*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Martins, L. P., Veiga, M. L., Teixeira, F., Tenreiro-Vieira, C., Vieira, R. M., Rodrigues, A. V., Couceiro, F. & Pereira, S. J. (2007). *Educação em ciências e ensino experimental, formação de professores*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Mata, L. (2006). *Literacia familiar – ambiente familiar e descoberta da linguagem escrita*. Porto: Porto Editora.

- Matos, J. M. & Serrazina, L. (1996a). *Didática da matemática*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Matos, J. & Serrazina, L. (1996b). *O Geoplano na sala de aula*. Associação de Professores de Matemática.
- Mestre, M. J. (1998). *Avaliação num contexto de supervisão: representações de alunos em prática pedagógica*. Tese de Mestrado. Universidade do Algarve: Escola Superior de Educação.
- Ministério da Educação (2010). *Metas de Aprendizagem*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (2006). *Organização curricular e programas – 1º ciclo ensino básico*. (5.ª ed.) Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação. (1997). *Orientações curriculares para a educação pré-escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Moreira, D. & Oliveira, I. (2004). *O jogo e a matemática*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Moreira, D. & Oliveira, I. (2003). *Iniciação à matemática no jardim-de-infância*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Nascimento, C. S. P. (2004). *Criatividade e brincadeira de faz-de-conta nas concepções de professores da educação infantil*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal Fluminense.
- Neto, C., Morais, D. & Brito, M. J. (1999). *Programa de actividades: expressão motora, expressão musical e expressão plástica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Nova, E. V. (1997). *Avaliação dos alunos – problemas e soluções*. Lisboa: Texto Editora.
- Pais, A. & Monteiro, M. (1996). *Avaliação – uma prática diária*. Lisboa: Editorial Presença.
- Papalia, D. E., Olds, S. W. & Feldman, R. D. (2001). *O mundo da criança*. Lisboa: McGraw-Hill.
- Pato, M. H. (1995). *Trabalho de grupo no ensino básico*. Lisboa: Texto Editora.

Pérez, M. R. (s.d.). *Desenho curricular de aula como modelo de aprendizagem-ensino*. Comunicação apresentada no Seminário Internacional I: Madrid.

Perrenoud, P. (1993). *Práticas pedagógicas, profissão docente e formação – perspectivas sociológicas*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Ponte, J. P. & Serrazina, M. L. (2000). *Didáctica da matemática no 1.º ciclo*. Lisboa: Universidade Aberta.

Recasens, M. (1989). *Como estimular a expressão oral na aula. Actividades de percepção e de memória auditiva e visual. Gesto, voz e jogos teatrais*. Amadora: Plátano.

Reis, P. (2011). *Observação de aulas e avaliação do desempenho docente*. Lisboa: Ministério da Educação.

Ribeiro, A. C. & Ribeiro, L. C. (1989). *Planificação e avaliação do ensino-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Ruivo, I. M. S. (2009). *Um novo olhar sobre o método de leitura João de Deus*. Dissertação de doutoramento. Universidade de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educacion.

Santos, L. F. (2000). *O ensino da história e a educação para a cidadania – concepções e práticas de professores*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Sequeira, M. F. (2000). *O contributo da biblioteca escolar*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Silveira-Botelho, A. T. (2009). *As tecnologias de informação e comunicação na formação inicial de professores em portugal: uma prática educativa na escola superior de educação João de deus*. Dissertação de Doutoramento, Universidad de Málaga. Facultad de Ciencias de la Educacion.

Sim-Sim, I. (2007). *O ensino da leitura: a compreensão de textos*. Lisboa: Ministério da Educação.

Sim-Sim, I., Silva, A. & Nunes, C. (2008). *Linguagem e comunicação no jardim-de-infância*. Lisboa: Ministério da Educação.

Siraj-Blatchford, I. (Ed.). (2004). *Manual de desenvolvimento curricular para a educação de infância*. Lisboa: Texto Editora.

Sousa, M. E. (2000). *Ler na escola – o manual escolar e a construção de leitores*. Minho: Universidade do Minho.

Spodek, B. & Saracho, O. N. (1998). *Ensinando crianças de três a oito anos*. Porto Alegre: Editora Artmed.

Subtil, M. A. (2000). *O desenvolvimento da linguagem no 1.º ciclo do ensino básico através das “narrativas orais/poesias de tradição oral*. Dissertação de Mestrado. Minho: Universidade do Minho.

Teberosky, A. & Colomer, T. (2003). *Aprender a ler e a escrever – uma proposta construtiva*. Porto Alegre: Editora Artmed.

Veloso, R. M. (2001). *Literatura infantil e práticas pedagógicas*. Malasartes, Cadernos de Literatura para a Infância e a Juventude, nº6, Lisboa (22-24).

Vieira, F. (1993). *Supervisão: uma prática reflexiva de formação de professores*. Rio Tinto: Edições ASA.

Villas-Boas, M. A. (2000). *A parceria entre a escola, a família e a comunidade: trabalhos de casa para o desenvolvimento da literacia*. Lisboa: Ministério da Educação.

Zabalza, M. A. (2001). *Didáctica da educação infantil*. (3.ª ed.). Rio Tinto: Edições ASA.

Zabalza, M. A. (1998). *Qualidade em educação infantil*. Porto Alegre: Editora Artmed.

Referências eletrónicas

Gabinete de Avaliação Educacional (s.d.). *Provas de aferição*. Recuperado em 2012, abril, de <http://www.gave.min-edu.pt/np3/447.html>.

Galveias, M. F. C. (2008). *Prática pedagógica: cenário de formação profissional*. Recuperado em 2012, janeiro, de <http://nonio.eses.pt/interaccoes/>.

Ministério da Educação (2005). *Despacho Normativo n.º1/2005*. Recuperado em 2012, janeiro, de http://www.gave.min-edu.pt/np3content/?newsId=31&fileName=despacho_normativo_1_2005.pdf

Anexos

Anexo A

Jardim Escola João de Deus - Olivais

Protocolo Experimental

Nome: _____ Data: _____



Material:

- colher de sopa;
- recipiente-medida;
- ovo;
- água;
- sal.

Procedimentos:

1. Despejar 40cl de água no recipiente-medida.
2. Colocar o ovo dentro do recipiente-medida, com cuidado. Observa.
3. Retirar o ovo do recipiente-medida.
4. Colocar 4 colheres de sopa de sal no recipiente-medida e mexer.
5. Voltar a colocar o ovo no frasco, com cuidado. Observa.
6. Voltar a despejar 40cl de água para o recipiente-medida, muito devagar, utilizando a colher.

Registos:

Desenha o ovo no local correto.



Questões

Coloca um X na resposta correta.

1. Depois de deitares sal na água e mexeres...

___ o sal fica à superfície.

___ o sal dissolve-se.

___ o sal fica azul.

2. O ovo _____ que a água salgada e por isso flutua.

___ é mais denso

___ é menos denso

___ tem a mesma densidade

3. A água sem sal fica por cima da água com sal porque...

___ é mais denso.

___ é menos denso.

___ tem a mesma densidade.

4. Porque é que o ovo fica no meio do frasco que tinha água com sal, mas debaixo da água sem sal?

___ Porque o ovo flutua na água com sal e afunda-se na água sem sal.

___ Porque o ovo flutua na água com sal e flutua na água sem sal.

___ Porque é mais denso que a água com sal.